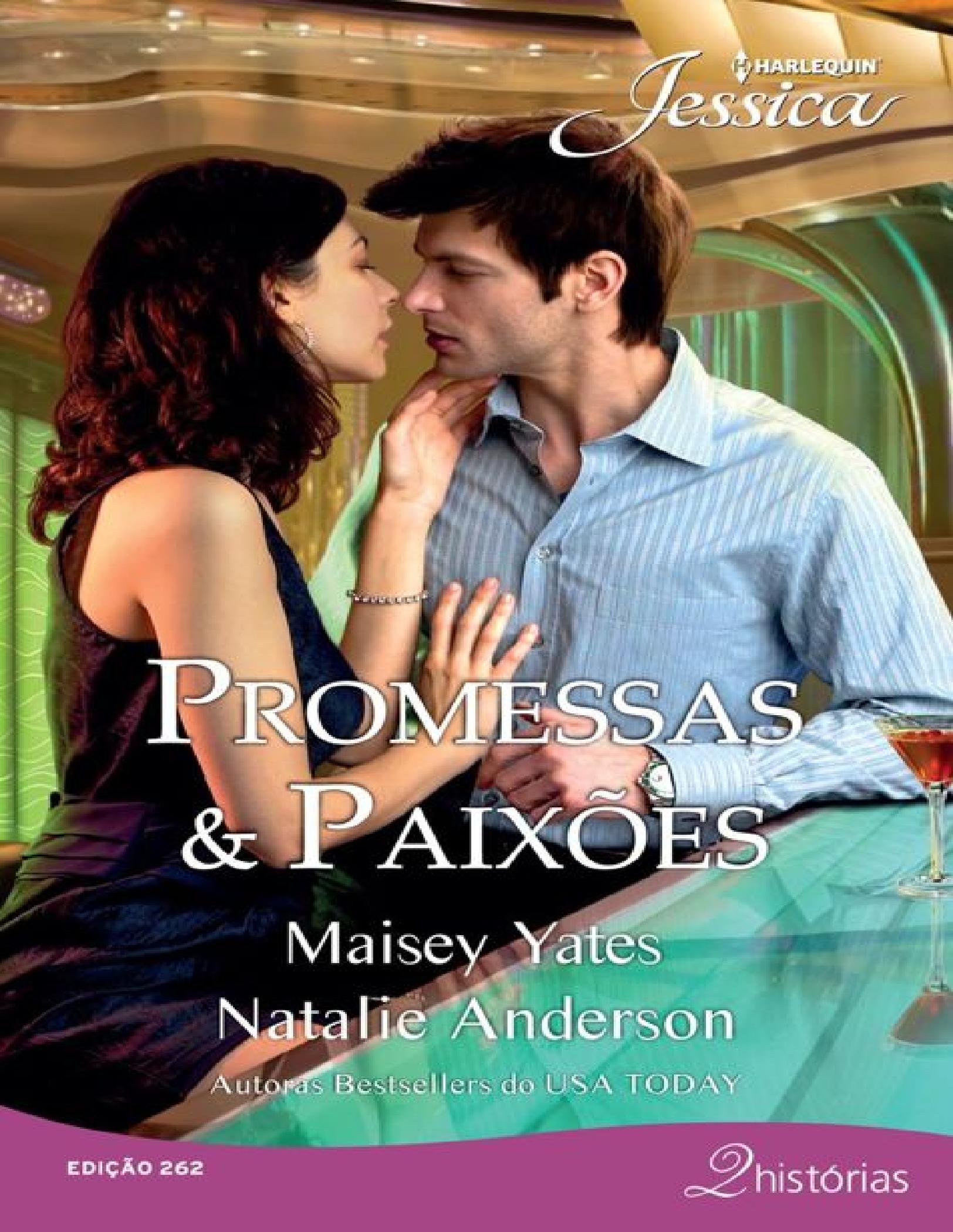


HARLEQUIN

Jessica

A romantic scene on a yacht. A woman with long, dark, wavy hair, wearing a dark blue sleeveless dress, is leaning towards a man with short brown hair, wearing a light blue striped button-down shirt. They are about to kiss. The man's hand is near the woman's face. In the background, there are green curtains and a glass of red wine on a table.

PROMESSAS
& PAIXÕES

Maisey Yates

Natalie Anderson

Autoras Bestsellers do USA TODAY

EDIÇÃO 262

2 histórias

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

JOGO DE PROMESSAS – *Maisey Yates*

Fale agora ou cale-se para sempre!

Eduardo Veja tinha o mundo aos seus pés e uma linda esposa para exigir. Até um cruel acidente o deixar com a memória fragmentada, fazendo-o perder tudo. Porém, chegou a hora de encontrar as peças que faltam no quebra-cabeça de sua vida, a começar pela mulher que o abandonou. Prestes a subir ao altar com um homem confiável e seguro, Hannah Weston sabia que fizera o melhor para curar as feridas de seu primeiro casamento. Contudo, momentos antes de dizer “aceito”, é confrontada pelas lembranças sedutoras do passado, na forma do tentador Eduardo...

PERIGO DE PAIXÕES – *Natalie Anderson*

Que vença o melhor!

Nadia Keenan é uma profissional respeitada. Porém, fora do escritório, tem uma missão muito diferente: alertar mulheres a ficarem longe dos “cafajestes” através de seu site especializado em apontar homens que não estão em busca de compromisso. E Ethan Rush, com certeza, deve ser evitado! Ao descobrir que está sendo difamado na internet, Ethan decide testar as regras de Nadia, fazendo-a mudar de ideia sobre quem ele realmente é. Nadia está determinada a provar que ele não passa de um conquistador barato... Que a batalha de sedução comece!



Querida leitora,

Em *Jogo de promessas*, de Maisey Yates, Hannah Weston está pronta para subir ao altar e seguir com sua vida. Mas quando entra na limusine que a levaria para a igreja e se depara com Eduardo Vega, sabe que, desta vez, não conseguirá fugir do passado.

Em *Perigo de paixões*, de Natalie Anderson, Nadia Keenan tem um site para alertar mulheres sobre homens sem caráter. Porém, ao descobrir que está sendo difamado na internet, Ethan Rush decide fazer com que Nadia prove do próprio remédio.

Boa leitura!
Equipe Editorial Harlequin Books

Maisey Yates
Natalie Anderson

PROMESSAS & PAIXÕES

Tradução
Ana Death Duarte
Maria Vianna



2015

SUMÁRIO

Jogo de promessas

Perigo de paixões

Maisey Yates

JOGO DE PROMESSAS

Tradução
Ana Death Duarte

CAPÍTULO 1

HANNAH WESTON soltou um xingamento quando tropeçou na bainha de seu vestido de casamento distraída com os números rolando na tela de seu smartphone. Ela dissera que não trabalharia hoje. Era mentira.

Havia clientes que dependiam dela. E ele nunca saberia disso.

Ela entrou na limusine, ainda de olho no telefone, enquanto puxava o vestido para dentro, batendo a porta depois de entrar.

– Indo para a capela?

Hannah ficou paralisada, o sangue congelando em suas veias enquanto a limusine se afastava do meio-fio e mesclava-se ao trânsito de São Francisco. Aquela voz. Ela conhecia aquela voz.

Ela inspirou fundo e então ergueu o olhar, travando-o com os olhos escuros e intensos no espelho retrovisor.

Ela conhecia aqueles olhos também. Ninguém mais tinha olhos como os dele, com a habilidade de ler os segredos mais íntimos de alguém. Capazes de zombar de alguém e flertar com alguém numa única olhadela de relance. Ela ainda via aqueles olhos em seus sonhos. E, às vezes, em seus pesadelos.

Eduardo Vega. Um dos muitos esqueletos em seu armário. Só que ele não estava lá dentro.

– E vou me casar – disse ela.

Ela não ficava intimidada, ela intimidava as pessoas. Em Nova York, Hannah tinha mais ganas do que qualquer homem na sala de negociação em

Wall Street. Ela era uma força reconhecida no mundo das finanças. Ela não sentia medo.

– Oh, eu acho que não, Hannah. Não hoje. A menos que você queira ser presa por bigamia.

Ela sugou o ar com pungência.

– Não sou bígama.

– Você não é solteira.

– Sou sim. A papelada...

– Nunca foi protocolada. Se não acredita em mim, faça uma pesquisa sobre isso.

Ela sentiu um nó no estômago.

– O que foi que você fez, Eduardo?

O nome dele tinha um sabor tão estranho em sua língua. Mas também nunca lhe fora familiar. Seu ex-marido era essencialmente um estranho. Ela nunca o conhecera de verdade.

Eles meio que tinham morado juntos. Ela havia morado num quarto na luxuosa cobertura dele durante seis meses. Eles não faziam as refeições juntos, exceto nos fins de semana, quando iam para a casa dos pais dele. Não dormiam na mesma cama. Não dividiam mais do que o estranho “olá” quando estavam na imensa casa dele. Era somente em público que ele falava com ela. Que ele colocava a mão nela.

Ele era abençoado com dinheiro, uma mente estratégica e uma total falta de se importar com a propriedade. Ela nunca conhecera um homem como ele. Antes ou desde então. É claro que nunca nem desde então tinha se casado por chantagem.

– Eu? – Os olhos dele encontraram os dela no espelho de novo. Um sorriso curvava os lábios dele, e ela viu um lampejo de seus dentes brancos em contraste com sua pele escura. – Nada.

Ela riu.

– Que engraçado. Não acredito em você. Eu assinei os papéis. Eu me lembro muito claramente disso.

– E você teria ficado sabendo que o processo nunca foi até o fim se tivesse deixado um endereço para correspondência. Mas não é assim que você faz

as coisas, não é? Diga-me, você ainda está fugindo, Hannah?

– O que foi que você fez?

Ela não tinha de responder a Eduardo. Não tinha de responder a ninguém. E, muito definitivamente, não tinha de fugir.

Os olhos dela encontraram-se com os dele no espelho e ela sentiu uma pungente pontada de emoção que zombava de seu pensamento anterior. Por que isso estava acontecendo agora? Ela ia se casar dentro de uma hora. Com Zack Parsons, o melhor homem que ela já conhecera na vida. Ele era respeitoso e honrável. Distante. Capaz de ajudar a alavancar sua carreira. Ele era tudo que ela queria, tudo de que precisava.

– É um processo complicado – disse ele, cujo sotaque era tão charmoso como sempre, até mesmo quando as palavras dele faziam o sangue dela ferver. – Alguma coisa se perdeu...?

– Seu canalha!

Ela fechou o navegador em seu telefone e preparou-se para fazer uma ligação.

– O que você está fazendo, Hannah?

– Chamando a polícia. A guarda nacional.

– Seu noivo?

Ela sentiu um nó no estômago.

– Não, Zack não precisa saber...

– Você quer dizer que não contou a seu amante sobre seu marido? Essa não é uma ótima base para um casamento.

Ela não podia ligar para Zack. Não podia deixar que Eduardo chegasse nem perto do lugar do casamento. Isso acabaria com tudo que ela passara construindo nos últimos nove anos. Ela odiava o fato de que ele tinha poder para fazer isso. Odiava encarar a verdade de que ele tinha poder sobre ela desde o momento em que o conhecera.

Ela cerrou os dentes.

– Chantagem também não é.

– Nós fizemos uma negociação, *mi tesoro*. E você sabe disso. Chantagem faz com que isso soe sórdido.

– E foi. E continua sendo.

– E seu passado é tão limpo que você não suporta sujar as mãos? Nós sabemos que isso não é verdade.

Surtar para cima de Eduardo não resolveria o problema dela. Que precisava chegar ao hotel e trocar votos de casamento.

– Eu vou perguntar de novo, antes de abrir a porta e sair rolando em pleno trânsito do meio-dia e arruinar esse vestido: O que você quer? Como entrego a você o que você quer? Isso vai fazer com que você suma?

Ele balançou a cabeça em negativa.

– Receio que não. Estou levando você de volta para o meu hotel. E não vou sumir.

Ela curvou o lábio.

– Você tem uma quedinha por mulheres vestidas de noiva? Porque você me fez vestir um rapidinho da última vez em que nos encontramos, e agora parece interessado em mim de novo... e aqui estou eu, vestida de noiva.

– Não é o vestido.

– Dê-me um bom motivo para eu não ligar para a polícia e dizer a eles que fui sequestrada.

– Hannah Mae Hackett.

Seu nome verdadeiro soava tão não familiar agora... ainda mais vindo dele, dito com um sotaque sulista. Ainda assim, ela sentiu um peso no estômago quando ele o disse.

– Não diga isso...

– Você não gosta do seu nome? Bem, imagino que não. Você *mudou* de nome afinal de contas.

– Legalmente. *Legalmente*, meu nome é Hannah Weston agora.

– E você, *ilegalmente* obteve bolsas de estudo, e entrou na universidade em Barcelona, falsificando seus registros escolares.

Ela estava muito ferrada. E ele sabia disso.

– Isso parece uma conversa que tivemos há cinco anos. Eu já me casei com você para impedir que você espalhasse isso por aí.

– Negócios inacabados.

– Aparentemente, a única coisa inacabada é o nosso divórcio.

– Ah, não, tem muito mais do que isso.

Ele estacionou a limusine na frente de um famoso hotel em São Francisco. Mármore, ouro e manobristas muito bem vestidos anunciavam o luxo para todos na área. Era o tipo de coisa que sempre a atraía desde que ela era nova. O tipo de coisa que realmente passara a desejar quando percebeu que tinha o poder para mudar as circunstâncias.

Todas as vezes em que se registrava num hotel, tão logo a porta era fechada e ela estava isolada do mundo, Hannah rodopiava e caía na cama, deleitando-se com a maciez. A limpeza. O espaço e a solidão. Até mesmo agora que tinha sua própria cobertura com lençóis com milhares de fios, ela ainda fazia isso.

O hotel não estava evocando esses tipos de sensações nela hoje. Não com a presença de Eduardo ali.

O manobrista pegou as chaves, e Eduardo veio até a porta de Hannah, abrindo-a.

– Espere... você roubou isso? – disse ela, olhando para a limusine.

Enquanto Eduardo se curvava para baixo, Hannah lutava contra a premência de encolher-se para trás.

– Comprei-a do chofer. Mandei que ele fosse comprar uma mais nova. Mais legal.

– E ele não pareceu importar-se que tinha de ir me pegar?

– Não quando lhe dei dinheiro suficiente para duas novas limusines. Não.

– Ele ia deixar uma noiva ilhada no dia do casamento dela?

Eduardo deu de ombros.

– O mundo está cheio de desonestidade e pessoas egoístas. Você, minha cara, deveria saber disso.

Ela soltou uma bufada e ergueu o vestido acima dos joelhos, saindo do carro sem encostar em Eduardo. Ela endireitou-se e deixou que o vestido caísse no lugar.

– Não diga isso como se você não fosse um dos egoístas, meu querido marido.

Eduardo ainda era tudo que fora cinco anos atrás. Alto, largo, impressionante, uma visão da perfeita beleza masculina em seu terno de corte perfeito. Sua pele bronzeada ficava ainda mais acentuada por sua

camisa social branca; seus cabelos escuros estavam na altura do colarinho de seu casaco.

Ele sempre tivera o poder de perturbar a ordem na vida dela, de fazer com que ela sentisse que estava perigosamente perto demais de perder o controle que cultivara durante os anos.

Seu magnetismo era o que ela mais odiava nele. Que ele sempre tivesse o poder de fazer com que ela tremesse quando mais anda conseguia fazer isso.

Não era apenas a aparência dele. Havia muitos homens atraentes no mundo, e ela tinha bastante autocontrole para não deixar que isso a afetasse. Era o fato de que ele exalava uma espécie de poder que ela nunca poderia ter esperanças de conseguir. E o fato de que ele tinha poder sobre ela.

Ela passou voando por ele, ignorando o aroma de sua colônia e de sua pele. Ela entrou no saguão do hotel, bem ciente de que estava fazendo um showzinho e não se importando nem um pouco com isso. Ela inspirou fundo. Precisava de foco. Precisava descobrir o que ele queria para que pudesse ir embora, o mais rápido quanto possível.

– Sra. Vega, sr. Vega. – Uma mulher que Hannah presumia que seria a gerente deu a volta no balcão com um largo sorriso motivado pelo dinheiro no rosto. – Que bom tê-los aqui. O sr. Vega me disse que estaria trazendo a noiva dessa vez. Tão romântico.

Eduardo aproximou-se dela e envolveu sua cintura com o braço. Ela ficou sem fôlego. Por um louco instante apenas, ela queria apoiar-se nele. Aproximar-se daquela força masculina. Mas apenas por um instante.

– Muito romântico – disse ele.

– Temos bebida no quarto? – quis saber Hannah soltando-se dele.

A gerente, que pelo crachá que chamava Maria, franziu levemente o cenho.

– Há champanhe esperando por vocês.

– Vamos precisar de três – disse ela. Maria franziu ainda mais o cenho.

– Ela está brincando – disse Eduardo.

– Estou enchendo a cara desde que me casei, pretendo passar o resto do dia assim.

– Nós vamos subir.

– Mande champanhe – disse Hannah enquanto Eduardo a arrastava para longe da recepção de um jeito que ela imaginava que ele achava que era algo que um adorável marido faria.

Ele levou-a até o interior de um elevador dourado, com um sorriso em seu belo rosto, até que a porta do elevador fechou.

– Aquilo não foi nada fofo, Hannah.

Ela pôs a mão nos quadris e voltou seu sorriso mais petulante para ele. Ela não se sentia ousada, nem no controle, mas conseguia fingir bem.

– Você está de brincadeira, não? Aquela atuação foi ótima!

– Você passou a vida toda atuando. Não espere louvores agora.

– Olha, estou nervosa aqui.

– Você não está chorando, nem rangendo os dentes por deixar seu noivo no altar.

– Você não sabe nada sobre o meu relacionamento com o Zack, então não finja que sabe. Eu gosto dele. Não quero deixá-lo no altar. Quero que você recobre o bom senso, me dê a chave da limusine para que eu possa ir nela até o hotel e me casar com ele.

A imagem de Zack naquele fraque preto, sob medida, parado na frente de todos os amigos e colegas de trabalho deles... ela sentia náuseas. Ela nunca, jamais pretendia fazer com que ele passasse por aquele tipo de humilhação.

– Quer eu a leve até lá ou não, seu casamento não será legal. Já lhe expliquei isso.

As mãos dela começavam a tremer. Por que estava reagindo dessa forma? Por que estava sendo tão fraca? Estaria em estado de choque?

– Eu não acredito nem por um segundo que você... *esqueceu* de protocolar a papelada.

O sorriso dele ficou sombrio.

– Coisas mais estranhas aconteceram, *tesoro*.

Pela primeira vez ela notara que ele não era exatamente o mesmo. Ela achou que os olhos eram os mesmos, mas agora via que não. Ele era radiante. Seus olhos castanhos brilhavam com malícia. Ele se divertira tanto com a descoberta do segredo dela, de que ela não era quem dizia ser. Divertira-se ainda mais só de pensar em se casar com uma garota americana

para ofender o pai que mandara que ele se casasse para que tivesse a liderança da empresa deles. Para provar que era um homem de família. Tinha sido a melhor piada para ele, casar-se com uma estudante de faculdade, sem dinheiro algum, nenhuma conexão e nenhuma habilidade na cozinha.

Ele não era mais radiante. Ele tinha um brilho sombrio agora que parecia sugar a luz da sala, que parecia absorver e matar qualquer brilho que fosse. Isso mexia com ela de um jeito estranho.

– Como ser sequestrada no dia do meu casamento?

– Você poderia ter me impedido. Poderia ter chamado a polícia. Poderia ter ligado para o seu Zack. Você não fez nada disso. E não está fazendo nada disso. Você poderia dar a volta e sair daqui e pegar um táxi. Eu não a impediria. E você sabe disso.

– Mas você *sabe*. Você sabe de tudo. E eu...

– E arruinaria sua reputação junto aos seus clientes. Ninguém quer ouvir conselhos de uma conselheira financeira que largou a escola secundária e cometeu fraude para conseguir o diploma da faculdade.

– Você tem razão, esse tipo de informação realmente deixa os clientes sem graça – disse ela, sem emoção na voz, nauseada.

– Imagino que sim. É só nos lembrarmos da nossa reunião quando você era minha estagiária.

– Acho que as coisas ficaram esquisitas mesmo quando você me chantageou para que eu me casasse com você.

– Você continua usando essa palavra. Foi mesmo chantagem?

– Segundo a definição dos dicionários? Sim.

Ele deu de ombros.

Faltavam cinco minutos para o casamento de Hannah, e ela estava ali, parada, numa opulenta suíte de hotel, em seu vestido de casamento, com um outro homem.

– Você teve tudo de bandeja na vida, Eduardo. Comigo não foi assim. Tive de fazer meu próprio destino. Talvez eu tenha agido de forma meio duvidosa, mas...

– O governo dos Estados Unidos chamaria isso de fraude.

– Você não faz ideia de como são as coisas...

– Não, você tem razão. Mal consigo falar com uma colher de prata dentro da boca. O que sei eu das dificuldades da vida? – Ele curvou o lábio com cinismo. Uma nova expressão na face de Eduardo.

– A única dificuldade que você enfrentou foi quando seu pai exigiu que você abrisse mão de ser um mulherengo festeiro e arrumasse uma esposa. Então, o que foi que você fez? Você me forçou a casar com você porque achou que uma esposa *gringa*, especialmente não católica e que não sabia cozinhar seria um jeito divertido de seguir sem realmente seguir as ordens do seu pai. E concordei porque era melhor do que perder o emprego. Melhor do que ser expulsa da universidade. Tudo era um jogo para você, mas, para mim, era a vida!

– Você está agindo como se eu a tivesse machucado de alguma forma, Hannah, mas nós dois sabemos que isso não é verdade. Eu lhe dei seu próprio quarto. Sua própria ala na cobertura. Nunca banquei o intruso em sua vida, nunca, nem mesmo uma vez, me aproveitei de você. Mantive nosso acordo e liberei-a depois de seis meses, e você foi embora. Com todo o dinheiro que lhe prometi... do qual você vive se esquecendo.

Ela cerrou os dentes.

– Porque não gastei esse dinheiro. – Ela não conseguira. Deixá-lo... deixar a família dele e a cidade que ela começara a sentir com sendo seu lar fora horrível demais. Além disso, ela sentira pela primeira vez o quão desonrosa ela era como pessoa. – Se você quer seus dez mil dólares, o dinheiro está numa conta bancária. E, francamente, são centavos para mim agora.

– Ah, sim, agora você é uma mulher bem-sucedida, não?

Nesse instante, não era assim que ela se sentia.

– Sim, sou.

Eduardo avançou na direção dela.

– Você é boa com as finanças, com investimentos.

– Planejamento financeiro, estratégias financeiras, escolha de investimentos na bolsa. Diga qualquer coisa, sou boa nisso.

– É isso que eu quero de você.

– Aconselhamento financeiro?

– Não exatamente... – Ele olhou janela afora, a expressão em seus olhos, inescrutável. – Meu pai morreu há dois anos. – Uma imagem do homem formidável e incrível que ele fora abençoado a chamar de pai passou diante dos olhos de Eduardo. Miguel Vega era exigente. Um líder. Um homem que se importava... com seus negócios, com seus filhos. Com seu filho mais velho, que não estava levando a vida a sério o bastante. Importava-se com ele a ponto de forçá-lo a casar-se. Era uma versão tensa de gostar, mas era mais do que Hannah algum dia tivera de seu próprio pai.

Aquele homem, assim como sua esposa, e a irmã de Eduardo vieram a significar algo para ela. Hannah amava-os.

– Eu sinto muito – disse ela, baixinho, com um pesar estranho no coração. Não que Miguel fosse sentir falta dela ou importar-se com ela. E ela não merecia isso. Ela mentira para ele. Até onde Miguel sabia, ela largara seu filho.

– Eu também – disse Eduardo –, mas ele me deixou encarregado da Vega Communications.

– E as coisas não estão indo bem...?

– Não exatamente.

– Você precisa que eu dê uma olhada nos livros da empresa? Porque posso fazer isso depois que me casar com Zack.

– Isso não pode acontecer, *tesoro*.

– Pode sim – disse ela desesperada. Já passava da hora da marcha nupcial. Ela podia visualizar o hotel, todo enfeitado com fitas e tules cor-de-rosa. Seu belo bolo de casamento cor-de-rosa. Era o casamento de seus sonhos, desde que era uma menininha. Não um casamento numa catedral, conduzido inteiramente em latim. Um show para a família do noivo. Um casamento que não tinha nada a ver com ela.

O casamento com Zack seria com um noivo que não a amava, mas que pelo menos gostava dela. Um noivo que não achava a ideia de fazer votos de casamento uma piada. Pelo menos ele a queria por perto. Ser querida num nível pessoal era novidade para ela... que gostava disso.

– Sinto muito, Hannah. Preciso que você volte para a Espanha comigo. – Ele olhou para fora da janela. – Está na hora de levar minha esposa de volta

para casa.

– Eu disse não. Não é não.

Hannah recuou um passo.

– Sinto muito, mas não se trata de uma negociação. Ou você vem comigo agora ou vou até aquele hotel com você, que poderá explicar, na frente de seus convidados e de seu noivo, exatamente porque você não pode se casar com ele hoje. Pode explicar a ele como estava prestes a envolvê-lo num casamento ilegal.

– Não de propósito! Eu nunca faria isso com ele se eu soubesse...

– Assim que seu histórico for revelado, pode ser que ele não acredite em você. E, mesmo que acredite, talvez não a queira mais.

Eduardo curvou os lábios num sorriso, mas seus olhos não tinham nenhum humor. Parecia que ela estava olhando para um estranho. Ele não era o Eduardo que ela conhecera. Do qual ela nem sabia como sentia falta. Sim, ele tinha os mesmos lábios perfeitamente curvados, o mesmo maxilar anguloso, a mesma teimosia. Mas não tinha mais o ar despreocupado de antes. Havia rugas em seus olhos e em sua boca. Boca que parecera ter-se esquecido de como era sorrir.

Talvez fosse por causa da morte do pai dele, mas ela não estava nem aí para nada disso. Não podia dar-se ao luxo de importar-se com nada disso. Tinha de cuidar de si, como fizera a vida toda. Ninguém cuidara dela antes e ninguém faria isso agora além dela.

– Canalha. Você está ficando repetitivo. Então você espera que eu volte para a Espanha e seja sua esposa?

– Não exatamente. Espero que você volte e continue a agir como se fosse minha esposa enquanto me ajuda a resolver os problemas que estou enfrentando na Vega Communications.

– Por quê?

– Porque não preciso que ninguém fique sabendo da existência desses problemas. Nem meus concorrentes, nem minha mãe, nem minha irmã... Ninguém pode ficar sabendo disso.

Ela começou a montar o quebra-cabeça em sua mente.

– Então você acha que podemos fazer com que pareça uma reconciliação depois de cinco anos. Sua esposa repentinamente de volta a Barcelona, grudada em você, em vez de assumir que precisou de ajuda externa para ajeitar suas finanças?

– Praticamente... sim.

Agora as coisas faziam sentido. Por trás da atitude dele, havia problemas de verdade. O que queria dizer que Hannah tinha mais poder do que achou que tinha trinta segundos antes.

Ela curvou os lábios num sorriso, sentindo a adrenalina no corpo.

– Você precisa de mim. Diga. Diga que precisa de mim.

– Hannah...

– Não. Se vou até mesmo considerar a possibilidade de fazer isso, você tem de admitir. Para mim e para si mesmo. Agora... agora eu não sou uma aluna de faculdade assustada e com medo... – Ela olhou nos olhos dele sem pestanejar. – Admita que precisa de mim.

– Você nunca foi uma aluna assustada de faculdade. Você era raivosa. Você ficou com raiva por ter sido pega e estava desesperada para manter aquele segredo.

– Bem, agora você está soando um pouco desesperado. – Ela cruzou os braços e inclinou o quadril. – Então, pelo menos diga “por favor”.

Ele curvou os lábios num quase rosnado, um músculo pulsando em seu maxilar. Ele pesava suas opções.

– Por favor.

Ela ergueu o queixo e sorriu, aquele tipo de sorriso que ela sabia que faria o sangue dele ferver.

– Bom menino.

A luz feroz nos olhos dele era um indicativo de que ela fora longe demais agora. Mas ela não estava nem aí para isso. Ele não tinha como ferrar mais ainda o dia dela do que já tinha feito.

Por um instante, ele não se mexeu. Ela viu que ele estava tomando decisões, calculando... ela chegou a achar que ele poderia... bater nela? Certamente não. Não importava o que Eduardo fosse, mas monstro ele não era. Será que a beijaria?

Isso era algo que ele poderia fazer. E só de pensar nisso, o coração dela acelerou-se.

Ela viu que ele relaxara visivelmente.

– Bastante confiança e atitude de uma mulher que poderia ser acusada de um crime se as palavras certas caíssem nos ouvidos errados.

Ela levou as mãos aos quadris.

– Mas você mostrou suas cartas, querido. Eu posso ter uma arma apontada para a minha cabeça, mas você está amarrado a mim. Se eu pular do penhasco, você vem comigo. Sejam civilizados, que tal?

– Não vamos nos esquecer de quem tem mais a perder.

Ela analisou a face dele, as rugas em volta de sua boca, em sua testa. Rugas que não existiam quando ela o conhecera.

– Eu tenho a sensação de que você tem mais a perder do que parece.

– E você? No mínimo pode perder clientes, sua reputação. No máximo...?

Ele não teve de terminar a frase. Era possível que ela pudesse perder... tanta coisa. Tudo. A possibilidade de ser acusada de um crime. De perder o diploma. De estar de volta num trailer em Arkansas. Ela não poderia voltar para isso, um inferno sem saída. Uma eternidade de monotonia desconfortável que a maioria das pessoas tentava amenizar com as ondas nebulosas do álcool ou o barato das drogas.

Não. Ela não se arriscaria a voltar àquela vida.

– Entendi. De qualquer forma... não posso ir me casar com o Zack agora, não é?

– Não, a menos que você queira ampliar sua lista de crimes.

– Não machuquei ninguém, Eduardo.

Eduardo ficou olhando para a esguia e fria loira que estava parada à sua frente, de braços cruzados na frente de seu vestido de noiva. Sua esposa. Hannah. A imagem dela, uma estudante de faculdade magrinha com uma mente afiada e mais ganas do que qualquer pessoa que ele conhecera ficara em sua mente. E, quando ele se dera conta de como estavam ficando difíceis as coisas na Vega Communications, fora nela que ele pensara. E soube que tinha de trazer sua esposa de volta.

Sua esposa. Que nunca fora realmente sua esposa, exceto por sua assinatura na certidão de casamento. Ela era uma conexão com seu passado. Com o homem que ele fora. Ele se perguntava se ela poderia magicamente reverter as coisas, fazer com que, de alguma forma, ele voltasse a ser como era antes.

Tolice, provavelmente. Mas ele não conseguia tirá-la da cabeça, e tinha de haver um motivo para isso. Ainda bem que ele agira no momento certo. Nesse seu novo mundo cheio de enxaquecas e conversas de que ele se lembrava pela metade, agir no momento certo era algo raro, e que ele saboreava.

Pessoalmente, ele não estava nem aí para o que ela havia feito para entrar na universidade. Naquela época, ele a havia selecionado como sua estagiária com base em nada além de seu desempenho impecável na faculdade. Para ele, isso era tudo que importava: que ela estivesse à altura do trabalho.

Ele usaria agora qualquer vantagem que tivesse, sem peso na consciência. Hannah sabia muito bem o que era fazer o que tivesse de ser feito. Exatamente o que ele estava fazendo agora.

– Você agiu, ignorando as ideias tradicionais de certo ou errado, independentemente de quem fosse se machucar com isso. A mesma coisa que estou fazendo agora, então, espero que você me perdoe – disse ele, ciente de que não havia nenhuma sinceridade em seu tom de voz. Não que ele a sentisse.

Ela o estava testando, cutucando, tentando deixá-lo com raiva. Tinha dado certo, mas não mexeria no foco dela, que era ela.

– Então você acha que fica tudo bem, elas por elas? – disse Hannah sem sorrir.

– Não estou extremamente preocupado com questões de moralidade no momento. Preciso levar a Vega de volta ao lugar dela.

– Como foi que você conseguiu deixar as coisas ficarem tão ruins assim?

Nem ferrando que ele ficaria falando de suas falhas. Não agora e provavelmente nunca. Isso não era da conta dela.

– Todos nós temos nossos pontos fortes. É com o orçamento que estou tendo problemas. Investimentos. Impostos. Não sou especialista nessas

coisas.

– Contrate um especialista.

– Fiz isso. Ele não fez o trabalho dele.

– Basicamente você não notou que ele estava ferrando com as coisas...

Só de pensar nisso, além de ter de fazer as coisas rotineiras da direção da Vega, o deixava com dor de cabeça, falta de ar... Ele sentia o gosto metálico do pânico na língua.

Será que algum dia ele se sentiria normal? Ou esse seria seu normal agora? Que pensamento perturbador!

– Eu não tinha tempo para isso – disse ele, entredentes.

– Muito ocupado dormindo com mulheres diferentes por aí?

– Uma herdeira diferente toda noite – disse ele, quase dando risada de sua própria mentira.

– Melhor do que lidar com assuntos de casa. Ou chantagear estagiárias para se casarem com você...

– Nosso caso foi especial.

– Ah, sim. Nossa, eu me sinto brilhando de tão especial que sou.

Hannah queria deixá-lo com raiva. Ele não permitiria que isso acontecesse. Era um dos poucos benefícios do ferimento na sua cabeça. Isso tinha resfriado suas paixões e, embora isso fosse um inconveniente em algumas formas, em outras, era algo de valor. Ele não mais tinha a cabeça quente. Geralmente. Não era mais impulsivo. Segundo alguns, não era mais divertido. Mas ele não sabia como consertar isso. E descobriu que não se importava mais com isso. Mais um dom.

– Bem, é seu grande dia. Uma noiva não deveria sentir-se especial?

Ela murmurou um palavrão bem feio e sentou-se na beirada da cama, e a saia de seu vestido formou ondas de tecido a seu redor. Como um anjo raivoso, caído na neve.

– Golpe baixo.

– Você ama este homem com quem ia se casar hoje?

Ela balançou a cabeça devagar.

– Não.

Ele balançou a cabeça também.

– Está usando outra pessoa?

– Dificilmente. Zack também não me ama. Nenhum de nós tem tempo para uma paixão avassaladora. Mas nós *gostamos* um do outro. Eu gosto dele. Não gosto da ideia de ele ser deixado no altar. Não gosto da ideia de humilhá-lo.

– Acho que mais humilhante seria se ele descobrisse que a quase esposa dele vinha mentindo para ele. Sobre tantas coisas...

– Zack tem seus segredos. Ele não acha que ninguém percebe isso... mas ele tem. Sei que tem... mas não faço perguntas.

– Isso quer dizer que...

– Ele teria aceitado meus segredos também. Nós não dividimos confidências.

– Bem, não creio que isso vá acontecer agora. – Uma breve expressão e vulnerabilidade e tristeza passou pelo rosto de Hannah. Estava claro que ela sentia algo por Zack, não importando o que ela dissesse.

– Planos mudam. – Ele sabia muito bem disso.

– Tenho de ligar para... alguém – disse ela com um nó no coração.

– Está tarde demais para salvar o dia.

– Sei bem disso – disse ela, irritada. – Só me dá um minuto.

Ela puxou o celular de dentro da bolsa.

– Para quem você está ligando?

– Para minha assistente. Ela está no escritório cuidando das coisas enquanto estou fora. Shelby? – Hannah assumiu um tom autoritário. – Eu sei. Eu não posso... não posso prosseguir com isso. É complicado. E não vou conseguir chegar no hotel. Você pode... ir até lá e dizer isso a Zack?

– Dizer o que a ele?

Eduardo ouviu os gritos da assistente dela de onde ele estava.

– Que eu sinto muito. Que eu gostaria de ser valente o bastante para fazer com que as coisas fossem diferentes, mas não consigo. Eu sei que estamos na hora do rush, e vai levar uma eternidade para você chegar lá, mas... por favor? – Hannah fez uma pausa de novo. – Obrigada. Eu... tenho de ir. – Ela apertou o botão para finalizar a ligação e voltou-se para Eduardo. – Espero que esteja satisfeito consigo.

Ele não estava, mas como ele se sentia não tinha nada a ver com isso. Isso era o que tinha de ser feito. Tentar consertar a Vega. Tentar consertar a si mesmo.

– Na verdade, não, mas eu prometo a você que no fim você vai ficar satisfeita com isso.

– Duvido.

– Assim que as coisas estiverem resolvidas, vou dar-lhe a permissão de falar da sua parte na ressurreição da empresa da minha família.

Ele não pretendia dar nem esse tanto a ela. Ele ficou chocado com sua própria oferta. Ele não costumava mais ser espontâneo.

– É mesmo? – disse ela, com a expressão velada, mas o interesse em seus olhos era intenso demais para que ela o escondesse por completo.

– Verdade. Prometo que, no fim das contas, eu me divorciarei de você e você poderá se gabar dos seus êxitos na empresa. O que eu não quero é ninguém enfraquecendo os negócios enquanto as coisas estiverem vulneráveis, mas, depois disso, diga o que quiser, arraste o meu nome pela lama, fale das minhas incompetências. É só orgulho...

Orgulho do qual ele tivera de abrir mão fazia um bom tempo. Ele se segurava no que podia, mas era limitado.

– Você vai mesmo se divorciar de mim desta vez? Perdoe-me por não acreditar em você.

– Se você não se mudar toda hora que nem uma cigana, então terá os papéis quando tudo ficar finalizado.

O primeiro divórcio não finalizado não fora intencional. Mais um efeito colateral do acidente que tinha mudado tudo, mas, no fim das contas, fora algo afortunado.

– Certo. Temos um acordo.

Hannah estendeu a mão esguia que ele segurou na dele. Ela era tão mignon. Passava a impressão de delicadeza, quando ele sabia muito bem que ela não era nada delicada. Era como se fosse feita de aço, isso sim.

Um sorriso curvou os lábios dele, a satisfação ardendo em seu peito.

– Boa menina.

CAPÍTULO 2

– VOCÊ ME fez comprar minha própria passagem. – Hannah estava parada na entrada da cobertura de Eduardo, exausta da viagem, ainda com raiva porque não tivera tempo para se preparar, as opções eram limitadas e teve de viajar em classe econômica.

Um sorriso enfurecedor curvou os lábios de Eduardo.

– Sim, mas eu sabia que você tinha como pagar.

– E o cavalheirismo?

Hannah deixou sua mala cair a seus pés e cruzou os braços. O mais chocante em relação ao aparecimento de Eduardo fora quando ele partira e exigira que ela se encontrasse com ele em Barcelona dentro de 24 horas. E ela que fosse sozinha para lá.

Isso tinha sido um golpe no orgulho dela, e ele sabia disso. Porque Hannah fora forçada a ir para a Espanha... e sozinha. Porque ela entrara no avião. Ela não fora levada para lá à força. Ela não era escrava dele, mas, sim, dos erros de seu passado e de sua intensa necessidade de mantê-los em segredo.

Entretanto não havia nada mais importante para ela do que sua imagem. Do que o sucesso que conquistara. Do que nunca mais ter de voltar ao lugar negro de onde viera.

E por causa disso, ela era escrava de Eduardo, e covarde em relação a Zack. Mais de um dia se passara desde que quase tinham se casado e ela não

ligou para ele. Claro que ele também não tinha ligado para ela, o que dizia muito sobre a qualidade e a natureza do relacionamento deles.

– Verifiquei o manual e não havia nada específico sobre o modo mais cavalheiresco para forçar uma esposa a voltar para casa e fazer seu dever.

– Qual o propósito de ter um manual então? – Ela exalou o ar e olhou para a entrada que Eduardo estava bloqueando com seu corpo. – Você não vai me convidar a entrar na sua casa?

– Claro que sim.

Cinco anos atrás, eles tinham dividido essa cobertura por seis meses. Os seis meses mais bizarros da vida dela, em que dividia uma casa com um homem que mal reconhecia sua presença, a menos que precisasse dela para uma festa ou para aparecerem juntos num jantar em família.

Ela havia apagado esse tempo de sua vida, assim como fizera com todos os outros detalhes inconvenientes de seu passado: guardara tudo num armário mental, trancafiado a chave.

Entretanto agora tudo estava retornando. Seu quarto ano na Espanha, onde fora aceita num cobiçado estágio na Vega Communications. Tudo estava indo tão bem... Ela tinha começado a fazer conexões, estava aprendendo como as coisas funcionavam numa imensa corporação.

Então, um dia, o filho do chefe a chamou até seu escritório e fechou a porta.

Então ele lhe disse que tinha descoberto o verdadeiro nome dela. Que ela não era Hannah Weston, de Manhattan, e sim Hannah Hackett, do Arkansas. Que ela não tinha se formado como a melhor da classe, mas, sim, que não tinha diploma nenhum.

E então, com uma suprema e enfurecedora arrogância, ele reclinou-se em sua cadeira, com as mãos atrás da cabeça, e com um brilho zombador nos olhos, disse a ela que seu segredo estaria a salvo... se ela se casasse com ele.

Aquele momento nauseante e surreal em que concordara com isso, pois por nada no mundo poderia perder o que conquistara...

Eduardo ficou de lado, dando espaço para que ela passasse. Ele tinha móveis novos, mas ainda eram brilhantes e pretos. Os eletrodomésticos e o jogo de jantar também eram novos.

No entanto a vista era a mesma. Pináculos de catedrais erguendo-se acima de edifícios de tijolos cor de cinza, tocando o claro céu. Ela sempre amou essa cidade.

Ela odiava que Eduardo a tivesse forçado a casar-se com ele. Odiava a si mesma por sua vulnerabilidade, por precisar tanto proteger seus segredos.

E então se mudara para a casa dele e começara a achar que o casamento forçado não era tão ruim assim no fim das contas. O apartamento era amplo, luxuoso e refinado. Como nada que ela tivesse visto antes.

Em segredo, vergonhosamente, ela amava isso. Contanto que pudesse ignorar o homem espanhol que naquela casa morava, tudo era maravilhoso. Confortável.

Na época, Hannah não tinha tanto dinheiro e Eduardo havia lhe mostrado o luxo como ela nunca vira antes. O luxo que imaginara não chegava nem aos pés do que significava a verdadeira riqueza. Não até que conhecesse a família Vega.

Isso lhe dera algo a que aspirar.

– Tudo parece... incrível.

Hannah nunca tinha retornado a um lugar antes. Quando ia embora, era de vez. O lar de sua infância, a Espanha, sua moradia em Nova York.

– Um pouco mudado, mas seu quarto ainda está disponível.

– Você não teve nenhuma outra esposa temporária na minha ausência?

– Não, ao contrário de algumas pessoas...

– Bem, você sabe que não era minha intenção ter dois maridos. Zack era um homem decente, sabia? – Ela olhou para a porta aberta e para sua mala, ainda no corredor. – Ele foi uma das poucas pessoas boas de verdade que já conheci na minha vida. Odiei fazer isso a ele.

– Talvez você devesse ligar para ele...

Ela cerrou os dentes.

– Não sei se é uma boa ideia. De qualquer forma, ele não me ligou, nem passou na minha casa, talvez ele nem se importe. – Na verdade, isso doeu um pouco. – Mas Shelby falou com ele.

Ela mordeu o lábio e olhou para a tela de seu celular, onde havia uma mensagem de texto de Shelby, o que fez seu coração afundar em seu peito.

– Alguma notícia dele?

– Zack não estava no hotel quando Shelby chegou lá.

– Então ele ainda não teve notícias suas.

Ela apertou o telefone junto ao peito. Eduardo estava observando-a com atenção demais. Ela precisava de um momento. Só um instante.

– Por que você não traz minhas malas para dentro?

Ele estreitou os olhos escuros, mas foi andando até a entrada e puxou as malas dela só até o lado de dentro da porta e fechou-a.

Ela mordeu o lábio e voltou a olhar para seu celular.

– Está com medo?

– Não – murmurou ela, que abriu a tela de mensagens e digitou o nome de Zack, com os dedos pairando em cima das letras enquanto olhava para o cursor que piscava. Ela realmente não sabia o que dizer a ele. – Não há nada sobre isso no manual do cavalheirismo? – disse ela.

Eduardo cruzou os braços e reclinou-se no sofá.

– Acho que tanto eu quanto você sabemos que estamos do lado errado da honra a essa altura do campeonato.

– Que bom que nunca pensei muito nisso de honra.

Só que agora... ela estava pensando pelo menos no que fizera com a vida de Zack. Ela soltou um baixo grunhido e olhou de novo e com ódio para Eduardo.

Eu sinto muito quanto ao casamento, Zack, dizia a mensagem que ela enviou.

– O que foi que você disse a ele?

– Na verdade, nada ainda.

Ela começou a digitar outra mensagem a Zack.

Conheci outra pessoa. Ela fez uma pausa por um instante e olhou para Eduardo. Se estivesse falando, teria engasgado nas próximas palavras. *Eu o amo.*

Ela cerrou os olhos e enviou a mensagem. Era melhor que ele achasse que ela fora movida pelas emoções. Eles dois eram tão cínicos em relação ao amor que talvez ele fosse até mesmo achar isso engraçado. Zack queria uma esposa, a estabilidade que o casamento traria. Mas queria uma mulher que

não se importasse com suas longas horas de trabalho, e que não quisesse ter filhos. Nem amor.

Eles dois combinavam tanto...

– Pronto. Espero que você esteja feliz. Acabei de arruinar as coisas com minha melhor aposta de final feliz.

– Você disse que não o amava – comentou Eduardo.

– Sei disso. Mas gosto dele. Respeito Zack. Com que frequência existe isso num casamento?

– Não sei. No meu casamento, só tive quartos separados e chantagem. Que desculpa você deu a ele?

– Disse a ele o quanto eu amo você, meu querido.

Ele riu.

– Você sempre foi uma boa mentirosa.

– Bem, não me sinto bem quanto a esta mentira aqui.

– E se sentia bem quanto às outras?

Ela realmente não sabia como responder.

– Eu... nunca pensei nisso. Em como eu me sentia. Só se era ou não necessário mentir. Seja como for, eu não minto por mentir. Toda ficha de emprego começa com perguntas sobre a faculdade. Não tive notas quase perfeitas na universidade? Não tive um estágio prestigioso na Vega Communications? Sem mentiras. Ninguém quer saber da escola secundária, não depois que a gente passou pela universidade.

– E seu noivo?

– Nunca fez muitas perguntas. Ele gostava do que sabia sobre mim.

E nenhum dos dois sabia tanto assim. Ela e Zack nunca nem mesmo tinham dormido juntos. Não por falta de atração. Ela sentia-se muito atraída por ele, era impossível não sentir atração por ele. Mas até que as coisas estivessem legalmente acertadas e fossem permanentes entre eles, ela sentia a necessidade de manter esse controle.

Negar sua libido era mais fácil do que voltar àquele lugar onde estivera nove anos atrás. Inaceitável. Ela nunca seria aquela garota de novo.

– Mentiras por omissão ainda são mentiras, *querida*.

– Então todos nós somos mentirosos.

– Oras, isso é bem verdade.

– Agora mostre-me o meu quarto – disse ela, usando seu tom de comando, imperioso, que aperfeiçoara com o passar dos anos. – Estou cansada.

Um lento sorriso curvou os lábios dele e ela sentiu vontade de socá-lo.

– É claro, querida.

Ele pegou as malas dela e Hannah acompanhou-o quarto adentro. O quarto dela. Ela sentiu um aperto na garganta. Sua primeira experiência em termos de uma volta ao lar. Por que isso deveria ter algum significado? Ele trocara a roupa de cama. Um novo edredom escuro, novos travesseiros com fronhas pretas, novas cortinas de cetim da mesma cor nas janelas. A sólida escrivaninha em que ela adorava trabalhar ainda estava em seu canto. Intocada, mas sem poeira. Bem, Eduardo sempre fora bom na manutenção da casa.

– Isso é... perfeito – disse ela.

– Fico feliz de que tenha gostado. Eu me lembro que você ficou... exultante em relação a esse quarto logo que nos casamos.

– Era o melhor quarto em que eu já tinha posto os pés – disse ela, optando por ser um pouco honesta com ele, algo raro vindo dela. – Os lençóis... eram o paraíso.

– Os lençóis?

Ela pigarreou.

– Eu tenho um lance com lençóis de alta qualidade. E você tem esse tipo de lençol aqui.

– Bem, agora você mora aqui de novo. Pode aproveitar os lençóis.

Ela arqueou uma sobrancelha.

– Meu noivo era bilionário, sabia?

– Sim, eu sabia. Não esperava menos de você.

– Não sei ao certo como me sinto em relação a sua avaliação do meu caráter, Eduardo. Você não ficou chocado nem com o *status* financeiro de Zack, nem com o fato de não estarmos apaixonados um pelo outro.

– Você é uma mercenária. Sei disso. Você sabe disso. Não é chocante.

Ela *realmente era* uma mercenária, se isso quisesse dizer que faria o que tivesse de fazer para garantir seu próprio sucesso. Sua sobrevivência. Precisava ser assim. Para subir na vida. Sobrepujar as consequências devastadoras de suas ações na juventude. E nunca perder um segundo de sono que fosse pensando nisso. Mas, por algum motivo, era um pouco perturbador que isso era tão óbvio para Eduardo.

– Ser mercenária é tentar atingir a melhor qualidade de vida possível?

– Depende da rota que a pessoa seguir...

– E os recursos que estiverem disponíveis são um grande fator na decisão quanto a que rota seguir...

– Acredite ou não, não estou julgando você, Hannah.

Ela plantou as mãos nos quadris.

– Não, você só está me usando.

– Como você mesma disse, temos de fazer o que tem de ser feito para melhorarmos nossa qualidade de vida.

A expressão dele era estranha, tensa. Sombria. Ela desviou o olhar.

– Tenho de fazer uma coisa.

– O quê?

Ela olhou para o anel de noivado que Zack lhe dera uns meses antes, tirando-o do dedo, sentindo algo, como se fosse um vento forte. Tristeza. Arrependimento. Alívio.

– Tenho de enviar isso a Zack.

Suas mãos tremiam. Ela não podia ficar com o anel. Mercenária? Sim. Ladra? Não. Ela não causaria mais danos ainda a ele, ficando com o anel.

– Posso resolver isso para você. Você sabe onde ele está?

– Na Tailândia – disse ela sem pestanejar. – Onde passaríamos nossa lua de mel.

– Você acha que ele foi para lá? – perguntou-lhe Eduardo, erguendo as sobrancelhas.

Ela sorriu.

– Zack tinha negócios na Tailândia, então, sim, eu sei que ele foi. Ele não é o tipo de homem que deixaria algo pequeno como um casamento interrompido impedi-lo de realizar suas metas.

Eduardo analisava-a, com intensidade em seus olhos escuros.

– Talvez ele fosse perfeito para você.

– É, bem, estou tentando não pensar muito nisso. – Ela entregou o anel a Eduardo. – Tenho o endereço de onde ficaríamos lá.

– *Bien*. Liguei para um courier e farei com que seja enviado a ele logo.

Eduardo fechou a mão em volta do anel, e tudo em que ela conseguiu pensar era que ele segurava seu futuro em sua mão. O que poderia ter sido. Aquele que ele não eclipsara.

Ela ergueu o olhar, e os olhares dos dois colidiram. Ela sentiu um aperto na garganta.

– Que bom – disse ela, mal conseguindo forçar-se a dizer essas palavras.

Ela curvou-se na escrivaninha e anotou o endereço da casa onde ela deveria estar com Zack agora, sentindo os dedos duros e frios em volta da caneta.

– Aqui está.

– Fico surpreso por você não querer ficar com o anel.

– Por quê? Não fiquei com o que você me deu.

– Nós tínhamos um acordo prévio. Acho que você não tinha isso com ele...

– Camas separadas, vidas separadas, a menos que fosse necessário aparecer em público? Não. Era para sermos um casal de verdade. – Ela engoliu em seco. – E, considerando algumas coisas, eu não sinto o direito de ficar com o anel. Fui eu quem agi errado com ele.

– Cuidado, Hannah, acho que você pode ter começado a desenvolver uma consciência no tempo em que passamos separados.

– Sempre tive consciência. O que, às vezes, foi inconveniente.

– Não tão inconveniente assim.

– Oh, o que você sabe quanto a consciências, Eduardo?

– Muito pouco. Só sei que às vezes elas assumem a forma de um grilo.

Uma risada relutante escapou dos lábios dela.

– Certo... Então... se você puder enviar isso a ele, ótimo.

– Vou providenciar isso.

Ele saiu do quarto, deixando-a sozinha ali.

Hannah sentou-se na cama, não sabendo exatamente como deveria sentir-se. Por que de repente estava mais aliviada do que chateada deixando Zack para trás? Casar-se com ele teria sido bom...

E, ainda assim, quando pensava na lua de mel, no homem em sua cama... não era Zack que ela via. O homem era mais intenso. Era Eduardo. As mãos dele em sua pele, os lábios dele em seu pescoço...

Ela jogou-se na cama e cobriu o rosto com as mãos.

Para com isso, Hannah.

Ela rolou de lado na cama e pegou um travesseiro, abraçando-o junto ao peito, algo que não fazia desde a época da escola. Isso era tão reconfortante na época, quando o mundo se desfazia a seu redor, quanto agora.

Eduardo sempre foi bonito. Sempre a atraía, isso não era nenhuma novidade. Mas ela nunca se sentira tentada a agir com base em nenhum tipo de atração enquanto moravam juntos antes. Não fazia parte de seu plano. E Hannah não desviava de seus planos. Planos, controle, estar no comando de sua vida – isso era tudo para ela, o mais importante. Não o belo rosto e o físico sexy de Eduardo.

– Está se sentindo bem? – perguntou-lhe Eduardo da entrada do quarto.

Ela voltou a sentar-se, ainda com o travesseiro apertado junto ao peito.

– Sim.

Eduardo não conseguiu conter o sorriso que repuxava os cantos de seus lábios. Hannah Weston, jogada na cama como uma adolescente. Uma demonstração de candura e humanidade que ele não esperava de uma rainha do gelo como ela.

Era adequado que ele pensasse que Hannah estava acima das emoções humanas. Sempre foi assim. Ele precisava dela. Ele não sabia de todos os porquês, mas precisava dela. O que significava que era mais fácil acreditar que ela simplesmente optaria pelo que mais lhe beneficiasse e não sentiria remorso nenhum com sua decisão.

Todavia ela não estava se comportando assim. O que lhe causava uma sensação que lhe era completamente estranha. Hannah levantou-se da cama e colocou o travesseiro no lugar. Ela pigarreou e endireitou-se. Ela pareceu...

frágil, por um instante. Diferente do que ele vira nela antes. Ela era bonita, com certeza, mais ainda agora do que antes.

Ela ainda era magra, mas não magra demais como antes; ela desenvolvera curvas, as maçãs de seu rosto estavam menos angulosas, seus seios eram pequenos, mas redondos. Ele podia pegá-los nas mãos... chupar seus mamilos...

Ele sentia-se atraído por ela, excitado de verdade. Quando fora a última vez em que se sentira excitado por uma mulher de verdade? Que ele teria de, de alguma forma, seduzir quando ele não mais tinha sedução nem charme?

– Estou vendo. Você é a suprema representação do “estar bem”.

– Estou preparada para descobrir qual é seu plano de jogo, Vega – disse ela, cruzando os braços debaixo daqueles pequenos e belíssimos seios.

– Meu plano de jogo?

– Sim. Quero saber exatamente o que você planejou e por quê.

– Amanhã, pretendo levá-la até o meu escritório, para que dê uma olhada nas coisas e sinta como está a empresa.

– Certo. Que mais?

Ele sentia a necessidade de provocá-la, de abalar sua compostura gélida. Como ela estava abalando a dele. Ele deu um passo à frente, estendeu a mão e roçou as bochechas dela com os nós de seus dedos. A pele dela era como uma pétala de rosa, macia e delicada.

– Bem, hoje à noite, minha noiva querida, nós vamos jantar fora.

Os olhos dela ficaram mais escuros, seus lábios abriram-se. Ela não deixava de ser afetada por ele, cujo corpo celebrava a vitória, mesmo que sua mente lhe lembrasse de que isso não fazia parte do acordo deles.

– Pretendo mostrar a toda a Barcelona que a *señora* Vega voltou para seu marido.

CAPÍTULO 3

EVENTOS GLAMOROSOS e restaurantes luxuosos tinham se tornado algo típico no mundo de Hannah nos últimos cinco anos, mas não era típico frequentar esses lugares com Eduardo.

A ida de carro com ele até o La Playa foi esquisita. Ela estava impecavelmente vestida para a noite, como sempre, com os cabelos loiros presos num coque, os lábios de um vinho intenso, perfeito para sua pele.

Eduardo estava perfeito como sempre, num terno escuro que deixara desabotoado, e uma camisa branca, com o colarinho desabotoado.

Tudo estava como deveria ser. A única coisa que a incomodava era a tensão entre eles. Não era apenas raiva, que ela deveria sentir, e muito, mas havia algo mais. Algo mais sombrio e infinitamente mais potente.

Alguma coisa que tinha mudado e estava diretamente ligada à mudança em Eduardo, à sombria e sedutora intensidade que residia nele agora. Que ela não conseguia definir.

Que a abalava por dentro.

Eduardo manobrou o carro, desligando o motor e parando junto ao meio-fio. Ela abriu a porta e saiu, e Hannah estava dando a volta no carro quando quase foi de encontro a ele. Seu coração parou de bater por um instante e ela ficou sem fôlego.

– Eu ia abrir a porta para você – disse ele.

Ela inspirou, tentando recompor-se.

– Não precisava.

– Você é minha esposa, *querida*, e estamos nos reconciliando. Não acha que eu deveria ser cavalheiro?

– De novo isso! Achei que você tivesse dito que a honra não era seu ponto forte.

– Mas será na frente da imprensa. Ou, mais especificamente, nosso relacionamento precisa parecer forte.

Ele roçou com gentileza os nós dos dedos nas maçãs do rosto dela, como fizera na cobertura. E, assim como acontecera na cobertura, o coração dela disparou.

Hannah tinha uma conexão com Zack, além de, certamente, atração física. Eles não dormiram juntos, mas tinham se beijado. O bastante para saber que tinham química. Agora, a ideia do que ela dividira com Zack, além da química, parecia uma piada.

Tinha sido fácil dar beijos de despedida em Zack. Ir embora.

Um olhar de Eduardo incendiava todas as partes de seu ser.

Entretanto ela morou com ele antes, e nada aconteceu entre eles. Não havia motivos para pensar que não conseguiria controlar a situação dessa vez.

Ela virou o rosto para longe dele, sentindo o ar noturno em sua bochecha, sentindo especialmente o frio com a perda do contato da pele dele na sua.

Ele segurou o queixo de Hannah com o polegar e o indicador, virando seu rosto para que ela olhasse para ele.

– Você não pode agir como se meu toque a ofendesse.

– Não estou fazendo isso – disse ela, prendendo a respiração enquanto se aproximava dele, deslizando a mão por seu braço e ficando de mãos dadas com ele. – Está vendo?

Hannah tinha certeza de que ele podia ouvir seu coração socando seu peito, tinha certeza de que ele sabia exatamente como a estava afetando. Só que... ele não estava exultante. Não estava prestes a zombar dela.

– Você parece tão diferente – disse ela, acompanhando-o até onde estava o manobrista.

Eduardo ignorou esse comentário e deu as chaves para o manobrista, falando com ele em espanhol, determinadamente não focado em Hannah,

mesmo segurando na mão dela.

Ele apertou a pegada na mão dela enquanto seguiam para a frente do restaurante, que era um velho edifício, cujo exterior mostrava a idade e o caráter de Barcelona. Por dentro, todavia, ele havia sido transformado. Reluzente, sofisticado e cheirando quase tão forte a dinheiro quanto cheirava a *paella*, este era exatamente o tipo de lugar que ela imaginava que aprazia a Eduardo.

Era exatamente o tipo de lugar de que *ela mesma* gostava.

Um homem todo vestido de preto esperava por eles na frente do restaurante, cuja expressão ficou radiante quando Eduardo ali entrou.

– *Señor Vega*, uma mesa para o senhor e sua convidada?

– *Sí*. Esta é a *señora Vega*, minha esposa, que está de volta a Barcelona. Estou muito... feliz em vê-la.

Ele virou para o lado, tirando os cabelos da frente do rosto dela. Ela sentiu um calor descendo por seu corpo e tentou continuar sorrindo.

O homem inclinou a cabeça para o lado, claramente satisfeito por receber notícias assim tão exclusivas.

– *Bienvenido a Barcelona, señora*. Ficamos felizes com seu retorno.

Ela podia sentir o olhar de Eduardo nela, sentiu sua pegada apertando-se em sua cintura e forçou-se a aumentar ainda mais o sorriso.

– Fico muito feliz de estar de volta.

– *Bien*. Por aqui.

Ele conduziu-os até uma mesa nos fundos do salão, branca e brilhante, com bancos vermelhos em cada um dos lados. Havia uma cortina impecavelmente branca protegendo a área dos assentos, proporcionando um ar de isolamento e luxo.

Eduardo falou com o homem em espanhol um tempinho antes que este saísse dali, e depois puxou a cortina, segurando-a aberta para Hannah, que olhava para ele, ainda com um sorriso como que grudado no rosto.

– Obrigada.

Antigamente, eles poderiam ir a um lugar como esse numa noite de sábado, e todo mundo conhecia Eduardo. Todos clamavam por sua atenção.

E ela desempenhava seu papel, sorrindo e concordando enquanto decidia o que comeria de entrada.

Não havia nada disso nesta noite. Se as pessoas olharam para ele, foi sutil. E ninguém falou com Eduardo, nem o parou para falar de negócios. Nem sobre a próxima grande festa ou inauguração de boate.

Hannah olhou para trás e viu que havia pessoas encarando-os. Tentando ser discretas, mas falhando. Pessoas cujas expressões não eram de boas-vindas, mas sim... de medo... ou como se estivessem olhando para uma batida de carros no trânsito, e ela não conseguia saber o motivo disso.

– Você desempenhou bem seu papel – disse Eduardo, sem prestar atenção nos outros –, mas você sempre foi boa nisso.

– Eu sei.

Ela desempenhava bem todos os papéis. Uma garota do sul dos Estados Unidos, com notas ruins na escola, um sotaque pesadíssimo e uma total falta de sofisticação tinha de dar duro para se encaixar na galera da universidade em Barcelona. Mas ela conseguiu. Perdera quase todo o sotaque, estudara o dobro do que os outros e aperfeiçoara uma expressão de tédio que fazia com que não parecesse a interiorana que era nos eventos chiques e nas cidades agitadas.

Somente quando estava sozinha era que se dava a liberdade de deleitar-se com lençóis confortáveis e serviço de quarto, além de todas as outras coisas que acompanhavam sua nova vida.

– E nunca foi modesta... do que confesso gostar. E por que deveria ser? Você conseguiu tanta coisa... E sozinha.

– Esta é a parte em que você tenta virar, meu amigo?

Ele riu; um riso forçado, nada como os risos alegres dele antes. Agora parecia que ele estava com falta de prática no tocante a sorrisos.

– Não seja tola, por que eu faria uma coisa dessas?

– Por nada, imagino. Você nunca realmente tentou ser meu amigo. Só meu marido de mentira.

– Seu marido de verdade. É só que nosso casamento não é tradicional...

– Ah, não. Nada tradicional mesmo!

Um garçom apareceu, e Eduardo fez seu pedido. Hannah estava morrendo de fome. Ela era magra, sempre fora, mas isso tinha mais a ver com seu metabolismo do que com alguma dieta. Comida era muito importante para ela.

Quando o garçom se foi, ela analisou o rosto de Eduardo de novo e disse:

– Por que você fez aquilo? Por que achava tão divertido casar-se comigo?

– Tudo era piada para mim. E eu me sentia manipulado. Eu me ressentia com a mão de ferro do meu pai na minha vida e achei que pudesse usar o jogo dele contra ele.

– E então me usou.

Ele olhou nos olhos dela, com firmeza.

– Sim.

– Por quê?

– Porque eu podia. Porque eu era Eduardo Vega. Tudo e todo mundo na minha vida existiam para me agradar. Meu pai queria que eu virasse homem, que assumisse o controle, arrumasse uma esposa, uma família de que cuidar. Para que eu me doasse em vez de só tomar. Eu achava que ele era um velho tolo e retrógrado.

– Então você se casou com alguém que ele não acharia adequada.

– Sim. – Ele olhou para ela. – Hoje não faria uma coisa dessas.

Ela analisou-o com mais atenção, as linhas endurecidas em seu rosto, o cansaço em seus olhos.

– Você parece diferente.

– O quão diferente?

– Mais velho.

– Estou mais velho.

– Parece mais do que apenas cinco anos mais velho – disse ela, olhando para as rugas em volta da boca de Eduardo.

Ela baixou o olhar para a mesa.

– A morte do seu pai foi difícil para você?

– Claro que sim. E, para a minha mãe foi... quase insuportável. Ela o amava, e somente a ele, desde que ela era adolescente. Ela está inconsolável.

Hannah franziu o cenho, visualizando mentalmente Carmela Vega, cuja presença era doce e sólida. Ela costumava convidar Eduardo e Hannah para jantar todo domingo enquanto eles estavam juntos. Forçara Hannah a conhecê-los. A amá-los.

Mais pessoas que Hannah havia se magoado para se proteger.

– Eu sinto muito por isso.

– Eu também. – Ele ficou hesitante por um momento. – Estou fazendo o melhor que posso para cuidar das coisas. Para cuidar dela. Você tem de saber de uma coisa...

Ela sentiu a expectativa e a trepidação. Ele soava grave, intenso, duas coisas que Eduardo nunca fora antes.

– E seria...? – disse Hannah, tentando soar casual.

Antes que pudesse responder à pergunta dela, o garçom apareceu, com vinho e mexilhões na manteiga. Ele colocou o vinho e a comida na mesa, e Eduardo ergueu a taça, tomando um bom gole do vinho.

Quando o garçom foi embora de novo, ele levou a taça à mesa, voltando a focar-se em Hannah, sua determinação fortalecida.

– Eu me envolvi num acidente, logo depois que você foi embora.

– Acidente...?

– Nos estábulos da minha família. Eu estava no meu cavalo numa trilha que eu tinha percorrido centenas de vezes e ele também. Num dos saltos, ele hesitou e fui jogado longe.

Isso foi o que lhe contaram depois. Era estranho o quão vividamente ele se lembrava dos momentos que antecederam o acidente. O cheiro da terra, da grama e do suor dos cavalos. Ele conseguia lembrar-se de montar no cavalo e fazê-lo trotar e depois galopar. Ele não conseguia se lembrar de nada depois disso. Nada, por dias e mais dias depois do acidente.

– Eu não estava usando capacete. Bati a cabeça com tudo num dos obstáculos de salto e depois no chão. – Ele ainda sentia o ardor do arrependimento por isso. Algo trivial que ele não usara e que mudara para sempre sua vida. – É engraçado porque, sabe, eu realmente me esqueci de dar entrada nos papéis do divórcio.

Hannah empalideceu. Pela primeira vez para ele, ela parecia realmente abalada.

- Não é engraçado.
- Pode rir disso, *querida*. Não me importo.
- Eu me importo, Eduardo.

Como ele odiava falar disso. Odiava colocar em palavras os problemas permanentes causados pelo acidente. Fazia com que parecessem reais, finais. Cinco anos depois, ele não conseguia acreditar que estava preso com uma mente que o traía.

- Tenho problemas de memória - disse ele. - Tempo de atenção. Enxaquecas frequentes. Algumas mudanças na minha personalidade. Pelo menos foi o que me disseram. É difícil realmente... me lembrar do homem que eu era antes ou entendê-lo.

Ele olhou para o rosto dela, abalado, penoso. Era estranho vê-la assim. Hannah sempre fora fria como gelo. Mesmo quando ele a chamara em seu escritório e dissera que descobrira que ela falsificara sua documentação para entrar na faculdade, ela permaneceu estoica, com raiva, mas não perdeu a compostura.

Com uma calma que mulheres com o dobro da idade dela não teriam, Hannah concordara com o esquema de casamento dele, que agora parecia uma tolice. Ele era tão idiota, se achando tão importante, rindo da vida.

Sim, certamente ele tinha mudado.

Mesmo agora, sentado na frente de Hannah, como no dia em que a coagira a casar-se com ele, Eduardo não conseguia entender o homem que ele fora. Não conseguia entender por que achara isso tão divertido. Por que sentiu que tinha direito a arrastá-la para dentro de seu jogo.

- Notei - disse ela baixinho.
- Imagino que sim.

Ele levou a taça de vinho aos lábios de novo, tentando ignorar a sensação de derrota... quando nem mesmo o vinho fazia com que se sentisse como antes. Mais leve, um pouco mais feliz. Agora só o deixava cansado.

- Com as mudanças veio o desejo de não voltar a ser como antes.

O que não era totalmente verdade, mas ele não queria lhe dar motivos para sentir pena dele.

– É por isso que você está tendo problemas com a Vega?

– Essencialmente, sim. Contratei alguém para... – ele escolheu as palavras com cuidado. Ele detestava a palavra *ajuda* tanto quanto dizer que não era *capaz* de fazer alguma coisa. É claro que esse jogo verbal era vazio, pois não mudava a realidade. – Supervisionar os deveres de gerenciamento de finanças e orçamentos. Outra pessoa para cuidar dos impostos. Nenhum dos dois fez um trabalho adequado e agora estou com problemas a resolver e ninguém em que confie para lidar com eles.

– E você confia em mim? – O tom dela era de incredulidade.

– Não sei se confio em você, mas realmente conheço seus segredos mais profundos e sombrios, o que é uma boa garantia, na ausência de confiança.

Ela tomou mais um gole de seu vinho.

– Em alguns pontos, você não mudou nadinha...

– Em que pontos? – quis saber ele, soando desesperado.

Por um instante, ela sentiu-se como a tábua de salvação para ele. Ninguém mais parecia ver nada nele antes. Viam-no como diminuído de alguma coisa ou assustador. Até sua mãe e sua irmã pareciam ter pena dele, que se sentia sufocado com isso.

Com Hannah, às vezes ele sentia-se normal. Próximo do que e de quem ele fora.

– Você ainda é um autocrata teimoso e arrogante.

Ela parecia quase determinada a provar para si mesma que ele continuava o mesmo.

– Como sempre?

– E os negócios do seu pai? A Vega Communications? Isso ainda é uma piada para você?

– Era isso que você achava? Que a empresa era uma piada para mim?

– Com certeza fazer de mim sua esposa foi uma piada, e que você usou para convencer seu pai a deixar o comando da Vega em suas mãos.

– Isso é prova de que a Vega Communications nunca foi uma piada para mim.

– Porque prover serviços de telefonia móvel para um número cada vez maior de países é sua paixão?

– Porque é meu direito de nascença, faz parte do legado da minha família.

– E, porque, se ele falhasse nisso, não teria nada pelo que lutar. – Como você, eu me saí muito bem na universidade. Eu me formei... fiz por merecer a minha posição. Sim, eu tinha conexões, mas você conseguiu fazer as suas. Por que ser desdenhosa só porque meu rumo foi mais certinho do que o seu?

– Porque eu nunca pensei que você realmente se importasse com a empresa. Nem que a queria de verdade.

– Acho que, porque era meio que certeza que eu ficaria com a empresa, eu não tinha tanto desespero quanto você.

Ela colocou o mexilhão entre os lábios e sugou a carne. Não era uma ação sexy, não mesmo, ainda assim, seus lábios pareciam sensuais, convidativos e macios, tudo isso enquanto ela o informava com o olhar que ficaria feliz em morder a língua dele se ele se atrevesse a colocar em prática os desejos de sua libido.

– Desespero? – disse ela, pegando o guardanapo do colo e limpando o cantinho da boca. – Impulso, talvez, não desespero.

– Se colocar as coisas assim faz com que você se sinta melhor.

– Faz sim.

– De qualquer forma, posso simpatizar com você um pouco mais agora. Eu tenho de consertar as coisas na empresa. A Vega é minha família, minha vida.

– Você parecia gostar mais de outras coisas...

– Eu gostava...

– Festas, mulheres.

– Fui fiel a você durante o nosso casamento.

A declaração dele era mais verdadeira do que ela imaginava. Mas o acidente fez com que perdesse a paixão por tudo. Ele perdeu amigos. Antes, Eduardo tinha fome de viver. Fome de prazer, de dar risada. Agora, mal se agarrava à existência. Tinha uma necessidade humana e biológica de respirar. E, com isso, vinha a necessidade de salvar a Vega, que o motivava a

seguir em frente, o que, a essa altura, era mais valioso para ele do que a paixão.

– Príncipe Encantado de carne e osso – disse ela num tom leviano.

O garçom voltou com o peixe, arroz à espanhola e uma porção de legumes condimentados. Hannah não perdeu tempo em se servir. Ela sempre gostara de comer. Sempre fora fascinada pela comida. Quando eles iam jantar na casa da família dele, ela sempre comia tanto quanto ele, até mesmo mais. Ainda assim, ela era magra. Ele suspeitava que Hannah tinha outro tipo de fome.

Ela era faminta por dinheiro. *Status*. Sucesso.

E ainda era. Por isso estava ali com ele. Por isso ele conseguira exigir que ela voltasse para a Espanha.

– Não totalmente – disse ele, cujo tom saiu mais pesado de que ele pretendia.

– Então me diga – disse ela, cujos olhos azuis reluziam com um ar travesso. – Você será fiel a mim durante nossa reconciliação?

Ela fechou os lábios em volta do garfo e ele sentiu um aperto em seu âmago.

– Tudo isso depende, Hannah – disse ele sem pensar, guiado por seu corpo.

– Do quê?

– Se você vai ou não dividir a cama comigo dessa vez?

Hannah quase engasgou com o arroz.

– O quê?

Eduardo reclinou-se na cadeira, com um brilho sombrio nos olhos, uma expressão faminta.

– Você me ouviu, *querida*. Vou buscar minha diversão em outro lugar ou você vai dividir a cama comigo?

– Não vou dormir com você – disse ela.

A ideia da invasão, da intimidade, da perda total do controle deixavam-na tremendo e em pânico. Com calor.

– Então imagino que a resposta à sua pergunta não seja da sua conta.

– Não mesmo.

Ela realmente não se importava com quem ele ia para a cama. As provocações não passavam disso. Era algo que sempre faziam.

Eles partilhavam um amor por discussões que, de alguma forma, fazia com que parecessem um perfeito casal para o público. Por tudo que ela conhecia de pessoas casadas.

– Pelo menos nos entendemos – disse ele, voltando a focar-se em seu jantar.

O que ele quis dizer com isso? Que não a queria? Isso deixou-a... enfurecida! E não deveria ser assim. Ela não deveria importar-se com isso. Homens, atração, sexo, nada disso se encaixava na vida dela. Ela estivera prestes a abrir espaço para Zack, e é claro que pretendia dormir com ele em algum momento, mas estava no controle. Conseguira esperar, e ele também. Controle era essencial para eles dois.

Eduardo nunca seria assim. Ela nunca conseguiria empurrá-lo para um canto de sua vida e ignorá-lo. Impossível. Ele era... presente demais. Impossível de ser ignorado.

Ela não queria mesmo dormir com ele... Ela negara sua libido, por necessidade, pelos últimos nove anos.

Então, a falta de desejo dele por ela não deveria importar. Era só seu ego que estava ferido.

– Que bom. Então, quais são seus planos para amanhã? Apenas entrar no escritório e anunciar que estamos nos reconciliando?

Ele curvou os lábios num sorriso sombrio, que deu um nó no estômago dela e fez seu coração bater forte.

– Por que simplesmente não vemos o que acontece?

CAPÍTULO 4

*P*OR QUE simplesmente não vemos o que acontece?

Mesmo ao sair do carro no dia seguinte, ela ouviu essas palavras repetidamente em sua cabeça. Como se tivessem duplo sentido. Como se ele tivesse ignorado o que ela disse quanto a não dormir com ele.

Espanholzinho convencido!

Ela olhou de esguelha para ele, que parecia mais sexy do que nunca, pelo menos para ela, num terno azul-marinho, os cabelos escuros levemente bagunçados, como se eles tivessem se reconciliado na cama.

Ele parou na frente da pesada porta de vidro do alto e moderno edifício e segurou a porta para Hannah, sem em nenhum momento tirar os olhos dela.

Ela travou contato visual com ele ao entrar. Ela não se deixaria intimidar por ele. De jeito nenhum.

O olhar dela parecia de aço. O dele, como se estivesse se divertindo. Era a primeira vez em que ela o via assim, daquele jeito que a lembrava do antigo Eduardo, desde que ele acabara com seu quase casamento.

De repente ela sentiu um peso na consciência ao lembrar-se do motivo da mudança dele.

Ela jogou os cabelos para trás e entrou no prédio que conhecia muito bem, onde estagiara por três meses antes de se tornar a nora do dono. Ali, Hannah aprendera como funcionavam grandes negócios, confrontara

Eduardo ali pela primeira vez. Uma nova onda de melancolia passou por ela, da qual ela tentou se livrar pigarreando.

– *Buenos días*, Paola. – Eduardo cumprimentou a recepcionista.

– *Buenos días, señor Vega*. – Ela ergueu o olhar e então viu Hannah. – Hannah! – disse ela.

A recepcionista se lembrava dela? Hannah nunca se perguntou muito se as pessoas se lembrariam dela na vida, pois nunca voltara a nenhum lugar para descobrir.

– Oi, Paola.

Ela sempre gostara de Paola, que sempre fora legal com ela, não rindo de seu espanhol ruim, sempre sorrindo quando ela chegava para trabalhar depois das aulas. Hannah se perguntava o que Paola teria pensado quando ela repentinamente “abandonou” Eduardo depois de seis meses de casamento.

– Você... voltou? – disse ela, olhando de Eduardo para Hannah.

– Sim – disse Eduardo, roçando a bochecha dela com o dedo.

Hannah sentiu um calafrio que apertava seu estômago, seus pulmões... que endurecia seus mamilos. Ela havia tentado esquecer-se de como era ficar perto dele. Tentara e falhara tantas vezes esquecer-se da sensação dos lábios dele nos seus no dia do casamento deles dois. Tentou esquecer que ele trazia à tona a besta que havia nela, a besta dormente, apaziguada pelas fantasias ocasionais e pelas imagens gratuitas de séries de TV policiais com homens em uniformes apertados.

Isso era diferente daqueles contidos momentos de desejo que ela se permitia ter. Era diferente até mesmo de como ela se sentia atraída por ele antes. Isso fugia a seu controle.

O beijo no casamento e os sentimentos que esse beijo tinha criado nela haviam ficado com Hannah por um tempinho, mas ela conseguiu colocá-los em seu devido lugar. Armazenados para um conveniente uso à noite, nunca invadindo seu corpo nem seus pensamentos durante o dia. Nunca quando era inapropriado.

Eles invadiam-na agora.

Ela engoliu em seco e se recompôs.

– Isso mesmo – disse ela.

Então, só para provar a ele que ele não era o único que podia fazer esse joguinho, ela inclinou-se na direção dele, parando um pouco quando sentiu seu cheiro. Sândalo e pele. Ela nem mesmo conseguia se lembrar de algum dia ter notado o cheiro dele antes. Sexy, atraindo-a para perto dele.

Seus olhos encontraram-se com os dele quando seus lábios tocaram na bochecha dele. Ela cerrou os olhos por um instante apenas, e deixou-se levar pela sensação do momento.

Então ela recuou rapidamente, com a cabeça girando e o coração socando seu peito.

– Sim, voltei – disse ela, sorrindo para Paola, tentando ignorar o tremor intenso em sua barriga.

– Que bom – disse ela. – Muito bom. Ficamos felizes com sua presença aqui.

– Eu também – disse Eduardo, sem tirar os olhos de Hannah em momento algum. – Venha, *querida*, quero lhe mostrar algumas mudanças que eu fiz.

Ela sorriu para Paola antes de acompanhar Eduardo até o elevador, soltando o ar quando as portas se fecharam.

– Muito convincente – disse Eduardo, com um estranho e quase predador sorriso curvando seus lábios.

– Pois é, né? Sou uma excelente atriz, lembra?

– Por que você não foi direto para Hollywood? Não teria tido de falsificar documento nenhum.

– Muito arriscado. Não lido com riscos, e sim com certezas. Controle. Algo que dei duro para conseguir. A sorte nunca realmente esteve ao meu lado... obviamente.

– Você está dizendo que nossa associação não lhe deu sorte?

Ela cerrou os dentes, pensando na carta de recomendação que chegara na firma em que ela queria tanto trabalhar em Nova York. Do Departamento de Recursos Humanos da Vega.

– Não totalmente, mas você tem de admitir que ser sequestrada no dia do casamento da gente não é boa sorte.

Ele riu enquanto o elevador parava.

– Ah, depende...

As portas abriram-se e ele saiu; ela saiu depois dele.

– Depende do quê?

– De como você se sente em relação à pessoa com quem estaria se casando...

O andar estava silencioso, quase vazio. Os escritórios nos andares mais altos eram reservados para os mandachuvas da empresa.

Eduardo abriu a porta do escritório que era de seu pai e Hannah sentiu um nó na garganta. Mais emoção. Ela não estava acostumada com isso e não gostava disso.

– Você não tem de abrir as portas para mim... Eu sei que você não é um cavalheiro.

– Não estou tentando convencê-la do contrário.

– Obviamente.

– Certo, Hannah – disse ele, indo para sua escrivaninha, mudando seu comportamento. Ele sentou-se, digitou alguma coisa, ativando o monitor do computador. – Veja isso. Os registros financeiros dos últimos anos.

– Eu preciso me sentar – disse ela.

Ele levantou-se da cadeira do computador e ela passou por ele, tentando ignorar o prazer que sentiu ao passar roçando pelo corpo dele.

– Então, o que exatamente você acha que está acontecendo?

Ele soprou o ar.

– Certas coisas especificamente são problemáticas para mim, como lembrar-me de números e datas. Mas não seria um problema muito grande se eu não tivesse contratado alguém para lidar com isso e que não fez seu trabalho.

– Você acha que foi... de propósito? De forma... criminosa? – perguntou ela, abrindo os relatórios financeiros dos anos anteriores.

– Não tenho plena certeza.

– Bem, incompetência deveria ser um crime. E, por favor, segure seus comentários de como eu deveria ser uma especialista no assunto, afinal de contas, estou aqui salvando o seu rabo.

– Você é tão encantadora, Hannah.

– É, bem, se eu tivesse frequentado a escola do charme, eu teria fracassado tão espetacularmente quanto no colegial.

– Por que isso aconteceu? Nós sabemos que capacidade você tem...

Ela sentiu a pontada de dor que sempre vinha com essas lembranças e tentou firmar-se no presente.

– Não tentei.

– Isso não é sua cara.

– Bem, tomar decisões financeiras idiotas não é sua cara e veja onde estamos.

Ao olhar para Eduardo, ela viu pela expressão dele que fora longe demais... de novo. E sabia disso. Mas não abriria a porta do seu passado. Não, não podia fazer isso.

Ele segurou na cadeira e virou-a de modo que Hannah ficasse cara a cara com ele.

– Decisões idiotas? É assim que você se refere a isso?

– Eu estava provando meu ponto.

Ele levantou-se da cadeira.

– Então você não vai se incomodar se eu provar um ponto também.

Ele envolveu a cintura dela com o braço e puxou-a para junto de si, e os seios dela entraram em contato com o peito dele. Ele levantou a mão, passando o polegar pelo lábio dela, num gesto chocantemente gentil considerando o calor e a raiva visíveis em seus olhos.

A raiva nele era palpável, e de certa forma, satisfatória. Ela o levava ao limite com suas palavras. Ela ficou esperando. Que os lábios dele fossem de encontro aos seus, numa colisão. Da forma como ele faria estando assim com tanta raiva.

Mas não foi assim.

Ele abaixou a cabeça, seus lábios muito próximos dos dela, que ficou sem fôlego. Ele estava tão perto. Era tão tentador. Ela mexeu a cabeça de modo que sua boca pudesse encontrar-se com a dele, cedendo, desistindo.

Os lábios dele eram quentes, firmes. E, de repente, ela se derretia junto dele, cuja língua deslizava por sua boca e o calor a inundava, fazendo com

que seus seios parecessem pesados. Ele envolveu-a com o outro braço e ela levantou as mãos, pressionando-as com força no peito dele.

Ele devorava-a, e ela retribuía o favor. Nunca antes eles haviam se beijado desse jeito. Nada além de beijinhos para o público. Um beijo um pouquinho mais íntimo no dia do casamento, porque tinham expectadores.

Agora eram só eles dois. Sozinhos. E não havia nenhum controle. Ela simplesmente cedera e afogava-se no beijo dele.

Então, tão subitamente quanto ele a abraçou, ele soltou-a, com os olhos parecendo poços negros que a atraíam e repeliam ao mesmo tempo. E ela então percebeu que não tinha metade do domínio sobre ele que ele tinha sobre ela.

– Eu queria demonstrar que você pode até não gostar de mim, pode achar que sou um idiota, mas nós dois sabemos quem tem o poder aqui.

Ela inspirou, trêmula.

– Seu... canalha!

– Não se esqueça de que eu não sou um menino que você pode manipular. Não sou o tolo idiota que se pode distrair com um belo rosto. – Ele virou-se, seguindo até a porta. – Fale-me depois sobre suas descobertas.

Ela não respondeu. Assim que ele saiu do escritório, ela socou a escrivaninha. Ela não permitiria que ele fizesse dela uma tola desse jeito. Nunca mais.

EDUARDO PASSOU a mão, tremendo, no rosto. Ele não pretendia ter feito aquilo. Não pretendia ter perdido o controle... estava tão a ponto de jogá-la sobre a escrivaninha e...

Ele riu na sala vazia e ficou grato porque o andar era bem privado.

Ele não tocara numa mulher em cinco anos. Cinco anos de celibato, e ele não se importara nem um pouco com isso. Mas não era só isso. Havia essa coisa desconhecida nele, que ele não conseguia controlar nem prever. As coisas não deveriam ser assim. Hannah não deveria ser atraente para esse novo e sombrio lado dele. Ela deveria evocar aquela época tranquila, fácil. Trazer de volta essas sensações. Além disso, ele precisava da ajuda dela para acertar as finanças da empresa, e não podia se dar ao luxo de distrair-se. Não

podia se dar ao luxo de perder ainda mais o foco. Ele não tinha nenhum controle sobre os efeitos de seu acidente. Nem sobre os esquecimentos, nem enxaquecas. Mas teria de controlar a reação de seu corpo a ela.

Ele cerrou os dentes e voltou a entrar no escritório. Hannah teve um sobressalto e virou-se.

– Bata à porta, pelo amor de Deus! – disse ela, voltando-se novamente para a tela.

– O escritório é meu.

– Bem... você saiu.

– Agora estou de volta.

– As coisas não estão tão ruins assim.

Ela virou a cadeira, ficando cara a cara com ele, com uma expressão velada no rosto.

– Você acha?

– Não. As taxas pelos impostos atrasados... com isso não posso ajudá-lo. Foi obra de um funcionário ruim e fico feliz que ele tenha sido demitido. O resto dá para consertar. Eu poderia recomendar alguns investimentos e estratégias de economia e que se certificasse de fazer com que seus funcionários tivessem benefícios melhores.

– Você faz isso parecer... fácil.

– Eu digo que é fácil, pois essa é minha especialidade. Você pode me explicar o que exatamente não está funcionando para você? Preciso saber disso para poder ajudá-lo a estabelecer um sistema.

Ele odiava aquela palavra. *Ajuda*. Ele não pensava nem precisava pensar em nada disso antes do acidente. Ele deveria ser aquele que ajudava, a quem as pessoas *pediam* ajuda. O homem da família Vega.

– Tenho problemas com números e datas. Lembrar-se deles é difícil. E minha concentração... ficou curta. Tenho dificuldade em ficar sentado lendo alguma coisa por muito tempo. É difícil memorizar as coisas.

– Você acha que isso algum dia vai deixar de ser assim?

Ele deu de ombros, como se não importasse.

– Provavelmente não, mas é impossível saber com certeza.

– Você lida bem com isso?

Uma risada escapou dos lábios dele, não porque isso era engraçado, mas porque parecia a única resposta possível para ele.

– Você lidaria bem com isso se acordasse um dia com um cérebro que não fosse o seu? É assim que me sinto. O tempo todo.

Ela baixou o olhar empalidecida.

– Venho tentando ser outra pessoa pelos últimos nove anos. Talvez não me importasse.

– Acredite em mim, *querida*, você se importaria, sim. Mas, de qualquer forma, não posso mudar isso. Então só me preocupo com o que pode ser mudado.

Ela plantou ambas as mãos na escrivaninha e forçou-se a ficar em pé. Parecia que esquecera o beijo, sua expressão tão gélida quanto sempre.

– Eu gostaria de trabalhar na implementação de um sistema que facilitará os rastreamentos das coisas para você. Depois quero me certificar de que você encontre gerentes financeiros bons e de confiança. Mas só depois de tudo estar corrigido.

– Você sempre foi rápida.

Ela curvou os lábios num sorriso genuíno.

– É isso que faço. Sou boa nisso.

– Sempre foi, por isso fui atrás de você.

– Por isso e porque tinha como me trazer até aqui...

– Um homem não pode ir a uma batalha desarmado.

Ele viu uma chama trêmula do calor nos olhos dela e soube que ela havia sido afetada pelo beijo, sim, mas era mesmo uma boa atriz. Até agora, com aquela pequena centelha visível nas profundezas dos olhos dela, ele duvidava que mais alguém fosse capaz de ver algo além da beleza fria que ela parecia projetar. Que quase parecia impedir que as pessoas enxergassem-na mais a fundo. Uma loira *mignon*, com penteado perfeito, que passaria por uma loira genérica para alguns. Era em seus olhos que Hannah mostrava como era diferente. Sua inteligência. Seu aço.

Ela pigarreou e ergueu o queixo.

– Bem, duvido que alguém acusaria você de não se armar para batalhas.

– Fico lisonjeado com sua avaliação.

– Não fique, ou terei de esmagar seu ego novamente.

– Vejo que você tenta me atacar para ficar por cima, mas não vai funcionar. Sou feliz sem ego. *Status* social significa pouco para mim. Não tento impressionar mulheres ou amigos há tantos anos que mal consigo me lembrar de por que me dava ao trabalho de fazer essas coisas antes. Embora o esquecimento possa ser um efeito colateral do meu acidente.

Ela se mexeu, pressionando os lábios.

– Você não gosta quando faço piadas com meu acidente?

Ela deu de ombros.

– O trauma é seu, homem. Lide com isso como quiser.

– Lidei com isso – disse ele, as palavras saindo mais duras do que pretendia. Mentiras. – Lidei com a morte do meu pai, tentando garantir que minha mãe e minha irmã estejam felizes. E agora estou lidando com isso de consertar os danos na empresa.

– E estou aqui para ajudá-lo. – Ela arqueou as sobrancelhas. – Coagida, mas ajudando.

– Está mesmo.

CAPÍTULO 5

HANNAH OLHAVA para baixo, na cidade, do terraço da cobertura de Eduardo. O céu estava escuro, as estrelas perfuravam a escuridão e, lá embaixo, Barcelona estava iluminada. A rua, cheia de carros, pessoas indo a restaurantes e casas noturnas.

Ela inspirou fundo, sentindo o cheiro do sal, do oceano, mas não era a mesma coisa que em São Francisco ou Nova York. O ar parecia mais picante, mais gostoso. Sempre foi assim.

– Dificuldades para dormir?

Ela virou-se, com o coração acelerado, e viu Eduardo na entrada. Ele vestia uma calça preta e uma camiseta apertada que abraçava seu físico musculoso quase tão forte quanto ele a abraçara antes no escritório.

Não pense nisso.

– Um pouco. É a mudança de fuso horário.

– Conte-me, Hannah.

– O quê?

– O que você fez nos últimos cinco anos.

Ela quase suspirou aliviada.

– Fiquei trabalhando. Uns três anos em Nova York, em Wall Street, depois em São Francisco. Comecei a ter uma base de clientes na firma em que estava, fazendo gerenciamento pessoal de finanças e investimentos. Tive um pouco de problemas porque os chefes do sexo masculino, assim como colegas de trabalho e clientes, pareciam achar que solteira era sinônimo de

disponível. Então, quando conheci Zack há um ano, pareceu perfeito. Eu poderia me casar e fazer meu trabalho sem muito assédio sexual.

– E era só por isso que você ia se casar com ele? Odeio dizer isso, mas homens tendem a ter esse tipo de comportamento com mulheres casadas também.

– Com certeza, mas Zack é influente. O cara teria de ser valente para se meter no território dele.

Eduardo riu.

– Como eu?

– Sim, valente ou idiota.

Ela travou o olhar no dele.

– Lembra o que aconteceu da última vez que você me chamou de idiota?

Ela foi tomada pelo calor com a lembrança do beijo e arrependimento por tê-lo insultado. Gostaria de arrepender-se do beijo, e não do insulto.

– Não farei isso de novo.

– Que bom.

Eduardo foi juntar-se a ela no terraço, apoiando os antebraços no trilho da varanda. Ele estava descalço. Estranho que ela tivesse notado isso. Ele parecia levemente mais humano do que o de costume.

– Você ia ter uma família com ele? Filhos?

– Não. Nada de filhos – disse ela, sentindo um frio na barriga.

– Você não quer ter filhos?

– Não. Nunca. O que eu faria com um bebê?

Ela riu, como se fosse a coisa mais ridícula do mundo. E teve de lutar contra a dor no útero. E as lembranças...

– Criá-lo, imagino?

– Você quer ter filhos?

– Não.

Que bom. Ela também não queria falar sobre sua aversão a crianças. Não queria mexer nessa caixa. Cheia de medo, arrependimento e culpa. Era melhor que ficasse fechada.

– Filhos... nada prático para pessoas como nós.

– Claro que não.

– Seríamos parceiros. Ajudaríamos um ao outro. É bom ter um parceiro na vida.

– Imagino que sim. Mas não é assim que quero viver.

– Não?

– Não, prefiro ser independente. Se eu algum dia tivesse uma esposa... eu ia querer cuidar dela.

– Nem toda mulher quer que cuidem dela.

Por um instante ela ficou pensando em como seria ter alguém com quem dividir um pouco da dor, que soubesse de todos seus segredos, que partilhasse de todos seus medos, alguém que a protegesse. Pensamentos tolos. Ela não queria nada nisso. Podia confiar e depender apenas de si mesma.

– É assim que as coisas devem ser... Como está sua mãe?

– De luto. Sofrendo ainda. Ela passou mais de trinta anos com meu pai. A morte dele foi difícil para ela.

– Sinto muito. Seus pais... foi só com eles que vi amor, digamos assim.

– E seus pais?

Qual seria o mal de contar algumas coisinhas a ele, que sabia mais do que qualquer outra pessoa sobre ela?

– Não sei. Acho que nunca se casaram. Quando eu tinha três anos, minha mãe me deixou com meu pai e nunca mais voltou. Ela colocou todas as minhas coisas numa sacola plástica. Ele não sabia o que fazer com uma criança. Ele tentou... eu acho.

Ele franziu o cenho.

– Sua mãe largou você com seu pai?

– Nem todas as famílias são perfeitas. Eu morava num trailer sujo, empoeirado, numa estrada de terra, e quando os caminhões passavam, era uma nuvem de poeira no ar. Tudo vivia sujo. Na verdade, eu tinha sorte de só ter meu pai. Não havia brigas em casa nunca. Eu podia ouvir sempre os vizinhos gritando uns com os outros. Meu pai nunca gritava. Mas também mal me dizia um oi que fosse.

Ela podia ficar a noite toda fora e ele nem ligava quando ela chegava para o café da manhã. Ele estava lá, sentado com uma tigela de cereal no colo e já

com uma cerveja na mão.

– Como eram os lençóis? – quis saber Eduardo.

– Eu não tinha lençóis. Só um colchão no chão e um cobertor. Não tínhamos lavadora nem secadora de roupas, então... eu ia até o Laundromat às vezes para lavar meus cobertores e minhas roupas. – Ela balançou a cabeça. – Quem ia querer falar sobre essas coisas? Quem ia querer uma vida dessas?

Ele franziu o cenho.

– Ninguém. Foi por isso que você apagou seu passado?

Ela engoliu em seco.

– Foi um dos muitos motivos. Mas nem vamos falar mais disso.

Uma coisa era falar de seus pais, de coisas que fugiam a seu controle. A pobreza, a negligência. Ela podia lidar com isso, mas não com seus próprios erros.

– Por mim, tudo bem. Como foi deixar tudo para trás? – disse ele com a voz rouca, soando surpreendentemente sincero.

– Foi como... sair da prisão. Como imaginei que seria. A gente fica num lugar que sabe que não é certo e, bem, não tem outra opção. Até que um dia a gente sai e vê a luz do sol. E nunca volta, mesmo que seja assustador seguir em frente. Porque temos muitas possibilidades quando antes... não havia nada.

– Como você acabou vindo parar na Espanha? E por que a Espanha?

Admitir que ela meio que colocou um dedo no globo terrestre para decidir aonde ia pareceria meio tolo. Tanto quanto a escolha de seu sobrenome do nome de uma loja de departamentos de luxo que vira na TV. Mas era a verdade. Ela estava tão desesperada para ser outra pessoa... Para tornar-se realmente outra pessoa.

– Eu queria ir para bem longe. Sair do país, porque...

– Seria mais fácil usar os registros escolares falsos.

– Sim. Eu mudei legalmente meu nome naquela época.

Ela não sabia por que estava contando tudo isso a ele. Parecia fácil.

– E onde foi que você arrumou dinheiro para isso?

Os quinze mil dólares sobre os quais ela nunca queria falar. Ela fazia o melhor que podia para *nunca* pensar nesse dinheiro. Que pagara por sua passagem de avião, passaporte e a identidade com seu novo nome.

Um presente. O dinheiro fora um presente, não um pagamento. Pois aquilo de que ela abrisse mão não tinha preço, foi o que eles disseram. Os Johnsons, de algum lugar em New Hampshire. O casal a quem ela dera seu bebê. Eles queriam que ela tivesse como se reestabelecer, para não acabar voltando à mesma situação. Sim, ela sentia-se grata, mas pensar nisso era como arrancar lentamente sua pele. Fazia com que sentisse de novo a dor da culpa. Depois vinha o alívio porque, no fim das contas, com sua decisão ela não repetiria os ciclos de que seus pais fizeram parte.

– De um amigo – disse ela. Era mentira, mas do tipo com a qual ela estava acostumada. Que mantinha seu segredo guardado.

– Bom amigo.

– É, ótimo amigo. – Ela pigarreou e piscou. – E você, Eduardo, como é isso de ter um lugar que você pode chamar de seu? Como é a sensação de estar em casa?

Ela gostaria de não ter feito a pergunta. Era reveladora demais. A dor em sua voz era óbvia, pelo menos para seus próprios ouvidos.

– Nunca pensei muito nisso, na verdade, nunca pensei nisso. Não antes. Sempre aceitei como fato que a Vega deveria ser minha, minha posição na sociedade e na minha família sempre estiveram certas e estabelecidas. Agora que eu sei como é sentir-se um estranho para si mesmo...

O silêncio caiu entre eles e ela cerrou os olhos, ouvindo o tráfego lá embaixo, música vindo de algum lugar ali perto.

– Nós acabamos de ter um momento? – disse ela.

– Um o quê?

– Um momento. Como um momento humano em que conversamos sem brigar nem tecer comentários sarcásticos nem tentar derrubar um ao outro.

– Acho que sim. Mas não precisamos nunca mais falar disso de novo.

Ela abriu os olhos e olhou nos olhos dele. Até mesmo na fraca luz, ela podia ver um brilho de malícia ali, algo como o velho Eduardo.

– Combinado.

Por um instante, tudo que Hannah podia ver em sua mente era o rosto dele, pensar em como tinha sido beijá-lo, estar nos braços dele. E, naquele instante, ela não conseguia lembrar-se de por que beijá-lo não era uma boa ideia. Mas só por um instante.

Ela não estava construindo uma vida com ele ali. Quando isso acabasse, ela teria de voltar para casa. Para seus clientes, para seu trabalho. Presumindo que Zack não a tivesse colocado numa lista negra.

– Estou cansada agora – mentiu ela, que achava que nunca conseguiria dormir direito enquanto estivesse ali. Sabendo que ele estava por ali, dormindo, provavelmente nu. Isso não a incomodava antigamente. Ela não sabia o que havia mudado desde então.

Mentira. Ela sabia, sim. Eduardo tinha mudado. E havia algo nele agora que a atraía.

Ela realmente tinha de se controlar.

Ela era Hannah Weston. Sua própria invenção, sua própria mulher. Conseguiria fazer isso.

– Boa noite, Eduardo – disse ela, colocando um pouco daquele aço de volta em seu tom de voz. – A gente se vê no escritório amanhã.

CAPÍTULO 6

– SUA ESPOSA está de volta e você não contou isso a sua mãe?

Eduardo virou-se para ficar cara a cara com Hannah, que estava sentada à sua mesa, com o celular no ouvido.

– *Lo siento, Mama.* Aconteceu muito de repente. Eu estava... consertando as coisas entre nós.

Não era ideal envolver sua mãe nessa farsa, mas ele faria o que tinha de ser feito. Fazia semanas que ele a vinha evitando.

– Você estava consertando as coisas? Que coisas, Eduardo? Foi ela quem largou você! Depois de seis meses de casados. Pediu o divórcio. – Ela disse essa palavra como se fosse algo realmente sujo.

– Ah, sim, mas não estávamos divorciados. Nunca estivemos. Eu e Hannah estamos tão casados hoje quanto naquele dia na catedral.

Hannah tirou o foco do computador e voltou-se para ele, com uma expressão dura no rosto.

– *Que foi?* – disse ela, apenas mexendo os lábios, sem som.

Ele cobriu o telefone.

– *Minha mãe.*

Então os lábios dela formaram uma versão sem som de um palavrão dos feios. Ele riu e descobriu o telefone.

– Vamos visitá-la neste fim de semana. Na verdade, vamos fazer um fim de semana prolongado no *rancho*. Traga Selena, claro.

Hannah jogou as mãos para cima, arregalou os olhos. Ele abriu um meio-sorriso para ela, que levou as mãos à garganta, como se estivesse se enforcando, e depois apontou para ele, que suprimiu uma risada e escutou a resposta de sua mãe.

– Até mais – disse ele, cortando mais protestos.

– Por que você fez isso? – disse Hannah, explosiva.

– Porque devemos realmente fazer parecer como se estivéssemos nos reconciliando. *Entiende?*

– Não. *No entiendo*. Nem um pouco! Por que meter sua mãe e Selena nisso? Não é... justo.

– Com elas ou com você?

– Com ninguém. Olha, eu gostava muito da sua família... Elas eram realmente boas comigo, e eu odiava mentir para elas. Não quero fazer isso de novo.

– Você está salvando a minha mãe de perder a empresa. Acho que ela perdoará você.

– Vou ser honesta com você, Eduardo. Não acho que você esteja correndo o risco de perder a Vega. As coisas podem não estar tão boas quanto antes, mas várias empresas estão assim. E, de qualquer forma, seus ativos pessoais são saudáveis. Assim que você conseguir um gerente financeiro decente...

– Mas, se eu não conseguir pensar num sistema...

– Nós vamos acertar isso – disse ela, ficando de pé, esticando-se, soltando um som como se fosse um gatinho. O corpo dele reagiu a isso, um lembrete do poder que ela parecia ter sobre ele.

Os seios dela eram perfeitos. Pequenos e redondos. Ele ansiava por tê-los em suas mãos. Em sua boca.

– É melhor acertarmos mesmo as coisas – disse ele desviando o olhar.

Era melhor que se controlasse. Ele tinha outras coisas em que pensar. Coisas muito mais importantes do que sua negligenciada libido.

– Estou confiante de que conseguiremos – disse ela, dando a volta na mesa, ainda com raiva. – Agora, realmente precisamos passar o fim de semana com sua família?

– Sim. Minha mãe vai querer isso... e eu acho que seria bom para nós dois sairmos um pouco da cidade.

– Não preciso disso. Estou há poucas semanas na cidade e gosto daqui.

– Ah, você vai gostar de passar um tempo fora. – Ele começou a dar a volta em torno dela. Colocou as mãos nos ombros dela, saboreando o calor de seu corpo. – Você está muito tensa. – Ele passou o polegar no músculo do ombro dela e viu que dizer que ela estava tensa era um eufemismo.

– Ai – reclamou ela.

– Você se sentirá melhor num instante. – Ele mexeu com o polegar no outro ombro, afundando-o na pele dela, que arqueou, soltando um choramingo.

– Ainda não está melhor.

– Seus músculos parecem pedras. Você ficando assim toda curvada na frente do computador não ajuda.

– Cale a boca, eu não fico curvada.

– Fica, sim.

Ele massageou ambos os ombros dela até que sentiu que ela foi ficando mais relaxada, menos inquieta e derretendo-se em seu toque. Ele colocou os cabelos dela para o lado e deslizou o polegar em sua nuca. Dessa vez, o som que ela soltou era mais de satisfação, com certeza, e bem mais do que apenas um pouco sexy.

– Sim, assim – disse ela, arqueando-se com o toque dele em vez de tentar fugir dele.

– Eu realmente gosto de ouvir você dizer isso.

Ele inclinou a cabeça para o lado e beijou-a logo abaixo do lóbulo de sua orelha. Então ela ficou rígida e forçou-se a ir para longe dele.

– Ainda estou enfurecida com você – disse ela, virando-se e ficando cara a cara com ele, o olhar um pouco vidrado, as bochechas ruborizadas.

– Tudo bem. Isso não quer dizer que você não pode me beijar. Você estava furiosa comigo da última vez também.

Ela mordeu o carnudo lábio inferior e balançou a cabeça.

– Nem. Nada de beijar você.

– Por que não?

– Porque não é para isso que estamos aqui.

Ela estava certa e ele sabia disso. E, até que encostou nela de novo, acreditava firmemente nisso. Havia muita coisa em jogo para ele. Ainda assim, não conseguiu suprimir o desejo.

– Verdade. Mas não precisa ser problemático misturar um pouco de prazer com os negócios.

– Talvez não precise, mas geralmente é.

– Falando por experiência própria...

– Não, sou bem esperta para isso. Mantenho negócios e lado pessoal bem separados. E, com você, meu querido, são só negócios. Sempre foi assim.

Ela estava mentindo. Ele esticou a mão e passou o dedo ao longo da curva da bochecha dela, sentindo-a tremer sob seu toque. Agora *ela* também sabia que ela estava mentindo.

– Vamos terminar o trabalho do dia e, quando voltarmos à cobertura, vamos nos preparar para irmos para o *rancho* logo de manhã.

EDUARDO TINHA um jipe, o que a surpreendeu tanto quanto a insistência dele de ir de Barcelona para o interior com a capota abaixada.

Entretanto o ar estava cálido e o cenário, belo, então ela não ia reclamar. Mesmo com seus cabelos chicoteando-a tão violentamente a ponto de quase os engolir. Ela puxou as mechas da frente dos lábios e balançou a cabeça, na esperança de que os fios voltassem ao lugar.

– Não acho que vim aqui com você... antes, quero dizer – ela falou competindo com o vento e com o motor.

– Não. Comprei o rancho depois do acidente. Eu gostava de ir a um lugar onde pudesse pensar. Longe da cidade e... das pessoas.

– Você tem cavalos?

Ele assentiu, sem tirar os olhos da estrada em momento algum.

– Sim. Só que não ando neles.

– Não?

– Não.

– Imagino que você tenha funcionários para fazerem isso, não?

– Claro que sim. E você sabe o quanto Selena gosta de cavalos.

– Eu lembro. Ela não deve ser mais adolescente, não?

Hannah lembrou-se da irmã mais nova dele, de suas longas pernas e de seus cabelos brilhantes. Selena tinha quinze anos da última vez em que ela a vira, e estaria com vinte agora. Uma mulher, não uma menina.

– Não, não é.

– É estranho, porque não sinto como se tivesse passado tanto tempo assim... Bem, de algumas formas, sim. Há momentos em que parece que isso fazia parte de uma outra vida. E como se eu estivesse numa dimensão alternativa agora.

– Imagino que seja bem possível. Talvez eu também esteja. E vá acordar com uma tremenda de uma dor de cabeça e a memória restaurada.

– Bata os calcanhares e diga que não existe lugar como o nosso lar.

– *Qué?*

– Dorothy. *O mágico de Oz*. Você não conhece esse filme? Todo mundo conhece esse filme.

Ele balançou a cabeça.

– Eu vi o filme... não me lembrava da referência.

Um silêncio inquieto caiu entre eles, e ela sentiu um nó na barriga quando se deu conta do significado do que ele dissera.

– Se eu batesse os calcanhares e dissesse isso, me pergunto onde eu iria parar... Provavelmente no meio do nada.

– Você não tem um lar?

– Agora mesmo tenho um apartamento em São Francisco. Mas será que é meu lar? Não sei. – Ela baixou o olhar para suas mãos. – Às vezes eu acho que seria uma bênção ter um pouco de perda de memória.

– Foi ruim assim?

Ela pensou em como foi sentir o bebê se mexendo dentro dela. No momento do parto. Em ter de desviar o olhar quando a enfermeira o levou para fora do quarto para não ter tempo de memorizar aquele rostinho perfeito e minúsculo, mas que memorizara mesmo assim.

Ela tentou respirar para tirar o aperto do peito.

– Algumas coisas são realmente tão ruins assim.

– Eu me esqueci de muitas coisas desimportantes. Mas não sei se realmente não têm importância. E isso é o pior. A gente não tem certeza se esqueceu de algo trivial ou vital. Muitas vezes não tenho certeza de que realmente esqueci alguma coisa. Eu posso negligenciar um documento importante e nunca, nem ao menos uma vez, ter aquela sensação de que deveria ter feito alguma coisa com isso, sabe?

Ela redirecionou seus pensamentos, trancando a porta de suas memórias, de suas emoções.

– Você estabeleceu alertas?

– De que tipo?

– Você pode fazer isso no celular, no computador. Pode sincronizar os alertas para ser lembrado das coisas que precisam ser feitas.

– Eu não me esqueço de tudo.

– Sei disso, mas você nem sempre sabe do que vai se esquecer, não é? Então tem de estar disposto a colocar seu orgulho um pouquinho de lado e cobrir suas bases. Isso não afeta sua imagem máscula.

– Afeta, sim – ele grunhiu.

– Eduardo. – Ela soltou um suspiro. – Deixa disso.

– Deixar o quê? De ser eu mesmo? Sou tão maravilhoso!

Ele sorriu para ela e, por um instante, o peso nela diminuiu. Pelo restante da viagem, eles ficaram falando de tópicos neutros, evitando assuntos pessoais.

Quando eles chegaram lá, ela viu grandes portões de ferro que isolavam a propriedade do resto do mundo. Eduardo usou um aplicativo no celular para digitar o código e os portões abriram-se.

– Uso letras no meu código de segurança – disse ele ao entrar com o jipe.

– Eu me lembro mais facilmente de letras. Não sei ao certo por quê.

– Nem eu. Teria de ler um pouco sobre o assunto.

A casa ficava nos fundos da propriedade, mais perto do oceano, com janelas do chão ao teto, refletindo o sol. A casa era angulosa e moderna, com tradicional estuque branco e um telhado de telhas vermelhas. Uma mistura de velho e novo, bem como o dono.

– Que bonito! Silencioso também aqui.

– Longe dos barulhos. Por um tempo, precisei muitíssimo disso. As coisas estão melhores agora...

– Que bom.

– Ainda prefiro ficar aqui. Sozinho.

– Isso não é típico de você. Você costumava me arrastar para festas o tempo todo. Com música alta onde raramente conversávamos com alguém. E, se eu não fosse, você ia sozinho.

– Não faço mais isso agora.

Ele apertou outro botão no celular e a porta de uma grande garagem abriu-se.

– Bem tecnológico tudo isso.

– Facilita minha vida.

– Podemos pensar em ainda mais formas de facilitar sua vida assim. Por que você não procurou alguém em relação a isso antes?

O corpo dele ficou tenso.

– Procurei médicos.

– Eu sei, mas você procurou programadores ou alguém com uma lista de seus problemas específicos? Tenho certeza de que existem alguns simples...

– Não. Não quero que o mundo saiba disso. Não quero parecer um idiota.

– Ele olhou nos olhos dela, depois olhou para suas próprias mãos. – Diga-me uma coisa, Hannah.

– O quê?

– Por que eu ia a essas festas? Por que eu gostava delas? Agora elas me parecem barulhentas... e confusas...

– Eduardo... eu... – Ela inspirou. – Você gostava de estar cercado de pessoas. Gostava que o vissem. Você comandava os ambientes e... gostava muito disso.

– Ainda não consigo... sentir isso.

Ele pulou então a parte do cavalheirismo, saiu, bateu a porta do jipe e foi direto para a casa, sozinho. Ela saiu depois dele e entrou na casa também.

Hannah ganhava bem, mas o luxo da família Vega era superior à sua versão diária de luxo.

Vistas do oceano, campos intensamente verdes, montanhas, pisos de mármore e uma grande escadaria curva.

– Eduardo... vou me perder nesse palácio sem um guia.

Ela estava determinada a mudar de assunto. A ignorar a dor em seu peito. A dor dele.

– Vou lhe mostrar os arredores. Meus empregados deixarão suas malas no quarto mais tarde.

Ela não gostava daquele brilho nos olhos dele. Tinha a sensação de que ele estava prestes a fazer algo que a deixaria com raiva.

– Você está com ares de quem está se divertindo, Eduardo, e isso não é um bom presságio. Você vai me mostrar a casa, mas... o quarto?

– Sim. O quarto. Nosso quarto.

Era por isso que os olhos dele brilhavam.

– Como assim... nosso quarto?

– Estamos tentando vender a ideia de uma reconciliação aqui, não podemos dormir em quartos separados!

– Você... seu...

– Relaxe, *querida*, usaremos quartos que se conectam um com o outro. Não vou tentar forçá-la a dividir uma cama comigo. Ainda assim, teremos de tomar cuidado para que não desconfiem que você não está dormindo comigo.

Ela fez uma careta para ele.

– Você fez isso só para me deixar furiosa.

– Tenho de confessar que é uma das minhas poucas alegrias, ver o rubor em suas bochechas. Adoro vê-la perdendo o controle.

– Não perdi o controle. Você não é capaz de me fazer perder o controle – disse ela, percebendo que soava infantil e a ponto de descontrolar-se.

Ele riu e virou-se.

– Se você está dizendo...

Ele mostrou a ela os dois quartos, e mesmo a suíte dela sendo menor, era impressionante, com paredes brancas, piso de mármore bem clarinho e tapetes felpudos e... cor-de-rosa.

– É tão... cor-de-rosa – disse ela, odiando um pouco o quanto era perfeito.

Uma bolha de risadinhas formou-se em sua garganta quando ela percebeu que ele provavelmente achou que ela odiaria o cor-de-rosa. Isso porque ele não vira seu bolo cor-de-rosa de casamento nem os laços nas cadeiras da mesma cor. Ele nunca vira os pratos cor-de-rosa em sua cozinha, nem o jogo de cama da mesma cor que Hannah tinha no quarto.

– Acontece que amo cor-de-rosa – disse ela, abrindo um doce sorriso. – Meu quarto, quando eu era adolescente, era muito... – Sujo. Escuro. Depressivo. – Não era do meu gosto, e eu costumava sonhar com a decoração do meu próprio lugar com o máximo de feminilidade e firulas, como eu gostava. Assim que me foi possível, fiz isso. Nunca deixei de gostar disso, desde então.

– Eu jamais imaginaria...

– Duvido que alguém imaginaria isso, mas minha vida não é um livro aberto.

– Notei...

– Agora você conhece meu segredo mais profundo e mais sombrio: por trás da minha fachada, tenho uma quedinha por frufus.

Ela gostou de tê-lo pego desprevenido. Não era muito, mas ela sentia prazer com isso.

– Interessante.

– Vivo para ser interessante para os outros.

– Disso eu duvido.

– Você está certo. E não me importo o bastante com o que as pessoas pensam.

Isso também não era verdade. Ela gostaria que fosse.

– Quantos fios têm os lençóis?

– Eu não me lembro do Mágico de Oz, acha que vou me lembrar disso?

Ela abriu um sorriso relutante.

– Certo, vou ler as etiquetas depois.

– Acho que minha mãe e Selena vão chegar logo. Se quiser se vestir para o jantar...

– Alguma coisa errada com a roupa que estou usando?

– Você não tem nada mais casual?

– Pijamas cor-de-rosa.

– Certo, bem... mas você não pode usar isso para o jantar.

– Sim, tenho outras roupas.

– Que bom. Vou mandar subirem com suas coisas. Hannah, tente relaxar.

Você pode pensar nisso como férias.

CAPÍTULO 7

– NÃO TIRO férias.

Eduardo virou-se e viu Hannah com um vestido preto na altura do joelho, os cabelos soltos, caindo em cascata por seus ombros, numa onda elegante, batom vermelho.

- Por que não fico surpreso com isso?
- Ouvi dizer que você também não tira mais férias.
- Com frequência eu trabalho daqui.
- É mais fácil? Menos distrações...

Ele assentiu devagar. Ele nunca viu as coisas assim. Agora ele gostava da quietude, quando antes amava o ritmo frenético da cidade. Gostava de ficar acordado até tarde, sempre cercado de constante movimento e alta energia.

Não agora. Agora ele gostava de conforto. Privacidade. Ordem. Sem ordem, seu cérebro era um completo caos.

– Imagino que sim, e é bom para evitar as pessoas me encarando. Playboy rico, vítima de um acidente infeliz e horrível etc.

- As coisas só estão diferentes...

Hannah não estava olhando para ele com pena, longe disso. Ela parecia desdenhar dele, mas também acreditava nele. Não por obrigação, nem por importar-se com ele. Apenas... porque sim.

Você é tão fraco assim a ponto de precisar de validação de uma mulher que ficaria feliz em cuspir em você?

Não, não era. Ele era Eduardo Vega, e, algum dia, haveria de lembrar-se completamente disso. E do que isso significava.

Ele ouviu um motor, os pneus no cascalho.

– Elas chegaram. Está na hora de bancarmos o casal adorável.

– E trocamos farpas – grunhiu Hannah, pondo-se ao lado dele.

Ela manteve uma linha de espaço entre os corpos deles dois. Não queria encostar nele, e isso o incomodava.

Porque precisava ficar confortável com ele se fossem parecer um casal que estava se reconciliando.

Ele deslizou um dos braços em volta da cintura dela, que ficou rígida por um instante, antes de relaxar.

– Elas ainda acham que nosso casamento é de verdade. Lembre-se de que estamos delirando de felicidade por estarmos juntos de novo.

– Deveríamos tomar nota disso – sussurrou ela. – Vivo esquecendo.

– Não... nós dois não podemos esquecer as coisas, Hannah, senão estaremos seriamente encrencados.

Ele sentiu o corpo dela se mexendo com a risada que ela soltou.

– Melhor assim – disse ele.

Hannah preparou-se para a invasão da família dele. Não seria fácil. Tanto ela quanto Eduardo mentiram para elas. Ambos mereciam um pouco de desprezo, mas é claro que só ela teria isso.

A porta abriu-se, Carmela, e depois, Selena, entraram. Ambas estavam vestidas num estilo *flamboyant*, ainda que sofisticado, o visual completo, com luvas até os cotovelos e chapéus com largas abas.

– *Hola*, Eduardo – disse Selena.

Eduardo soltou Hannah e inclinou-se para a frente, abraçando a irmã.

Selena olhou para Hannah como se não soubesse ao certo como recebê-la nem o que dizer. Hannah sentia-se meio que como ela.

Carmela ficou hesitante.

– Olá – disse Hannah. – Que bom ver vocês de novo. Fico... feliz em estar de volta. De estar aqui com Eduardo e vocês duas.

– Se ele está feliz com você, então também estamos – disse Carmela, rígida. – Não falaremos mais sobre o assunto. Sem raiva. Vamos, estou

faminta.

Todos eles seguiram então até a sala de jantar.

– Não consigo acreditar que você esteja me forçando a fazer isso com sua família, Eduardo – disse Hannah, soltando o ar contido. – De novo. Como você se olha no espelho?

– Ajuda o fato de eu mal reconhecer o homem que vejo no espelho. Estou fazendo o que deve ser feito. Não posso fracassar.

E ela sabia que ele estava falando dele mesmo. Sobre provar que ele era o mesmo homem de antes, embora estivesse claro que isso não era verdade. Ela lembrou-se dele falando no carro sobre seu desejo de entender quem ele era. O desejo de transformar-se.

Ela sabia e entendia como era isso. Vivia isso todos os dias. A necessidade de ser mais do que ela era. Enquanto ela temia voltar a ser o que fora antes, ele temia que nunca mais seria o mesmo.

– Não deixarei você fracassar – disse ela, a promessa vindo de seu âmago, com emoções que ela não sabia que tinha.

Ele assentiu, envolveu a cintura dela com o braço e guiou-a até a sala de jantar.

HANNAH IMERGIU lentamente na água cálida da banheira de hidromassagem, seus músculos tensos protestando contra a tentativa de relaxamento forçado.

Estar estressada, o que era um estado normal para Hannah, que raramente se dava conta disso, mas agora sabia muito bem que estava estressada. O jantar com a família de Eduardo tinha sido difícil. Ir para o quarto deles, sabendo que haveria especulações, foi ainda pior. Por esses motivos, às onze horas, ela desistira de qualquer esperança de dormir, mesmo em sua cama de princesa, e pegou o maiô.

Ela realmente precisava de férias. Mas não ali. Não com Eduardo. Ela pensou em Zack. Era bizarro o quanto não sentia falta dele. Estava começando a ficar realmente grata porque não tinham se casado.

Ainda assim, ela sentia-se mal, e acabou mandando uma mensagem de texto para ele de seu celular.

Poucos minutos depois, recebeu uma mensagem em resposta.

Tudo bem. Estou com a Clara.

Clara era a melhor amiga de Zack e sua parceira de negócios. Hannah sentira ciúmes dela em algumas ocasiões. Bem, ele levava Clara para onde eles passariam sua lua de mel, prova de como ela era especial para ele.

Talvez... eles tivessem se tornado mais do que amigos? Ajudaria se Zack encontrasse outro alguém. Alguém melhor que ela.

Estão se divertindo?

A resposta dele veio um instante depois.

Mais do que imaginei.

Ela viu-se sorrindo.

Espero que você esteja feliz. Mais do que seria comigo.

Ela hesitou, mas enviou a mensagem. E recebeu logo uma resposta.

Seja feliz também.

Ela riu.

Ok.

Ela enviou a mensagem e pôs o celular de lado. Feliz. O que era felicidade? Ela sempre pensou que seria feliz quando saísse de Arkansas. Quando ficasse longe do momento em que seu bebê fora entregue a outra mulher. Quando fosse cada vez mais bem-sucedida financeira e

profissionalmente. Nada disso parecera ser o bastante. Ela nunca pareceu chegar perto de ser feliz.

– Você nunca dorme?

Hannah virou-se e viu Eduardo ali parado, com short de banho preto, o peito desnudo. Ela quase engoliu a língua. Ele era o homem mais bonito que ela vira na vida. Peitorais bem-definidos, com um pouquinho de pelos escuros aqui e ali. O abdômen dele... seria divino passar os dedos por aquelas ondas de músculos. Só os dedos, não. Talvez a língua também.

Ugh! De onde vieram esses pensamentos?

– Não durmo muito – disse ela.

– Nem eu.

Ele entrou na banheira com ela, a água cobrindo suas coxas musculosas, seus quadris esguios, até o umbigo. Não que ela estivesse olhando, fascinada. Não!

– Bem, sempre fico no alerta vermelho. Pensando em tudo que tenho de fazer no trabalho, coisas do gênero.

– Pensando em seu ex-noivo?

– Na verdade, acabei de trocar mensagens com ele. Ele levou outra mulher para onde passaríamos nossa lua de mel, então ele está bem.

– Isso não a incomoda?

– É uma amiga dele. Se não for só amizade... bem, meio que espero que seja mais que amizade. Quero que ele seja feliz.

– E a ideia de seu ex-amante com outra mulher não... não a deixa com raiva?

– Zack nunca foi meu amante.

– Acho difícil acreditar nisso.

– Imaginei. Por isso nunca o corrigi antes. Mas é verdade.

– Por quê?

– Não estávamos apaixonados. Não queria que ele me usasse. Então imaginei que não haveria perigo em esperar até depois do casamento.

Não era totalmente mentira, mas ela não tinha de dizer a ele toda a verdade sobre sua vida sexual.

– Não acredito nisso, Hannah. Você não parece o tipo de mulher que poderia ser usada. É muito durona e tem jogo de cintura.

– Por que você acha que não dormi com ele então?

– Você gosta demais de controle. Deixá-lo esperando lhe dava controle.

– Talvez um pouco, mas não do jeito como você acha...

– Eu entendo isso de querer controle, Hannah. Você dificilmente tem de se justificar para mim.

– Sinto como se tivesse de me justificar, sim, quando você me olha desse jeito. É seu superpoder. Nunca me justifico para mim mesma, mas, com você, faço um pouco disso.

– Que pena que é um superpoder inútil para mim.

– Obrigada – disse ela, abrindo um grande e falso sorriso para ele, que suspirou e sentou-se na banheira.

Hannah estava do outro lado, e sentiu-se ainda mais quente. Sentiu como se estivesse perto demais dele.

– Então. Sua mãe disse coisas terríveis sobre mim a você pelas minhas costas?

– Ela, ela só me disse para ser feliz. Como disse na sua frente.

Hannah soltou um suspiro.

– Ela é uma pessoa melhor que eu. Eu me odiaria se fosse ela.

– Se alguém fizesse isso com um filho seu?

– Eu... nunca vou saber como é isso. Não quero filhos.

Ela soava levemente em pânico, mas não queria pensar nisso. Nem falar sobre isso.

– Você já disse isso.

– E estou dizendo de novo – disse Hannah defensiva.

– Quem machucou você, Hannah?

Ele parecia o anjo da morte ali, tentando confortá-la em relação ao que ela mais temia.

– Já disse. Meus pais...

– Não é isso – disse ele, aproximando-se dela. – O que aconteceu?

Ela não aguentava... A preocupação no rosto dele, em seu tom de voz. A dor que isso causava em seu coração.

– Por que diabos você se importa? Nem vai se lembrar disso daqui a pouco.

Os olhos dele ardiam como se estivessem em chamas. Raiva. E algo mais. Ela podia lidar com a raiva; era o algo mais que a assustava.

Ele ergueu o queixo dela.

– Por que você faz isso?

– O quê?

– Solta os cachorros para cima de mim. Você faz isso quando chego perto demais?

– O que você quer dizer com isso?

– Eu vi como você pode ser agradável. E então você ergue os escudos e entra no modo de ataque. Acho que é quando me aproximo da verdade. E isso a assusta.

Ela queria negar, mas não tinha como, por dentro ela tremia. Mas era muito mais fácil sentir raiva do que medo. E afastar alguém era mais fácil quando era malvada.

Ela pressionou as costas junto à parede, tentando aumentar o distanciamento entre eles.

– Talvez eu apenas não seja uma pessoa legal. Já pensou nisso?

– Não creio que esse seja seu caso, nem seu problema.

– Talvez você só não seja bom em sacar as pessoas.

Ele balançou a cabeça em negativa.

– Esse é um dom interessante, ou melhor, um efeito colateral dos danos do meu acidente. Como não vivo cercado de tantos ruídos, tenho mais tempo e mais do que uma habilidade de olhar com atenção para as pessoas que me cercam. Você não é má, Hannah. Você tem medo. A pergunta é: do quê?

– Não tenho medo de nada – disse ela com o coração na boca, mentindo. Suas mãos tremiam, seu corpo tremia. Mas ela não podia deixar que ele ganhasse. Que visse qualquer fraqueza nela. Ele não poderia vê-la realmente.

– É mesmo?

Ela abaixou a cabeça, roçando os lábios dele com os seus. Ele envolveu-a com o outro braço, a mão estirada sob as omoplatas dela. Ela envolveu o

pescoço dele com os braços e inclinou-se para baixo, aprofundando o beijo o tanto quanto conseguia nessa posição.

O cérebro de Hannah gritava que ela estava cometendo um erro. Trilhando um caminho perigoso.

Seu corpo reclamava que ela não estava indo rápido o bastante.

Tudo, a conversa que eles tiveram antes, o motivo por trás das ações dela, estava envolto naquela névoa entre eles, brumas que pareciam envolvê-la, protegendo-a numa neblina abençoada onde tudo que importava era a sensação do corpo dele junto ao seu, a sensação da boca dele cobrindo a sua.

Ele baixou devagar a mão, segurando na curva das nádegas dela, descendo por sua coxa, puxando-a com gentileza. Ela posicionou-se de forma a montar nas pernas dele, a rígida ereção dele tentadora entre os dois.

Ele puxou-a com força para junto de si, e ela jogou a cabeça para trás, enquanto ele beijava seu pescoço, sua clavícula. A boca dele tão quente em sua pele molhada, aquecendo-a onde o ar noturno a havia deixado com frio.

– Ah, sim – disse ela, embalando-se junto a ele, buscando o prazer que ela sabia que ele lhe proporcionaria. Prazer superior ao de qualquer experiência sexual que tivera antes.

Hannah poderia perder-se em Eduardo. Abraçar a paixão. O momento. A necessidade de tê-lo a fundo dentro dela, penetrando-a a fundo, espelhando as ações de sua língua.

Ela queria render-se. A seus sentimentos. Às necessidades de seu corpo. A ele.

Queria abrir mão de seu controle.

Até que foi tomada pelo pânico, e empurrou o peito dele, tentando soltar-se de seu abraço. Ele soltou-a devagar, confuso. Ela foi para trás, espalhando água em volta deles, e saiu da banheira.

– Não, isso não vai acontecer – disse ela, tomada pelo pânico, que zombava dela. Lembrando-a de que ela não era corajosa, de que não era diferente. De que, caso se soltasse, ela revelaria quem realmente era. Aquela garota tola, necessitada. Pronta para abrir mão de tudo para que alguém prestasse atenção nela por um minuto. Por umas horas. Esquecendo-se do que queria, de sua autoestima, de seu respeito próprio. Controle.

– Não. Não vou para a cama com você.

– Oh, então o que foi isso? Outro esforço seu de controlar um homem?

Hannah sentia suas defesas desfazendo-se, como se toda sua armadura estivesse derretendo-se com o calor do toque de Eduardo. E ela não poderia permitir que isso acontecesse.

– Talvez eu estivesse errado, Hannah, procurando por mais onde não existe.

– Eu disse isso a você.

Ela virou-se e pegou uma toalha de uma das cadeiras do lounge, envolvendo seu corpo com ela, uma barreira física, na ausência de uma muito necessária barreira emocional.

– Disse mesmo. Só que entenda uma coisa: não sou como seu ex... Comigo você não vai brincar.

– Me deixe.

Ela girou os calcanhares e saiu dali, deixando uma trilha de pegadas molhadas atrás de si. Ela subiu a escada, com a toalha bem presa em volta do peito. Abriu a porta de seu quarto e fechou-a, apoiando-se nela. Então ela levou a mão à boca e abafou um soluço mesclado com choro. Ficou de joelhos, com o corpo tremendo enquanto rendia-se às lágrimas pela primeira vez em muitos anos.

EDUARDO BATEU à porta do quarto que se conectava com o de Hannah. Ele tinha a sensação de que se arrependeria de ver como ela estava. Ele não deveria importar-se com como ela estava se sentindo. Ela brincou com ele. Tentara usar o corpo para controlá-lo. Ela o insultou.

E, ainda assim, ele ainda não acreditava que isso era ela, nem que ela estava sendo genuína. Hannah estava com medo. Não apenas quando ele lhe perguntou sobre seu passado. Também quando se beijaram. Com medo da paixão que se incendiou entre eles.

Ele sentia-se selvagem, não como se fosse ele mesmo, quem quer diabos ele mesmo fosse. E, olhando para Hannah, tocando-a, ele não se refreou. Foi levado a um lugar totalmente diferente. Sabia o que queria. E, por ora, querer alguma coisa, precisar... isso era o bastante.

Ela não respondeu. Ele soltou um grunhido e abriu a porta sem esperar por uma resposta.

Ele viu-a, sentada, encostada na parede, os joelhos junto ao peito, a cabeça abaixada. Hannah parecia uma boneca quebrada.

– Hannah? – disse ele, com uma pontada de dor no peito.

Ela levantou a cabeça, e ele viu as lágrimas brilhando em suas bochechas, iluminadas pelo luar. Ela limpou-as e disse:

– Vá embora.

Ele deu um passo na direção dela. Ele não sabia o que o compelia quanto a Hannah. Uma parte dele não podia fugir, parte esta que ele não conseguia esquecer.

Ele não tivera nenhum desejo sexual focado em ninguém desde o acidente.

Todavia Hannah, a durona que gostava de cor-de-rosa, que agora estava sentada no chão, molhada, ainda com seu maiô, sem armadura, parecendo que ia desfazer-se se ele encostasse nela... ela o atraía.

Ele ficou fascinado por ela logo que se conheceram. Uma garota de classe baixa, beligerante, determinada, que subira na vida do zero, com unhas e dentes, só para conseguir estudar. Tentar mudar sua vida. Mas o fascínio havia mudado. Era diferente agora. Mais profundo.

– Você está bem? – ele perguntou a ela.

Hannah forçou-se a sair do chão e ficar em pé. Ele esperava que ela gritasse com ele. Que o insultasse. Porque a pegara num momento de vulnerabilidade, e era isso que ela fazia quando ele via uma rachadura na armadura dela.

Em vez disso, ela apenas se endireitou, seus cabelos loiros caindo sobre seu ombro em ondas, erguendo o queixo. Hannah era como uma rainha orgulhosa, que nunca reconheceria o que ele havia acabado de ver. Ela fingiria estar acima disso, acima dele, se tivesse de fazer isso para se proteger. Seguramente trancada em sua torre de marfim.

– Claro que sim.

Nunca aceitaria empatia da parte dele, e ele não gostava de vê-la quebrada.

- Você me deve um pedido de desculpas, Hannah.
- Pelo quê?
- Você me insultou. Boas maneiras ditam que você deve desculpar-se comigo.
- Mas não vou fazer isso.
- Talvez eu possa fazer você mudar de ideia.
- Duvido.
- Eu não.

Hannah sugou o ar a fundo, tentou erguer uma barreira entre si e a sombria sensualidade que Eduardo irradiava. Ela odiava a forma como ficava abalada com ele por perto. Com o quanto seu corpo ansiava pelo dele. Ela não fazia sexo havia nove anos. Patético, mas verdade. Tudo por causa de medo. Por temer que, se em algum momento se permitisse perder o controle, descobrir que nunca mudara. Por isso ela soltava os cachorros para cima dele. Por isso fugia dele. Ela odiava o medo.

Ela caíra durante anos em sua própria mentira da força. Encontrara alguém que não a desafiara, que não mexia profundamente com sua sexualidade, que não tentava descobrir seus segredos. E assim ela conseguira fingir que nunca fora Hannah Mae Hackett. Adolescente grávida, que abandonou a escola... fraude.

Com Eduardo, ela não podia fingir.

Com Eduardo, não conseguia esconder o medo que tinha de si mesma. Isso tinha de acabar.

Ele esticou a mão e envolveu o pulso dela com os dedos.

- Não me teste, Hannah, de novo, não. Não estou de brincadeira. Se for me beijar, é melhor que pretenda seguir em frente...

- Ou...?

Ele riu.

- Eu nunca machucaria você. Nunca a forçaria a ficar comigo. Mas também nunca mais deixaria que você colocasse as mãos em mim de novo. Se virar as costas agora, nada vai acontecer entre nós.

- Não pretendo fazer isso.

- Então por que fez antes?

– Porque essa é uma ideia muito ruim. Achei que deveria cair fora enquanto podia.

Se fizesse isso agora, seria por medo. Mas se o beijasse... Ela o pegaria desprevenido. Enquanto ainda estava no comando.

Ele virou a mão dela e beijou embaixo de seu pulso, sem desviar o olhar sombrio dos olhos dela.

– Por que não me beija?

– Por que não me pede desculpas?

Ela riu nervosa.

– Eu poderia lamentar ainda mais se você simplesmente me desse o que estou pedindo.

Ele hesitou por um instante. Então abaixou a cabeça clamando a boca de Hanna com a sua, com ferocidade. Ela deslizou as mãos pelo peito desnudo dele, sentindo seus músculos sob suas palmas. Ela nunca tocara num homem como Eduardo. Nunca estivera com um homem de verdade. Ele era tão masculino, tão perfeitamente formado. Ela sentiu sua respiração ficando curta e inspirou para estabilizá-la. Para impedir-se de perder a cabeça... de perder o controle.

Ele a desejava; ela podia ver a fome em seu rosto esguio. Ela estava no comando. Ele levou as mãos pela cintura dela acima, beijando-a profundamente, passando as mãos por baixo de seus seios. Ela soltou um gemido na boca dele, cuja resposta reverberou no peito dele.

Ele deslizou as mãos mais para cima, segurando os seios dela com as mãos em concha e provocando seus mamilos. Uma dose de calor líquido e puro foi despejada no âmago dela, que colocou as mãos no traseiro dele, puxando-o mais para junto de si, sentindo a pressão da ereção dele em seu quadril.

Ele segurou nas tiras do maiô dela e puxou-o para baixo, beijando o ombro dela, expondo seus seios.

– Ah, sim, tão belos – disse ele, com a voz rouca.

Ele abaixou a cabeça, acariciando o mamilo dela com a língua, sugando-o a fundo em sua boca. Ela ergueu uma das mãos, segurando os cabelos dele

com a mão cerrada, puxando-o para si. Ele baixou a outra tira do maiô, expondo seu outro seio, e voltou sua atenção para ele.

Ela cerrou os olhos, com a plena intensidade do desejo impossibilitando que se mexesse. Que respirasse. Que fizesse qualquer coisa que não fosse apenas ficar ali e deixar que ele cuidasse de seu corpo.

Quando ele puxou totalmente o maiô dela, ela foi tomada por um lampejo de pânico. Mas estava escuro. Ele não veria. Não notaria as linhas brancas e lustrosas em sua barriga.

E se visse, isso não queria dizer que ele saberia o que eram.

Ele sugava com mais força o seio dela enquanto provocava o outro com o polegar e depois ele ergueu a cabeça e beijou-a na boca de novo.

– Sim, sim – repetia ela, várias vezes, uma atrás da outra.

Ela lembrava vagamente que deveria assumir o controle, que isso provaria que não tinha medo, que podia dominar a necessidade que sentia por ele, e fazer com que ele comesse na sua mão. Ela esticou a mão entre eles e tocou nas coxas dele, movendo a palma sobre o pênis ereto dele.

Ela foi tomada por um leve tremor de medo. Fazia muito tempo... E nunca fora com um homem como ele.

– Eu... você tem camisinha? – ela perguntou.

– Só um instante.

Ele levantou da cama e saiu do quarto. Ela reclinou-se junto aos travesseiros. Um pouco da névoa da excitação desfez-se sem ele ali, tocando-a e beijando-a.

Era tarde demais para desistir agora, e se fizesse isso seria por medo, o que ela não haveria de permitir.

Entretanto ela estava retomando o controle. Não estava deixando que ele a transformasse num zumbi movido pelo prazer. Ele voltou um instante depois, com uma caixa na mão.

– Estava no banheiro. Tenho empregados conscientes.

– Você não sabia que elas estavam lá?

– Não precisei delas...

Ele tirou um pacote de camisinha de dentro da caixa. E então ela esqueceu-se de perguntar por que ele não tinha precisado delas.

Ele entregou a camisinha a ela, que se pôs de joelhos, engoliu em seco e enganchou os dedos no cós do short dele, puxando-o para baixo. Depois de tirá-lo, ela segurou a ereção dele, deliciando-se com a pele quente, sedosa, enrijecida. Ela apertou-o de leve, e ele gemeu de satisfação. Ele deixou a cabeça ir para trás, e ela sentiu-se poderosa. Destemida. Ela abaixou a cabeça e passou a ponta da língua pelo pênis dele, sua barriga ficando apertada com o desejo quando ele levou a mão a sua cabeça, embrenhando os dedos em seus cabelos. Ela explorava-o com a língua e ele apertou sua pegada nela, fazendo com que parasse de se mexer.

– Não posso – disse ele com a voz rascada. – Estou quase lá.

Ela ergueu a cabeça, satisfeita por estar no comando. Ela colocou a camisinha nele, depois endireitou-se e envolveu o pescoço dele com os braços, beijando-o e puxando-o para si.

– Ainda não – disse ele, abaixando a cabeça de novo, beijando os seios e a barriga dela. Então ele abriu suas coxas com gentileza, com a língua quente e inesperada no âmago dela.

A respiração dele estava quente na pele sensível dela, seus lábios pairando acima dela.

– Eduardo...

– Agora me peça desculpas, Hannah.

Ele beijou a parte interna da coxa dela e o corpo de Hannah estremeceu.

– Não.

Ele provocou o clitóris dela de leve com a língua, só uma provocação. Nada mais.

– Você quer gozar ou não?

– Seu... calhorda – disse ela arfante.

Ele riu.

– Isso não parece um pedido de desculpas.

– E não era.

Ele deslizou o polegar pela carne molhada dela, entre as pernas. Ela segurou nos ombros dele... o toque dele foi efêmero.

– Toque-me, droga!

– Não até você me pedir desculpas.

Os músculos dela tremiam, seu corpo implorava para que sua língua simplesmente dissesse as palavras. Ela precisava gozar. Precisava dele. Que se danasse o controle.

– Desculpe-me.

Ele abriu um sorriso malicioso e abaixou a cabeça, operando magia com a língua nela enquanto deslizava um dedo para dentro do corpo dela.

– Ah, sim – disse ela bem baixinho.

Nenhum orgulho no mundo faria com que perder isso valesse a pena.

Com as mãos e a boca, ele voltou totalmente sua atenção para ela. Um segundo dedo juntou-se ao primeiro e a tensão que havia nela dissipou-se, estilhaçando-se como se fossem um milhão de estrelas reluzentes. Não havia no que pensar; não havia nada senão a intensidade cegante do orgasmo dela.

Quando Hannah retornou à terra, ele estava acima dela, com seus olhos escuros focados nos dela. Ele afastou os cabelos de sua testa molhada de suor, com a mão trêmula. Prova de que ele não tinha tanto controle quanto parecia.

– Agora – disse ele.

Ele colocou a mão na coxa dela e ergueu-a para que a perna dela se enganchasse em seu quadril. Ele penetrou-a com facilidade, preenchendo-a.

Ela segurou-se com força nos ombros dele, afundando as unhas em sua pele. Ele começou a mexer-se, penetrando-a com força, mas de forma controlada e perfeita. Ela movia-se junto dele, acompanhando seu ritmo. Ondas de calor incandescente lavavam-na toda vez que seus corpos se conectavam. Ela não achava que seria possível sentir tanto tesão tão rapidamente de novo.

Mas sentia. Ansiava pelo orgasmo.

A respiração dele estava quente em seu pescoço, rápida e dificultada. Ela virou-se e beijou a bochecha dele, e ele virou-se também, beijando-a na boca, um tremor passando por seu corpo enquanto ela deslizava a língua junto à dele.

– *Dios*, sim – disse ele.

A natureza controlada das penetrações dele mudou de ritmo, dando lugar ao desespero, à necessidade maníaca que também tomava contra dela,

exigindo o orgasmo novamente.

Ele penetrou-a uma última vez, seus músculos ficando rígidos, seu corpo inteiro paralisando-se enquanto ele chegava ao orgasmo, soltando um gemido selvagem. Ela flexionou-se junto a ele, as ondas de seu próprio orgasmo e prazer lavando-a. Ele estava tão a fundo dentro dela, tão conectado com ela e, naquele momento, isso era tudo que importava.

A respiração dele estava dificultada, seus músculos tremiam. Então ele separou-se do corpo dela e puxou-a para perto de si, as nádegas dela curvando-se junto ao corpo dele, a mão dele em sua barriga.

Eles não falaram nada por um bom tempo; os únicos sons no quarto eram das respirações alquebradas de ambos. Ele enrolou um cacho dos cabelos dela no dedo, e o toque era confortante, estranhamente quase tão íntimo quanto o sexo.

Em algum momento, em breve, ela poderia sentir-se humilhada por ter cedido tanto a ele, e tão rapidamente.

Mas não agora.

– Não me esqueci de como se faz isso – disse ele por fim, ainda sem fôlego.

Ela riu.

– Como assim?

– Você é a primeira mulher com quem faço sexo desde o meu acidente. Imagino que eu tenha sido fiel aos votos do nosso casamento esse tempo todo – disse ele, com uma nota estranha na voz.

Contrariando seu instinto, ela não arruinou o momento. Não quebrou o feitiço da intimidade tecida em volta deles. Amanhã ela poderia afastá-lo. As coisas poderiam voltar a ser como antes. Mistério resolvido. Tensão sexual partida.

– Eu também.

– Você também o quê?

– Fui fiel a nossos votos de casamento. Não estive com ninguém desde nosso casamento.

– E você nem mesmo sabia que ainda estávamos casados... – disse ele.

– Não, mas imagino que tanto eu quanto você tínhamos nossos motivos para não nos envolvermos fisicamente com ninguém.

Coisa estúpida a se dizer, porque ela não queria falar de seus motivos.

– Nunca tive tempo. Nem desejo. Eu não quis ninguém de verdade desde o acidente. Estava ocupado demais lambendo as minhas feridas.

– E nessa noite você me lambeu – disse ela, injetando um pouco de frivolidade completamente inapropriada na conversa.

Ele riu e rolou-a debaixo dele, beijando seus lábios.

– Tenho de cuidar das coisas.

Ele saiu da cama e foi até o banheiro. Ficou olhando para a forma masculina e perfeita da bunda dele. Sem dúvida, Eduardo era lindo.

Ele voltou um instante depois, com a expressão tempestuosa.

– Temos um problema.

CAPÍTULO 8

– O QUÊ?

Hannah puxou as cobertas para cima de seus seios, e ele sentiu uma pontinha de arrependimento.

– A camisinha rasgou. – Isso nunca aconteceu com ele antes. – Você está tomando pílula?

Ela ficou hesitante.

– Não... Quero dizer, não precisava tomar. Mas as chances são tão baixas... Um pouquinho de sêmen...

– Carrega milhões de espermatozoides!

Ela encolheu-se.

– Mas...

– Mas é o bastante para causar um acidente.

– Obrigada pela aula de biologia.

– Estou sendo realista.

– Ninguém é tão azarado assim.

A raiva fervilhava na barriga dele. É claro que seria um azar se ela engravidasse, para os dois. Mas isso era um golpe em seu orgulho. Tudo em que conseguia pensar era que ela não ia querer ficar amarrada a um homem *idiota* pelo resto da vida.

– Bem, se você for tão azarada a ponto de estar carregando um filho meu, me diga depois.

– Se isso acontecer, eu joga a mensagem com uma pedra na janela do seu escritório.

– Obrigado.

Ele foi para o quarto dele.

Ela o afastara de novo. Mas tinha de fazer isso.

Era a única forma de proteger-se.

– Não ache que vai conseguir me forçar a pedir desculpas dessa vez – disse ela.

– Não fale como se eu a tivesse forçado a isso, Hannah, quando nós dois sabemos que você estava implorando.

– Vá embora, Eduardo.

– Fugindo de novo? Ah, sim, Hannah... Você faz um comentário maldoso para me afastar da sua vida. Você não me engana. Não está escondendo seu medo de mim. Vou embora, só porque não tenho desejo algum de ficar mais na sua companhia essa noite, mas entenda que você não vai realmente conseguir me afastar de você se eu não quiser.

Ele virou-se e saiu, batendo a porta com força.

Hannah sentou-se no meio da grande cama, nua, tanto física quanto emocionalmente. Ela jogou um dos travesseiros de seda contra a porta. Era mais seguro sentir raiva do que chorar de novo. Ela não ia pensar nas possíveis consequências do que aconteceu. Nem em como foi senti-lo dentro de si. Uma conexão de verdade pela primeira vez em sua vida. Nem ia pensar em como queria isso de novo.

QUANDO HANNAH apareceu para tomar café da manhã, ela não parecia uma barracuda corporativa que cuspiu veneno sem aviso prévio. Parecia nervosa. Seus cabelos estavam bagunçados e ela estava com olheiras. A roupa que escolhera destacava sua estrutura física pequena, e a palidez de sua pele.

Eduardo reclinou-se em sua cadeira, erguendo sua caneca de café junto aos lábios. Sua mãe e sua irmã assentiram, cumprimentando Hannah.

– Bom dia – disse Hannah, não olhando nos olhos de Eduardo.

– Bom dia – ele respondeu. – Você dormiu bem?

Ela forçou-se a sorrir.

- Na verdade, não. Você roubou as cobertas a noite toda.
- Desculpe-me, *querida*.
- Sem problemas.

A mãe de Eduardo tocou um sino para chamar a empregada, e ele encolheu-se. Ele era moderno demais e odiava esses velhos hábitos. Mas Carmela insistia nisso. Ele achava que talvez não tivesse a ver com dinheiro nem classe, pois imaginava Hannah fazendo o mesmo.

- Obrigada – disse Hannah a sua sogra.
- *De nada*.

Rafael entrou, e Hannah especificou o que queria para o café da manhã. Ela parecia realmente exausta.

- Quais são seus planos para o dia, mama?
- Acho que vou com Selena fazer compras.

Só sua mãe mesmo para sair de Barcelona e ir fazer compras numa cidadezinha pequena e costeira.

- Parece uma boa diversão.

Selena voltou-se para Hannah.

- Você pode vir conosco, se quiser, Hannah.
- Eu...

- Hannah e eu temos trabalho a fazer hoje – disse Eduardo. – Ele não queria tirar o olho dela. Hannah poderia fugir. – Ela está me ajudando a implementar uns novos sistemas na Vega. Hannah é um gênio das finanças.

- É mesmo? – disse Carmela, erguendo as sobrancelhas. – Bem, vamos deixar vocês dois sozinhos então.

- *Adiós*, Eduardo. Tchau, Hannah – disse Selena, levantando-se junto com sua mãe, e saindo com ela da sala.

- Sua mãe me odeia – disse Hannah, depois que as duas saíram.

Ele deu de ombros.

- Talvez.

Rafael voltou com uma xícara fresca de café e uma cafeteira pela metade com mais café.

- *Gracias* – disse Hannah, tomando um gole do café.

Rafael saiu de novo e Hannah colocou a caneca na mesa.

– Eu preferiria que ela não me odiasse, mas eu vou embora de novo... Assim que implementarmos esses sistemas e você se sentir confortável com eles.

– Pois é.

Ele sentia seu corpo rebelar-se com a ideia de Hannah indo embora. Sentia-se possessivo em relação a ela agora. O que era uma idiotice, visto que antes do acidente, ele dormira com muitas mulheres e nunca se sentira possessivo em relação a elas. Muito pelo contrário. Ele chamava um táxi para que elas chegassem em segurança em suas casas para que ele pudesse dormir. Sozinho.

Eduardo franziu o cenho. Ele deu-se conta de que não gostava da forma como tratava as mulheres antes. Ele se perguntava se isso tinha a ver com o acidente, com as mudanças nele ou simplesmente porque estava ficando mais velho.

Ele era um playboy que ficava feliz em buscar prazer e satisfação com qualquer mulher que estivesse disposta a isso. Agora o vazio disso ecoava nele.

Com Hannah era mais do que isso. Era mais do que diversão. Era algo sério, que o fazia sentir-se diferente na luz do dia. Ele estava com raiva dela, pela forma como agira depois, e ainda assim sentia-se conectado a ela como nunca antes.

Como se, quando eles se separaram na noite passada, ele tivesse deixado um pedaço de si para trás.

– Qual é o plano de trabalho para hoje? – disse ela, num tom de extrema irritação e extremo tédio ao mesmo tempo.

– Traga seu café até o meu escritório.

O escritório dele ficava de frente para o mar, com janelas grandes deixando entrar muita luz natural. E facilmente cobertas por persianas, bastando apertar um botão. Só para o caso de ele ter uma enxaqueca particularmente ruim.

Felizmente, ele sentia-se ótimo. A única dor de cabeça que teria seria com Hannah.

– Você tem mais alguma coisa a me mostrar? – quis saber ela.

– Não, eu esperava que você fosse começar a me apresentar soluções.
– Na verdade, eu tenho, sim, algumas soluções. Bem, pensei em algumas coisas.

– É mesmo?

– Sim.

– É sim. Você prefere trabalhar aqui agora?

– É barulhento no escritório em Barcelona.

– Certo, e é por isso que seu andar é praticamente vazio.

– Sim. Não consigo lidar com o barulho das pessoas falando o tempo todo. Mesmo sem pessoas trabalhando no andar, as interrupções, o trânsito, tudo isso pode começar a...

– Ser desgastante.

Desgastante era um eufemismo. O ponto mais baixo de que ele se lembrava era de atirar uma caneca na parede na frente de sua secretária quando ela entrara falando e ele estava no auge de uma enxaqueca. Ele não mirou nela, e a caneca não chegou nem um pouco perto dela, mas a dor e a raiva cegas... a perda do controle... Isso o deixara assustado. Vivia com ele.

Ela pediu demissão logo depois, e ele não podia culpá-la por isso.

– Acho as coisas mais tranquilas aqui – disse ele, olhando para suas mãos.

Hannah franziu o cenho.

– Você tinha problemas trabalhando com pessoas em volta de você antes?

– Só não gosto do barulho. Minha cabeça dói.

– Mais alguma coisa?

– Fico irritável.

– E...?

– Não consigo me concentrar.

– E números, finanças... é com isso que você tem mais problemas.

– Não consigo... prender-me num pensamento por tempo suficiente para tomar decisões.

– E a pressão é muita.

– Sim.

– Acho que pode ter menos a ver com você tendo dificuldades de entender o lado financeiro das coisas e mais com você tendo dificuldades em

se concentrar em coisas que o deixam estressado.

– Não é estresse. É só que... as respostas estão no meu cérebro, mas parece que não consigo decidir rápido. Não consigo achar a resposta a tempo. Ou simplesmente não consigo achar a resposta.

– O que é estressante. Por que você não falou com o médico sobre isso? Tenho certeza de que...

– Não preciso de médico. Outra vez? Não. Falar dos mesmos problemas e ver um velho homem olhando para mim com pena e me dizendo de novo que talvez isso nunca deixe de ser assim. Que nunca serei como antes. Que não terei as respostas. Que nunca serei capaz de tomar as rédeas da Vega como deveria ser capaz de fazer porque não consigo tomar decisões rápidas sem manter registros meticulosos. Não consigo me concentrar por tempo suficiente para preencher um maldito relatório. Como vou lidar com intrincados detalhes financeiros? Você sabe a resposta para isso? Sabe?

Ele tremia. De raiva. Medo.

– Eu... simplesmente não sei – disse ela baixinho. – Mas vamos achar um jeito.

Ele engoliu em seco, sentindo um nó no peito.

– Ou talvez eu apenas deveria admitir que não consigo.

Ela bateu com as palmas das mãos na mesa dele, os olhos em chamas.

– Não! Isso... é errado, Eduardo. Você não pode fazer uma coisa dessas. Você não é idiota. O que eu falei foi errado. Peço desculpas. É só pensarmos em... atalhos mentais.

Ele ardia de raiva. Dela. Do mundo.

– Eu não deveria precisar de atalhos.

– Às vezes todos nós precisamos deles.

– Talvez você precise deles, Hannah Weston, mas não eu. Eu sou Eduardo Vega, filho de uma das maiores mentes de negócios que já viveram e tenho certeza de que não deveria precisar de um atalho!

– Então é seu orgulho que o está impedindo de ser bem-sucedido. Pense nisso. Não posso ajudá-lo se você não aceitar ajuda.

– Estou aceitando ajuda – ele gritou. – Por que você acha que pedi para você vir até aqui?

Hannah aproximou-se, não intimidada pelo surto dele.

– Você não me pediu, você me forçou. E não está aceitando ajuda. Você achou que eu viria, daria uma olhada nas coisas, faria alguns investimentos e deixaria você?

– Sim.

– Simplesmente deixar você, sem resolver o problema?

– Sim – disse ele de novo, pois não queria admitir a existência de um problema real.

Ele achou que ao ver Hannah, ele se lembraria de quem ele era. Não apenas lembrar, mas sentir-se como antes. Aquela diversão, aquele desejo e aquela habilidade de simplesmente mostrar o dedo do meio para o mundo, desfrutando sua posição de sucesso, sentindo-se invencível. Intocável.

E ele se sentia como se estivesse se afogando, e tateando às cegas pela mão de alguém. A mão de Hannah. Rezando para que ela o impedisse de afogar-se.

Que fraqueza horrível e insuportável!

– De jeito nenhum, Eduardo.

– Por que não? – disse ele, drenado agora.

Sentindo-se derrotado. Hannah nunca vira aquela expressão no rosto dele antes. Ele nunca parecera tão cansado. E, apesar de querer se prender à raiva, naquele instante ela não conseguia.

– Porque as coisas mudaram. Você mudou.

Ela não estava dizendo a ele nada do que ele já não soubesse. Mas ela se perguntava se seria a primeira pessoa, além dos médicos, corajosa o bastante para dizer ao todo-poderoso Eduardo Vega a verdade absoluta que ele não queria ouvir.

– E tudo que você pode fazer é trabalhar com o que tem. Não com o que gostaria de ter. Não com o que já teve. Lidar com o aqui e agora.

– Não quero fazer nada disso.

Ele não soava petulante. Apenas resignado.

– Eduardo, você sempre foi divertido, do seu jeito, meio calhorda, quero dizer, a ponto de me chantagear para que eu me casasse com você e tal. Mas você era tranquilo, extrovertido. E nunca assumiria a responsabilidade de

cuidar dos negócios da Vega a sério. Você costumava me matar com seu sorriso cheio de si, dispensando seus deveres. Tudo era um jogo para você. Agora? Não. Então, sim, talvez você tenha outros problemas agora, mas conseguirá lidar com isso. Nós podemos lidar com isso.

– Então sou forçado a confrontar o fato de que nunca teria escolhido estar à altura do meu potencial antes... e agora que eu faria essa escolha... meu potencial diminuiu... e muito?

– Não é bem assim.

Ela sentiu um nó no estômago, aquele feroz sentimento de empatia... A conexão entre eles estava de volta, e era mais forte agora.

Ele riu.

– Não é bem assim? Explique-me, Hannah – disse ele rindo.

– Só vai ser assim se você insistir em bater com a cabeça numa parede de tijolos que você pode contornar se não for tão teimoso. Se não deixar seu orgulho assumir o controle.

– Orgulho é a única coisa que me resta.

– Não, não é. Acredite em mim.

– É em mim que não acredito. Desconheço minha própria mente.

– Então aprenda sobre ela. Quando estiver pronto.

Ela passou por ele e saiu do escritório. Ela estava se sentindo... demais. Sentindo demais. De modo geral. Amanhã eles estariam de volta em Barcelona. Ela poderia voltar aos negócios e ver Eduardo apenas como um homem de negócios. Poderia esquecer que esse fim de semana até mesmo aconteceu.

Ela teria de fazer isso.

CAPÍTULO 9

EDUARDO PASSOU a mão no rosto, lutando contra a raiva, a frustração que se acumulava dentro dele. Então ele desistiu e soltou a fúria, empurrando para fora de sua mesa todos os papéis que via pela frente, de uma só vez.

Ele inspirou fundo, tentando retomar a compostura. Ele tentava lembrar-se desesperadamente do que tinha acabado de ler.

Nada. Um vácuo. As informações escapando por seus dedos, por mais que ele tentasse retê-las.

Ele soltou um grunhido de frustração, pegou o peso de papel de sua mesa e jogou-o contra a parede. Nem aquilo ajudou. Nada ajudava.

Ele saiu de trás da mesa e levou as mãos à cabeça enquanto andava de um lado para o outro.

Foi então que a porta de seu escritório abriu-se e Hannah entrou, os cantos de seus lábios virados para baixo.

– Você está bem?

Fazia três semanas desde que eles tinham voltado do rancho. Vivendo juntos como estranhos. Fingindo que nunca encostaram um no outro. Ele estava enlouquecendo com isso. Os relatórios financeiros só estavam deixando-o ainda mais louco.

– Parece que estou bem? – disse ele, apontando para os papéis no chão.

– Não – disse ela ao fechar a porta. – O que foi?

– Não consigo fazer isso, Hannah. – As palavras ardiavam na garganta dele.

– Não consigo lembrar. Não consigo...

– Ei, inspire.

– Eu fiz isso – disse ele entredentes. – Então percebi que não adiantou nada e destruí meu escritório.

– Produtivo.

Sem querer, ele soltou uma mescla de risada e bufada.

– Achei que seria mesmo. Tão produtivo quanto minha tentativa de entender alguma coisa nesses relatórios.

– Eduardo...

– Você faz ideia do quão... frustrante é isso? Ter tamanha falta de controle? Não consigo fazer com que a minha mente seja o que era antes. Não consigo!

Ele sentiu uma pontada de dor na têmpora e encolheu-se.

– Talvez você devesse fazer uma pausa.

Ele voltou-se para ela.

– Não tenho tempo para pausas.

– Então peça ajuda em vez de ser tão teimoso!

A raiva foi drenada dele, tão repentina e incontrolavelmente como viera. E agora ele só se sentia exausto.

– Ajude-me, Hannah.

Alguma coisa na expressão dela ficou mais suave. Se tentasse encostar nele... se lamentasse... ele não conseguiria lidar com isso.

Mas tão rapidamente quando veio, a suavidade foi substituída pela máscara de eficiência dela. Máscara essa que ele precisava que ela usasse.

– Você precisa de ajuda com o quê?

– Em geral. Ajuda. Toda ajuda possível. Não consigo me focar nisso. – Ele indicou os papéis de novo. – Não consigo guardar nada disso. Mal consigo ler essas coisas. É como se hoje tudo estivesse movendo-se rápido demais. Não consigo...

Ela pegou os papéis do chão, olhando de relance para os números das páginas e, com uma velocidade que o deixou vagamente com inveja, colocou-os em ordem.

– Feche os olhos. – Ele franziu o cenho. – Faça isso – disse ela.

Ele fez o que ela mandou e uma onda de calma caiu sobre ele. Com toda a luz e os arredores movimentados bloqueados, ele sentiu que conseguia pensar um pouco melhor.

Então ela começou a ler. Em voz alta. Para ele. Como se ele fosse uma criança que precisasse ouvir histórias antes de dormir. Sobre os lucros da temporada do Natal.

Ele endireitou-se na cadeira, abrindo os olhos.

– Não sou nenhuma criança.

– Eu sei e não estou tratando você como se fosse. Só estou curiosa para saber como é a experiência de você ouvir as coisas em vez de ler. Algumas pessoas aprendem melhor ouvindo...

– Nunca tive problemas com isso...

– Antes. Eu sei. Mas isso foi antes.

– Quanto você sabe em relação a essas coisas?

– Sobre aprendizado? Eu tive de estudar sobre isso quando decidi que queria fazer faculdade. Então pesquisei todos os truques imagináveis. Todas as formas como eu poderia me sair bem nas provas. Tive de fazer um exame de admissão, sabia? E só fiz dois anos de colegial. Tive de estudar mais do que qualquer um para fazer aquelas provas, e eu não era nenhuma intelectual nata. Mas precisava ser. Então aprendi a ser.

– Que tipo de coisas você fazia?

– Bem, às vezes eu gravava minhas anotações, e depois as ouvia nos fones de ouvido antes de dormir. Bebia café enquanto estudava e bebia café de novo quando estava fazendo a prova. O gosto é algo realmente potente para ativar a memória. De qualquer forma, não vejo por que não podemos aplicar esses princípios a você.

Ele foi tomado por uma estranha sensação. Respeito? Sim, respeito por Hannah. Intenso e forte. E, com isso, a atração que tanto vinha reprimindo nas últimas semanas.

– Você é muito inteligente, Hannah.

– Não sou menos inteligente por usar esses truques?

– Talvez mais inteligente ainda por isso. Você encontrou meios de fazer as coisas darem certo para você.

– E você também encontrará, Eduardo. Agora, feche os olhos.

Dessa vez ele deixou que ela lesse para ele, que achou mais fácil então captar o sentido do que ela lia. Prendendo-se a detalhes que tinham passado batidos antes. E, quando ela o questionou sobre o que tinha lido, ele conseguia se lembrar de quase tudo. Não de tudo, mas muito mais do que se ele mesmo tivesse lido.

Agora, quando fosse falar com seus gerentes ao telefone, ele não soaria completamente ignorante, e sim um homem à altura de seu cargo.

– Melhor assim – disse ele, levantando-se da cadeira e dando a volta na mesa.

– Sim – concordou ela, com um belo sorriso no rosto. Será que ela estava feliz por ele? Ou com o sucesso de suas táticas?

– Oras, isso é fácil de se resolver. Eles podem enviar os relatórios por fax, para que você possa arquivá-los, mas você pode pedir um resumo deles ao telefone.

– Você é realmente um gênio, Hannah – disse ele, impulsivamente beijando a bochecha dela. – Obrigado.

Ela levou a mão à bochecha, arregalando os olhos.

– De nada.

Ele percebeu que era a primeira vez em que a tocava desde aquela noite. Imagens intrusas das mãos dela em seu corpo vieram à sua mente. Ele ficara sem sexo por cinco anos até recentemente, na maior parte por livre e espontânea vontade, e agora, três semanas pareciam uma eternidade infernal.

– Hannah...

Ela recuou.

– Não. Não. Fico feliz que esteja ajudando. Quero continuar ajudando você. Realmente estou chegando bem perto de conseguir lhe passar ótimas estatísticas projetadas sobre o quão bom seria se você comprasse a Bach Wireless. Mas... não.

Ele não tinha percebido que sua fome tinha sido projetada com tanta clareza. Obviamente ela diria não. Ela deveria fazer isso. Eles juntos eram

como uma fogueira, que os consumia, devorando tudo em seu caminho. Ele não tinha o tempo necessário para devotar-se a algo assim.

Tinha de se concentrar na Vega, fazer as coisas andarem. Eles dois precisavam ficar plenamente envolvidos nos negócios, e não em jogos no quarto para que isso acontecesse.

– Voltando ao trabalho então – disse ele.

Ela assentiu e saiu do escritório. Ele tentou ignorar a dor que começava em sua virilha e parecia espalhar-se pelo corpo todo. Hannah estava proibida para ele. Se repetisse isso, ele poderia começar a acreditar nisso.

A MENSTRUACÃO de Hannah estava atrasadíssima. E ela estava atrasada para o trabalho também. Ela queria arrastar-se para debaixo do vaso de plantas no saguão da Vega Communications e chorar, mas não tinha tempo, tinha de fazer o teste de gravidez, torcer para dar negativo e ir trabalhar.

Eduardo já estava em seu escritório. Ela passou por ele, tentando não fazer barulho, seguindo até o banheiro no fim do corredor. Ela trancou-se ali, e abriu a caixa do teste, com dedos que tremiam.

O teste era fácil de fazer. Difícil era a espera.

Hannah nunca imaginou que estaria nessa situação de novo. Só que em vez do banheiro imundo da casa de sua infância, tremendo e a ponto de vomitar, ela estava num banheiro imaculadamente limpo de uma das maiores e mais prestigiosas empresas do mundo. Tremendo e a ponto de vomitar.

Ela ficou andando de um lado para o outro enquanto esperava. Fechou os olhos. Pensou em vomitar.

– Só uma – sussurrou ela. – Só uma linha. – Ela abriu os olhos e voltou-os para o teste que estava em cima do balcão do banheiro. Era impossível deixar de ver as duas linhas cor-de-rosa no teste.

E então ela realmente vomitou.

– Hannah? – Eduardo batia com força à porta do banheiro. – Você está bem? Está passando mal?

– Sim – disse ela.

– Sim, você está bem ou sim, você está passando mal?

– Estou passando mal.

– Precisa de ajuda?

– Não.

Então ela se forçou a ficar sentada e tirou o teste do balcão do banheiro, enrolando-o quatro vezes em papel higiênico antes de jogá-lo no lixo.

Por que isso estava acontecendo com ela? Por que estava sendo punida por fazer sexo? Será que ela era simples e extremamente fértil? Ou extremamente azarada?

Tudo começou a vir até ela. O teste de gravidez que fizera aos dezesseis anos. Todas as opções que pesara na época. A ida à clínica, sair correndo da clínica, incapaz de colocar um fim na gravidez. A ida até a agência de adoção. A primeira vez em que sentira o bebê se mexendo. O quanto aquilo fora estranho, miraculoso e de partir o coração.

O parto. O bebê sendo levado até seus pais, Steve e Carol Johnson. Era filho deles, mas ela ainda sentia como se fosse uma parte dela... que não teria de volta. E, junto com ele, ela abria mão de muito mais.

Então ela fizera uma promessa. De que faria de tudo para ser o melhor que pudesse. Que não desperdiçaria sua vida. E conseguiu. Era bem-sucedida. Agora? Agora ela só sentia medo.

Ela não poderia fazer aquilo de novo.

– Hannah? Eu vou ter de arrombar a porta?

Ela dispensou a dor, tentou encontrar sua força. Tentou encontrar Hannah Weston, para que não se afogasse em Hannah Hackett.

– Não faça isso, Ed, senão você vai machucar a cabeça de novo.

– Hannah – grunhiu ele.

Ela lavou as mãos com água fria, passando-as no rosto, nem ligando se ia borrar a maquiagem, depois abriu a porta e ficou cara a cara com Eduardo. E não fazia ideia do que dizer a ele.

– Oi.

– Você está com uma cara horrível – disse ele.

– Obrigada.

– Você está pálida. Precisa de alguma coisa?

De uma máquina do tempo. Para voltar umas semanas no tempo, quando decidira fazer sexo com ele, para que pudesse recobrar seu controle. Aquilo não tinha dado certo. Nem um pouco. E certamente não fazia valer a consequência.

– Não acho que exista nada que você possa fazer por mim no momento. Vamos entrar no seu escritório.

Uma coisa Hannah não era: covarde. Ela não esconderia isso dele. Mas não sabia o que dizer a ele. Ela era a pior candidata a mãe do mundo. Mas, honestamente, não sabia se conseguiria abrir mão de mais uma criança.

No entanto também não sabia ao certo se conseguiria ser mãe. Não sabia de nada disso. Nunca teve mãe. Era insensível. Falava palavrões. Trabalhava demais. Tinha antecedentes criminais.

A lista era imensa.

– Sente-se – disse ela.

– Hannah, o que foi?

– Você se lembra de que fizemos sexo?

Ele levantou uma das sobrancelhas.

– Sim, tenho algumas lembranças...

– Bem... lembre-se também de que a camisinha rasgou.

– Eu me lembro disso – ele falou, num tom pesado.

– Bem... eu... nós... você...

– Você está grávida.

– Bem, você falando assim faz parecer que a culpa é minha. Mas não fiz isso sozinha.

– Hannah, sei bem disso e não estou jogando a culpa em você, então pare um segundo com esse pânico – ele grunhiu.

– Parar? Parar com o pânico? Eduardo, meu pânico mal começou. Eu tenho...

– Não precisa entrar em pânico.

– Por que não?

– Porque nós somos mais do que capazes de lidar com isso.

– Somos? – disse ela, cuja garganta estava quase se fechando. – Você faz alguma ideia...? Quero dizer... o que vamos fazer com um bebê, Eduardo?

Você vai pendurá-lo no pescoço e trazê-lo para o trabalho? Você já não consegue se concentrar como as coisas estão agora... E eu? Vou colocar um avental e me transformar numa bela dona-de-casa?

– Arrumaremos babás...

– Que tipo de vida é essa para uma criança?

– É uma vida. Não parece haver uma alternativa.

– Adoção.

A palavra soava fria e desprovida de emoção.

– Não vou abrir mão de um filho meu.

As palavras dele doeram. Cortaram-na a fundo, cutucaram a ferida que nunca se curara.

– Adoção não é isso. É dar a seu filho a melhor oportunidade possível. Se minha mãe tivesse me entregado para adoção em vez de me negligenciar por três anos da minha vida e depois me largar com meu pai porque não me queria, será que eu não teria me saído melhor na vida? – Ela não conseguiu falar mais do que isso. Sobre o que acontecera antes. Estava preso em sua garganta. Doloroso. Horrendo. – Você entende o que é isso? Viver com alguém que não liga a mínima para o que você faz? Que não se preocupa se você passa a noite toda fora? Eu vivia fazendo tudo o que os pais temem que os filhos façam. Bebendo, fazendo sexo e ele nunca... Ele não ligava. Então me diga, Eduardo, que tipo de vida é essa? Por que uma criança... por que alguém deveria viver onde não é desejado?

– Você está dizendo que não quer o bebê?

– Não... não é isso...

– Nós temos como cuidar da criança, Hannah. É diferente. Nós dois temos dinheiro.

– Dinheiro não é o suficiente.

– Pelo menos é um começo.

Ela respirou trêmula.

– Nada tem de ser decidido agora – disse ela, por fim. – É cedo. Não há necessidade de... – ela riu – ... bem, entrarmos em pânico.

Eduardo sentiu como se tivesse sido golpeado no peito. Ele não conseguia respirar. Hannah estava grávida. A única vez em que pensara em filhos fora

em termos de como evitá-los. Antes de seu acidente, ele achava que um dia acabaria tendo filhos, mas nunca realmente pensara nisso de verdade.

E, desde o acidente... bem, ele tinha evitado as mulheres. Evitara todos os tipos de relacionamentos. Pensar em ter um filho quando tudo estava muito mais difícil do que antes... Hannah tinha razão de várias formas. Ele não sabia ao certo se conseguiria lidar com isso de ser pai e administrar a Vega. Ele mal conseguia administrar a Vega, e...

Hannah sabia com que tipo de limitações estava lidando em relação ao pai de seu bebê.

– Certo – disse ele, como se tivesse concordado com ela.

– Certo – disse ela, soando tão não convencida disso quanto ele.

– Vamos voltar para o *rancho* – disse ele.

Eduardo precisava de solidão. Precisava não estar ali, neste lugar que fazia com que ele se lembrasse de suas falhas.

– O quê? Quando?

– Neste fim de semana – disse ele. – Não acho que eu consiga... me concentrar aqui.

– Certo. Só preciso ficar grudada no meu celular porque eu tenho de fechar aquele negócio excelente.

– Entendo. Levaremos nossos trabalhos conosco.

Parecia que a sala estava se movendo e fechando em volta dele. Sua cabeça estava uma bagunça e ele não sabia o que fazer quanto a isso. Especialmente não agora que a enxaqueca socava sua cabeça, com a luz incomodando sua vista, como se tivesse uma faca enfiada nos olhos.

– Vamos embora amanhã.

Hannah assentiu sem nenhum comentário engraçadinho.

CAPÍTULO 10

– **T**UDO BEM para você ficar neste quarto?

Hannah olhou para o quarto rosa e branco onde eles fizeram amor. O quarto onde o bebê foi concebido.

– Tão bem quanto estaria em qualquer outro lugar – disse ela, cuja cabeça girava, com um estranho e pesado entorpecimento invadindo o peito dela e espalhando-se para fora. Ela estava tão cansada. A exaustão penetrava em seus ossos.

– Quero ficar perto de você.

– Não vou tomar nenhuma atitude desesperada, Eduardo.

– Eu sei.

Só que ele não sabia, mas ela não permitira que ele a conhecesse mesmo. Ele a vira nua e ainda assim não a conhecia. Ninguém a conhecia, não de verdade. Talvez nem ela mesma.

Hannah não suportava a ideia de ver seu bebê tirado dela de novo. Ela sentia como se a vida estivesse sendo drenada dela.

E se você ficar com o bebê?

Por um instante, ela imaginou... como seria segurá-lo junto a seu peito, olhando em olhos escuros como os do pai. Ter alguém para amar. Alguém que a amaria.

Ela sentiu um aperto na barriga, as lágrimas ameaçando cair.

– Estou bem – disse ela sabendo que era mentira.

– Você quer deitar um pouco?

– Não estou sofrendo com os sintomas da gravidez ainda.

– Quando é que isso geralmente começa?

– Mais ou menos na sexta semana.

Ele franziu o cenho.

– Todas as mulheres sabem dessas coisas? Você não me parece do tipo que saberia...

Droga! Ela teria de contar isso a ele em algum momento.

– Você ficaria surpreso – disse ela. – Estou um pouco cansada. Acho que vou tirar um cochilo. Nos falamos depois, ok?

Ele assentiu.

– Se você quiser, depois, eu gostaria de descer até a praia com você.

– Isso seria ótimo.

Ela conduziu-o para fora do quarto e encostou a cabeça na porta, depois de fechá-la. Sua antiga vida estava colidindo com a nova e ela não sabia ao certo mais onde uma começava e a outra acabava.

Era o desdobramento de seu pior pesadelo. E ela não sabia ao certo se havia alguma coisa que pudesse fazer para impedir isso.

QUANDO ACORDOU, estava escuro lá fora, e ela sentia-se mais sonolenta do que quando foi dormir. Então, ela havia perdido a oportunidade de caminhar na praia com Eduardo, mas tudo bem. Não estava mesmo disposta a conversar com ele, não agora. Não quando teria de ser honesta com ele.

Uma lágrima rolou por sua face. Eduardo era a única pessoa de quem se sentira íntima havia um bom tempo, e até mesmo eles passavam metade do tempo brigando.

Talvez não devesse ficar íntima de ninguém. Obviamente ela não sabia fazer isso. Até mesmo com Zack, ela mantivera uma distância calculada. Eles nunca se conheceram a fundo. E ela estava feliz com isso.

Eduardo deixava-a com raiva. Fazia com que sentisse paixão e perdesse o controle, o que não a deixava lá muito feliz e levava a um grande erro. Mas ela realmente se sentia mais verdadeira quando estava com ele. Mais ela mesma.

E ela não sabia se isso era bom ou ruim.

Não tinha como controlar nem mudar essa situação. Ela estava grávida. E Eduardo era o pai do bebê.

Ela sentou-se direito e limpou as lágrimas das bochechas. Ela precisava estar perto de Eduardo, e não entendia por quê. Sentia como se estivesse em carne viva por dentro.

E estava tão cansada de ficar sozinha. Ela sempre estava sozinha.

Hannah levantou-se da cama com as pernas tremendo, cruzou o quarto e foi até a porta que o separava do quarto de Eduardo, entrando ali sem bater.

Por um instante, ela não o viu. Estava escuro lá e ele não estava na cama. Então ela o viu, largado numa cadeira.

– Oi – disse ela, cuja voz soou mais rouca do que ela pretendia.

– Hannah? Você está se sentindo bem?

– Tão bem quanto é de se esperar. E você?

– Tive uma enxaqueca. Estou melhor agora.

– Você andou bebendo?

– Não, isso piora as coisas. Por quê?

– É só que... é bom saber... eu... eu realmente preciso de você – sussurrou ela.

– O quê?

– Não consigo ficar sozinha. E estou com frio. Preciso que você... me faça sentir de novo. – Ela lutava com as lágrimas que ameaçavam cair. – Que me esquente.

Ele levantou-se rapidamente e envolveu o braço na cintura dela, puxando-a para junto de si.

– Hannah...

– Só quero parar de pensar por um instante. Quero apenas sentir. Você me faz tão bem... Quando toca em mim... – Ela engoliu em seco. – Estou pedindo sua ajuda agora, Eduardo.

– Ah, Hannah.

Ele abraçou-a junto a seu peito e envolveu o pescoço dela com os braços. Ela nunca pensara em exageradas demonstrações de força masculina. No fim das contas, ela gostava disso.

Ela levou as palmas de suas mãos ao peito musculoso dele, escondido sob a camiseta fina que ele vestia, e depois colocou as mãos sob o tecido da camiseta, deslizando os dedos pela pele quente dele.

Ele soltou um grunhido e colocou-a sentada na cama, puxando a camiseta pela cabeça. Podia ver a silhueta do corpo dele, o luar brilhando nos músculos do peito e do abdômen dele, a calça jeans de cintura baixa deixando à mostra linhas deliciosas que apontavam para sua ereção.

– Você é realmente sexy – disse ela baixinho.

– Você também. Sua vez.

Ela puxou a camiseta pela cabeça e deitou-se, esperando que Eduardo tirasse o restante de suas roupas.

– Não é o bastante.

– Grrr.

Ela soltou o fecho do sutiã, fazendo-o voar pelos ares.

– Melhor assim?

Um sorriso curvou os lábios dele.

– Muito melhor.

Ele tirou o cinto e depois, a calça.

– Venha aqui – disse ela.

– Seu desejo é uma ordem.

Ele juntou-se a ela na cama, encostando o pênis ereto e quente na barriga dela.

– Ah, sim – disse ela, num sussurro, seus pensamentos ficando nublados com a excitação.

Ele desabotoou a calça jeans dela e puxou-a para baixo, depois tirou a calcinha dela, provocando-a com os dedos, deslizando o polegar sobre seu clitóris.

Ela arqueou-se para cima dele, afundando as unhas nas costas dele, cedendo ao prazer incandescente que tomava conta dela.

Então ele segurou o rosto dela e beijou-a. Profundamente. Um beijo demorado. Apaixonado. Ela prendeu-se a ele, deixando o beijo ficar mais intenso, aprendendo o ritmo dele e reaprendendo o seu.

Quando ele por fim soltou sua boca para descer por seu pescoço com uma trilha de beijos, ela estava tremendo, mais excitada do que nunca antes. À beira das lágrimas.

Ele beijou sua barriga e então foi descendo.

– Não – disse ela baixinho. – Não dá tempo. – Ela precisava dele dentro dela. – Eu preciso de você.

Ele continuou a descer, uma risada baixa saindo de seus lábios.

– Não – disse ela. – Isso não é nenhum jogo nem nada. Eu preciso de você.

Ele ergueu a cabeça, fixando o olhar intenso no dela. Então ele a beijou de leve nos lábios, ela abriu as coxas e sentiu-o na entrada de seu corpo.

– Sim – sussurrou ela.

Ele deslizou devagar para dentro dela. Com isso, ela sentiu parte de seu vazio esvanecendo, e, quando ele a havia penetrado por completo, quando estavam o mais próximos um do outro quanto duas pessoas poderiam estar, ela sentiu como se entendesse o sexo de uma forma completamente diferente.

Sexo nunca fora algo íntimo para ela, que não estava buscando intimidade essa noite. Na época do colégio, ela buscara esquecimento, um momento de felicidade, mas não verdadeira e profunda intimidade.

Entretanto agora ela sentia isso, como se Eduardo houvesse se tornado parte dela. Como se ela fosse sair dessa cama mudada.

Ele movia-se com perfeição dentro dela, levando-a à beira do êxtase. A cada penetração deixando-a mais íntima dele.

Ele aumentou o ritmo e ela travou as pernas em volta dos quadris dele, movendo-se com ele; ela arqueou-se para trás, seu orgasmo lavando-a como uma onda. Ele estremeceu com seu próprio orgasmo um instante depois.

Ela ficou deitada junto ao peito dele, com o coração espancando com força seu próprio peito. Ela queria falar e não conseguia. Um instante depois ela percebeu que estava tremendo. E chorando, as lágrimas caindo na pele desnuda dele.

– Eu... – ela começou a dizer.

Mas não havia nada a ser dito. Ela estava grávida deste homem, que a abraçava tão forte, que a fazia sentir-se íntima de alguém pela primeira vez na vida.

Ninguém nunca a tinha amado. E ela nunca pensara nisso antes. Mas agora, nos braços dele... ela gostaria que muita coisa pudesse ser diferente. Que ela pudesse ser diferente. Que pudesse ser amada.

Ele manteve os braços envoltos nela, abraçando-a juntinho a si. Ela continuava tremendo e ele esticou a mão para pegar as cobertas, puxando-as para cima deles dois.

– Durma agora, *querida*. Amanhã conversamos mais.

Ela assentiu sem palavras, incapaz de falar com o nó que tinha na garganta.

Ela aninhou-se junto a ele, inalou o cheiro tão único de Eduardo, e depois fechou os olhos e tentou dormir. Tentou lutar contra todos os demônios que ameaçavam dilacerá-la.

EDUARDO ACORDOU quando os primeiros raios de sol começaram a passar pelas grandes janelas do quarto. Ele tinha se esquecido de fechar as persianas porque suas dores de cabeça atacavam-no quando estava escuro. Ele rolou na cama para olhar para Hannah e sentiu um aperto no coração.

Ela era tão bonita. E vulnerável de partir o coração. Ele imaginava que ela era invencível, mas agora via como estava errado, bem errado.

Ele pensou no que ela havia dito no dia anterior. Sobre mal conseguir administrar a empresa, menos ainda fazendo isso com uma criança por perto, distraíndo-o. Ela estava certa. Ainda assim, quando ele se lembrava de sua própria infância, em como seu pai era, austero e distante, mas firme e muito presente ao mesmo tempo, não conseguia imaginar nada menos do que isso para seu próprio filho.

Ele tinha recursos para cuidar de um filho ou de uma filha. E sua mãe ficaria animadíssima.

E se você não conseguir fazer isso? Se o choro deixá-lo com dores de cabeça e a falta de sono impossibilitar sua concentração? E se as coisas ficarem realmente ruins? O que você vai fazer então?

Ele pensaria num jeito. Não tinha escolha. Eles poderiam ter as melhores babás do mundo. Ele daria um jeito.

Tinha sido difícil processar tudo isso sob as luzes fluorescentes de seu escritório, mas agora, à luz cinza da alvorada, com Hannah quente e nua a seu lado, parecia claro.

Ele queria tomar uma decisão quanto ao que fazer em relação ao bebê antes que mais alguma coisa acontecesse entre eles... mas, quando ela viera até ele, tão vulnerável, tão triste, ele não conseguira negar isso a ela. Especialmente quando o infortúnio dela parecia refletir o dele.

Ela pediu que ele a aquecesse... e ele atendeu seu pedido.

Ele levou a mão até a barriga dela e seu coração bateu mais rápido.

– Você está acordada? – Hannah abriu os olhos devagar. – Ah... – Ela rolou na cama e enterrou o rosto no travesseiro. – Você parece desapontada – disse ele.

– Dormi com você de novo.

– Eu me lembro disso.

Ela rolou na cama de novo.

– Não foi uma boa ideia. Isso... deixa as coisas confusas.

– As coisas podem ficar mais confusas?

– Ah, não sei, mas isso não tem como deixá-las mais claras.

– Ok, isso provavelmente é bem verdade.

Ele sentou-se, despreocupado com o fato de que ainda estava nu. Hannah desviou o olhar, claramente tendo uma opinião diferente da dele, levando o lençol até o peito.

– Eu gostaria de conversar com você. Sobre o bebê.

– Por que você não vai tomar um banho? Eu vou... Tomaremos café da manhã, e depois quero caminhar um pouco com você na praia.

Ela assentiu devagar.

– Pode ser.

– Que bom.

Ele inclinou-se e deu um beijo na testa dela. Algo espontâneo de que não se arrependeu.

Ele saiu da cama e foi andando até seu quarto, um pouco satisfeito com o gritinho de Hannah, provavelmente porque ele ainda estava nu. Ele virou-se e viu que ela estava saindo da cama com o lençol envolvendo seu corpo.

– Hannah, você não precisa ficar enrolada no lençol. Já a vi nua.

– Não à luz do dia.

Ela virou-se, ainda coberta, e saiu do quarto.

HANNAH TERMINOU o banho antes dele, e ficou alguns instantes sozinha lá embaixo, tomando café da manhã. E então pediu que lhe trouxessem bacon. Não era desejo de gravidez, ela estava certa disso. Era muito cedo para essas coisas. Ela só estava se sentindo horrível e estava tentando confortar-se com comida.

Ela mordiscava o bacon enquanto pensava em como seria o dia. Parecia impossível planejar alguma coisa. Ela teria de contar tudo a Eduardo. Ele apareceu instantes depois, com short e chinelo, pronto para um passeio casual na praia. Ela só tinha uma calça jeans e teria de enrolar as pernas da calça para cima.

– Não estou com fome, para falar a verdade. Está pronta?

Ela pegou outra fatia do bacon.

– Sim.

Hannah levantou-se e inspirou fundo, acompanhando-o pela porta dos fundos para fora da casa. Havia uma pequena trilha que cortava a campina e dava para a encosta da colina, com a grama alta erguendo-se, tornando o caminho privado.

O chão foi ficando mais macio, a terra dando lugar à areia, e o ar salgado e frio ardendo nas bochechas dela. Eles ficaram calados até chegarem à praia.

– Como você está se sentindo agora, Hannah?

– Agora que tive 24 horas para processar a situação?

– Sim.

– Não muito bem.

– Diga-me – disse ele, ainda caminhando, seguindo em direção a um bosque de árvores na extremidade mais afastada da praia.

– Você ainda quer abrir mão do bebê?

Ela sentiu sua garganta apertar-se.

– Não é uma questão de querer, Eduardo. Tem a ver com... com fazer o que é melhor para o bebê. Eu não fui legal com você ontem, quando falei sobre você administrar a empresa e lidar com o bebê, mas meu argumento ainda é sólido. Eu sou casada com meu emprego, e você está disposto a fazer qualquer coisa pelo seu. Então, quando exatamente vamos arrumar tempo para criar uma criança? Além disso, comigo nos Estados Unidos e você na Espanha...

– Então fique aqui.

– Eu? Mudar-me para a Espanha?

– Você morou aqui antes. Gostava daqui.

Hannah amava a Espanha! De tantas maneiras, ela sentia como se fosse um lar.

– Sim – disse ela devagar –, mas eu tenho um emprego em São Francisco, presumindo que não tenham limpado a minha mesa.

– Você deixou muitos empregos.

– Essa não é realmente a questão.

– Então qual seria?

A verdade estava na ponta da língua, mas Hannah não conseguia dizê-la, não ainda.

– Meu pai era muitíssimo comprometido com seus negócios – disse Eduardo. – Ainda assim ele era um bom pai.

– Você vivia com raiva dele na metade do tempo.

– Sei disso. Porque eu era jovem, idiota e me achava no direito de tudo. Se algo mudou depois da minha queda pelo que sou grato, é que deixei de ser um babaca.

Ela riu.

– Um pouco talvez.

Eles chegaram a um pequeno agrupamento de árvores e caminharam por baixo delas. Hannah ergueu o olhar para as folhas verdes, uma teia de aranha de luz do sol escapando em meio à folhagem.

– Você sabe como um bebê consumirá nosso tempo? – disse ela, com o estômago se revirando.

– Não tenho certeza, mas nenhum pai realmente sabe disso até ter seu próprio filho.

Fazia anos que ela não pensava naquele bebê como seu filho. Ela não podia se permitir a ter essa conexão com ele. Porque sabia mais do que a maioria que era necessário mais do que sangue para ser pai. Para o filho dela, seus pais eram as pessoas que o criaram. Que passaram noites acordados com ele. Ela simplesmente o carregara em sua barriga.

– Tenho medo – sussurrou ela com lágrimas travando sua garganta.

– É claro que você está com medo, Hannah. O nascimento de uma criança é... uma experiência desconhecida. A gravidez é certamente...

– Não. – Ela balançou a cabeça em negativa. – Eu sei de tudo em relação a uma gravidez. Como é a sensação do bebê mexendo-se dentro da gente pela primeira vez... É... um milagre, Eduardo. – Ela sentiu uma lágrima escorrer por sua bochecha. – O parto é tão horrível quanto dizem. Mas no fim tem essa pequena e perfeita... vida. E vale tudo isso. O enjoo matinal, as estrias. A dor.

– Hannah – disse ele, o tom inexpressivo, frio.

– Eu tinha dezesseis anos quando engravidei – disse ela, que nunca falara isso em voz alta antes. Nunca confidenciara isso a ninguém. – E sei que não tinha como cuidar de um bebê. – Outra lágrima caiu, e essa ela não limpou. – Abri mão dele, porque era a coisa certa a ser feita, mas... não tenho certeza de que posso fazer isso de novo. Não acho que conseguiria abrir mão dessa criança, mesmo que devesse fazer isso. E tenho medo... receio que se tiver esse bebê, vou realmente entender aquilo de que abri mão na época.

CAPÍTULO 11

HANNAH SENTIU as ondas de emoção a caminho. Ela poderia afogar-se nisso, na dor, no infortúnio. A verdade que era tão feia, mas que ainda assim, fazia parte dela.

– Hannah, isso deve ter sido...

– Houve dias em que fiquei feliz por ter feito isso. Porque eu era pobre, não tinha futuro... Não tinha nada a oferecer a ele. Mais pobreza? Mais... negligência, talvez, tendo de trabalhar para sustentar a nós dois... Mas algumas pessoas conseguem. Eu só... eu sabia que não era forte o bastante.

– E quanto ao pai dele?

– Eu nem o conhecia de verdade, ele não era meu namorado, só um cara com quem eu saía. Obviamente eu era muito irresponsável. Eu sou meio que um estereótipo vergonhoso. Bem, eu liguei para ele para falar do bebê, mas ele não retornou a minha ligação.

– Não?

– Nós dois éramos jovens e idiotas. Ele ia para a faculdade, um jeito de sair do buraco em que vivíamos, e provavelmente a última coisa com que queria lidar era com um filho. Não é desculpa para ele, mas não o odeio por isso.

– Foi depois disso que você mudou de nome?

Ela assentiu, preparada para contar isso a ele agora.

– Eu precisava ser alguém diferente. Eu simplesmente... não podia mais ser aquela garota. Os pais adotivos da criança pagaram pelos meus exames e

a conta no hospital e me deixaram um presente em dinheiro. Para me ajudar a recomeçar a minha vida. Senti que naquele momento eu tinha uma escolha. Voltar para casa... ou tentar começar do zero. Naquele momento, tudo parecia... novo. Pela primeira vez, senti que podia ser alguma coisa. Fazer alguma coisa. Mudei de nome e pensei no que teria de fazer para entrar na faculdade. Encontrei as pessoas certas para me ajudarem a falsificar os documentos escolares, comprei uma passagem para Barcelona e caí fora de lá.

– E vive fugindo desde então...

Ela assentiu. E olhou para o mar.

– Mas não posso fugir disso.

– Nem eu. Temos de encarar essa realidade. Mas tenho certeza de que podemos fazer com que isso dê certo.

– Receio que... isso vá trazer aquelas sensações de volta.

– Vem aqui.

Ele sentou-se na base de uma das árvores e reclinou-se junto a sua casca.

Hannah foi até ele. Havia um espaço entre eles dois. Um não olhava para o outro.

– As coisas são diferentes agora, Hannah. Podemos fazer isso dar certo. Faremos isso juntos.

Ela colocou a mão na barriga.

– Será?

Ele colocou a mão sobre a dela.

– Conseguiremos, sim. Porque você é a mulher mais forte que já conheci. E eu... não sou muito como costumava ser, mas... porém, de alguma forma...

– De alguma forma, você está melhor – disse ela, pensando em como ele era. O homem que ria e zombava de tudo, não levando nada a sério.

– Sim.

Ela tremeu.

– Tenho medo de estragar a vida da criança, como meus pais fizeram comigo.

– Não culpo você.

– Mas seus pais amam você. Você sabe como as coisas devem ser.

Ele assentiu devagar.

– É verdade. Eles, especialmente meu pai, nunca foram abertamente carinhosos, mas eu sempre soube que eles visavam ao meu melhor. Meu pai era o pilar da minha família. Ainda assim, casei-me com uma americana que ele desaprovava.

– Logo de cara, sim – disse ela, lembrando-se de como fora. O pai de Eduardo disse a ela que ela era uma das melhores mentes que ele conhecera. Que ela poderia alcançar coisas grandiosas. – Mas no fim, bem, antes de eu deixar você e ele me odiar de novo... ele me tratava melhor do que quase qualquer outra pessoa na minha vida. Sempre serei grata pela confiança que ele tinha em mim.

– Você sabe o que lhe fez falta quando você era nova, Hannah, e realmente acredito que você saberá o que precisaremos dar a nosso filho.

Ela soltou-se dele e ficou em pé.

Uma coisa era certa: Hannah não conseguiria pensar claramente com ele tocando-a.

– Espero que você tenha razão nisso.

– Todos os pais começam temendo que não serão bons o bastante.

– E se isso afetar seu trabalho?

– Não afetará. Se perdermos só um pouquinho as rédeas no trabalho, paciência...

– Mas isso não é o que você quer.

– Claro que não, foi por isso que fui tão longe para trazer você de volta. – Um lembrete de que ele queria a mente de Hannah, e não seu corpo. Isso não era ruim, na verdade, era algo positivo até. – Tenho plena certeza de que conseguiremos fazer as coisas funcionarem na empresa.

– Eu me lembro do rostinho dele – disse ela.

– Do seu filho?

Ela assentiu.

– Era um menino. Eles o levantaram e achei que conseguiria me virar rápido o bastante. Que não o veria. Que poderia fingir que aquilo não era real. Nunca vou me esquecer do rosto dele.

– Talvez não deva mesmo...

– Não quero mais esquecer, mas já quis. Por um bom tempo. Gostaria de não sentir como se algo faltasse em mim.

– Você ainda se sente assim?

Ela engoliu em seco.

– Às vezes. Mas tenho de deixar isso para trás, não sou mesmo a mãe dele. Não sei o nome dele, nem nunca o abracei ou beijei. Não vi seus primeiros passos, nada disso...

Ela não conseguia respirar. Ela começou a soluçar e a chorar, como se estivesse sendo partida ao meio.

Ela sentou-se, de joelhos na areia. Era a primeira vez em anos que chorava pelo filho. Era a primeira vez em que se permitia realmente perceber o que perdera.

Eduardo estava ajoelhado a seu lado, sem encostar nela, que estava feliz com isso, pois se derreteria nele. Por fim, quando a tormenta passou, quase tão rapidamente quanto a atingira, ela se mexeu, sentou-se no chão, puxando os joelhos até o peito.

– Eu nunca disse que o amava.

– Ele era um bebê, Hannah – disse Eduardo com a voz rouca.

– Eu sei, mas... eu o amei.

– Eu sei – disse ele, cujo coração batia tão forte que ele achava que fosse sair por sua boca.

Ele não sabia o que fazer com essas emoções. Não achava que tinha forças para lidar com elas. O que Hannah perdera... era muito mais do que qualquer coisa que ele mesmo perdera na vida.

E, ainda assim, os dois sabiam que ela não tinha muita escolha.

Ele aproximou-se dela, sem saber ao certo se deveria encostá-la, tomá-la em seus braços...

– Hannah, olhe para tudo que você realizou na vida. Você fez a escolha certa. Para vocês dois. De modo que ambos pudessem ter uma vida melhor.

– Sei disso – falou ela, com firmeza na voz. – Mas... só porque uma escolha é certa, isso não quer dizer que não doa pra caramba.

– Isso é verdade.

– Dói tanto amar desse jeito... amar uma criança. A gente nunca mais é o mesmo.

Ele sentiu outra pontada de dor.

– Está tudo bem...

– Você acha mesmo?

– Sim, de qualquer forma, fizemos um bebê. – Ela encolheu-se. – Desculpe-me, minha escolha de palavras não foi boa. Mas teremos um filho. E temos de encarar isso, abrindo mão dele ou não.

A ideia aterrorizava-o de diversas formas, mas não mais do que o pesar que Hannah sentia, que era quase tangível para ele.

Hannah envolveu seu corpo com os braços, como se estivesse com frio.

– Eu acho que...

– Faremos isso, Hannah. Juntos.

Ela travou seus olhos de um azul-claro e avermelhados com o choro nos dele.

– Confio em você.

E ele sabia que esse provavelmente era o elogio mais profundo que já recebera dela ou de qualquer outra pessoa.

Ele tentou bloquear o peso da responsabilidade de seus pensamentos. Ele encolheu-se com a dor em sua cabeça.

Ele faria isso. Não tinha escolha.

DEPOIS DA praia, sua dor de cabeça tinha piorado até que todos os fragmentos de luz e todos os sons tinham se tornado excruciantes. Ele ficou adiando tomar o remédio, pois não queria que Hannah soubesse que tudo isso o havia deixado com dor de cabeça. Até que sua visão ficou turva e ele sentiu náuseas.

– Eduardo? – a voz de Hannah parecia entrar em seu cérebro.

Ele grunhia, no chão, com as mãos plantadas na sua frente, tentando forçar-se a se levantar. Parecia que uma faca cortava seu crânio, a dor era tão forte que ele estava vendo pontinhos pretos.

– Vá embora, Hannah – disse ele.

A dor era tanta que ele não conseguia se mexer, não conseguiria ir até o armário de remédios nem que conseguisse levantar-se.

– Você está bem? Você está me deixando assustada.

Ele pressionou a testa no piso do chão, inspirou fundo... ela não podia vê-lo assim. No chão, imobilizado, suando, tremendo. Cego.

Não, ela não podia ver isso.

– Vá embora, Hannah! – rugiu ele, chocado com o som de sua própria voz, que fez a dor piorar ainda mais. Ele estava todo suado.

– Eduardo, sinto muito, mas eu vou abrir a porta. Você está me deixando muito assustada.

Ela empurrou a porta, abrindo-a, e ele esticou a mão, tentando impedi-la, mas estava fraco demais até para erguer o braço.

– Oh... você... você está bem?

Hannah abaixou-se ao lado dele, e levou a mão até o rosto dele.

Eduardo balançou a cabeça, tentando falar. Ela estava ali. E ele precisava dos remédios.

– O armário de remédios – disse ele.

Ele ouviu quando ela se levantou, os ruídos que fez enquanto procurava pelo remédio no armário, tudo como um tambor em sua cabeça. Ouviu a água escorrendo e então Hannah estava ajoelhada ao lado dele de novo.

Hannah olhou para Eduardo, em pânico. Ele mencionara enxaquecas, mas isso era mais do que uma simples enxaqueca.

Ela sentou-se atrás dele, e então o abraçou tão apertado e posicionou-o em seu colo de forma que a cabeça dele ficasse em sua coxa. O rosto dele estava molhado de suor e lágrimas e ela sentia seu coração arder por ele. Os olhos dele estavam sem foco, abertos e olhavam para o nada.

Ela odiava estar vendo aquilo. Não por ela, mas por ele. Porque ela sabia que isso estava destruindo o orgulho dele, matando uma parte essencial dele.

Ela ergueu o copo de água do chão e tentou inclinar a cabeça dele para que ele a bebesse. Ela abriu a mão e ele abriu a boca para que ela colocasse o comprimido em sua boca. Ela levou o corpo d'água até a boca dele, inclinándolo para que ele bebesse a água e engolissem os comprimidos. Ele

então fechou os olhos e repousou a cabeça no colo dela, que colocou o copo de lado, reclinando-se junto à banheira, com as mãos no peito dele, sentindo as batidas constantes do coração dele sob suas mãos. Os músculos dele ficavam tensos, seu rosto se contorcia, e o coração dela doía. Assim como estava doendo ficar naquela posição no chão frio, reclinada na banheira. Mas ela não o largaria ali. Eduardo era dela. De todas as pessoas no mundo, ele era o único que parecia entendê-la. O único que parecia querer tentar. Ele era importante para ela. Seu coração começou a bater mais forte quando ela chegou a essa conclusão. Ele era mais importante do que o trabalho, do que seu sucesso ou sua imagem pessoal. *Ele* era importante!

O belo homem aos pedaços que tinha nos braços... valia a pena gostar dele. Ele não era o mesmo homem de cinco anos atrás, mas ela não precisava que fosse. Não foi aquele homem que tocou seu coração.

Ela levou a mão à testa dele e alisou suas rugas, tentando aliviar as preocupações dele. A dor.

Ela sentiu um aperto no coração. Talvez conseguisse fazer isso. Talvez *eles* conseguissem. De uma coisa ela teve certeza, ali sentada: valia a pena cuidar dele, cuidar do bebê deles.

Ela não sabia de nada quanto a casamentos. Nem crianças. Nem sobre ser mãe. Mas ele fazia com que ela quisesse tentar.

– HANNAH?

Quando Eduardo acordou, estava escuro. Pelo menos, era o que ele esperava. Ele ficava cego durante as enxaquecas, mas nunca durava muito. Ele esperava que isso nunca acontecesse.

– Estou bem aqui – disse ela, soando cansada, como se estivesse dormindo.

Demorou um instante para que ele percebesse que estava na cama, e que ela estava sentada a uns poucos metros dele.

– Como foi que você conseguiu me colocar na cama?

– Você veio andando comigo... só que estava meio apagado. De qualquer forma, não estávamos tão longe do quarto assim.

– Eu não quero que você tenha de lidar com esse tipo de coisa...

– Com que frequência isso acontece?
– Enxaquecas? Mais ou menos uma vez por semana. Enxaquecas fortes assim? Fazia meses que eu não tinha.

– É todo esse estresse.

– Não necessariamente.

– Estive pensando...

– Você nunca para de pensar, *querida*.

– Isso é verdade, mas estive pensando especificamente no nosso bebê. E no nosso futuro.

Ele engoliu em seco.

– E...?

– Nós já somos casados.

– E nós dois sabemos que algumas semanas atrás isso lhe causou pesar...

Ela assentiu.

– Sim, mas agora estou achando isso vantajoso.

– Como assim?

– Vamos ter um filho.

– Eu me esqueço de muita coisa, Hannah, mas não me esqueci disso.

Ela deu uma risadinha nervosa. Ele não estava acostumado a ver Hannah nervosa.

– Eu sei... eu... Você quer conversar depois? Quero dizer... a dor de cabeça foi das bravas... entendo se você não estiver a fim de conversar.

– Pode falar, Hannah.

– Ok. Acho que deveríamos continuar casados. Creio que deveríamos ser uma família.

– Uma família? O que você quer dizer com isso, Hannah?

Ela deu um pulo para fora da cadeira e começou a andar de um lado para o outro.

– Não sei, Eduardo. Eu... realmente não sei. Nunca tive uma família. Mas sei o que não é família: uma mãe que nunca vai ver a gente, um pai que não liga para a gente... – Ela inspirou fundo. – Eu tinha sete anos quando uma amiga falou algo sobre meus cabelos não estarem escovados, e começou a

fazer isso para mim no ônibus. Eu realmente gostaria de tentar formar uma família de verdade.

A cabeça dele doía, por Hannah. A mulher que ela era agora, a garotinha que ela fora. Ele queria abraçá-la apertado. Apagar cada uma das coisas ruins que já tinham acontecido com ela. Queria cuidar dela.

E então ele se lembrou dos eventos das últimas horas.

Lembrou-se de que Hannah havia acabado de passar a tarde cuidando dele.

Ele não podia dar a ela o que ela precisava, o que merecia.

– Hannah, você realmente entendeu o que acabou de ver? Quando isso acontece... não consigo me mexer. Não enxergo. Você quer tentar formar uma família perfeita comigo?

– Foi você quem queria tentar fazer isso. E eu quero também – disse ela, com convicção. – Você disse que faríamos isso juntos. Não temos de fazer muita coisa. Já estamos casados, já falamos sobre eu vir morar em Barcelona. Realmente... é perfeito.

– E nós, Hannah?

Seu corpo inteiro retesou-se quando ele pensou nos outros benefícios de ter Hannah como sua esposa de verdade.

– Eu...

Hannah sentiu como se suas entranhas tivessem congelado. É claro que eles fariam sexo. Eles tinham feito e fora ótimo. Bem, eles estariam realmente casados, era lógico.

Então ela pensou de novo naquele instante no chão do banheiro, quando o segurou em seus braços, sentindo como se fosse parte dele.

Ela ficava com pavor até a alma, só de pensar em como seria beijá-lo agora, estar pele com pele agora com ele, quando se sentia tão emocionalmente em carne viva e despida ali, sem defesas.

– Não posso pensar nisso agora – disse ela. Quero dizer... tenho de processar uma coisa de cada vez. Nós teremos... todo o tempo do mundo...

– Parece justo – disse ele, com a voz rouca.

– Então você vai continuar casado comigo?

– Sim, Hannah.

- Que bom. Isso é ótimo. Você precisa de alguma coisa?
- Só preciso dormir.
- Vou deixar você dormir então.

Hannah saiu do quarto dele, fechou a porta e só então se deu conta de que estava prendendo a respiração. Ela teria de se recompor. Não poderia arriscar-se a ficar apaixonada por ele. Ela não acreditava no amor. Não podia dar-se ao luxo de depender dele assim. De precisar tanto dele.

Ela pensou de novo naquele momento de feroz e pura possessividade que sentira, ajoelhada no banheiro com ele. Quando pensara que ele era dela.

Ela lidaria com as emoções depois. Por ora, só tinha de pensar nos pontos positivos. Eles iam ter um filho e estavam fazendo o melhor possível pelo bebê.

Hannah inspirou e exalou o ar, devagar. Sim, ela fizera um plano e quando os fazia, ela os mantinha. Planos sempre consertavam as coisas.

CAPÍTULO 12

HANNAH APERTOOU enviar e, por e-mail, largou o emprego em São Francisco. Não era o primeiro emprego que ela largava, mas desse ela gostava. Ela também providenciou para que seus móveis e seu apartamento lá fossem vendidos.

Ela estava acostumada a ir embora, mas sentia certa estranheza nisso... tristeza.

A porta de seu novo e agora mais do que permanente escritório na Vega abriu-se e Eduardo entrou soltando xingamentos.

– Por que você está praguejando tanto? Fui eu que larguei meu emprego.

Eles estavam de volta em Barcelona a semana inteira e tinham mantido as coisas muito civilizadas e organizadas entre eles.

Não falaram nada sobre recomeçarem um relacionamento físico, nem sobre o futuro. Nem sobre a enxaqueca. Ela estava tentando reconstruir suas defesas. Eles tinham um sistema em prática, ela no quarto dela e ele no dele, e eles dois iam juntos para o trabalho. E foi decidido que ela seria a nova gerente financeira da Vega.

Então, no fim das contas, foi uma boa semana. Mesmo que ela se sentisse confusa e solitária. E um pouco enjoada.

– Tem esse... jantar de caridade hoje à noite do qual eu havia me esquecido.

– Essa noite?

– Sim, depois do trabalho.

– Bem, não é tão ruim assim. Coloque um smoking e socialize por umas horinhas. Você não vai morrer por causa disso.

– Não sou divertido.

– Você não é... entediante.

– Você tem de vir comigo.

– Não, obrigada.

– Hannah Vega, você tem de vir comigo porque você é minha esposa, e minha empresa e o sucesso dela são muito importantes para você, o que quer dizer que a aparência de estabilidade na minha vida deve ser muito importante para você. Afinal de contas, esse é o legado de seu filho ou de sua filha.

– Eduardo... Não sei ao certo se estou a fim de sair, parecendo cheinha e tendo de evitar o champanhe... mas, por que não?

– Desculpe-me, não considere a possibilidade de que você não estivesse a fim de ir. Eu... esqueci.

– Não se preocupe com isso. Estou mais preocupada com você. Você está a fim de ir?

– Estou bem – disse ele com a expressão sombria.

– Que bom. Diga-me que cor devo vestir e a que horas quer que eu esteja pronta...

– Às oito.

Hannah queria confortá-lo, mas não sabia o que era permitido na zona neutra que era o relacionamento deles. Eles não estavam mais íntimos agora do que uma semana atrás. Eles não tinham mais brigado, e ela até mesmo sentia falta da paixão que havia nas brigas deles.

Mas sentia ainda mais falta do sexo.

– Que cor devo usar? Preciso comprar uma roupa.

Algo na expressão dele mudou, ficou mais sombrio, voltou a ser como antes, e ela gostou disso.

– Use vermelho.

Ela olhou para ele de cima abaixo, o sangue queimando em suas veias.

– Talvez...

Ela passou rapidamente por ele e saiu.

EDUARDO ESTAVA num inferno. Com a mulher mais gostosa do planeta, mas não estava com ela, pois ela precisava de tempo para pensar em como seriam as coisas entre eles. Que diabos, *ele* precisava de tempo! Eles iam ser pais.

Não era como se não pudesse encostar nela. Ele tinha de fazer isso. Ela era sua esposa, e eles estavam jogando o jogo da reconciliação. Ninguém suspeitava de que ele dormia sozinho...

Todos tinham de ver um casal comprometido e devotado, principalmente a imprensa.

Entretanto com Hannah trajando um vestido vermelho justo e provocante, com uma única tira no ombro na forma de um laço, fazendo com que ela parecesse um presente tentador, com suas curvas destacadas pelo vestido justo, perfeitamente emolduradas pelo vestido, isso era uma tortura. E um simples toque não era o bastante.

– Esse vestido...

Hannah estava analisando o salão, procurando as pessoas mais influentes. Pelo menos ele imaginava que era isso que ela estava fazendo. Ela sempre fora assim, alerta.

– Combina com sua gravata.

Ela virou-se para ele, passando de leve os dedos pela seda da gravata dele.

– Duvido que alguém tenha notado minha gravata, mas seu vestido...

– É impossível não notar um homem gostoso num terno incrível – disse ela, passando os olhos por ele, apreciando-o e não disfarçando isso.

– A que eu devo esse elogio?

– Honestidade – disse ela, abrindo ainda mais o sorriso e dando um passo para a frente, abordando um homem mais velho com uma moça uns vinte anos mais nova do que ele.

Eles travaram uma conversa casual com o homem e com sua acompanhante, antes de seguirem em frente.

Quando eles os deixaram, Eduardo franziu o cenho e perguntou a Hannah:

– Por que ele apresentou a Laura, mas não a si mesmo?

Hannah olhou para Eduardo com os olhos arregalados.

– Aquele era Carlo Caretti.

Ele conhecia esse nome e, pior, tinha a sensação deprimente de que tinha conhecido o homem. De que o encontrara mais de uma vez.

– Ele fez uns grandes pedidos junto à Vega para celulares exclusivos para a Caretti International – disse ele enquanto tudo se encaixava.

– Sim. Ele é um grande cliente, faz alguns anos já.

– Eu não o via desde...

– Eu sei. Tudo bem. Você disfarçou bem...

Ele colocou sua taça de champanhe de lado. Hannah não estava bebendo. Então, ele também não deveria. E ele lembrou-se de perguntar a ela como ela estava se sentindo.

– Estou bem – foi a resposta dela.

– Não está cansada?

– Não, eu gosto de festas. Bem, de festas como esta. – Ela riu. – Aquelas festas cheias de bebida e barulhentas só serviam para que meu antigo eu esquecesse um pouco o quão triste era.

Ele foi atingido com força pela admissão dela.

– E quanto a Hannah Vega?

– Não mudei meu nome.

Ele franziu o cenho.

– Vai mudar?

Ela piscou rapidamente.

– Eu... não pensei nisso.

Eles conversaram mais um pouco com um casal que Eduardo realmente não conhecia.

Eduardo envolveu a cintura dela com o braço e levou-a ao opulento salão. Havia pessoas por toda parte, olhando para as obras de arte na parede, fazendo suas ofertas em valores muito mais altos do que as obras em si valiam, mas os rendimentos iriam para uma instituição de caridade de um hospital infantil, o que significava que a generosidade era alta, não importando realmente as obras em si.

Hannah parou na frente da pintura de uma mulher numa rua cheia, movimentada, numa multidão. Ela estava olhando para uma direção

diferente de todas as outras pessoas, e havia um espaço em volta dela, enquanto todas as outras pessoas no quadro formavam meio que um borrão de uma massa indistinta.

– Ela é especial – disse ele.

Certamente a mulher se destacava, lembrando-o de Hannah. Uma mulher que nunca conseguiria mesclar-se sem se sobressair.

– Ela parece solitária para mim – disse Hannah.

Ele virou-se para olhar para ela, que estava com os olhos pregados no quadro.

– Ninguém está encostando nela, não há ninguém com ela.

– Mas ela se sobressai...

– Sozinha!

Ele esticou a mão e passou de leve o polegar na bochecha dela.

– Ela não está sozinha.

Hannah pestanejou.

– Eu quero... fazer uma oferta neste quadro.

– Acho que também vou fazer uma.

Ele tinha certeza de que ganharia o leilão desse quadro e o daria de presente a ela.

– Você parece confiante, Eduardo.

– Estou – disse ele, colocando o papel com sua oferta dentro da urna.

Acho que vou ganhar.

– Vamos fazer uma aposta?

– Uma aposta?

– É. Se eu ganhar, você me faz um favor seu. Se você ganhar, eu lhe faço um favor.

– Favor?

– Massagem nos pés, meio dia no trabalho só. Alguma coisa. Use a imaginação.

– Não sei se consigo.

– Tenho certeza de que consegue.

– Certo, aposta feita.

Ela estendeu a mão e ele deu um aperto na mão dela, e depois beijou-lhe os nós dos dedos.

– Que bom. Quando eles anunciam os ganhadores?

– As apostas serão encerradas em cinco minutos e parece que levam uma meia hora para anunciarem os ganhadores.

Ele ficou pensando em qual favor pediria a ela quando ganhasse. Talvez um beijo. Mais. A imagem dos lábios dela em seu corpo, em seu pênis, como na primeira noite deles juntos assombrava-o, intoxicava-o.

Provavelmente ela não pretendia que o favor fosse algo sexual, mas ele não conseguia pensar em outra coisa.

O anúncio dos ganhadores do leilão foi feito com cinco minutos de atraso. O homem que orquestrava a noite começou a ler a lista dos ganhadores e...

– Lote número catorze vai para Hannah Vega – disse ele, mal inspirando e passando para o próximo.

Hannah desferiu a Eduardo um sorriso triunfante.

– Ganhei!

Ela foi fazer seu cheque e clamar seus espólios e ele foi atrás dela.

– Quanto você ofereceu?

– Muito – disse ela, com um sorriso doce no rosto.

– Por quê?

– Porque posso. Tenho muito dinheiro, Eduardo. Mas você sabe disso.

– Eu sei, mas não sabia que você era assim.

– Ah, sou, sim. Doo muito para instituições de caridade. E realmente gostei daquela pintura.

– Parece que a deixava triste.

Ela deu de ombros.

– Eu me conectei com ela. Vou pendurá-la em nossa casa.

– De quanto foi sua oferta? – ele insistiu.

Ela disse a ele o valor, e ele ergueu as sobrancelhas. Depois que ela preencheu e entregou o cheque, a mulher que estava ali cuidando disso perguntou:

– Vai querer que entregue, *señora Vega*?

Hannah assentiu.

– Quero, sim, obrigada. – Ela curvou-se e anotou num papel o endereço dele. – Para esse endereço, por favor.

Eduardo pegou seu talão de cheques e preencheu um cheque no valor do dobro do que Hannah pagou pelo quadro, acrescentando ele mesmo uma contribuição.

– Não quero que as pessoas fiquem pensando que você teve de fazer a oferta e pagar pelo quadro.

– Isso importa?

– Claro que sim, sou seu marido e deveria cuidar de você.

Ela ergueu a sobrancelha e franziu os lábios.

– Ah, é mesmo? Bem, só fico feliz por você ter doado.

– Podemos ir embora agora?

Hannah assentiu.

Eles pegaram um carro até a cobertura dele e Hannah não mencionou nenhuma vez o favor durante toda a ida até lá. Ela estava muito calada, o que era bem atípico dela.

Depois que eles entraram no apartamento, ela apoiou-se na porta, ficou olhando para o nada e mascando o lábio.

– Você deve estar cansada.

– Um pouco.

– Eu também. Vou dormir. Nós nos vemos pela manhã, Hannah.

– Espere – disse ela, assim que ele ficou de costas.

– Que foi?

– Você ainda me deve um favor.

CAPÍTULO 13

HANNAH SENTIU como se fosse se desfazer. A tremedeira parecia vir de dentro para fora.

– Você não vai se safar tão facilmente.

– De lhe fazer um favor?

Ela assentiu, ainda não sabendo ao certo como executaria a próxima parte do plano. Que envolvia tê-lo de volta em seus braços. Em sua cama.

Para fazer o quê? Oh, disso ela não tinha certeza.

– Em primeiro lugar, quanto foi que você bebeu hoje?

– Por quê?

– Estou totalmente sóbria, é um efeito colateral da gravidez, e me recuso a me aproveitar de um homem bêbado.

– Estou tão sóbrio quanto você.

– Excelente.

Ela olhou a seu redor, tentando planejar o próximo passo, tentando pensar no que pedir que ele fizesse.

A ideia de ter Eduardo como seu playground pessoal era bem excitante. De conseguir o que queria dele.

– Tire a gravata.

– Esse é o favor? Porque eu ia fazer isso lá no meu quarto de qualquer jeito.

– Não, meu favor vem em etapas.

– Isso é permitido?

Ela sorriu.

– Talvez não. Mas estou a fim de quebrar as regras um pouco. E você?

Ele não se mexeu por um instante, e então ele começou a soltar a gravata. E depois ficou ali, parado, em pé, esperando... por outra ordem.

– Casaco – disse ela e ele a obedeceu. – Agora, a camisa.

Ela ficou olhando, com o coração na boca enquanto ele abria os botões nas mangas, depois na frente da camisa, ficando excitada com isso. Com os músculos esculpados e bem definidos dele... Ela nunca sentiu desejo assim. Nem antes dele, nem enquanto estavam separados. E sabia que não sentiria de novo, não por outro homem.

Ele levou as mãos ao cinto e ela voltou o olhar para a ereção dele.

– Ainda não – disse ela.

Ele tirou as mãos dali, com os olhos brilhando por causa do desafio. Ele estava gostando do jogo, mas ela também estava disposta a apostar que ele estava esperando pelo momento certo para virá-lo.

– Sente-se no sofá.

Ele virou-se e foi até o sofá, e ela foi atrás, de olho na bunda dele.

– Você está me secando?

– Totalmente. E agora, estou decidindo o que fazer depois.

Ela levou a mão atrás de seu vestido e abriu o zíper um pouco, deixando o vestir cair só a ponto de deixar seu sutiã vermelho quase à mostra.

O rosto de Eduardo ficou tenso, ele cerrou as mãos em punhos. E não se mexeu depois disso.

Ela abaixou ainda mais o zíper, deixando o vestido cair em sua cintura.

Ele soltou o ar, sibilando.

– Mais?

– Você é quem manda – disse ele entredentes.

Ela sorriu e abriu totalmente o zíper, deixando o vestido cair por completo no chão, expondo para ele sua meia 7/8 e a calcinha que formavam conjunto com o sutiã.

Ela foi até ele, cuja fome no olhar apagava qualquer inquietude que ela pudesse sentir.

– Você é o homem mais sexy que já conheci na vida – disse ela, passando a língua pelo mamilo dele, cuja reação foi levar as mãos até seus cabelos e trazê-la para junto de si.

Ela beijou a barriga lisa e musculosa dele, perfeição pura.

– Sou a mulher mais sortuda do mundo, sem sombra de dúvida.

Ele riu.

– Não sei quanto a isso, mas eu sou o homem mais sortudo do mundo.

Ela levou as mãos à fivela do cinto dele.

– Ouvi dizer que minha boca me mete em encrenca.

– Eu adoraria conferir isso.

Ela sorriu e então soltou o cinto e a calça dele, com sua ajuda, e então ele estava nu na sua frente. Ela segurou em sua ereção, apertando-a de leve, vendo-o levar a cabeça para trás, com a respiração dificultada.

Ela inclinou-se e sentiu o sabor dele, grata com o som de prazer que escapou dos lábios de Eduardo, a quem ela ficou proporcionando prazer, até que ele ficou tremendo e todo suado.

– Hannah... ainda não, Hannah. Por favor.

Ela levantou a cabeça e beijou a barriga dele.

– Ainda não?

– Não assim. Pensei que eu lhe devia um favor...

Ela riu.

– Eu não fiz nada que não quisesse fazer.

Ela endireitou-se e beijou os lábios dele em um beijo profundo e apaixonado.

Quando eles se separaram por um instante, ambos respiravam com dificuldade. Ela queria rir e chorar ao mesmo tempo.

Em vez disso, beijou-o novamente e ele puxou-a para seu colo, passando as mãos por suas curvas, provocando-a com a boca e com os dedos, a mais perfeita tortura que ela podia imaginar.

Ela plantou as mãos nos ombros dele, pressionando-se para junto dele, cuja ereção a provocava bem onde ela estava molhada e pronta para ele.

Ele beijou-a na clavícula, depois fez uma trilha com a língua até onde a renda do sutiã dela se encontrava com a curva redonda dos seios dela.

Ao mesmo tempo, ele enfiou o dedo sob a beirada da calcinha dela, aumentando sua excitação.

– Não consigo esperar mais – disse ela com a voz trêmula. Já era o controle. Ela não tinha controle nenhum a essa altura.

Ele puxou a calcinha dela para o lado e penetrou-a. Ela ficou ofegante e arqueou-se enquanto ele a preenchia. A corrida até o orgasmo foi rápida e furiosa. Eduardo agarrou os quadris dela, puxando-a para baixo, para junto de si, enquanto a penetrava, sem *finesse*, com perfeição.

Ela não esperava controle dele, pois ela mesma não tinha nenhum. Não queria evidências de prática em técnicas sexuais. Ela não queria nada além dele, descontrolado e zozzo de necessidade por ela, assim como ela sentia necessidade dele. Ela movia-se junto a ele, a tensão como num arco sendo puxado até ser solto, e então ela foi lavada por uma onda de prazer, deixando-a consumida depois.

Ele penetrou-a uma última vez, seus dedos afundando na carne dela, o nome dela saindo como um grunhido rouco nos lábios dele enquanto ele gozava.

Ele repousou a cabeça na dela, a respiração saindo difícil e quente na bochecha dela, que estava com os braços em volta do pescoço dele, cujas mãos tremiam.

Ela repousou a cabeça em seu ombro e ele abraçou-a. Enquanto ela o abraçava. Ela só queria ficar assim com ele. Ela percebeu que as luzes estavam acesas, brilhantes e reveladoras. Que acabara de perder a compostura nos braços dele, por completo, e que não estava nem um pouco envergonhada com isso.

Ela temia tanto um momento como esse. Sem ornamentos, sem maquiagem, cabelos bagunçados. Sem armadura.

Entretanto ela então percebeu que vinha sufocando a verdadeira Hannah Weston, porque morria de medo...

... mas de quê?

De ser ferida. De amar. E agora, aqui estava ela, com o único homem que conhecia seus segredos, fazendo exatamente tudo isso.

No entanto ela não se sentia fraca, e sim mais forte do que nunca. E não estava vestida para uma reunião de negócios, estava praticamente nua, aninhada junto a Eduardo, à beira das lágrimas.

– Você precisa que eu mude de posição? – quis saber ela.

– Não – disse ele, abraçando-a mais forte.

– Hum... isso é bom. – Ela beijou o pescoço dele. – Imagino que as coisas podem ficar complicadas agora, mas o lado positivo é que sexo entre nós é muito bom.

Ele riu.

– Pode-se dizer que sim.

– Mas isso vai dar certo.

– Hannah, você pensa demais. E, agora, não consigo pensar em nada.

– Ok, vou parar de pensar.

Ela ficou de lado e ele levou a mão a sua barriga. Ela baixou o olhar para onde ele estava com a mão, estirada em sua pele pálida.

Ambos ergueram os olhos, que colidiram, e ela sentiu um aperto no coração.

– Quando olho para o seu rosto, vivo esperando ver a garota que conheci cinco anos atrás. Na verdade, estava contando com isso.

– O que você quer dizer com isso?

– Eu achei que, ao trazer você de volta... à minha casa, ao meu escritório, à minha vida... eu poderia me lembrar do peso daquilo que me levou a chantageá-la. O epítome do que eu costumava ser. Achei que poderia entender quem eu era, ser de novo quem eu era... mas não foi assim, Hannah. Porque eu não vejo você da mesma forma agora como eu a via antes. Tudo... que eu era... tudo tinha a ver com meus próprios benefícios. Como eu poderia usar as pessoas para meu conforto. Minha diversão. Olhei para você na época e vi a oportunidade de um jogo. Agora eu olho para você e vejo você. A verdadeira Hannah.

Hannah piscou para não chorar.

– Acho que você é o único...

Ele ergueu a mão e olhou para a barriga dela, franzindo levemente o cenho. Ele tracejou uma das linhas brancas quase não mais visíveis com a

ponta do dedo.

– Estrias – disse ela, uma vez na vida não se sentindo estranha quanto a seu passado.

– Sinais de sua força – disse ele.

– Ou da minha fraqueza.

– Isso nunca, Hannah. Você é a mulher mais forte que já conheci na vida. Todo mundo comete erros, mas é preciso ser imensamente incrível para ser bem-sucedido apesar deles.

– Sempre achei que me tornei bem-sucedida por causa dos meus erros – disse ela, colocando em palavras seu pensamento em relação a isso pela primeira vez. – Porque isso me fez ver as coisas de um jeito diferente.

– Verdade.

Sim, ela fez faculdade. Sim, ganhou dinheiro. Mas até agora, duvidava que algum dia gostaria de alguém. Duvidava que alguma dia amaria alguém.

Agora? Ela amava Eduardo.

– Eu... – Hannah não conseguiu dizer nada.

– Acho que está na hora de levarmos isso para a cama. Apenas tire os sapatos – disse ele ao tirar os sapatos de salto dela. – Eu cuido do resto.

Ele ergueu-a e ela abraçou-o com força, incapaz de tirar os olhos dele, com esse terno e imenso sentimento por ele espalhando-se do seu peito pelo resto de seu corpo.

Hannah amava Eduardo. E o amor era diferente do que ela imaginara: era melhor.

DUAS SEMANAS passaram-se e Eduardo tinha Hannah todas as noites em sua cama. Todos os dias ele tentava concentrar-se no que deveria fazer. Em alguns dias ele tinha mais sucesso do que em outros. Ele não sabia se era por causa de seu novo e melhorado cérebro ou se era por causa de Hannah.

Ela era macia como seda, pálida e perfeita. A imagem dela, a sensação de sua pele sob os dedos pareciam invadir sua mente constantemente. O sabor dela, a sensação quando ele a penetrava...

Agora, enquanto esperavam no exclusivo consultório médico, os pensamentos dele alternavam-se entre o que ela estaria usando debaixo

daquele vestido de seda amarelo e a saúde do filho deles.

A gravidez não foi planejada, mas, enquanto eles entravam no luxuoso consultório, ele notara o quão importante o bebê se tornara para ele.

A enfermeira deixou-os na sala, e Hannah trocou suas roupas pela roupa de hospital e deitou-se na maca.

– Está se sentindo bem? – perguntou-lhe Eduardo.

– Sim – disse ela parecendo nervosa.

Eduardo não estava acostumado a ver Hannah nervosa. Ultimamente ela andava mais... terna, mais humana. De um jeito que fazia com que ele quisesse protegê-la do mundo. Abraçá-la com força e nunca mais a soltar.

A médica chegou um pouco depois e explicou a ele como funcionava o ultrassom antes de erguer a camisola de Hannah e passar um pouco de gel na barriga dela.

– Estou vendo que essa não é sua primeira gravidez, Hannah – disse a doutora Cordoba.

– Não, não é.

– Foi tudo bem com a primeira?

– Sim – disse Hannah, e Eduardo queria abraçá-la. Beijá-la. Dizer a ela o quanto ela era corajosa.

– Que bom, é muito bom saber disso. – A médica passou a máquina pela barriga dela, ajustando a posição, enquanto a máquina fazia uns ruídos.

Eduardo estava com os olhos grudados nos de Hannah, mais especificamente, no pequeno franzido entre as sobrancelhas dela. Então o som mudou para o esperado, e a expressão no rosto de Hannah mudou, um sorriso espalhando-se por seus lábios.

Ele apenas ficou ali, parado, ouvindo os sons das batidas do coração de seu filho. O que tornou isso uma realidade, fazendo evaporar todas as ideias de colocá-lo sob o cuidado de babás e coisas do gênero.

Estava tudo indo bem. Ela deveria voltar no mês seguinte, quando eles fariam um sonograma para tirar as medidas do bebê e confirmar datas.

Eles saíram do consultório e voltaram para o carro, e ele estava grato de que tinha usado os serviços de um motorista hoje. Sua cabeça estava cheia demais para pensar em dirigir nesse instante.

Ele abriu a porta do carro para Hannah e entrou e ajeitou-se lá ao lado dela, que o envolveu com os braços, com um doce sorriso no rosto.

– Está tudo bem com ele – disse ela. – Fico tão feliz com isso... uma parte de mim temia que...

Ele envolveu-a com o braço e disse:

– Você não tem de ter medo, Hannah.

– Sei disso. Podemos passar nos correios?

– Sim... para quê?

Ela entregou um envelope a ele.

– Quero enviar essa carta. Quer ler?

Ele abriu o envelope e tirou dali uma carta escrita à mão. Ele engoliu em seco quando começou a ler a carta, que era para o filho dela. Contando a ele sobre as circunstâncias de seu nascimento. Dizendo que ela pensava nele. Que esperava que ele estivesse bem. Que o amava.

– Vai para a agência de adoção, assim, se algum dia ele quiser saber sobre mim, ele pode ir lá atrás disso, caso contrário... então não quero me meter na vida dele.

– Acho isso perfeito, Hannah – disse ele, sentindo um aperto no peito.

– É tudo que senti necessidade de dizer. Tudo que ele poderia querer saber. Principalmente, eu queria que ele soubesse que não foi indesejado. E que havia mais uma pessoa no mundo que o amava e pensa nele...

– Duas pessoas. Pensarei nele agora também.

Ela sorriu.

– Obrigada.

Ele trouxe-a mais para junto de si. Ler a carta de Hannah a uma criança que ela mal conhecia, ver o quanto ela o amava, até mesmo agora, fez com que Eduardo entendesse algo que não queria entender.

Uma criança mudaria as coisas. Faria com que ele mudasse.

E então havia Hannah. E a Vega. E ele era o homem que deveria cuidar de tudo isso.

Ele fechou os olhos e cerrou os dentes, lutando contra a enxaqueca que ameaçava dominá-lo novamente.

CAPÍTULO 14

– **E**DUARDO, VOCÊ está com os relatórios trimestrais das lojas de varejo?

Hannah entrou no escritório dele parecendo a mulher de negócios que ela era, só que diferente também. Feliz.

Ele voltou a olhar para a tela do computador e fechou o navegador da internet. Estava procurando faculdades para o filho ou a filha deles que ainda era um embrião.

Ele piscou e redirecionou seu foco.

– O quê?

– Os relatórios trimestrais. Preciso deles. Finanças. Eu precisava deles na semana passada, mas a menos que você tenha uma cabine policial capaz de viajar no tempo, aceito agora.

– O quê?

– Deixa pra lá. Você tem os relatórios ou não?

– Tenho. Em algum lugar. Espere.

– Tudo bem, eu já fiz todo o resto que tinha de fazer hoje. Senti sua falta, então é legal vir fazer uma visita e ficar um pouquinho aqui.

– Não consigo encontrá-los na minha caixa de entrada.

– Faça uma busca na caixa de entrada – disse ela.

Claro. Ele sabia disso. Sua mente estava indo muito devagar, e Hannah estava ocupando um bom espaço nela. Ele não conseguia se concentrar.

– Droga, Hannah, você poderia não ficar em cima de mim enquanto eu procuro?

Ela franziu o cenho e ele poderia ter enfiado uma caneta em sua própria mão.

– Desculpe-me. Você está com dificuldade de achar. Deixe que eu procuro para você.

– É uma busca no e-mail, é fácil. – Ele digitou “relatórios trimestrais”, achou-os e encaminhou-os a Hannah.

– Pronto.

– Obrigada.

– Nós nos vemos quando eu tiver acabado aqui.

– Ok, até logo.

Ela saiu do escritório e ele reclinou em sua cadeira, passando a mão pelo rosto. Ele suava. Por que tinha sido tão difícil? Por que esquecera os relatórios para começo de conversa?

Eram as distrações. O tempo todo. Ele só conseguia pensar em Hannah e no bebê. E, quando não estava pensando neles, parecia querer estar pensando neles. Então achava desculpas para ir até o escritório de Hannah, ficava procurando faculdades e imóveis na cidade que não fossem tão altos quanto sua cobertura.

Ele achava que conseguiria fazer isso. Tinha de se sair bem nisso. Senão, que legado haveria para seu filho ou sua filha? Não era uma questão de orgulho pessoal, e sim de legado. O direito dessa criança de não ter o tolo do pai dela destruindo o que poderia ser dela.

Sim, ele tinha uma fortuna privada, mas era muito menos valiosa do que o que ele tinha ali. O potencial com Vega Communications era imenso, ele sabia que renderia mais ainda. Porém, continuava fazendo coisas idiotas como se esquecendo de encaminhar relatórios financeiros.

Hannah teria de fazer com que ele se lembrasse das coisas. Teria de segurar sua mão. Ela era sua esposa e ele deveria cuidar dela... mas nisso ele estava fracassando com ela, e seria assim até que a morte os separasse. Ele a amarrara a ele, a um homem deficiente, quando ela era excepcional, corajosa e brilhante como ninguém.

EDUARDO AINDA estava tenso quando eles voltaram para a cobertura. Tenso era pouco... ela quase tinha medo de dizer qualquer coisa que fosse por medo de que ele fosse explodir. Não que ela não conseguisse lidar com ele. Mas estava ficando cada vez mais preocupada com a possibilidade de ele não estar feliz.

Porque ela estava feliz. Ir para a cama com ele toda noite, acordar com ele todas as manhãs... era mais do que ela imaginava de um casamento. O que ele lhe fazia sentir quando ele tocava nela era divino, mas, mais do que isso, era a conexão que havia entre eles.

Ela tivera homens antes, na verdade, rapazes. Namorados, digamos assim... mas ela ficava com eles e os largava e não sentia... nada. O que a assustava às vezes. Quando estava com eles, ela curtia, mas isso não durava, nem em sua mente, nem em seu coração.

Contudo Eduardo... parecia que ele era parte dela. E ela sabia que não tinha nada a ver com o fato de ela estar grávida dele. Ela não sentira nada disso pelo pai de seu primeiro filho.

Não, Eduardo era totalmente único, assim como a conexão que ela sentia em relação a ele. Mais profunda do que sexo. Que, na verdade, existia antes do sexo em si.

Quando a porta fechou-se atrás deles, ele não falou nada, apenas puxou-a para seus braços. O beijo dele foi bruto e exigente, ele passava as mãos pelas curvas dela, que o jogou no chão, devorando sua boca, conduzindo uma exploração.

Eles deixaram uma trilha de roupas no caminho até o quarto. Os movimentos dele eram urgentes, sua boca, faminta.

Ele colocou a mão entre as pernas dela, deslizando os dedos pelas dobras molhadas de sua carne.

– Posso fazer você sentir coisas que nenhum outro homem pode...

Ela assentiu enquanto ele deslizava um dedo para dentro dela.

– Você me deseja?

– Claro que sim – disse ela.

Ela abriu os olhos e olhou nos intensos olhos dele e disse:

– Eu quero você, Eduardo Vega. Meu marido.

Ele sorriu e abaixou a cabeça, sugando com força o mamilo dela antes de continuar descendo, a boca quente e exigente no corpo dela, deixando-a tão excitada a ponto de não conseguir pensar nem respirar.

Eduardo estava afogando-se no cheiro dela, no gosto dela. Seu corpo estava em chamas, seu coração ameaçava sair de seu peito. Ele sentiu-a ficando tensa sob ele, sentiu o corpo dela ficar enrijecido enquanto ela chegava ao orgasmo.

Ele beijou a barriga dela, colocou a mão sob suas nádegas, de modo a levantá-la para que pudesse penetrá-la mais uma vez. Ela arqueou-se junto a ele, soltando um gritinho rouco que ele captou com seus lábios.

Ele queria fazer com que ela gozasse de novo, então ele a penetrou com força e segurou-a junto a si, e ela deu beijos molhados no pescoço ele, sussurrando ao ouvido dele. Sobre o quanto ele era sexy, o quão bom era aquilo.

E o sangue rugia nos ouvidos dele, todos os pensamentos de controle e *finesse* perdidos na crescente maré de prazer e urgência que o inundava.

Ele foi tomado por seu orgasmo, como se fosse fogo selvagem, consumindo tudo em seu caminho. Ele soltou um som pungente de prazer enquanto gozava dentro dela e sentia que Hannah estava gozando também.

Ele deitou a cabeça nos seios de Hannah, e esperou que as batidas do coração dela voltassem ao normal.

Tudo que ele tinha agora era uma emoção intensa que parecia estar enchendo seu peito. Tomando o controle.

E ele percebeu que não importava quantos orgasmos ele desse a ela, isso não era prova de que ele gostava dela. Até mesmo agora ele estava faminto por ela, pelo que ela poderia lhe dar. Por ter os braços dela envolvendo-o, e quando ele tivesse outra enxaqueca, quando estivesse aninhado no chão, cego, mal conseguindo respirar, seria ela que teria de abraçá-lo.

Ele seria um peso morto para ela.

– VOCÊ ESTÁ mais preocupado do que o normal hoje – disse Hannah, entrando na cozinha de manhã e vendo Eduardo sentado à mesa, com a expressão sombria.

Ele ergueu sua xícara de café aos lábios e ofereceu um olhar entediado a ela.

– Isso é tudo que você tem para mim? Pelo menos diga algo rude – disse ela, procurando leite na geladeira.

Só eles dois moravam na cobertura. Os funcionários vinham quando eles saíam, mas só eles moravam ali.

– Hannah, nós precisamos conversar.

– Sobre...?

– Sobre esse acordo.

– O que é que tem ele?

– Não está dando certo.

Ela deixou cair a tigela de cereal que tinha acabado de pegar.

– O quê? – Ela pegou a tigela, que por sorte não ficou estilhaçada. – Quero dizer... o que nisso não está dando certo? O sexo incrível, de abalar a alma? A relativa harmonia em que vivemos?

– Não é isso. É que... você estava certa. Não estou me saindo bem nisso de equilibrar a vida doméstica com a Vega e isso tem de mudar. Vai ficar ainda mais difícil quando o bebê nascer.

– Mas... Eduardo...

– Talvez fosse melhor se não tentássemos nos forçar um casamento. Venho procurando casas fora da cidade, mas ainda perto da cidade. Um lugar mais apropriado para criar filhos. Eu ficaria feliz de instalar você lá com a criança e uma babá. Eu poderia continuar aqui durante a semana de trabalho.

– O quê? Isso não faz nenhum sentido... quero dizer... como poderemos ser uma família se você nem mesmo viver conosco?

Ele levantou-se, batendo com a palma da mão na mesa.

– Eu não posso lhe dar qualquer que seja sua visão de perfeita família, Hannah.

Ela segurou-se no balcão, com o coração na boca. O que ela estava fazendo? Estaria tentando projetar sua ideia de perfeição nele? Forçar uma ideia que talvez nem fosse real? Isso era tudo? Hannah tentando formar uma nova fantasia?

Não. Seus sentimentos eram verdadeiros.

– Você acha que sabe como funciona o mundo, Hannah. Acha que programas de TV em preto e branco são exemplos de como deve ser a vida real. Acha que podemos colocar uma cerca em volta do quintal e arrumar um cachorro e você poderá ter tudo aquilo com que sempre fantasiou. Você banca a sofisticada, mas é ingênua em tanta coisa.

– É isso que você pensa de mim? – Ela estava ficando com raiva, e com a raiva, vinha a dor. – Essa daqui sou eu sendo honesta. Eu me doei a você, e não foi fingimento. E você se entregou a mim. E agora? Está assustado? Com medo porque esqueceu de enviar um e-mail e agora isso está deixando-o perturbado...

– Isso não é tudo – disse ele, num tom feroz. – Você sabe como as coisas ficam feias. Você viu.

– Sim, você teve uma enxaqueca. Terrível. Você tem enxaquecas terríveis... entendi. Mas se eu consigo lidar com isso, você não é ninguém para dizer que não consigo. Você está inventando desculpas, e culpando as coisas... só porque está com medo disso que temos.

– Vou trabalhar agora, Hannah. Você pode chamar o motorista para levá-la depois.

– Você está fugindo?

– Não. Estou sendo razoável. Você estava certa. Eu mal consigo me concentrar nos deveres que já tenho. Não tenho... capacidade... nem... desejo de ser seu marido. Não consigo cuidar de você...

– Você não... *quer* ser meu marido? – perguntou-lhe Hannah, assolada pela aguda e pungente dor.

– Não, Hannah.

– Ok.

– O quê?

– Certo. Tudo bem. Então não o forçarei a ser meu marido.

– O que você quer dizer com isso?

– Não serei um dever para você. Quero que você se divorcie de mim. E você será o melhor pai que puder. Mas não serei aquela esposa que você tem de manter porque tem um senso de dever em relação a mim.

A nova Hannah, trazida à tona por Eduardo, queria mais, não apenas dever, mas amor. Amor de verdade, e não apenas umas horinhas de prazer todas as noites. Ela queria mais do que dividir a cama dele. Queria seu coração. Sua vida.

QUANDO EDUARDO voltou para casa do trabalho, Hannah não estava mais lá. Ela fora embora de vez. A doce sensação de conforto que ele tinha quando chegava em casa se fora com ela.

Sua mente não estava mais clara. Sua cabeça latejava. Doía muito. Assim como seu corpo inteiro.

Entretanto ele sabia que seria isso. Nada do que ele disse a ela era realmente o que ou como ele se sentia. Ele foi até o bar e serviu-se de uma dose de tequila. Se enchesse a cara agora, poderia ter outra enxaqueca. Melhor assim, pois encobriria o verdadeiro motivo pelo qual ele estaria se contorcendo no chão.

Tudo o que ele falara era verdade, menos a parte de que não queria ser marido dela.

Isso ele queria, mais do que tudo. Queria estar ao lado dela a vida toda. Mas como, quando ele não era tudo que um marido deveria ser? Seu pai fora forte e capaz e ele? Era tão fraco...

Ele se deitou em sua cama e cobriu os olhos com as mãos, tentando embotar a dor no peito, segurar a repentina avalanche de emoções que o lavavam como um infinito rio de dor.

Sim, ele teria esse filho. Estava grato por isso. Seria o melhor pai quanto lhe era possível. Mas não forçaria Hannah a ficar com ele. Futuramente ela ficaria grata por isso.

Dios, mas como ele a queria! Se apenas só gostar dela fosse o suficiente para torná-lo merecedor dela. Depois de tudo pelo que ela passara, as lamentáveis condições de vida e a negligência...

Hannah merecia mais. Um campeão. Alguém que facilitasse sua vida, não que a dificultasse. Ela merecia um homem que pudesse ser um forte pai para o filho deles. Um marido capaz. Um forte homem de negócios que não comete erros.

E... ele tinha essa capacidade *antes*. Era irônico. De ser o homem que ela merecia. Mas ele não ligava para nada disso. Agora? Agora que ele a amava tanto, ele não era capaz.

Ele esticou a mão em busca da tequila, mas não conseguiu segurar o copo. Ele empurrou-o para fora do criado-mudo e deitou-se, abraçando a pulsante enxaqueca que começava atrás de seus olhos, cada pontada ficando mais profunda a cada momento que passava.

Ele focou-se nisso. Deleitou-se com isso.

Porque diminuía de certa forma a insuportável dor em seu coração.

CAPÍTULO 15

DEPOIS DE passar o dia trancado na cobertura, ele chamou seu motorista, planejando ir para o rancho no dia seguinte. Ele não estava com disposição para dirigir. Sua cabeça latejava.

Com alguns telefonemas, ele descobriu que Hannah estava hospedada num hotel de luxo.

Eles lidariam com isso, fariam dar certo a ponto de que pudessem se ver. Ele compraria uma casa para ela, arrumaria tudo para o bebê. Seria pior assim, de certa forma. Vê-la, estar tão perto dela e não ser capaz de tê-la.

Por causa de sua própria fraqueza. A culpa era dele mesmo.

Ele queria abrir a cabeça e puxar seu cérebro para fora. Consertá-lo, arrumar um novo. Ele o odiava. Odiava sentir-se limitado.

Odiava ainda mais estar sem Hannah, porque parecia que faltava uma parte dele mesmo.

Porque algo tinha mudado desde que Hannah voltara para a vida dele. O homem que ele era antes era um tolo. Arrogante. Egoísta. Ele não queria mais ser aquele homem, nem sentia falta dele. Só que o homem que ele era agora também não tinha como dar a ela aquilo de que ela precisava.

Ele saiu da cobertura e entrou na limusine, descansando a cabeça no assento e concentrando-se na dor. Não demorou muito para o carro deixar a cidade, e ele sentiu sua dor de cabeça diminuindo, enquanto a dor em seu peito piorava. Ele ergueu o olhar e deparou-se com os olhos azuis de quem estava dirigindo, refletidos no espelho retrovisor.

- Estou sendo sequestrado? – disse ele, surpreso com a própria voz.
- *Sequestro* é uma palavra muito pesada – disse ela.
- O que você quer, *querida*?
- Ser ouvida. Você não sabia que casamento é uma parceria?
- Creio que tomamos uma decisão quanto a isso.
- Bem, eu discordo da sua decisão. E quando tentei me casar com outro homem, você também discordou disso. Você me disse que estávamos casados... adivinha? Estamos casados. O que quer dizer que vamos conversar, e não só você toma decisões e pronto.
- O que você fez com meu motorista?
- Eu o subornei. Sabe, sou rica. E persuasiva.
- Hannah...

Ela manobrou o carro e saiu da estrada rural, entrando numa pequena alcova e desligando o motor.

Ela soltou o cinto de segurança e saiu do carro, dando a volta e abrindo a porta para ele.

- Como eu estava dizendo, você não toma todas as decisões neste relacionamento. Também quero ter poder de decisão. Sou mesmo de difícil convivência, às vezes. Sou teimosa, posso ser egoísta. Até recentemente, tinha medo de gostar de alguém, medo de sentir alguma coisa, porque não conseguia controlar os sentimentos, mas não sou mais assim. E, por isso, não tenho medo agora.

Ele ficou com a boca seca.

- Como foi que eu... fiz você não ter medo?
- Você me aceitou. Como eu sou. Não me fez sentir vergonha do que fiz, dos meus medos. Ninguém antes tinha feito nada disso. Você fez.
- Mas... Hannah... eu não consigo... cuidar de você. Não posso ser tudo que um marido deveria ser para você. Eu sou... eu cometo erros.
- Sim, eu também. Lembra-se da fraude?
- Você fez o que tinha que ser feito.
- Não sou perfeita, nem você, mas tudo bem. Eu amo você, Eduardo. É isso que importa.
- Você não pode me amar.

– Deixe-me dizer uma coisa, *señor* Vega. Eu tento controlar e racionalizar tudo de modo que tudo se encaixe na minha ideia de perfeição. Desde os meus lençóis até o meu nome. Não consigo fazer nada disso com você. Você não é controlável nem perfeito. É melhor que isso. Você é... você. E são essas pequenas imperfeições que fazem de você o homem que eu quero. Não preciso que cuidem de mim... Só preciso de um parceiro. E quero que este parceiro seja você.

Ele soltou seu cinto de segurança e puxou Hannah para dentro do carro, para seu colo, abraçando-a forte.

– Hannah, quero facilitar as coisas para você e não ser um fardo...

– Quer saber de uma coisa? Quando vi você com aquela enxaqueca... quando o segurei junto a mim... foi então que percebi que poderia ser mãe. Não porque eu sentia algo remotamente materno em relação a você, mas porque percebi que amar alguém era mais importante que *status*. Do que coisas. Passei minha vida toda tentando preencher o vazio que existe em mim. Primeiro, cedendo a tudo que eu queria. Depois, controlando-me. Controlando tudo que eu fazia. Eu enchia o vazio com coisas. Mas a satisfação não durava, não era real. A única coisa que nunca tive foi amor. E você deu isso a mim. Você me mostrou como é ser amada e como o amor é bonito, Eduardo. Amar você nunca poderia ser um fardo. – Ela beijou de leve os lábios dele. – Eu gostaria que você pudesse sentir isso.

– Isso o quê? – perguntou ele com a voz rouca.

– O que eu sinto agora. Antes, era como se meu coração estivesse numa jaula. Eu não me permitia ter emoções. Nem gostar muito a fundo de ninguém, nem ter amigos. Eu estava estrangulando, sufocando meu coração. E você o soltou. – ele olhou nos olhos dela, cheios de lágrimas, tão sinceros. – Estou livre.

Alguma coisa partiu-se dentro dele. Uma muralha de pedra que o envolvia. E ele também sentiu isso. Como se estivesse saindo de uma prisão e vendo a luz do sol pela primeira vez em anos. Agora ele sentia isso, tão real e tão intenso.

– Hannah... eu... você me ama?

– Sim.

– Eu? Como sou agora? Não o homem que eu era antes?

– Eduardo, foi pelo homem que você é agora que me apaixonei. Foi ele que me fez mudar.

Ele foi então lavado por uma onda de alívio.

– Você me quer assim?

– Sim. Exatamente assim. Eu não acho que você esteja diminuído ou errado, de jeito nenhum. Você é simplesmente... você.

Ele cerrou os olhos, com a testa encostada na dela e sua dor de cabeça se esvanecendo.

– Com você, Hannah, imagino que talvez eu possa ser simplesmente eu. O eu que sou agora. Antes achava que tê-la de volta aqui me faria ser o homem que eu era antes... me faria ver o passado... agora, quando olho para você, vejo o futuro... Eu amo você, Hannah.

Ela sorriu, realmente feliz.

– Você está querendo dizer que realmente quer ser meu marido?

– Para sempre. Eu só estava... com muito medo. De fracassar com você. Com nosso filho. Quero lhe dar tudo, e tenho medo de que eu seja muito menos do que você merece. Mas não desprezo o homem que sou agora... não quero ser como antes. Como poderia querer, se você me ama assim? Se você estará no meu futuro...?

– Estarei. Juro.

– Às vezes terei enxaquecas. Esquecerei coisas. Cometerei erros. Mas prometo uma coisa: nunca vou me esquecer do quanto amo você.

Hannah sorriu, com os olhos cheios de alegria.

– Também não serei perfeita, mas serei eu mesma. Totalmente comprometida com você.

– Prometo o mesmo a você.

Hannah olhou ao redor deles, para as montanhas, o carro, ele, e depois riu.

– É como se estivéssemos dizendo os votos de casamento de novo.

– Só que esses são para valer – disse ele.

– Prometo de coração, Eduardo. Sempre amarei você. Sabe... ninguém nunca me amou antes, mas você fez a espera valer a pena.

– Nunca duvide que eu amo você. Amo você mais do que tudo. E nossos filhos amarão você. Nossas vidas serão cheias de amor.

– Eu quero muito isso.

– E terá, meu amor.

Ele deu um beijo na testa dela.

– Nunca imaginei que poderia merecer uma mulher forte e bonita como você como minha esposa.

– Alguns diriam que nos merecemos, Eduardo – disse ela, cujos lábios se curvavam num sorriso malicioso.

– Verdade.

– E que bom que ambos somos fortes.

– Por quê?

Para que possamos cuidar um do outro – disse ela, beijando de leve os lábios dele.

EPÍLOGO

HANNAH OLHOU para o quadro que ficara pendurado no quarto deles pelos últimos dez anos. Da primeira vez em que o vira, ela achava que a mulher do quadro parecia solitária. Por algum motivo, não achava isso agora.

Talvez porque nunca se sentisse sozinha. Como Eduardo tinha prometido, a vida dela era cheia de amor agora.

Ela olhou para o criado-mudo e abriu a gaveta, pegando a carta que estava lá, que era de Benjamin Johnson, que tinha dezoito anos agora e estava indo para a faculdade. A carta em que ele agradecia por ela ter lhe dado a vida. Sua família adotiva. Ela sorriu olhando para o papel, com o coração cheio de amor, e fechou a gaveta.

– Mamãe!

Ela ouviu gritos e depois a voz de Eduardo dando broncas em espanhol e quatro pés saindo correndo, e depois uma porta sendo batida. Ela riu e desviou o olhar da pintura assim que seu marido entrou no quarto.

– Tudo bem com as tropas?

– Graciela estava com a boneca de Juanita. E os meninos estavam escolhendo do lado de quem iam ficar só para fazerem uma ceninha. Mandei que saíssem, está um belo dia lá fora.

– Preciso de seu relatório trimestral.

Ele abaixou a cabeça e beijou a ponta do nariz dela.

– Já o enviei a você.

Ela sorriu para seu marido, o pai de seus filhos, seu parceiro de negócios.

– Bem, agora não tenho motivo para puni-lo.

Ele arqueou as sobrancelhas.

– Parece que está desapontada...

– E estou...

– Obrigado.

– Pelo quê?

Ele envolveu Hannah com os braços e disse:

– Por ser minha parceira.

Ela ficou nas pontas dos pés, beijando o pescoço dele, e depois disse:

– Sempre.

Natalie Anderson

PERIGO DE PAIXÕES

Tradução
Maria Vianna

CAPÍTULO 1

MULHERESEMALERTA

Não seja um capacho!

Cansada de encontros desastrados e de ser usada? Informe-se sobre ele aqui... Leia as dicas para sobreviver na selva dos encontros...

MulheresEmAlerta #1862: Sr. 3 Encontros e Vc Já Era!

RainhaDaCafeína posted 15h49

Ethan Rush pode não transar com outra ao mesmo tempo, mas vai ferrar vc de qualquer jeito. Ele sabe que é atraente, mas o seu charme é falso. Sai com vc 2x e a deixa encantada, lhe proporciona o melhor sexo da sua vida e, antes q vc perceba, ele lhe dá adeus. Sem explicações: apenas um bilhete dizendo “foi divertido”. Enquanto lhe dá o último beijo, ele já está de olho em outra e, no dia seguinte, já está saindo com ela. Ele passa de uma para outra e para outra. Não caia na sua cantada, porque ele nunca se compromete... 3 encontros, e vc já era.

MinnieM posted 18h23

AMD, saí com ele 2x. Vc tem razão. Ele faz vc se sentir incrível, mas nunca passa de 2-3 encontros. Vc sente q seu coração foi roubado. Ele usa as mulheres.

Bella_262 posted 21h38

Ele me levou a um restaurante incrível. Foi a melhor noite da minha vida. Para ele? Quem sabe? De repente, acabou. Acho q ele só quer quantidade. Eu estava caída por ele. Agora me sinto uma idiota.

RainhadaCafeína posted 07h31

Ele conseguiu o q queria e sumiu. Ter sido bom piora tudo. Vc fica pendurada, achando que está apaixonada. E q realmente tem algo de errado com vc.

MinnieM posted 09h46

Ainda não sei pq ele não telefonou. Achei q estava tudo bem, mas acabou. Recebi lindas flores, mas isso não ajudou.

RainhaDaCafeína posted 10h22

Vc tb recebeu flores? É o MO dele. Aposto que fez o mesmo com várias outras. É ele quem tem problemas, garotas, não nós. Fugam. Não deixem + q ele se saia por aí bancando o playboy canalha!

AO LER o conteúdo do site, Ethan se sentiu pegar fogo e, depois, congelar. Pensara que o link que a irmã lhe mandara por e-mail levaria a algum episódio hilário que se tornara viral. Aquilo não era engraçado. Era um festival de horrores... sobre ele.

O “Sr. 3 Encontros e Vc Já Era!” pegou o telefone.

– Polly, foi você quem inventou isso – disse ele, assim que a irmã atendeu.

– Infelizmente, não – disse Polly num tom de desculpa, mas debochado. –

Você se tornou famoso na internet.

– Mas eu não uso as mulheres. – Era impossível controlar o instinto de defesa. – Não mais do que elas me usam – acrescentou Ethan. – Eu sou um cara gentil: bons restaurantes, boa companhia, diversão... Para ambos.

– Como, generoso? – perguntou Polly. – Elas têm razão. Você nunca tem mais de 3 encontros com alguém, e tem encontros *constantemente*.

– E qual é o problema?

– Você só quer uma coisa.

– Não, não quero. Eu não vou para a cama com todas elas.

O silêncio de Polly o fez perceber que até ela não acreditava. Ethan olhou para a tela e ficou indignado com as palavras amargas de algumas das mulheres com quem tinha saído.

– Você não pode concordar com isso. Qualquer um pode dizer o que quiser na internet. Onde estão as evidências?

– Eu sei que as flores são verdade. – Porque ela era a florista que ele mantinha no mercado quase sozinho.

– Isso faz com que o resto também seja?

Polly ficou calada, o que lhe doía muito mais do que deveria. Ethan fez uma careta para o pequeno logo exuberantemente colorido.

– Que tipo de pessoa faz um site dedicado a deixar que mulheres amarguradas e despeitadas derramem seu veneno? – Ele nunca estivera tão furioso. A mulher que se escondia por trás daquele site deveria ser uma megera manipuladora. O site chegava a anunciar camisetas para vender, e ela ganhava dinheiro com o seu rancor.

– Esqueça, Ethan. – Polly tentou mudar de assunto. – Eu não deveria ter lhe mandado esse link. Você vai ao batizado? Vai sozinho?

– Vou – Ethan resmungou. – Para proteger a mamãe da última loucura do papai. E você acertou ao me mandar esse link, mas não ao acreditar nele. – Ele olhou para a tela, leu mais alguns posts e ferveu. Estava sendo acusado de todo tipo de truques e enganações – e isso presumia que o que elas diziam era verdade –, mas ele sabia que o tópico era fabricado. E estava cada vez mais furioso. – Isso é difamação. – Ele se revoltou com a injustiça. – A internet prima pela liberdade de expressão, mas isso está errado.

Totalmente errado. Prejudicial e perigoso. Um site como aquele deveria ser proibido. Alguém precisava fazer alguma coisa, antes que a vida ou o emprego de alguém fosse destruído pela má reputação on-line.

Ethan Rush jamais fugia de um desafio. Não esperava *nada* de braços cruzados.

ENQUANTO CONSULTAVA a caixa de entrada, Nadia sentia os olhos arderem. Fora uma tolice passar a noite em claro, atualizando e mediando o fórum e criando dois novos tópicos. O seu site fizera um sucesso muito maior do que o previsto, mas tornara difícil encarar o dia de trabalho. Infelizmente, era o trabalho que pagava as contas e que iria lhe proporcionar o estilo de vida e o respeito pelos quais ela sempre lutara, e ela não iria estragar tudo.

Nadia fechou os olhos e respirou profundamente. Apesar do exercício a caminho do trabalho, o seu nível de endorfina não aumentara, e ela precisaria de algo que a ajudasse a encarar as próximas 8h. Mas, antes que se dirigisse à máquina de salgadinhos para comprar algo gorduroso, salgado e calórico, processado diversas vezes e embalado em plástico, o telefone tocou.

– Nadia, há um homem procurando por você, na recepção – disse Steffi, a recepcionista, num tom animado.

– Por mim? – Nadia checkou a agenda. Seu primeiro compromisso seria dentro de uma hora.

– Por você e mais ninguém.

Realmente? Nadia não concordava. Stef deveria estar querendo se livrar de algum candidato a emprego. Milhares de pessoas queriam trabalhar na Hammond Insurance. Ela sabia disso porque precisara lutar com unhas e dentes para ser admitida.

– Ele é muito insistente. Devo mandá-lo entrar?

Ah, sim. Steffi estava querendo lhe mandar algum abacaxi.

– Tudo bem – respondeu Nadia. – Sala de entrevistas 5, daqui a três minutos.

– Maravilha – Steffi deu um suspiro exagerado. Nadia franziu a testa e abaixou o tom da voz.

– Está tudo bem, Stef?

– Claro, por quê?

– Você parece estar ofegante.

– Ah, não. – Steffi riu alto. – Eu estou *ótima!*

Hã-hã... Nadia desligou, pegou uma pasta de recrutamento e se dirigiu à sala de entrevistas. Se ele era um candidato ansioso, Steffi poderia ter lhe dado um maço de folhetos, mas algumas pessoas exigiam falar com alguém

que não fosse da Recepção. Ah, era até um alívio se afastar da tela do computador e adiar o começo do trabalho. Ao voltar, ela passaria pela máquina de vender salgadinhos.

Nadia entrou na sala e sentou na cadeira do outro lado da mesa. Abriu a pasta e se preparou para dar um sorriso radiante e enumerar os benefícios da empresa tradicional e incrível, mas sem alimentar as esperanças do sujeito. A Hammond só contratava o que havia de melhor. Era difícil ser admitido, e noventa por cento dos candidatos não conseguiam o emprego.

Quando Steffi apareceu na porta, ela quase ficou ofuscada com o seu sorriso luminoso. A recepcionista estava radiante e corada, como se tivesse bebido champanhe demais.

– A sala de reuniões 5 é aqui – disse Steffi, afastando-se para dar passagem à pessoa que a seguia.

Nadia ficou admirada ao ver o homem. Não era o que ela esperava. Imaginara um recém-formado nervoso, mas animado. Algumas vezes, eles eram muito jovens, mas nunca tão confiantes e calmamente contidos. Nunca eram homens tão evidentemente maduros e vigorosos. Terno feito sob medida, olhar penetrante, um belo sorriso no rosto, um corpo maravilhosamente viril. O tipo de homem que só se via em anúncios de spray pós-barba.

No entanto, ele tinha uma irritação que *jamais* se via em anúncios. Não admirava que Steffi tivesse ficado sem fôlego. Pobre Steffi.

Mas, assim que Steffi foi embora, ele deixou de sorrir.

Nadia sentiu um arrepio de frio e ficou alerta. Ele não parecia querer um emprego na mais prestigiada empresa de seguros da cidade. Parecia já ter o mundo e a riqueza a seus pés e poder fazer tudo que quisesse. Mas a irritação estava ali, *cozinhando*, e havia algo de primitivo por baixo da sua pele. Algo que ela duvidava querer saber o que era.

Ele fechou a porta com cuidado, sem deixar de olhar para ela.

– *Você é Nadia Keenan?*

– Surpreso? – perguntou ela com uma calma surpreendente, indicando a cadeira do outro lado da mesa para evitar um torcicolo causado por ficar

olhando para cima. Deveria ter se levantado para recebê-lo, mas sentira as pernas amolecerem e sabia que não seria bom demonstrar fraqueza.

Ele sentou, movimentando o corpo musculoso e esguio de modo tão contido, que ela se arrepiou de novo. Apreensão... e algo que ela *realmente* não queria definir. Por que ele procurara por ela, especificamente? Aquele homem viera ali com um propósito bem definido. Ela era apenas uma assistente de RH. O seu nome não aparecia no site da empresa. Por que ela?

O silêncio se alongou. Nadia olhou para além dele, aliviando os olhos cansados e tentando controlar as batidas do coração. Duas das paredes da sala eram de vidro, e eles podiam ser vistos por quem passasse. Ela relaxou um pouco. Não havia motivo para se sentir isolada e claustrofóbica. Não havia motivo para se arrepiar, não exatamente de medo, mas por algo indefinido.

– Como posso ajudá-lo...?

– Qual é a política adotada pela Hammond em relação à internet? – interrompeu ele.

Nadia comprimiu os lábios e empurrou a pasta em cima da mesa, tentando ganhar tempo para organizar seus pensamentos.

– Imagino que seja rígida – continuou ele. – A Hammond é uma empresa extremamente conservadora.

– Qual é o assunto, senhor...? – Ela fez uma pausa, evitando encará-lo.

– Rush. Ethan Rush – disse ele como se fosse James Bond. – Você reconhece o meu nome?

– Deveria?

– Sim, creio que deveria.

Nadia puxou a pasta e tentou raciocinar. O seu pulso disparara e ela mal conseguia respirar.

– Sinto muito, sr. Rush, o senhor precisa ser mais específico.

– Mas você foi alertada a meu respeito.

– Fui? – Ela olhou para ele, surpresa, e ficou presa ao brilho avermelhado de seus olhos castanhos, à firmeza do seu olhar.

– Sim, no MulheresEmAlerta. Você conhece esse site, Nadia?

Ela engasgou, sentiu a adrenalina se espalhar pelo corpo e resolveu fingir que não sabia. Se isso não funcionasse, negaria, negaria e negaria.

– O senhor queria alguma coisa, sr. Rush?

– Sim. Eu queria saber quais são as normas de uso da internet na Hammond. Aparentemente, você é a funcionária de RH especializada nesse assunto.

Ele não tinha se mexido, mas parecia ter crescido e preenchido a sala com a sua feroz energia.

– Diga-me – disse ele secamente. – Os seus patrões sabem que você gerencia um dos sites mais desprezíveis e difamatórios da internet?

Nadia se sentiu sufocar e não conseguiu falar.

– Se os seus chefes descobrissem qual é o seu hobby, não seria fácil manter o seu cargo em RH, não acha? Não, quando é você quem manda memorandos a respeito do protocolo de uso da internet para todos os empregados. Você não está em posição de dar conselhos, está?

Nadia endureceu o queixo, ressentida por ele ter classificado o site como “hobby”.

Ele tirou um papel do bolso, desdobrou-o e colocou-o em cima da mesa. Ela deu uma olhada no cabeçalho e olhou para ele. Não precisava ler porque escrevera a maior parte das normas a respeito do acesso e do uso da internet, especificando que os sites, fóruns e similares eram estritamente proibidos no escritório, antes de submetê-las à provação da Diretoria e do Departamento Legal.

– Onde você conseguiu isso? – E como conseguira localizá-la?

– É uma ironia que você dê seminários para os empregados sobre como se protegerem na internet, quando você mesma é uma vilã do ciberespaço.

– O senhor pretende chegar a algum lugar, sr. Rush? – Ela estava tensa e queria sair dali, mas se recusava a fugir. Queria saber o que ele pretendia e tentou se acalmar, pensando que estava segura: jamais usaria os computadores da Hammond para criar e gerenciar um site, porque o emprego era muito importante para ela.

– O que você acha, Nadia? Por que eu estou aqui?

Ela sacudiu os ombros.

– Não tenho a menor ideia. A não ser que você queira pleitear um emprego na Hammond, não temos nada a nos dizer.

Ele sorriu e se recostou na cadeira, muito à vontade, como se fosse ele quem trabalhasse ali. E estava totalmente lindo, com a sua postura viril e arrogante. Ah, sim, cuidado mulheres! Ela conhecia o tipo: bonito demais para o seu próprio bem. Um playboy mimado, que fora desmascarado duas, três, quatro ou mais vezes, e que não estava satisfeito? Azar!

Mas os olhos dele a levavam a enfrentar o desafio: incendiários, com um toque avermelhado no tom cor de canela, impossíveis de ignorar.

– Você pode ter duas vezes o meu tamanho, mas não vai me intimidar. Pode levar a sua atitude ameaçadora para outro lugar – disse Nadia.

– Ameaçadora? – Ele deu uma gargalhada que ressoou perigosamente. – Eu não vim ameaçá-la, Nadia. Estou aqui para lhe arrancar uma promessa. O tópico a meu respeito é difamatório – disse ele calmamente.

– Ora... – Ela se forçou a sorrir. – A defesa para a difamação é a verdade.

– Tem razão – concordou ele.

– Você está dizendo que o que foi dito *não é* verdade?

– Exatamente.

– Então, prove.

Seis segundos se passaram. Os sentidos de Nadia tinham se aguçado tanto, que ela podia ouvir o ponteiro do relógio se movendo.

– Você não acha que isso está errado, Nadia? Em um sistema justo e democrático, um homem é inocente até que se prove o contrário. Mas, no pequeno mundo que *você* criou, ele é culpado até que prove ser inocente. Para você, isso não é um problema?

Ela lhe lançou um olhar fulminante.

– Os homens citados no meu site *são* culpados.

O olhar que *ele* lhe lançou também foi fulminante e algo mais.

– Você não admite que o seu site abre espaço para injúrias? Não acha que uma mulher vingativa pode se aproveitar dele?

– Uma mulher que queira se vingar? Por favor... Homens como você criam esse tipo de estereótipo.

– Então, você *não foi* magoada por um homem e não está tentando se vingar? Não foi por isso que criou esse site?

Ela ficou revoltada.

– Eu criei o site para que as pessoas tivessem acesso a informações a respeito de encontros no mundo moderno – corrigiu ela. Aquela conversa era inútil. Ele jamais entenderia. O seu imenso ego fora ferido. – Eu não preciso me justificar para você.

– Ah, eu acho que precisa. – Ele se inclinou para a frente. – Acho que você precisa se justificar para muita gente. Por que não confessa tudo? Por que se esconde no anonimato da internet? Os seus patrões nem sabem.

Nadia olhou para as paredes de vidro e desejou que elas fossem sólidas. Claro que não sabiam. E desaprovavam totalmente. Eles valorizavam a responsabilidade e a reputação acima de tudo. Era isso que *ela* ensinava aos novos empregados, e não queria prejudicar seu trabalho. Batalhara muito para conseguir aquele emprego.

– Eu não engano – disse ele com firmeza. – Não uso truques para eliminar as reservas de garotas ingênuas. Então, por que fui mencionado?

– Evidentemente, você feriu alguém. – Assim que tivesse uma chance, ela iria reler os posts para descobrir como.

– Onde está o meu direito de resposta?

– Você pode postar uma contestação. Só precisa se registrar e fazer o login.

– O quê? E arranjar uma identidade falsa como as que estão lá? – Ele sacudiu a cabeça. – Creio que *you* deve ter responsabilidade pelo site que criou, pela veracidade do seu conteúdo e pelo dano que ele possa causar.

– De que modo ele o prejudicou? – Para Nadia, ele parecia ser inatingível.

– A reputação é um bem inestimável.

Ela sabia disso.

– O que você quer?

Ele se ajeitou na cadeira e roçou os dedos no queixo e na boca. Ela tentou não seguir o movimento e não olhar para seus lábios, então fitou seus olhos, e ele parecia estar...

Ele olhava para a sua boca, para seu pescoço e para o seu peito. Nadia viu uma chama iluminar a sua expressão, enquanto o mesmo acontecia dentro dela. Seus músculos se contraíram e seus hormônios se espalharam. Seus seios se avolumaram sob a blusa...

Claro que o seu corpo reagiria a um único olhar de um macho tão bonito. O seu instinto para se relacionar sexualmente estava se manifestando.

Ele ergueu os olhos lentamente e a viu olhando para ele.

– Creio que, se é necessário, eu vou provar.

– Como fará isso? – E por que ela estava sussurrando?

– Três encontros – disse ele também baixinho.

– O quê?

– Você e eu teremos três encontros. Você será o juiz, o júri e o executor. Portanto, julgue-me baseada em fatos. Eu vou lhe provar que o que está no seu site é mentira.

Nadia riu num tom quase de histeria. Era absurdo.

– Eu não vou sair com você.

– É isso, ou você pode chamar seus advogados. – Ele olhou para ela, analisando-a descaradamente. – Você tem bastante dinheiro para contratar advogados, Nadia? Claro que não. Se tivesse, por que estaria trabalhando como assistente de RH?

– Os usuários do meu site assinam um termo de compromisso. – Ela tentou recuperar terreno. – Eu não posso ser responsabilizada pelo que eles escrevem.

– É muito conveniente você se esconder atrás desse termo, não é? Eu acho que ele pode ser discutido no tribunal. – Ele deu um sorriso compreensivo.

– Levará meses. Tanto tempo de trabalho... Todos que trabalham aqui ficarão sabendo, Nadia. Sua família, seus amigos... – Ele franziu os olhos. – Eles também não sabem, não é? – Ele recorreu ao último trunfo. – Você vai precisar de advogados bons e caros por um longo tempo, doçura.

– Você está disposto a desperdiçar tanto dinheiro? – Ela sentia o estômago se revirar. Ele não podia estar falando sério. Não faria isso, faria?

– Eu não considero um desperdício. De qualquer modo, *eu sou* advogado e posso representar a mim mesmo.

Claro que ele era advogado. Era o protótipo do adversário agressivo e idiota. Ele não iria intimidá-la. Nadia engoliu o fel que lhe subia à garganta.

– Eu não vou retirar o seu tópico do site. É uma questão de liberdade de expressão.

– Na verdade, eu não quero que você o retire – disse ele pensativamente. – Vamos enfrentar o fato de que, quando algo é publicado na internet, fica ali para sempre. O que eu quero é uma retratação.

– Então, você precisa entrar em contato com a mulher que magoou, e não comigo. – Ele não precisava envolvê-la. Três encontros? Era ridículo.

– Elas não se identificaram. Eu não sei quem elas são.

Elas? Ah, que beleza...

– Você não sabe quem é porque foram muitas? – Ela arregalou os olhos. – Seja honesto. – Ela resolveu contra-atacar. – O que você realmente quer é uma série de elogios sobre o seu desempenho na cama.

– Você está se oferecendo para dormir comigo para poder fazer um relatório mais acurado?

Ela sentiu o rosto aquecer, assim como outra parte da sua anatomia.

– Eu não preciso da sua aprovação para saber o meu valor como amante, Nadia. Eu só quero que você reconheça que, às vezes, as pessoas escrevem coisas de acordo com uma perspectiva distorcida. O que eu *realmente* quero é que você se livre desse poço de amargura.

– Isso não vai acontecer.

– Ser malévola é tão importante para você?

Nadia deu de ombros.

– Se prevenir as mulheres sobre idiotas que querem usá-las me torna uma bruxa, fico feliz por ser uma. Durante muito tempo.

– Como você sabe que o que elas escrevem é verdade?

– Por que alguém iria mentir? Eu já lhe disse que essas mulheres não querem vingança. São mulheres que foram profundamente magoadas.

– Assim como você?

Ela hesitou por um décimo de segundo.

– Para mim, isso não é pessoal.

– Duvido muito!

Ela escondeu as mãos sob a mesa, cerrou os punhos e tentou encontrar uma saída, mas sabia que estava encurralada.

– Então, tudo bem. Você quer três encontros? Ótimo. Mas cada um paga a sua parte.

Ele fez uma expressão dramática, mas seus olhos brilhavam de satisfação.

– Sim, você seria grosseira a esse ponto.

– Eu não quero lhe dever nada, sr. Rush. Não quero que espere algo de mim, só porque me pagou um jantar.

– Na verdade, eu estou esperando muita coisa de você, Nadia. – Ele sorriu alegremente. – E me chame de Ethan.

Nadia levantou e se dirigiu para a porta porque ameaçava explodir de raiva. Ele também levantou e olhou para os saltos de seus sapatos. Ela sabia que ele estava calculando qual seria a sua altura sem sapatos.

– Os piores venenos vêm em pequenas embalagens – disse ela.

Ele sorriu com superioridade, com uma expressão que dizia que estava “se divertindo com a garota”.

– Assim como as coisas mais preciosas – retrucou ele gentilmente.

Ela não o acompanhou até a saída. Não poderia. A onda de calor a cegava. Um misto de fúria e de algo mais. Ah, sim, ele merecia estar no MulheresEmAlerta, ainda que não fosse um candidato genuíno. Ele não precisava fazer muito esforço para destruir corações. Mas, não o dela. Jamais, o *dela*.

CAPÍTULO 2

MulheresEmAlerta

Dicas para sobreviver na selva dos encontros. O que não fazer no primeiro encontro...

Não beba muito. Álcool prejudica o raciocínio, e você quer tomar decisões sensatas. Não seja muito sexual. Se o relacionamento tiver potencial e você não quiser só uma noite, mantenha certo mistério. Você quer ser levada a sério.

Não fale muito sobre seu ex, seus problemas ou sobre o chefe desagradável. A negatividade é deprimente.

Não vá ao cinema: é uma fria. Você quer conhecer a pessoa, não ficar calada ao lado dela, durante 2h.

Não fique tensa. Relaxe e seja você mesma.

ETHAN DEU uma gargalhada e se jogou sobre o sofá enquanto lia. O laptop balançava sobre a sua barriga. Era demais!

MaisVelhaMaisSábia, pseudônimo de Nadia Keenan, realmente ditava regras e dava dicas sobre encontros, como se ela fosse uma especialista, o

que ele achava que *não* era.

Ela realmente precisava de uma lição dada por um mestre. E ele sabia exatamente o que fazer: jogar no campo dela. Combateria fogo com fogo. Qualquer um poderia criar um site, certo? Felizmente, ele era sócio de uma empresa que não tinha normas de conduta draconianas e moralistas que governassem a vida pessoal dos empregados e, desde que não fosse prejudicial aos negócios, ninguém se importava com o que eles colocavam na internet.

Ele não estava aborrecido com o site destruidor de reputações por causa do seu *trabalho*. Para ele, a questão era a injustiça de ter de provar a inocência e não a culpa, o que violava um princípio legal fundamental. Tudo bem: também havia algo de pessoal. Elas tinham mexido com o Rush errado.

Ethan não merecia ter sido apedrejado. O verdadeiro cafajeste era seu pai. E ele se recusava a ser como o pai. Não era instável, enganador, pernicioso. Podia entrar no jogo, mas era sempre direto, sincero e gentil com as mulheres com quem saía. Mas não sentia disposição para ser gentil com Nadia Keenan.

Ele entrou em um dos maiores hospedeiros de sites e tentou inventar um nome.

HomensMaisEspertos

Fantástico. Ainda não registrado e disponível para uso.

E a tagline?

Confrontando as fofocas da “diveta” dos encontros.

Bela aliteração! E, pelo menos, iria escrever sem usar abreviações, que ele odiava. “Diveta” podia parecer um tanto ridículo, mas ela era muito pequena para ser uma verdadeira diva.

Ele preencheu o grid que detalhava “tudo a respeito desse blog”...

Ethan Rush, pejorativamente classificado como “Sr. 3 Encontros, e Vc já era”, no MulheresEmAlerta, quer que essas mulheres sejam sinceras e que os homens saibam que comentários sujos a respeito de encontros são publicados na internet. Homens, juntem-se a nós e conheçam a realidade.

E recebam conselhos muito melhores sobre encontros do que os que são publicados naquele site...

A srta. MaisVelhaMaisSábia iria saber que, em matérias de encontros, ele era muito mais experiente do que ela. Enquanto escrevia o post original, ele ria. Nada agitava mais o seu sangue do que um desafio.

HomensMaisEspertos: *Um filme romântico é seu aliado. De acordo com a autoproclamada guru do **Mulheres-EmAlerta**, **MaisVelhaMaisSábia**, ir ao cinema no primeiro encontro é uma ideia idiota.*

Errado.

*O cinema é ótimo para romper o gelo de qualquer rainha fria como a citada **MaisVelhaMaisSábia**. Se quiser, comece a noite com uma pizza. Nada de lanchonetes, rapazes. A primeira noite deve ser gourmet. Mas todos sabem que não há nada pior que ficar sentado num restaurante caro ao lado de uma mulher que não tem o que dizer, enquanto se espera horas por duas fatias de batata, um filé minúsculo e algumas gotas de óleo estranhamente verde na borda de um prato branco. É melhor pedir uma pizza para começar, e relaxar um pouco.*

O filme lhes dará duas horas para se acostumarem um com o outro. Vocês estão juntos, mas não concentrados um no outro. E depois terão algo sobre o que conversar. Quando ela começar a falar, não vai mais parar. Depois do filme, ela vai estar psicologicamente preparada para fazer confidências. Um fato inalterável nos encontros: quanto mais você deixa ela falar, mais ela quer ficar com você.

*O filme romântico é seu aliado. Ela vai ficar sentimental. Complete a jogada e a leve para comer uma sobremesa. Ela vai ficar tão mole quanto a mousse de chocolate que estará comendo. Cara, você vai se aproveitar dos hormônios liberados pelo final feliz do filme. Preparem-se para um filme romântico meloso. É isso que eu vou fazer com a srta. **MaisVelhaMaisSábia**. É o adoçante perfeito para o primeiro encontro. E nós queremos que elas sejam doces.*

Ele hesitou antes de continuar a digitar e deu um sorriso maldoso.

Fique ligado para saber como fisgá-la no segundo encontro.

Ethan clicou em postar, sem pensar. Como dissera, havia muito lixo na internet. E, afinal, ela acabara com sua reputação, certo? Aquele era um jeito de recuperar a sua imagem. Ele não dava a mínima para o que os leitores anônimos pensassem, mas *não* era um enganador. E acertaria as contas com uma mulher extremamente rígida, que não gostava de diversão...

O coração de Ethan acelerou, mas ele se forçou a ficar alerta. Entrou no site MulheresEmAlerta, registrou-se com seu nome e entrou no tópico “Sr. 3 Encontros...”.

Ethan Rush: Procurando o outro lado dessa história? Para onde foram a sensatez e a investigação das informações? Não estão nesse circo de horrores. Que tal um desafio? A mulher por trás do MulheresEmAlerta, MaisVelhaMaisSábia, concordou em sair comigo, o Sr. 3 Encontros e Vc Já Era. Como ela é a principal juíza e executora deste fórum, concordou em me conceder um julgamento justo.

Três encontros, claro.

Ela fará seu jogo. Eu farei o meu. Comunicaremos os resultados, e vocês decidem: quem é sincero, quem é manipulador? Quem é o vencedor?

Ele lançara o desafio, montara a armadilha. Só precisava de algumas postagens apoiando-o, para equilibrar o jogo. Felizmente, tinha alguns amigos que sabiam que ele estava – em parte – brincando. Ele participava de um time esportivo que iria apoiá-lo.

Ethan colocou o link na sua página da rede social, fechou o laptop e, também, os olhos.

E, de repente, ele percebeu.

Aquilo era uma loucura. Deveria ter chegado lá fumegando e acabado com ela, exigido que ela retirasse o tópico, deletasse o maldito site, e ameaçado processá-la.

Sim, ele a ameaçara.

Mas só depois que uma ideia mais atraente lhe ocorrera. A ameaça servira para fazê-la aceitar a ideia. Como ela se identificara como *MaisVelhaMaisSábia*, ele esperara encontrar uma mulher madura e calejada, mas se deparara com uma das fadas estampadas na louça de brinquedo de sua sobrinha, com um lindo rosto em formato de coração e os cabelos soltos com as pontas cacheadas. Imediatamente, mudara de ideia.

Precisava tomar cuidado com o que faria com ela. Não queria se envolver em confusão. Mas lhe ensinaria uma lição, e Nadia Keenan iria se dobrar.

Não, *sexo* não. Nada de deslizar ao longo de pernas bronzeadas, de acariciar seu pescoço delicado, de provocá-la até que ela implorasse por piedade e gritasse de prazer. Por mais vívida que fosse a fantasia, ele foi dominado por uma tentação ainda maior. Faria com que ela pegasse fogo e se derretesse, e agiria como um cavalheiro, contendo-se. Ela iria odiá-lo ainda mais do que já odiava.

Ethan não conseguia desvendar aquela contradição. Ela parecia doce, mas atacava cruelmente as pessoas através do site vingativo. Quem a teria magoado? De que maneira? Ela dissera não ser nada pessoal, mas *algum* homem deveria ter partido seu coração. A sua identidade on-line admitia que ela estava *MaisVelhaMaisSábia*.

Ethan voltou a abrir o laptop, entrou no MulheresEmAlerta e clicou o link “arquivos”. Para ganhar um jogo, era preciso conhecer as fraquezas do adversário...

NADIA DESEJOU que Megan estivesse em casa, mas ela viajara para a Grécia, onde ficaria três semanas, para conhecer a família do namorado, Sam. Isso queria dizer que o apartamento que dividiam estava silencioso e que ela não tinha a quem pedir conselhos.

Ela remexeu os cabides do armário, procurando uma roupa que sabia não estar ali. Na verdade, não sabia o que queria, e não tinha dinheiro para fazer

compras. Precisava vencer Ethan Rush, mas ele já tinha todas as vantagens do seu lado. Boa aparência, riqueza – que podia ser percebida por suas roupas e pela sua confiança. Para ele, tudo era fácil. Até fazer com que ela concordasse com aquela ideia estúpida. Precisava arrancá-lo do seu pedestal de autocomplacência. Mas, como?

O telefone tocou quando ela pegava a bolsa. Bendita sorte, era Megan!

– O que devo vestir para um encontro ao qual não quero ir? – perguntou Nadia.

– Um encontro? – O tom admirado de Megan não era injustificado. – Por que você não quer ir?

– Porque ele é um completo idiota, que me forçou a ir.

– Nadia, ninguém força você a fazer alguma coisa.

Dez horas antes, Nadia teria concordado.

– Se eu não sair com ele, ele vai me processar por difamação e me expor como criadora do site MulheresEmAlerta.

– Não me diga que ele está lá.

– Está, e tem seu próprio tópico: “Sr. 3 encontros, e Vc já era.” Um bicho escorregadio que só está interessado em sexo. Depois, adeus. É um conquistador em série, extremamente arrogante, citado por mais de uma vítima.

– Ele *usou* isso para forçá-la a ter um encontro com ele?

– Três.

– *Três?* – Megan começou a rir. – Ele é muito bom.

– Ele não é bom, Megan. É louco.

– Mas não vai desperdiçar dinheiro num processo. Comunique à Hammond que tem um site. Eles não irão se importar. Você criou o site no seu computador pessoal e o gerencia durante as horas de folga.

– Eu batalhei muito para conseguir esse emprego. Não quero perdê-lo. – Independência e sucesso eram importantes. Depois de conseguir alugar um bom apartamento e arranjar um ótimo emprego – algo que sua família duvidava que um *tiquinho* como ela fosse conseguir ou, pior, *pudesse* – ela não iria fracassar. Sua família achava que ela não se encaixaria em uma cidade grande. Nadia se mudara para a maior cidade do país e arranjava

emprego em uma das maiores e mais tradicionais empresas do mercado para lhes mostrar do quanto era capaz. Eles ficariam perplexos com o site.

– Eu estou lendo os posts. Ele me parece ser interessante – disse Megan, suspirando. – Bom de cama. Há quanto tempo você não faz sexo?

Nadia fechou a porta do armário com violência. Tudo ia bem para Megan. Ela e Sam ainda estavam em fase de lua de mel e deveriam fazer sexo duas vezes por dia, enquanto ela não fazia sexo há um ano. Ou dois.

– Nadia... – O tom de voz de Megan mudara. – Você já viu a resposta que ele postou?

Nadia ficou gelada, correu até a sala e ligou o computador. Graças à velocidade da banda-larga, logo acessava o site.

– Ele tornou público... os três encontros. – Ela sufocou. – Por quê? Todos saberão que nós vamos sair. – E haveria um *vencedor*? Ah, ela estava certa. Aquilo era uma guerra.

– Bem, todos sabem que *ele* vai – disse Megan calmamente. – A sua identidade ainda é desconhecida. Há um link para um blog. Ele tem um blog?

– É novo. Eu já estou lendo. – Nadia estava ficando cada vez mais furiosa, mas Megan riu.

– Mal posso esperar para ele *pegar* você no segundo encontro.

– Ele é um idiota. Não vai pegar nada. – Certamente, não ela. E não estava arrepiada de excitação, mas de raiva.

– Ele é bonito, não é? – perguntou Megan. – Para ser tão confiante, deve ser.

– Se você gosta de brutamontes machos que se acham o máximo. – Força física nada acrescentava à personalidade, e ela não precisava da superproteção que costumava acompanhar a ilusão de ser um semideus.

– Ele me parece perfeito. O que você vai vestir?

Nadia abafou um gemido. Sabia que Megan queria que ela fosse tão amada e feliz quanto se sentia, mas ela não queria parecer atraente para Ethan, queria usar uma armadura. Quando Megan ia continuar a falar, o telefone sinalizou que estava recebendo outra chamada.

– Eu preciso desligar, Megan – disse Nadia depressa. – Estou recebendo outra chamada. – Ela desligou e pressionou uma tecla. – Alô?

– Nadia?

Da frigideira para o fogo. Era sua sina.

– Ethan. – Malditos arrepios. Ela se recusava a reconhecer a outra reação instantânea que lhe aquecia o baixo ventre.

– Quarta-feira à noite estaria bom para você?

Ele não fizera nenhum preâmbulo, mas falara num tom doce. Quarta-feira, daqui a dois dias. Ela precisava de tempo para se preparar.

– Eu já tenho um compromisso na quarta-feira – disse ela. Não iria facilitar para ele, nem um pouco.

– Então, quinta-feira?

– Por mim, tudo bem.

– Eu estava pensando em ir ao cinema...

Quanta falta de originalidade. Mas ela seguiria a corrente porque lera o seu maldito blog. Não deixaria que ele soubesse... Droga. Se ele checasse os acessos e soubesse o seu IP, iria perceber. E ele sabia. Parecia saber tudo sobre as suas atividades na internet. Só voltaria a acessar o blog de algum cybercafé ou lan-house.

– Isso me parece ótimo – disse ela, desanimada. – Posso escolher o filme?

– Claro.

– Como conseguiu o meu telefone?

– Da mesma maneira que descobri que você estava por trás do MulheresEmAlerta. A internet está cheia de informações.

– Mas é segura.

– Não como você pensa. Eu vou buscá-la em casa.

– Você sabe onde eu moro? – Isso sim, era apavorante.

– Claro. – Ela sabia que ele estava rindo. – Na esquina da Amargura com a Maldade, certo?

– Pena que você não vai se perder!

– Não pretendo. Mande-me os detalhes por e-mail, e eu lhe envio o horário.

– Ah, mal posso esperar – disse ela, só para dar a última palavra.

Nadia jogou o telefone no sofá e olhou para as palavras congeladas na tela do computador. Foi a palavra “diveta” que mais a atingiu. A superioridade, o desprezo, a condescendência do maldito cafajeste... Droga, ela *iria* fazer compras. Queria estar mais que bonita. Queria parecer *sensual*. Tão sensual, que ele não poderia deixar de desejá-la e cometer um erro. Existia essa possibilidade: ela vira o brilho nos seus olhos quando ele a analisara descaradamente, no escritório, e reconhecia que reagira instintivamente, mas podia se controlar, deixá-lo fervendo e, quando ele tentasse alguma coisa, rejeitá-lo. A sensação seria ótima.

Nadia não se gabava, mas também não subestimava a sua força. Sabia que tinha algo que intrigava alguns homens. Esse algo era o seu tamanho. Muitos homens, principalmente os mais altos e fortes, gostavam de mulheres pequeninas. Homens que gostavam de ser olhados literalmente de baixo. Ethan, o arrogante, com certeza gostaria disso.

Ela resolveu que iria usar o seu tamanho e enfatizar a sua feminilidade. Acessou seu site e leu os comentários das mulheres que tinham saído com Ethan, tentando obter mais informações. Se o que elas diziam era verdade, ele inevitavelmente tentaria conquistá-la, independentemente do que ela vestisse. Para ele, a conquista sexual era tão natural quanto respirar. Ele não se interessava por uma mulher especificamente: o que lhe dava prazer era a caça. Ele era um predador.

Ela queria pressioná-lo ao máximo e, para isso, deveria ser uma presa mais atraente, porque ela seria a mulher que iria colocá-lo em seu lugar.

CAPÍTULO 3

NADIA ACHOU o vestido perfeito. Não muito formal, vaporoso e muito feminino. Custara caro, mas valera a pena. Para combinar com ele e enfatizar a sua pouca altura, ela calçou sapatilhas. Não costumava usar menos de 5 cm de salto, mas faria um sacrifício em nome do seu objetivo. Deixou o cabelo solto e enfiou um elástico colorido no pulso, para o caso de querer prendê-los. Escolheu uma pashmina macia para jogar sobre os ombros e uma pequena bolsa a tiracolo. Aplicou o mínimo de maquiagem: um pouco de delineador e máscara, e um gloss cor-de-rosa.

Simples, feminina e bastante inocente: era a aparência que ela queria ter.

Como ela esperava, ele foi pontual. Ao ouvi-lo bater à porta, ela sentiu vontade de não abrir, mas ajeitou o cabelo e deu um sorriso forçado – que se apagou assim que o viu. Como ele ousava ser tão atraente? Incrivelmente perfeito, com aquele queixo quadrado e firme, para não falar de seus músculos e de sua altura. Imaculadamente vestido num jeans e numa camiseta que realçavam seus ombros e seu abdome, ele nem parecia real. Não admirava que ele achasse que podia navegar entre as mulheres: deveria ser tão fácil para ele, que não lhe ocorria ser diferente. A confiança de Nadia evaporou. A quem ela estava enganando? Realmente poderia brincar com um fogo como aquele?

– Pensei que poderíamos comer uma pizza antes do cinema – disse ele alegremente, com um olhar de satisfação.

Ela se empertigou e voltou ao jogo. Deveria superá-lo. Faria tudo para suplantá-lo.

– Ah, isso seria ótimo, mas... Para assistirmos o filme que eu estou querendo ver faz tempo, teríamos de ir diretamente para o cinema. – Ela mordeu o lábio, arregalou os olhos e olhou para cima. – Você se importa? – perguntou Nadia, com uma voz doce e hesitante, esperando parecer uma atriz dos anos 1960.

O brilho satisfeito dos olhos dele se apagou, e Ethan demorou para responder.

– Não... Isso não é problema. Então... Vamos?

– Ah, por favor, entre por um instante. – Nadia deu um sorriso, tentando parecer agradecida. – Eu preciso pegar o meu agasalho.

Era uma noite de verão, e ela não precisava de agasalho, porque estava fervendo. Mas, sempre que saía do cinema, sentia frio e, apesar de querer provocá-lo, não pretendia procurar calor junto dele.

– Obrigado. – Ethan parecia surpreso.

Nadia percebeu que ele analisava o apartamento. Sabia que sua casa era bem decorada e acolhedora, mas a presença de Ethan fazia com que o espaço parecesse ter encolhido, o cenário, desaparecido, e as cores, desbotado, concentrando toda a sua atenção.

– Você tem uma bela casa.

Nadia pegou a pashmina que colocara no braço do sofá.

– Você pensou que eu morava em um conjugado deprimente? – Como se esperava de uma solteirona solitária, que ele presumia que ela fosse? Sabendo disso, Nadia colocara algumas fotos da sua viagem à França, com Megan, no computador. Por que todos insistiam em diminuí-la? Seus pais tinham dito que Londres era muito grande para ela. A única coisa grande demais era o preço do aluguel. Ela trabalhava em uma empresa fantástica, e valia a pena dividir o apartamento com Megan.

Ethan sorriu ao ver as fotos se sucederem no computador.

– Eu aprendo depressa, Nadia. Estou aprendendo que, com você, devo esperar o inesperado.

– É mesmo?

– Claro. – Ele se voltou para ela. – Então, vamos.

Ela sentiu a adrenalina se espalhar pelo corpo, saiu atrás dele e fechou a porta. Os dois andaram alguns metros pela calçada, e ele fez sinal para um táxi. Nadia ficou surpresa. Achava que ele teria um carro.

– Você não gosta de táxis? – Enquanto abria a porta, Ethan percebera que ela hesitara.

O que ela não queria era sentar com ele no banco de trás, porque parecia íntimo. Ficarem juntos fazia com que imagens inconvenientes lhe ocorressem, como a dos dois se agarrando. Nadia afugentou a imagem, afastou-se para o outro lado do carro e mandou que sua cabeça e seu corpo se comportassem. Ethan sentou confortavelmente do outro lado. Ela não olhou para ele, mas sentiu que ele a estava observando, soltou um suspiro e cedeu ao ver que ele sorria.

– Você está adorável – disse ele. – Muito linda.

– Obrigada – disse ela a contragosto. – Você também está bonito. Mas você já sabe disso.

– Você *sabe* que fica bem, não importa o que vista. – Ele brincou. – Mas não é bom que alguém lhe diga? – Ele a viu erguer os olhos para o teto. – Você não gosta de elogios? – Ele parecia estar se divertindo.

– Não vindos de você – respondeu ela, apesar de não ser verdade. – Você não acha que esses encontros foram uma ideia idiota? Eu não vou acreditar em nada que você me diga, porque você só quer me impressionar para que eu escreva que você é um homem correto e que aquelas mulheres estão enganadas.

– As circunstâncias não importam – retrucou ele calmamente. – Eu sei que você é sempre difícil de impressionar.

– Por que diz isso? – Nadia se encolheu ao ver que ele a avaliava com um olhar pensativo e intenso.

– Acho que você leva a sua vida de acordo com várias listas de regras. Como o protocolo de regras para o primeiro encontro, que você postou no fórum. Como boa assistente de RH, você tem regras para tudo... Qualquer um que não as siga é um fracasso. Na sua vida, não há espaço para falhas.

– Isso não é verdade. – Nadia pensou que a sua vida estava salpicada de erros, a maioria, cometidos por ela.

– Não? – Ele esboçou um sorriso. – Está me dizendo que, às vezes, não segue os próprios conselhos?

– Os conselhos que eu ofereço vêm da minha experiência. Seria estúpido repetir meus próprios erros.

Ethan concordou, como se ela tivesse confirmado alguma coisa.

– E, por isso, você se tornou covarde.

O sangue de Nadia ferveu.

– Eu não sou covarde: sou cautelosa. E não vou me desculpar por isso.

– Sim, mas eu tenho a impressão de que você é muito inteligente e capaz. Talvez devesse ter mais confiança em si mesma.

– Ah, por favor. – Ele voltara aos elogios? Aquilo tudo era parte do lance charmoso.

– Sério, você deveria seguir seus instintos e se soltar.

– Eu sabia que você diria isso – disse ela com ironia. – É isso que você quer: que as mulheres se desfaçam de suas defesas dentro dos seus braços. – Ela sacudiu a cabeça. – Você elogia, sorri encantadoramente e espera colher os frutos. Tudo isso é hipocrisia.

Ele ficou boquiaberto. Ela realmente atingira o alvo?

– Então, está certo. – Ele pigarreou. – Eu não tentarei impressioná-la.

Nadia deveria ter ficado satisfeita, mas o problema é que ele *não precisava tentar* impressioná-la. Fazia isso com a sua simples presença: ele fora mais que abençoado com atributos físicos e tinha uma voz que exigia atenção. Pior, algumas coisas que ele dizia eram interessantes. Tudo bem: convincentes. Ele deveria ser um ótimo advogado. Por que o seu radar sempre a atraía para homens extremamente viris, quando a intensa energia do instinto sexual queria dizer que eles não conseguiam controlá-lo? Entregar-se a seus instintos a tornaria tão disponível quanto as outras mulheres com quem ele saía. Portanto, ela deveria combater seus instintos.

Quando eles entraram na menor sala do conjunto de cinemas, só havia os dois e mais um espectador. Ela tentara escolher o pior filme que estivesse

sendo exibido em Londres e, depois de três minutos de projeção, percebeu que conseguira.

Era um filme francês, com legendas distorcidas e ilegíveis, e contava a vida dolorosa de um artista, sua mulher e sua amante. O filme era uma tortura. Várias cenas do artista pintando, e eles literalmente podiam ver a tinta secando.

Ao fim de dez minutos, Nadia não aguentava mais e esperava que Ethan estivesse tão desesperado quanto ela. Mas o que a perturbava não era apenas o tédio. Estava muito cônica da proximidade dos dois, no escuro. O pior é que o filme tinha 3h de duração e, agora, teria de ficar sentada ao lado do homem que atraía o seu corpo, enquanto sua cabeça o repelia, durante todo aquele tempo.

O artista pintou durante mais uma hora. Era um tormento, mas valeria a pena. Ethan iria odiar tanto quanto ela, os dois sairiam de mau humor. Bem feito, por ele achar que iria *amaciá-la* com o um filme. Uma comédia romântica? Claro que não. Mas, espere um segundo... Ele estava *rindo*. Nadia olhou para Ethan disfarçadamente e viu que ele parecia interessado no filme, enquanto ela subia pelas paredes. O artista pintava durante horas, a maior parte, em silêncio. De vez em quando, ele balbuciava algo em francês. Mas, espere... Era *Ethan* quem estava resmungando em francês. O que seria? Ele estava sorrindo como se ver a tinta secando fosse divertido.

E então, para pavor de Nadia, a atividade entediante do pintor foi interrompida por uma incrível cena de sexo selvagem com a amante. Não era explícita, mas era tão frenética e descontrolada, que ela se sentia como uma *voyeuse*. Nadia ficou paralisada, toda corada, e sentiu vontade de fugir. Fechou os olhos, mas continuou a ouvir os sons, enquanto as imagens se formavam em sua cabeça. Mas o que lhe vinha à cabeça não era mais a figura do artista, e sim os mais de 1,80 m do corpo perfeito de Ethan.

Ah, não, não. Ela não estava pensando nele... com ela. *Não* estava.

Nadia ficou feliz quando o artista voltou à sua tela. Dez minutos de pintura, e o seu coração se acalmara. Mas surgiu outra cena de sexo – desta vez, mais quente e explícita, com a esposa.

Em meio ao som de respirações ofegantes e gemidos, o estômago de Nadia começou a roncar alto o suficiente para ser ouvido acima dos gritos de êxtase da mulher. Mesmo sabendo que iria recusar o convite de Ethan para comer a pizza, ela não comera nada antes que ele chegasse, por causa do nervosismo.

Ela tossiu para disfarçar o ronco do estômago, mas isso foi pior porque o casal da tela continuava em plena atividade. Nadia cobriu o rosto com a mão e desejou morrer. Por que não lera a classificação etária do filme, que deveria dizer que ele continha cenas de sexo explícito?

– Você não está se sentindo bem? – perguntou Ethan, preocupado, inclinando-se na sua direção.

– Estou ótima – respondeu ela, trincando os dentes e vendo o brilho risonho nos olhos dele. Droga.

Por fim, o filme acabou, e Ethan parecia interessado em ler os créditos. Só quando a luz acendeu impiedosamente, ele se voltou para ela e deu um sorriso eletrizante.

– Foi tão bom como você esperava?

– Ah, sim – mentiu ela, levantou-se e começou a sair. – Então, você fala francês?

– *Mais oui*, claro. – Ele segurou a porta para ela. – É uma pena que você não fale, porque as legendas estavam mal traduzidas. Eu achei o filme muito interessante.

– Achou?

– Não, ele é um lixo. – Ele soltou a porta. – Mas o objetivo era esse, não era?

Então, ele sabia. Claro. Ninguém normal aguentaria assistir aquele filme, a não ser que fosse muito bem pago. Mas ele merecera... Certo?

– Vamos comer alguma coisa. Você deve estar com tanta fome quanto eu.

Nadia pretendia ir para casa assim que o filme acabasse. E a tensão e a fome tinham lhe dado uma bela dor de cabeça. Ela hesitou, sem conseguir resolver.

– Para se vingar de mim, você já se puniu – declarou ela. – Não faça isso de novo.

– Está bem.

– Ótimo. – Ele chamou um táxi. – Desta vez, eu insisto em escolher.

O restaurante francês era o paraíso. Ao longo de uma parede, havia uma vitrine cheia de doces apetitosos. Nadia ficou ainda mais parva. Não conseguia pensar nem falar. Só conseguia olhar e salivar tanto, que ameaçava babar. Ela olhou ao redor e ficou desesperada. O restaurante estava lotado.

– Nós não vamos conseguir uma mesa – gemeu ela.

Ethan reparou que ela estava à beira de um colapso. Olhou-a de cima, e respondeu calmamente:

– Nós já temos uma.

CAPÍTULO 4

NADIA QUASE desmaiou de alívio. Ethan apoiou a mão em suas costas e os dois seguiram o *maitre*. Ao sentir a mão dele, ela quase pulou, porque parecia ter levado um choque, e voltou a raciocinar. Como deveria ter concordado em jantar, se a cada vez que ele chegava perto dela, seu coração dobrava a velocidade?

Mas a dosagem baixa de açúcar não lhe dava escolha, certo? Aqueles doces pareciam ser deliciosos. Nadia voltou a olhar para a vitrine de doces e ficou tonta novamente. Talvez pudesse aproveitar para prosseguir com o seu plano de deixá-lo curioso. Os homens não gostavam de ver uma garota comer bem? Não havia algo de provocante quando se lambia todo o creme? Se ela pudesse despertar o desejo de Ethan, rejeitá-lo mais tarde teria maior impacto. Ah, sim...

– O que você quer comer? – perguntou ele.

Nadia hesitou e pensou em algumas respostas malcriadas, mas concluiu que não deveria ser grosseira até que ele esquecesse o pior filme do mundo.

– Eu vou pular o jantar e ir direto à sobremesa. Aliás, duas, se você concordar.

O rosto dele se iluminou.

– Claro.

– E quanto a você? – Ela sorriu.

Ele massageou o estômago.

– Você não se importa se eu jantar enquanto você come os doces?

– Nem um pouco.

Trégua, ou pelo menos era o que ela queria que parecesse. Nadia fingiu consultar o cardápio para não ficar olhando para ele.

– Eles têm uma excelente seleção de vinhos. Gostaria de pedir um deles?

– Não agora, mas vá em frente. – O seu corpo delicado não suportava bem o álcool. Costumava beber o equivalente a um dedal. Não seria tola a ponto de beber naquele momento. Nadia esperou até que o sommelier fosse buscar o vinho que Ethan escolhera. – Como você arranhou essa mesa?

– Enquanto você ia ao banheiro das meninas, descobri a hora em que o filme acabava e reservei uma mesa.

Enquanto o garçom servia o vinho, Nadia recostou na cadeira, irritada por ele ter falado *meninas*. Ele tinha percebido a armadilha do filme. Ela corou, odiando ter sido descoberta e sentir tanto calor. Precisava recuperar o equilíbrio e se mostrar mais madura.

– Acho que também vou beber. – Uma taça não iria derrubá-la. E ela estava ardendo de calor, depois de ter ouvido Ethan falando francês. Ele esperou que ela provasse o vinho.

– É bom?

Era delicioso, suave, perfumado. Depois de fazer seu pedido, Nadia recostou na cadeira, sentindo-se feliz por saber que a comida logo seria servida.

– Está se sentindo melhor? – perguntou Ethan com malícia.

– Bem melhor, obrigada. – Ela suspirou e ele sorriu. Ele achava que se lhe desse açúcar e chocolate, ela ficaria doce como ele queria. Ethan teria uma grande surpresa!

– Você se divertiu na noite passada? – perguntou ele.

Na noite passada? Ah, sim, ela dissera que teria um compromisso.

– Eu saí com alguns amigos.

– Sim, você postou vários comentários na noite passada. – Ele deu um sorriso maldoso. – Você passa muito tempo da sua vida on-line.

Nadia bebeu mais um gole de vinho para se acalmar.

– Você esteve bisbilhotando.

– Quando você publica e qualquer um pode ler, isso não é bisbilhotar.

– Você também tem passado muito tempo on-line – disse ela, finalmente abordando o assunto.

– Ah... – Ele se ajeitou confortavelmente na cadeira. – Você está zangada por eu ter falado sobre os nossos encontros?

– Zangada, não. Surpresa. Pensei que você quisesse proteger a sua privacidade.

– Não sou eu quem não sabe lidar com problemas de privacidade, Nadia. Não se trata de mim ou de você. Você achou que iríamos manter o assunto em segredo? De que adiantaria fazer isso?

– Eu ainda não sei qual é o objetivo de tudo isso.

Ethan riu.

– Nesse momento, o objetivo é comer uma comida deliciosa.

Naquele mesmo instante, o garçom servia os pedidos. Nadia se animou e enfiou a colher no doce. Ah, muita manteiga e açúcar, misturados com arte, na cozinha. O êxtase comestível.

Ethan não tocara no prato: observava a reação de Nadia.

– Estou vendo que está gostoso.

– Gostoso? – exclamou ela. – Está mais do que gostoso. Está...

Ele riu e esperou.

– É indescritível. – Ela não precisou fingir que se deleitava sensualmente com a sobremesa. Era impossível esconder. Não conseguia parar de comer.

Ethan voltou a atenção para o seu prato. Algum tipo de carne, na qual ela não estava interessada. Não, quando comia aqueles doces deliciosos.

Nadia nem tentou conversar. Comia alternadamente uma fatia de cada doce, sem conseguir decidir qual deles deixaria para o fim. E ela *não* estava amolecendo, não sentia maior tolerância em relação a Ethan, por ele a ter trazido ao paraíso da gastronomia. *Não* estava gostando da conversa e do desafio que ele representava.

– Em que está pensando? – perguntou ele, por fim. – Você está muito quieta.

Claro que ela não podia falar com a boca cheia de creme. Mas, agora, que já se enchera de açúcar, Nadia sentia o seu espírito combativo renascer. Uma sobremesa maravilhosa não iria amolecê-la.

– Eu estou pensando no que vou escrever sobre esse encontro. – Ethan soltou os talheres e empurrou o prato. – O que *você* vai escrever? – perguntou ela docemente. – Eu estou ansiosa pelo próximo encontro, que é quando você me *pega* .

– Eu também estou – disse ele, sem se alterar.

– Sou eu quem escolho o lugar. Você escolheu ir ao cinema.

– Está bem. O que você quer fazer? – concordou ele depressa.

– Quero que o encontro seja durante o dia. – Seguro, em espaço aberto, com dezenas de pessoas em volta. Ela não queria chutá-lo antes do terceiro encontro e, portanto, precisava jogar com cuidado. – Domingo à tarde seria conveniente para você? – perguntou Nadia, enquanto o garçom tirava a mesa. Quanto mais cedo aquilo acabasse, melhor.

– Claro. – Ethan voltou a encher os copos de vinho. – Eu estou ansioso para passar mais tempo com você. Você é uma ótima companhia.

Nadia abafou uma risada diante do sarcasmo, ergueu a taça e provocou-o.

– Pensei que você tivesse dito que não tentaria me impressionar.

– Acho que é um hábito. – Ele deu de ombros, mas sorriu.

– Você sempre faz elogios?

– Sempre. – Ele olhou para ela atentamente. – E você não gosta disso.

– Não é necessariamente um mau hábito. A não ser que o que você esteja dizendo não seja verdade.

– Mas é.

– Sempre? – Ela franziu a testa e pousou o copo.

– Claro.

– Às vezes, você não faz isso porque sabe que a pessoa vai ficar contente?

– E isso é ruim?

– É ruim, se não for sincero.

– Tudo bem. Você quer sinceridade, eu lhe dou. Acho que você fica maravilhosa nesse vestido, e eu não queria que estivesse. Seria mais fácil se eu não a achasse atraente, mas, *sinceramente* , você está...

– O quê?

– *Indescritível* – disse ele em voz rouca. – Talvez você devesse sentir o que faz comigo? Você aguenta esse tipo de sinceridade? – Ele pegou na mão dela

e, antes que ela percebesse, pressionou-a sobre o peito. Nadia sentiu seu calor através da camisa, o ritmo acelerado do seu coração. De repente, ela sentiu a própria pulsação soando nos ouvidos. E aquela não foi a única reação do seu corpo. Respirava mais rápida e superficialmente. Mas o pior era o calor e a sensação de que se derretia internamente, preparando-se para ser possuída.

Nadia levou alguns segundos para recuperar a consciência e perceber que estava esticada sobre a mesa de um elegante restaurante francês, fitando os lindos olhos cor de canela de um homem, como se estivesse hipnotizada. Sentindo aquela *coisa* intensa e íntima...

E então, ela se lembrou da regra.

Não seja muito sexual.

E tudo aquilo girava em torno de regras. Ela pensou em voltar à sua posição, mas cada movimento seria sexual. Tudo nele era sexual. Ele era um verdadeiro ímã, e sabia disso. Mas ela iria desarmá-lo: seria a única que ele não conseguiria atrair.

– Ah, você é muito bom – disse Nadia friamente, puxando a mão e a segurando com a outra, junto à barriga. – Você gosta de fazer com que a mulher o deseje, não gosta? Talvez por isso você faça tantos elogios. Você não quer agradá-las, quer satisfazer a si mesmo. Você é muito bom em criar ilusões.

Ethan recostou na cadeira e se mostrou mais frio que ela.

– Mas prefiro os *fatos*. Eu pesquisei você.

– E que *fatos* você descobriu? – Nadia fervia de raiva.

– Você mesma publicou. Não foi difícil descobrir. No post original do MulheresEmAlerta. Rafe Buxton, não foi?

Para não responder, Nadia tomou um gole de vinho. Como ele tinha coragem de abordar aquele assunto? Era pessoal.

– Para começar, o que você estava pensando ao sair com um cara chamado Rafe? Os alarmes não soaram? – perguntou Ethan, reenchendo o copo dela de vinho.

– Eu não vou discutir isso com você – retrucou Nadia. – Você é incapaz de sentir empatia. Tudo que você quer é atingir seu objetivo.

– Não é verdade – disse ele calmamente. – Eu só quero compreender de onde você veio. Então, ele era um *coleccionador de virgindades*?

Ela ficou cega de raiva, mas também envergonhada. Fora extremamente tola e não queria reviver aquele episódio. Não queria discutir seu passado sexual patético com um tubarão. Não queria que ele soubesse. Nadia tomou um grande gole de vinho.

– E daí, se o seu primeiro homem foi um cafajeste? – Ethan deu de ombros. – Você não pode deixar que ele estrague o resto da sua vida.

Ah, isso ela não podia deixar de responder.

– Eu não vou deixar que ele continue a fazer isso. Ele procura jovens que estão sentindo o primeiro gostinho de liberdade e de independência. Como orientador de uma faculdade, ele seduz estudantes ingênuas com a sua beleza, a sua inteligência e o seu pretense charme. Depois que elas descobrem a verdade, percebem que tudo isso era aparente.

– Todos cometemos erros. Faz parte da natureza humana.

– Não – disse Nadia. – Existe uma diferença entre cometer um erro e sofrer abuso. – E Rafe abusara dela e de outras garotas. – As ilusões não deveriam ser destruídas desse jeito.

– Mas todos precisam enfrentar a realidade em algum momento.

– Você acha que *isso* é a realidade? – Ela estava consternada. – Então, não existem relações de amor e compromisso?

– Felizes para sempre? Não.

Apesar de não se sentir surpresa, o cinismo dele a magoava, mas Nadia admitia que uma parte do que ele dissera era verdade.

– Talvez não naquela idade. – Na ocasião, ela cursava o segundo ano da faculdade. Viera de uma cidade pequena e sempre fora mantida numa redoma por seus pais e seus irmãos. O resultado é que se tornara um alvo fácil. – Eu não estava procurando casamento, mas um pouco de carinho e diversão. Não esperava ser apenas mais uma em uma lista. – Ela não passara de um objeto. Para Rafe, era apenas um jogo. Assim que ele conseguira o que queria, sua virgindade, fora procurar outra virgem.

Megan.

Só que uma não sabia sobre a outra. Sobre todas as outras.

– Você queria respeito? – perguntou Ethan.

– E honestidade. – Rafe brincara com ela, com Megan e com outras moças. Uma noite, as duas tinham se encontrado em uma festa, conversado e descoberto tudo. A partir dali, tinham se tornado amigas. Aquela fora a única coisa positiva que resultara de um caso de outra forma devastador e humilhante, e que a levava a criar o site MulheresEmAlerta.

– Você insiste na honestidade.

– Não existe nada sem honestidade. – Principalmente, confiança. Sem confiança, honestidade e respeito, não havia como manter qualquer tipo de relacionamento.

– Mas *you* não é honesta. – Ele atacou a integridade de Nadia, de propósito.

– Sim, eu sou.

– Não. – Ele esboçou um sorriso para amenizar a acusação. – Você não é. Você se esconde atrás do site. Atrás da sua altura. Arregala os olhos como se fosse frágil demais para controlar as situações em que se mete.

Ela olhou para ele, admirada. Ele estava enganado.

– Isso não é verdade. – Ela odiava que as pessoas a achassem frágil por causa da sua altura. Não se considerava fraca e passara a vida tentando provar que não era. – Eu fui enganada. Mas admito a minha própria responsabilidade, a minha estupidez.

– Nunca mais você será estúpida... E criou o site para provar isso.

Para esconder a confusão emocional, Nadia bebeu mais vinho. Ele fazia com que tudo soasse simples. Mas havia muito mais coisas que a atingiam fundo.

– Fale-me sobre o seu trabalho na Hammond. Trabalhar lá é tão bom quanto dizem? – disse Ethan, alegremente, mudando de assunto.

Ela não ficou alegre. Demorou a perceber que ele estava voltando ao jogo: *faça com que ela fale*. Ethan achava que, convidando-a a fazer confidências, ela iria *gostar* dele? Estava errado.

– É ótimo. E quanto ao seu trabalho? Você gosta dele? – Era a vez de ele falar. Ela descobriria a sua fraqueza e se aproveitaria dela... As regras eram dele.

– É ótimo – respondeu ele com displicência.

Nadia olhou para ele, viu que ele a fitava atentamente e não conseguiu desviar os olhos. Mais uma vez, tudo que estava em volta desapareceu, e ela só via seus olhos cheios de fogo. Seus pensamentos flutuavam por causa do açúcar, do calor, do vinho. *Não* por causa dele. Ela sacudiu a cabeça para tentar clareá-la.

Ethan quebrou o encanto, chamando o garçom e pedindo a conta.

– Está na hora de irmos embora.

A corrida de táxi pareceu ser mais rápida que a anterior e, desta vez, Nadia não se importou com o pequeno espaço que ela e Ethan dividiam no banco de trás. Ainda sentia as batidas do coração de Ethan na palma da mão, e o seu coração batia mais forte. Excitação, expectativa. Daqui a pouco, ele tentaria lhe dar o beijo de boa noite, e ela iria se esquivar. Mal podia esperar.

Ethan estava quieto, aparentemente mergulhado em pensamentos. Nadia imaginou o que seria. Animada e meio tonta, voltou-se para poder vê-lo melhor.

Ele olhou para ela e sorriu.

Foi como levar um banho de água fria. Nos olhos dele, não havia o calor e o desejo que ela esperava ver. Seu vestido, seus olhos, seu sorriso, não causavam nenhum efeito, apesar de ele ter dito que ela estava maravilhosa. Tinham sido palavras vazias. Porque, agora, ele a estava achando mais divertida que atraente.

Quando o táxi fez uma curva, ela se deixou encostar nele, mas, nada. Ethan se afastou e riu. Por que? Onde estava o seu lance? Onde estava o *melhor sexo* sobre o qual aquelas mulheres falavam?

O táxi parou, Ethan desceu, pagou e o dispensou.

– Eu vou levá-la até a sua porta e depois vou andando.

– Eu não vou convidá-lo para um café – disse Nadia, magoada com a sua polidez impessoal.

– Eu não estava esperando isso – respondeu ele, como se não se importasse.

Mas deveria, não deveria? Nadia ficou com raiva ao perceber que ele não estava interessado. Por que não? Por que não, quando, de acordo com o relatado, ele abatia qualquer mulher que tivesse a infelicidade de cruzar seu caminho?

Ethan colocou a mão em suas costas enquanto eles caminhavam até a entrada. Ela ficou furiosa ao sentir novamente a sensação que ele lhe causava. Ele passou o dedo ao longo da sua coluna, num gesto muito íntimo. Graças a Deus, era um pequeno sinal. Ela ficou satisfeita. O homem não podia se controlar. Finalmente, faria uma das suas jogadas.

Nadia começou a andar mais devagar, adorando a sensação de tê-lo caminhando ao seu lado e imaginando a cena em que iria rejeitá-lo. Ela seria educada e gentil para que ele tivesse a ilusão de que teria sucesso no próximo encontro.

Mas, na verdade, isso não seria possível. Com certeza.

Ela abriu a porta e acendeu a luz da entrada. Voltou-se para se despedir, sem conseguir conter um sorriso. Ele estava ali, muito alto, parado na sombra, olhando para ela. Ela podia sentir que ele estava sorrindo... E, de repente, ela se deu conta de que não era um sorriso de desejo. Ele estava se divertindo. Estaria rindo dela?

– Obrigada por uma noite tão interessante, Nadia – disse ele com ironia.

Ele *estava* rindo. Ela se enganara com a carícia em suas costas. Ele não iria tentar nada, nem beijá-la. Nadia ficou indignada. Desapontada. Com raiva. Não deixaria que ele se fosse, sem que ela marcasse um ponto.

– Vejo você no domingo – disse ele, despedindo-se.

Antes que ele se voltasse, ela o agarrou pela camisa, ficou na ponta dos pés e pressionou a boca contra a dele.

Ethan ficou imóvel. Não a afastou, mas também não reagiu. Ela se esforçou mais um pouco e passou a língua sobre o seu lábio. Ele reagiu sutilmente, contraindo os músculos, mas, tão de leve, que ela recuou e de repente percebeu que cometera um enorme erro.

– Por que você fez isso? – perguntou ele.

– Curiosidade – respondeu ela depressa, recuperando o raciocínio. – Eu queria saber se você é tão incrível quanto dizem.

Ela o viu contrair os músculos e se aproximar.

– E qual é o veredito?

– Não tão quente quanto me fizeram acreditar.

– Pensei que uma das suas dicas para o primeiro encontro fosse não ser muito quente.

– Você estava jogando de acordo com as minhas regras?

– O quê? Você achou que estava jogando de acordo com as minhas? – Ele deu uma gargalhada. – Você não tem a menor ideia.

– Não me trate com superioridade.

– Mas, querida, você não se joga em cima de um cara e enfia a língua na garganta dele.

Ela ficou mortificada, e os malditos arrepios deixavam-na dolorosamente sensível. Ela disfarçou, recorrendo à incredulidade.

– Você está me dando uma lição sobre beijos? – Ele era um idiota: ela não enfiara a língua em sua garganta, e ele sabia disso.

– Uma pequena lição sobre sedução, se você preferir. – Ele se aproximou ainda mais. – Acho que você está precisando.

Ela tentou empurrá-lo, mas ele era uma montanha impossível de mover. As mãozinhas dela se agarraram à sua camisa.

– Para começar, Nadia – disse ele gentilmente, mas com sarcasmo. – Menos é mais.

– É mesmo? – retrucou ela, erguendo a cabeça para olhar para ele e enfiando as unhas em sua carne.

Ethan apoiou a mão na parede atrás dela e se inclinou, sussurrando as palavras junto ao seu rosto.

– A expectativa é tudo... Sabia?

– Só é tudo se o resultado for decepcionante – disse ela acidamente. – Se o resultado é incrível como deve ser, a expectativa é esquecida.

– Você está enganada. – Ethan sorriu. – É preciso viver cada momento. – Ele abaixou a cabeça. – É muito mais divertido. – Ele colocou a boca a alguns milímetros da dela e continuou a falar. – Você começa com toques leves e provocantes. – Ele roçou os lábios nos dela uma vez. Quando ela ia dizer alguma coisa, ele fez de novo, de novo e de novo, como tinha dito. Não

eram propriamente beijos, mas toques sensuais que faziam com que ela abrisse a boca, esperando mais, antes de pensar em detê-lo. E então, ela não podia mais pensar e só queria mais e tentava se aproximar.

Mas ele mantinha os toques leves e se afastava quando ela se achegava.

– Hã-hã. – Ele brincou. – Você faz isso até que ela comece a implorar.

Com uma das mãos, ele a acariciava como se tocasse um instrumento, passando os dedos pelo seu pescoço e produzindo, não música, mas prazer, com toques gentis. Mas ela *sabia* que a força estava ali.

E a queria.

– Você faz isso, até que ela só consiga pensar em mais, mais, mais. – Ele pontuou cada palavra com beijos provocantes em seu queixo, seu rosto, até que ela virou a cabeça para colocar a boca no caminho.

Nadia não conseguia mais pensar e entendia vagamente a extensão do charme e da experiência de Ethan. Ele a hipnotizava com as palavras e com as carícias mais delicadas, perturbando sua cabeça e fazendo com que ela desejasse se mexer. Ela não sabia o que fazer. Não queria afastá-lo, e sim provocá-lo. Não queria simplesmente ser passiva.

De repente, Nadia percebeu que ele lhe dissera como poderia cativá-lo: com carícias leves e provocantes. Ela abriu os dedos e pressionou-os sobre o peito de Ethan, sentiu que ele se encolhia, e desceu as mãos pelo seu peito e pela sua barriga, voltou a subi-las, acariciou seus mamilos endurecidos e beijou-o, mordiscou seus lábios e roçou a boca em seu queixo.

Nadia percebeu que ele ficara parado, com uma das mãos na parede e a outra em seu pescoço, mas deixara de beijá-la. Ela ficou com medo de que ele fosse rejeitá-la de novo, mas ouviu a sua respiração rouca, viu a rigidez do seu corpo e compreendeu que ele estava se contendo.

Ela sorriu e mexeu a mão um pouco mais depressa e deu beijinhos leves em seu queixo. O único problema era que ela também estava atormentando a si mesma, porque queria mais.

Ethan segurou nas mãos dela, puxou-as e prendeu-as atrás do corpo de Nadia. A manobra fez com que ela empinasse os seios contra o peito dele. Ela sentiu o calor percorrê-la e, instintivamente, arqueou o corpo, pressionando-se contra ele.

Ethan abaixou a cabeça e beijou-a, não mais de leve. Nadia sentiu o pescoço doer, enquanto ele forçava a sua cabeça para trás e enfiava a língua em sua boca. Ela lhe sugou a língua, e ele a ergueu do chão com a maior facilidade, imprensando-a contra a parede.

Ele pressionou o quadril contra o dela, fazendo com que ela sentisse a sua ereção. Os sentidos de Nadia enlouqueceram e clamaram por mais. Todos os seus instintos mandavam que ela se aproximasse mais dele. Ela também o beijou avidamente. A força da paixão que um sentia pelo outro cresceu e se transformou em algo insano e maior que os dois. Nadia estremecia de desejo e se colava a Ethan. Mas ele ainda prendia suas mãos, e ela fazia o que podia com a boca, abraçava-o com as pernas e atingia o paraíso ao sentir a sua ereção contra o corpo, mas Ethan afastou a boca, gemeu e apertou as mãos dela.

– Eu não vou facilitar as coisas para você, doçura.

Era uma tortura. Era o êxtase.

Cada vez que ele ofegava, seu peito roçava nos mamilos de Nadia.

– Eu podia levá-la para a cama e acabar com isso agora. Mas, por que faria isso? – Ele estava furioso. – Amanhã você ficaria arrependida e convencida de que tinha sido usada novamente. Iria me rotular de conquistador, quando, na verdade, foi *você* quem começou. E eu estou parando.

Nadia estremeceu e desceu a perna com que o envolvera. Estava tão sensível que sentia o sangue pulsar em todo o corpo. Ethan soltou-a e se afastou. Ela deslizou pela parede, sem conseguir olhar para ele.

– Eu não vou me aproveitar de uma mulher que bebeu demais.

– Eu *não* bebi demais – protestou ela. Na verdade, a bebida seria a desculpa perfeita para o seu comportamento estúpido. Talvez ela *estivesse* bêbada. Sua cabeça estava leve, seu sangue corria tão depressa que a deixava tonta. Só comeria doces e bebera vinho... Sim, o problema fora esse. E ela preferia que ele achasse que ela não aguentava beber a achar que ela fosse *fácil*, quando sóbria.

Ah, e agora vinha o arrependimento. A raiva de si mesma. Quase fora a última conquista de Ethan. Seria tão fácil. E ele tinha razão, ela começara

tudo e o provocara de propósito, porque achara que iria se controlar. Como fora idiota.

– Você quer culpar o vinho, Nadia? Não seria mais conveniente para você?

Ah, seria, mas ela sabia que não poderia. Ficara atraída por ele desde o momento em que o vira naquela noite. E, ainda que ele fosse um cafajeste, ela o desejava. Malditos hormônios!

– Eu queria que você fosse embora.

– Você disse que era honesta. Seja honesta e admita que está atraída por mim, tanto quanto eu estou por você.

Ela não respondeu. Não podia. Sim, ele era terrível: ele tinha algo que fazia com que ela o desejasse. Mas, para ele, isso nada tinha de especial. Ethan nem quisera beijá-la, só fizera isso porque ela começara, aproveitando-se do que lhe fora oferecido em uma bandeja. Era humilhante.

De repente, ele se aproximou e voltou a imprensá-la contra a parede.

– Você sabe que é verdade – disse ele baixinho, junto ao seu ouvido. – E, agora, a expectativa ainda é mais forte, porque você sabe como seria bom. – Ele aproximou os lábios dos dela. – Esta noite você não vai conseguir dormir porque estará pensando no quanto me deseja. Vai pensar em tudo que quer que eu faça com você e no que quer fazer comigo.

– Eu sei *exatamente* o que quero fazer com você. – Ela se enrijeceu e tentou empurrá-lo. Subitamente ficara sóbria. Ele era um imbecil convencido, e ela estava furiosa por ter se deixado levar, por ter ficado satisfeita por ele desejá-la, quando isso não era nenhum cumprimento. Ele não *a* desejava. Desejava qualquer mulher. Ela apenas estivera ali e tornara tudo mais fácil.

– Não é comigo que você deveria estar furiosa. – Ele se afastou, sem entender tamanha fúria. – Não se esqueça, Nadia. Eu fui um perfeito cavalheiro.

Ela entrou em casa, bateu a porta e trancou-a. Ainda assim, podia ouvir as risadas de Ethan, enquanto ele se afastava.

CAPÍTULO 5

NADIA BEBEU três copos de água gelada, mas ainda se sentia mais quente do que pimenta. Atirou o copo dentro da pia, e não se importou quando ele se espatifou. Abaixou a cabeça e se censurou novamente. Estava furiosa, e ele iria pagar por ser um conquistador.

Ela foi até o computador, entrou no MulheresEmAlerta e começou a escrever sem pensar.

Como vocês já souberam, o Sr. 3 Encontros e Vc Já Era me desafiou a ter três encontros com ele, para provar que não é o cafajeste que usa e dispensa mulheres como foi retratado. Ideia interessante, não? O que isso nos diz sobre o homem... Bastante convencido? É o cúmulo da arrogância achar que pode me “fisgar” em três encontros. Ele está tão seguro da sua atração, que acha que vai provar que é um cara correto...

Mas eu sou justa, tenho a mente aberta, lhe dei uma chance e aceitei.

Vamos falar do primeiro encontro. Ele seguiu a dica do cinema. Segundo o blog HomensMaisEspertos, apesar de ter lido a minha opinião a respeito, ele acha que um filme é uma boa opção para um primeiro encontro. Prova de que, apesar de dizer que quer que as mulheres falem, ele não está escutando.

Portanto, eu escolhi um filme estrangeiro com 3h de duração, que era um lixo, porque ele não iria se aproveitar dos meus “hormônios liberados por um romance com final feliz”.

Na verdade, eu prefiro filmes de suspense e de terror. Adoro a adrenalina. Mas, por que ele iria se aproveitar do tipo de filme que eu gosto? Ele não deveria me excitar com a sua simples presença?

Lição número um para o Sr. 3 Encontros: não se pode padronizar as mulheres. Cada uma tem seu gosto. E você não é o meu sabor preferido. Claro, você tem boa aparência, mas, existe algo por baixo da superfície? Pelo que eu sei, não.

Garotas, vou resumir o que aprendi sobre ele esta noite.

O Sr. 3 Encontros é o tipo de cara que enche o seu copo quando você não está olhando.

É o tipo de cara que acha que um restaurante luxuoso com boa comida é todo o esforço que ele precisa fazer.

O Sr. 3 Encontros é o tipo de cara que foge de questões pessoais, como se temesse revelar alguma fraqueza que a mulher pudesse usar “contra” ele. Ele nos vê como inimigas. Ele só quer caçar, e nós somos as presas.

Até agora, o Sr. 3 Encontros correspondeu plenamente aos comentários postados. Com certeza, ele é um conquistador. Cabe a ele provar o contrário.

O conselho que eu dou a ele?

Esforce-se mais.

Ethan leu o post – publicado durante a meia hora que ele levava caminhando até sua casa –, encheu um copo com uísque e bebeu de um só gole. Queimava. Mas não tanto quanto o que ela havia escrito. O quê? Ele tinha culpa se ela estivera mais sedenta que um peixe? Não de vinho, mas de beijos! E não se fartara. Mas admitira isso? Não. Não conseguira enfrentar a realidade, reconhecer sua responsabilidade, seu próprio desejo. Voltara, na velocidade da luz, ao planeta Nadia.

Mas ele faria com que ela reconhecesse, nem que isso o matasse – existia essa possibilidade. Claro, ele entendera o que ela dissera sobre o ex. O cara fora totalmente manipulador e era um canalha. Mas ele, Ethan, nada tinha a ver com isso. Respeitava as mulheres. O que havia de errado em levá-la a um bom restaurante? Ele não merecia aquilo... E ela convenientemente pulara

uma parte do encontro – a mais *importante*. Furioso, ele acessou o próprio blog e deu uma resposta.

Primeiro Encontro Cumprido.

*A srta. **MaisVelhaMaisSábia** saiu comigo esta noite. O encontro no cinema. Vale tudo no amor e na guerra e, como estamos em guerra, ela leu o meu blog e recusou a pizza antes. E a comédia romântica. Fingiu estar “desesperada” para ver um daqueles filmes de arte que duram horas. Eu até achei que não era tão ruim, mas desconfio que não era o tipo de filme que ela gosta, porque ela ficou agitada. E... Ah, vejam... Ela já postou sobre o encontro no seu blog. Realmente, o filme não era do seu estilo. Ela prefere filmes de terror?*

Muito apropriado.

Como o filme era francês, seria perfeito fechar a noite indo a um dos melhores restaurantes da cidade. Reservei uma mesa antes do filme começar. Dica para vocês, rapazes: sempre estejam prontos para se adaptar e consertar um encontro que está indo pelo ralo. Só para esclarecer: eu ainda recomendo uma comédia romântica. O terror é para os covardes que têm medo de enfrentar seus próprios demônios e fazem catarse através dos pesadelos dos outros.

Mas, voltando ao restaurante. Pelo que ela escreveu, daria para pensar que ela não ficou impressionada. Ficou. Talvez, não comigo, mas com a comida... Ela teve um orgasmo enquanto comia duas sobremesas. Ou talvez estivesse fingindo, porque desconfio que suas papilas gustativas não suportam nada que não seja insípido.

O mais interessante: se vocês lerem o post sobre O Que Não Se Deve Fazer No Primeiro Encontro, verão que ela dá cinco dicas. Adivinhem quantas delas ela seguiu?

Sim, vocês acertaram.

Nenhuma.

Ela foi ao cinema. Bebeu (e me pediu para encher o copo). Falou sobre o ex. E, positivamente, se esforçou demais – tentando não se divertir –, mas, no fim, não conseguiu resistir.

Sim, eu sei o que vocês estão se perguntando... Muito sexual?

Bem, se dar o primeiro passo no primeiro encontro é ser muito sexual, sim, ela riscou esse item.

*Mas, deixem-me dizer: um cavalheiro nunca se aproveita das indiscrições de uma dama. E nunca comete indiscrições. Já a srta. **MaisVelhaMaisSábia**... O que ela contou? Não a verdade.*

*E, por quê? Por que contaria, se, protegida pelo anonimato do seu ID on-line, ela pode lançar seus ataques? O meu nome foi enlameado enquanto a srta. AmargaEPerturbada – desculpe, **MaisVelhaMaisSábia** –, se esconde atrás da tela do computador. Alguém percebe a ironia? Não é justo que eu e centenas de caras sejamos identificados e que as mulheres do MulheresEmAlerta preservem suas privacidades. Se eu vou desmascará-la? Vocês bem que queriam, mas eu fiz uma promessa e, ao contrário do que alguns pensam, eu cumpro minhas promessas.*

*Mais uma coisa que eu sei que vocês estão se perguntando. A srta. **MaisVelhaMaisSábia** é velha e sábia? Certamente, ela não tem a idade que vocês pensam. Nem é tão sábia como proclama. Portanto, mulheres, eu tomaria cuidado ao seguir os conselhos de uma mulher que é jovem demais para ter percorrido mais que um quarteirão. Achei que deveria lhes dizer a verdade, para que vocês pensem um pouco.*

Nadia levou dez minutos para ler a resposta de Ethan, porque seus olhos estavam vermelhos de raiva. Ele estava resolvido a sabotá-la, a tornar o seu anonimato insustentável. A situação se tornara insuportável.

Indignada, ela desligou o computador e resolveu tomar um banho frio, mas a água gelada não diminuiu a temperatura do seu sangue. Ele lançara um trunfo a cada jogada. O pior é que dissera a verdade, a não ser em relação a fingir com a sobremesa. Ela pensara em fazer isso, mas nem precisara. E ele ficara impassível porque deveria saber que ela iria querer provocá-lo. E ele se divertira... até que ela o levava a reagir fisicamente.

E qual fora a *indiscrição* que ele não cometera? Falar sobre o vinho ou sobre como ela se jogara em cima dele? Droga, três minutos nos braços dele,

e ela *queria* ser usada... Com a selvageria que ele tivesse. Ela quase implorara por isso.

Fora ele quem dissera não. O seu plano tolo de ser a única a dizer não para Ethan se esfumara.

Nadia chorou de raiva. Agora sabia que jamais venceria aquela guerra. Não quando o desejava mais do que já desejara qualquer outro homem. Não quando estava tão descontrolada que se comportava de uma maneira que lhe era estranha. Quando estava perto de Ethan, algo parecia incendiá-la por dentro – pura irritação ou puro desejo –, e isso só poderia ser combatido se ela não o visse mais. O desafio precisava ser cancelado, não apenas para preservar a sua dignidade, mas também sua sanidade.

Por mais que se revoltasse, ela deletaria o tópico referente a ele. Era necessário, porque não havia humilhação pior do que desejar um homem a ponto de ficar tremendo.

ETHAN PASSOU a noite insone, lembrando o encontro e pensando no próximo, rindo alto ao imaginar a reação que ela teria ao ler o blog. Nadia ficaria furiosa, e ele mal podia esperar pelo momento em que ela despejaria a sua fúria em cima dele.

Sim, ele sentira atração por ela desde que a vira no escritório. Mas, quando vira Nadia, na noite anterior, ficara sem fala e tudo que conseguira pensar fora *Uau!*, seguido de *eu quero*.

Ele fora sincero ao dizer que não queria achá-la atraente. Mas achara. E a atração fora aumentando a cada momento que passava com ela. Ela era linda, mesmo quando estava fingindo e olhando para ele com pretensa ingenuidade e mordendo o lábio para provocá-lo. O prazer com que ela comera a sobremesa não fora falso. Ela o ignorara e se deleitara, e ele adorara ficar olhando e desejara ser aquele que iria lhe proporcionar a mesma satisfação genuína, mas não tivera escolha e recuara, porque percebera que ela não estava acostumada a beber.

Não se aproveitaria de uma mulher indefesa, que não estava preparada para lidar com as fagulhas que circulavam entre os dois. Ele também não tivera a certeza de estar preparado.

Mas Nadia virara as suas expectativas de cabeça para baixo. Beijara-o com aquela boca quente e úmida, passara a língua em seus lábios. Ele quase caíra de joelhos e implorara que ela passasse a língua em outro lugar. Não resistira e a provocara com alguns beijos leves para aumentar a tensão e apimentar o jogo...

Olá, paraíso. O sangue pulsando na cabeça, a reação do seu corpo? Ele quase perdera totalmente o controle e a possuía na porta de casa. Teria sido tão fácil. Tão bom. E muito rápido.

Ele preferia uma cama, uma noite inteira, com ela disposta e pronta, sem complicações. Mas havia um problema. Aquele não era um encontro como os que ele costumava ter. Já sabia mais sobre ela do que soubera a respeito das outras. E preferia manter tudo casual. Sempre mantinha tudo simples e estritamente sexual. Divertido. Livre, leve, solto, e adeus.

Isso não seria mais possível com Nadia. Como poderia ser fácil e leve se havia tanto antagonismo e desconfiança?

Mas a vontade de fazer com que ela o desejasse – e admitisse isso – silenciava os alarmes no fundo da sua cabeça.

A srta. MaisVelhaMaisSábia tinha uma paixão e uma energia que ele queria. Sim, queria envolvê-la, ouvi-la gemendo e gritando o seu nome. Queria que ela admitisse querer exatamente o mesmo que ele e com a mesma ânsia. Porque ele nunca sentira um desejo como aquele e não iria deixar que ela negasse.

Ao amanhecer, Ethan levantou da cama exausto e tomou um banho frio para tentar se livrar da ereção que o perturbara durante as últimas 12h. Foi trabalhar e tentou se concentrar, mas estava difícil.

Por fim, ele pegou o telefone e ligou para Nadia. Olhara os comentários que tinham entrado no seu blog. Seus colegas de time tinham se manifestado, e ele não gostara de algumas das suas sugestões, porque estivera pensando exatamente nas mesmas coisas, mas não lhe agradava vê-las expostas ao público. Ethan leu mais um post que acabara de entrar e deu graças a Deus pelo nome dela não estar na internet.

– Hammond Insurance. Aqui quem fala é Nadia.

Ethan apertou o fone, reagindo à frieza do tom duro.

– Bom dia. – Ele não precisava se identificar. Ela estava tão ligada nele, como ele estava nela. A resposta foi o silêncio. – Como está a sua cabeça? – Ele resolveu provocá-la. Sentia a frustração ressoar no corpo, pela maneira como se afastara dela bruscamente, na noite anterior.

– Eu não vou sair com você de novo. O desafio está cancelado.

Ele já esperava isso, mas ficou tenso.

– Como você é covarde – disse ele calmamente.

– Não, isso é uma perda de tempo. – Ela estava irritada. – Você é tudo que aquelas mulheres disseram e muito mais.

– Não é verdade. – Ele recostou na cadeira e sorriu diante da falta de lógica e da firmeza com que ela resistia ao desafio. – Se eu fosse manipulador, teria aceitado o que você me ofereceu ontem à noite. Seja sincera, Nadia, você me ofereceu *tudo*. Mas eu fui o protótipo do cavaleiro. Não mereço um agradecimento por isso?

– Você é a encarnação do diabo – retrucou ela friamente, mal escondendo a fúria. – O desafio está cancelado.

– Então, você vai se identificar? Vai acabar com o fórum?

– Vou retirar o seu tópico. Faça o que quiser. Eu não me importo.

– Você vai arriscar o seu emprego? – Ele franziu a testa. Ela realmente desistiria tão fácil? Não parecia certo, e era exatamente o que ele não queria. Não queria acabar com a guerra. Não quando estava ficando interessante.

– A sua sede de vingança é tão grande que você quer me ver na rua?

Ethan ficou nervoso. Ela percebera o seu blefe: ele não queria expô-la. Não queria que ela perdesse o emprego. Precisava recorrer a outro trunfo.

– Mas você se importa com o seu site. – Ele olhou para a tela do computador. – Você já deu uma olhada no número de acessos no meu blog? Já leu os comentários postados no seu?

Nadia colocou a mão na cabeça e fechou os olhos, desejando não ouvir a voz dele. Não podia controlar a profunda reação que sentia ao perceber que ele estava *sorrindo*.

– Nadia?

Ela pressionou o fone contra o ouvido e afundou na cadeira. Só pela maneira como ele dizia o seu nome, ela se derretia. Talvez estivesse com um

problema hormonal? Talvez fosse porque passara muito tempo sem ter um encontro romântico e sem fazer sexo? Talvez ela tivesse se fixado em um dado da reputação de Ethan: “o melhor sexo que você já fez?”

– Você já viu? – repetiu Ethan.

– Não.

Pela primeira vez na vida, ela não checara o computador ao acordar. Agora, estava no trabalho. Os funcionários de RH tinham livre acesso às redes sociais para poderem pesquisar as atividades de empregados e candidatos a emprego. A empresa não contratava gente que se fazia de tola e tinha a língua solta. Isso queria dizer que ela poderia acessar o blog de Ethan...

Nadia quase engasgou ao ver que havia mais de cem comentários. Leu o primeiro e ficou congelada.

– Não foi por isso que você criou o seu site, Nadia? Para se sentir importante? Para ser popular? Você não queria todos esses acessos e comentários? O objetivo não era esse?

Não, não era esse. E havia comentários e *comentários*. Alguns eram realmente agressivos. Pessoais, ofensivos, grosseiros. Ela passou para a segunda página, e mais dois tinham acabado de entrar. Estavam ficando piores. Nadia tentou conter as lágrimas.

– Eu o odeio por isso. – Ela não conseguiu esconder a mágoa.

– Não é nada agradável, não é? – disse ele.

– Você deveria estar moderando os comentários.

– Como você moderou as mentiras publicadas no *seu* site? – Ele riu. – Com certeza, isso é o máximo? Todo esse movimento extra, fazendo com que o seu site fique famoso.

Nadia não respondeu. Acessou o MulheresEmAlerta e viu o número incrível de acessos, todos com comentários muito mais simpáticos, animadores e com palavras de apoio. Ela suspirou, aliviada.

– Então, não está acabado, está, Nadia? – ronronou Ethan. – Creio que não há mais volta. Eu estou ansioso para saber o que você planejou para o nosso encontro diurno.

Ele estava? Nadia sorriu. Recuperara a confiança e a coragem depois de ter lido frases como “amamos o seu blog” e “acabe com ele”.

– Eu realmente não quero ter outro encontro com você – mentiu ela, enquanto voltava a abrir o blog de Ethan e adicionava um comentário abaixo da lista de blá-blá-blás machistas.

Tipicamente machos, vocês só sabem pensar com a parte que fica abaixo da cintura.

– Você sabe que não tem escolha. Sabe que não consegue resistir – disse Ethan.

A mão dela congelou sobre o mouse. Ele estava certo, e ela não conseguia raciocinar direito.

– Daqui a três dias, eu vou acordar às 4h da manhã, com o plano perfeito para acabar com a sua arrogância.

– E, até lá?

– Vá se catar.

– Se você pedir com jeito, eu vou.

Nadia respondeu do único jeito que podia. Desligou.

CAPÍTULO 6

MulheresEmAlerta

Indo para o segundo & terceiro encontros...

O encontro diurno é perfeito para os dois se conhecerem sem a pressão das expectativas românticas inerentes à noite. É uma boa opção para a fase inicial de encontros. Sugestões para se divertir:

Fazer um piquenique no parque.

Visitar o jardim botânico ou o zoológico.

Ir a uma galeria de arte.

Passear pela praia.

Algo mais ousado: passear de canoa no parque; jogar paintball, se você gostar. Mas aqui vai uma dica: não escolha algo em que um dos dois seja especialista e o outro, novato. Ninguém quer ser feito de tolo. Apesar de ser bom vocês se conhecerem e ser compreensível que você queira ver se ele vai se dar bem com seus amigos, vá com calma. É assustador ser apresentado a um bando de estranhos que irão avaliá-lo. E, positivamente, não o apresente logo à sua família!

ETHAN LEU a lista e imaginou o que ela estaria preparando para ele. Na verdade, ele achava uma boa ideia. A luz do dia seria perfeita para que ela encarasse alguns fatos, como a vibração que circulava entre eles.

Ele suspirou e abriu o blog. Precisava postar alguma coisa, mas não sabia o que dizer. O número de acessos aumentara consideravelmente, e ele

entendia como era estimulante ver tantas pessoas ligadas no que você dizia. Droga, estaria se tornando tão narcisista e tão concentrado em números quanto seu pai? Ah, não. Ele estava prestes a se enfiar numa situação sem saída.

Ethan digitou um título.

Fisgando a garota no segundo encontro.

E agora? O que iria dizer?

*É preciso ter cuidado, rapazes. Como nós sabemos, **MaisVelhaMaisSábia** está lendo e comentando as minhas dicas. Seja bem-vinda, querida. A sua opinião é valiosa. Mas isso implica em que eu não possa revelar toda a minha estratégia.*

Ele não tinha estratégia. Estava navegando por instinto, em águas desconhecidas.

O segundo encontro foi escolha da dama, que optou por um “encontro diurno”, talvez para escapar de ser fisgada. Mas isso depende do que vocês acham que eu vou fisgar.

Posso ser homem, mas não sou primitivo. Nem sempre.

Sem essa! Ele só conseguia pensar nisso. Isso era tudo que ele queria, queria e queria.

Eu não estou falando de algo físico, e sim emocional. O que você quer “fisgar” no segundo encontro é o interesse dela. Deixe-a intrigada, e logo você vai ter o que quer.

Como fazer isso?

Você atiça a sua curiosidade, e ela fica presa. Atiçar e prender, rapazes. Seja misterioso, reticente. Deixe que ela pense que pode decifrá-lo...

Ethan estava certo. Nadia não dormia porque não conseguia deixar de pensar nele e nela, e no que não deveria fazer com ele, se quisesse preservar sua sanidade. Mas ela *queria* fazer e, em pouco tempo, aquilo se tornara uma obsessão.

Nadia sabia que era obsessiva. Tinha grandes ideias e corria atrás delas. Algumas eram boas, outras, péssimas. Ethan Rush não era uma boa ideia. Realmente queria se arriscar com ele?

Ela se recostou na poltrona e releu as palavras que ele escrevera, enquanto se lembrava de que ele lhe dissera para viver o *momento* e não ser *covarde*. Além dessa tentação, ele ainda pretendia *atiçá-la e prendê-la*? Ah, ele já fizera isso. Ela já estava totalmente interessada, mas não concordava com a última frase: não queria decifrá-lo. Só queria se atirar em cima dele.

Mas ainda *estava* sendo covarde. Do que tinha medo? De um coração partido? Nadia riu: seu coração não iria se arriscar com Ethan Rush.

De repente, ela percebeu que estivera vendo as coisas pelo ângulo errado, que temera ser usada e se tornar apenas mais uma das conquistas de Ethan, que não quisera ser uma vítima passiva.

Então, bastava não ser passiva. Deveria fazer o que queria, controlar a si mesma e a situação. Claro: viver o momento, ser corajosa, manter o controle.

Não se tratava apenas das marcas de conquista que ele entalhava na cama. Por que ela não podia fazer uma marca em sua cama, que a lembrasse de uma incrível experiência sensual?

Por que não se deixar levar pela corrente que era Ethan? Ela queria, e nada havia de errado em querer. E ele não era totalmente indiferente, reagira instintivamente, tinha um poderoso instinto sexual. Tudo ficaria bem porque teriam apenas um caso. Ela só precisava ter certeza do que realmente queria. E tudo que queria era o corpo de Ethan e que ele a fizesse sentir o que sentira no primeiro encontro.

Ela não merecia? Não merecia sentir aquele tipo de paixão animal? Por que não poderia usar em vez de ser usada? Ethan não iria se importar. Não

tinha sensibilidade suficiente para se magoar. Se ela se desapegasse da ideia de felicidade eterna e se deixasse levar pelo *presente*, ficaria bem.

Nadia riu por sua cabeça estar distorcendo as coisas e dando voltas para justificar algo, só porque ela queria. Mas ela merecia se divertir, e Ethan seria perfeito. Depois, tudo estaria acabado, e ela se livraria daquela obsessão.

Mas, e quanto a lhe ensinar uma lição? Ela não tinha a ilusão de que, se dormisse com ele, Ethan iria se apaixonar por ela. Certamente, ela ainda poderia arranjar um jeito de lhe dar o fora...?

O problema é que ele ainda resistia à atração que havia entre os dois. Nadia concluiu que precisaria sabotar a intenção que ele tinha de provar que era correto. Precisaria fazer com que os instintos superassem o lado racional de Ethan.

NA MANHÃ de sábado, ao ver o número que o chamava, Ethan atendeu o telefone.

– Olá, querida. Pronta para o segundo encontro?

– Pode ser amanhã. Você consegue esperar?

Ethan franziu as sobrancelhas, sentiu outra parte do corpo se manifestar e se esticou na cama. Não esperava que ela ronronasse daquele jeito.

– A previsão do tempo é favorável. Podemos nos encontrar no Hyde Park, à beira do lago Serpentine.

– Em público? – perguntou ele.

– E à luz do dia.

– Covarde – debochou ele, sorrindo ao perceber que ela estava alegre.

– Nem um pouco, mas... Você precisa estar preparado para a ação.

– Que tipo de ação? – Ele não pôde controlar o corpo quando ouviu a expressão de duplo sentido.

– Vista algo que lhe dê liberdade de movimentos.

– Certo. – Ele mal podia se mexer por causa da excitação. Jogou o telefone longe, respirou fundo e tentou relaxar. Ela iria levá-lo para fazer um passeio no parque... Muito inofensivo. Mas talvez o objetivo fosse este.

ETHAN MAL conseguiu esperar pela tarde do dia seguinte. O sol lhe queimava as costas, o parque estava lotado e os vendedores de sorvete faziam a festa. Ele gostaria que não houvesse ninguém. Queria ficar sozinho com ela.

Ele andou pela beira do lago, imaginando se ela não iria aparecer, mas, de repente, ouviu um rugido áspero, atrás dele, se virou e sentiu o impacto de um corpo quente e flexível. Instintivamente, ele a segurou pela cintura. Nadia pestanejou e sorriu.

– Desculpe o atraso.

– Não tem problema.

Ela estava mais alta. Ethan olhou para baixo e viu que ela estava de patins. Ah, meu Deus. A imagem de uma patinadora sexy lhe veio à cabeça. Ele olhou novamente. Não, ela não estava usando um short minúsculo, e sim uma legging e um top. O encontro seria esportivo. Fora a isso que se referira quando falara em ação.

– Obrigado pelo esforço – disse ele secamente. – Foi isso que você planejou para nós? – Patinar no parque? Sem essa.

Ela fez uma cara inocente.

– Você não gosta de ação?

– Bom... De acordo com o seu site, não se deve fazer algo em que um seja bom e o outro, novato. – Ele não iria calçar os malditos patins.

– Mas você disse que eu não deveria viver de acordo com tantas regras. – Ela arregalou os olhos inocentemente. – Eu estou seguindo o seu conselho.

– Você está sendo maldosa.

Ela deu um enorme sorriso.

– Ou você que está sendo covarde?

Ethan soltou-a e caminhou resolutamente até uma barraca que alugava patins. Evidentemente, Nadia tinha os dela, bem diferentes dos velhos que eram alugados, e seus pés eram tão pequenos que, mesmo com as botas com rodas, pareciam diminutos, enquanto *ele* iria parecer o Pé-Grande.

Ele deu uma olhada nos patins e resmungou um agradecimento antes de se voltar para ela, exultante.

– Infelizmente, eles não têm o meu número.

– Eles têm patins de todos os tamanhos – disse Nadia, indo olhar.

– Eu tenho pés grandes.

Ela olhou para os pés dele, subiu lentamente o olhar e corou. Ethan sabia muito bem que ela estava calculando o tamanho de outra parte do seu corpo.

– Ah... – disse ela, alvoroçada. – Então, o que você quer fazer?

Ethan sorriu. Sabia exatamente, mas não faria.

– O meu apartamento não é longe. Poderíamos ir buscar a minha bicicleta. Eu ando de bicicleta e você patina. Depois podemos tomar um sorvete e sentar na grama, o que acha?

– Isso me parece ótimo.

Os dois começaram a caminhar. Nadia patinava na frente de Ethan e, quando se afastava muito, voltava. Ele pensou que aquilo o estava deixando nervoso. Gostava de ver o movimento de seus quadris. A roupa realçava seu corpo e suas nádegas. Ela era esbelta, mas tinha curvas.

– Você patina muito?

– Eu vou para o trabalho patinando, todos os dias.

– O quê? – Ele parou e esperou que ela voltasse até ele. – Para o *trabalho*?

– Sim. – Ela parecia surpresa por ele estar perplexo. – E de volta para casa.

O trajeto leva só quarenta minutos.

– No meio do tráfego de Londres e atravessando o Hyde Park? A que horas você sai, de manhã?

– Não sei. Lá pelas 7h. Tomo banho e troco de roupa no escritório. Tomo café na minha mesa. Não há problema.

– O ano inteiro... Durante o *inverno*?

– Não quando está chovendo.

– Mas ainda está escuro e você está sozinha. Você tem alguma companhia?

Ela olhou para ele como se estivesse louco. Ethan *estava* louco.

– Não, ninguém.

– Você não deveria fazer isso. – Um sentimento primitivo brotava dentro dele. – Não é seguro.

– Ah, sem essa... Você acha perigoso?

– É perigoso. O parque é enorme. Algum maluco ou tarado poderia atacá-la... Só isso.

– O problema, Ethan, é que... – Ela patinou até ele. – Quando eu estou de patins, sou muito *rápida*.

– É mesmo? – Ele não se deixaria distrair com a provocação.

– Pela minha experiência...

– Vasta, como ela é... – interrompeu ele com sarcasmo.

– Sim... – Ela lhe lançou um olhar mortal. – Existem dois tipos de homens: os protetores e os predadores. Nunca pensei que você pertencesse à primeira categoria. – Ela colocou a mão no peito dele. – Eu não preciso de um protetor, Ethan.

– Você quer ser caçada? – A tentativa que ele fizera de ignorar a provocação falhara. – Tem certeza de que é isso que você quer?

– Eu não preciso de alguém que ache que uma *coisinha* como eu não pode andar pela rua sem um guarda-costas.

– Porque você pode cuidar de si mesma? – Ele cruzou os braços e olhou para ela de um jeito que sabia que Nadia odiava.

– Exatamente – ronronou ela, mas ele sabia que suas garras estavam de fora. Ah, ela estava implorando por uma lição.

– Você realmente acha que poderia se defender de um cara como eu... Se eu pensasse em fazer isso?

– Totalmente.

– Então, prove. Eu vou me afastar um pouco e você passa por mim, patinando. Vamos ver se você é rápida o suficiente.

A excitação iluminou os olhos de Nadia.

– Tudo bem. Afaste-se.

Ethan caminhou de costas porque não queria deixar de olhar para ela. Ela colocou as mãos na cintura e esperou, confiante, mas não sabia no que estava se metendo. Ele fora jogador de rúgby na faculdade, sabia como atacar.

A vinte passos de distância, Ethan se virou de costas para ela, com todos os sentidos em alerta, principalmente a audição, esperando o ruído rítmico dos patins sobre o concreto. E ali estava: as batidas se tornavam mais rápidas

e altas, enquanto ela se aproximava. Quando ela chegou perto dele, ele começou a correr. Não era tolo. O caminho era estreito, e ela precisava de uma superfície lisa para manter a velocidade. Quando Nadia tentou passar por ele no máximo de velocidade, Ethan a bloqueou, desviando-a para o lado da calçada, mergulhou e passou o braço pela sua cintura, erguendo-a do chão. Os dois caíram e rolaram juntos sobre a grama. Quando pararam, ele prendeu o braço de Nadia entre os corpos dos dois, impedindo-a de escapar, colocou uma das mãos sobre a sua boca, segurou seu outro braço e prendeu suas pernas entre as dele.

Nadia se contorceu violentamente, mas ele a prendeu com maior força.

– Perdeu – disse ele em tom de triunfo. – Ninguém virá ajudá-la, Nadia. – O seu instinto de predador fora satisfeito, apagara a sua razão e incendiara o seu corpo. Ele tentava não se deleitar por ela estar à sua mercê, mas não conseguia porque sentia seus seios sob o braço. – Estamos em pleno dia, e eu posso fazer o que quiser com você. Quando você patina mais cedo, tem menos gente passando por aqui. Você não teria a menor chance.

Ele sentiu que ela estremecia e viu que os olhos dela se tornavam mais escuros, mas não de medo.

Ah, maldição.

Ele sentia o mesmo e não se importava mais com o que quisera provar. Só sabia o que queria, mas não iria... Não iria...

Ele tirou a mão da boca de Nadia e beijou-a. Gemeu quando o beijo se tornou mais longo. Mergulhara em sensações: a boca macia e faminta de Nadia, o doce deslizar da sua língua. Ethan sentiu-se mergulhar num calor delicioso. Muito tempo depois, ele ergueu a cabeça e olhou para ela. Quando os dois tinham caído, o top dela levantara, revelando sua barriga. Ethan passou o dedo no cóis da legging preta, adorando sentir a maciez da sua pele e perceber que a sua respiração acelerava. Observou que os olhos dela estavam turvos e ficou mais ousado: pressionou a palma da mão sobre sua barriga e sentiu-a estremecer. Ela era ferosa.

Ethan enfiou a mão por baixo do cóis da legging. Nadia abriu a boca num “ah” silencioso e fechou os olhos ao sentir que ele descia a mão por baixo da

sua calcinha. Ethan parou e conteve a respiração, mas sentiu que ela instintivamente pressionava o corpo contra a sua mão. Ela o desejava.

– Não fique tão satisfeito consigo mesmo. Eu sempre fico quente depois de me exercitar – balbuciou ela.

– Ah, muito quente. – Ele foi mais longe e a acariciou com movimentos mais rápidos ao sentir o quanto ela estava excitada. Quente, úmida e arqueando os quadris para sentir o seu toque.

Nadia sacudiu os ombros, mas seus olhos estavam vidrados.

– Isso estimula o meu orgasmo.

– Eu tocar em você? – Ele abaixou a cabeça para ouvi-la.

– Não.

– Não? – Ele soltou um misto de risada e de gemido e continuou massageando-a. – O quanto você está perto?

– Não... muito.

Ele mal ouvia a resposta, e ela perdia o fôlego. Ethan exultou com a escalada do fogo que havia dentro dela e acelerou os movimentos. Foi o bastante.

Nadia arqueou o corpo violentamente, fechou os olhos, sacudiu-se em espasmos e, de repente, se soltou, dando um gemido rouco.

– Você teve um orgasmo? – Ele estava admirado e não acreditava. – Eu mal fiz alguma coisa. – E ele estava tão excitado, que estava prestes a fazer papel de tolo.

– Como eu disse – disse ela em voz trêmula, abrindo os olhos que brilhavam, mas nada revelavam –, o exercício me deixa mais predisposta ao orgasmo. Você sabe... O sangue já foi bombeado...

Ah, ele queria bombear. Só que estava no meio de um parque público e não havia chance de satisfazer seu desejo nos próximos cinco minutos. Ethan sentia o queixo doer de tanto trincar os dentes, mas precisava esclarecer o comentário ultrajante.

– Você está dizendo que não foi por minha causa? Que foi o *exercício*? – Ele levantou os ombros e deu uma gargalhada ao perceber que ela tentava derrubá-lo, emasculá-lo. – Então, cinco minutos de patinação deixam você

gritando? Uau, essa é uma boa dica. Você falou a verdade quando disse que as rodas a deixavam mais rápida.

Tudo que ele via eram os olhos verdes cor de jade, um sorriso langoroso e o rosto corado. Ela chegou a soltar um suspiro de satisfação.

– Sim.

Ele não acreditava, e se concentrou, tentando entender cada pequeno sinal. De repente, entendê-la se tornara fundamental.

Nadia passou a língua no canto da boca e abaixou as pálpebras, enquanto se acalmava.

Puro desafio e nada mais.

Com relutância, Ethan tirou os dedos do lugar que se tornara o seu preferido e os levou aos lábios. Deitou-se sobre ela e pressionou a ereção contra suas coxas, não se preocupando que pudesse esmagá-la com seu peso, só para lhe mostrar.

Nadia arregalou os olhos, que tinham voltado a brilhar, e ficou com a respiração ofegante. Sim, ela tinha gostado. E ele gostava do quanto ela tinha gostado.

– Você acha que vai me dar uma lição? – disse Ethan baixinho. – O problema, querida, é que você ainda não está satisfeita. Nós dois sabemos que isso foi só o aquecimento.

CAPÍTULO 7

NADIA NÃO sabia o que queria. Era pior do que jejuar e, depois, não conseguir escolher o que comer primeiro, e em seguida, e em terceiro lugar. Sentia necessidade de se mexer, mas não queria. Não queria que Ethan tirasse o seu maravilhoso peso de cima dela, mas queria que ele se apressasse a procurar um lugar onde tivessem privacidade. Queria senti-lo em cima dela, em baixo, em tantas posições que nem conseguia respirar ou falar por causa da excitação.

Sim, agora ela sabia como ele era bom. Em parte, era o físico e a química, mas a maior parte era a atitude e a experiência. Ele tinha direito de ser convencido. O que era mais importante para ela, esvaziar o seu ego ou desfrutar o melhor momento da sua vida?

Desfrutar o melhor momento da sua vida, ela decidiu.

Talvez ele tivesse percebido o momento em que ela se entregou, porque ela relaxou. Talvez o desespero estivesse estampado no seu rosto. Ele sorriu e se afastou, sem deixar de olhar para ela, e estendeu a mão para ajudá-la a levantar.

Eles atravessaram a grama para voltar à calçada. As pernas de Nadia tremiam tanto que ela duvidava poder patinar. Mas seus músculos funcionaram automaticamente, e um resto de dignidade lhe dizia para esconder o quanto ficara abalada com o que acontecera, atribuindo parte da culpa ao exercício. Quando ela recuperou um pouco de coordenação, ele começou a correr, e ela precisou aumentar a velocidade.

– Vamos seguir o plano e buscar a minha bicicleta – disse ele, parecendo tão calmo, que ela duvidou do que acontecera e do olhar faminto com que ele a fitara ao jogá-la sobre a grama.

Nadia se concentrou em olhar para o chão. Não queria que ele visse a sua decepção. Estava desgostosa por não terem ido até o fim ali mesmo. Agora, ele recuperara a razão? Voltaria a ser o cavalheiro em vez do brutamontes que se apossava do que queria?

Ela realmente desejava que ele se apossasse do que queria. Queria *ser* o que ele desejava. A frustração fez com que sua energia voltasse e a levasse a patinar mais rápido. Ethan também aumentou a velocidade, e os dois logo saíram do parque e corriam pelas ruas, se esquivando dos pedestres, como se tivessem uma sincronia e uma velocidade super-humanas.

Nadia olhou para ele e notou a sua agilidade. Ele era surpreendentemente veloz para alguém tão grande, mas talvez não fosse sem esforço, porque ele estava de punhos cerrados e seus bíceps estavam maiores do que nunca. Ela voltou a sentir a adrenalina inundar seu sangue.

Ethan segurou-a pelo braço e a puxou. Ela fez um semicírculo e colidiu com ele. Ele a abraçou pela cintura e pressionou-a contra o corpo.

– Chegamos. – Ele a ergueu do chão e subiu os degraus que levavam à entrada, fazendo uma careta cada vez que a ponta da bota de Nadia batia em sua perna.

Ela estava ofegante e excitada demais para se desculpar. Quando chegaram ao último degrau, ele a pôs no chão, mas a manteve presa junto ao corpo, enquanto digitava o código para abrir a porta.

– Você consegue andar de patins sobre o carpete? – Ethan não esperou que ela respondesse. Assim que a porta abriu, ele a empurrou para dentro, e ela deslizou de costas.

Ele parou no primeiro andar e pegou a chave.

– Voltou a ficar quente por causa do exercício? – perguntou ele sugestivamente.

Ah, sim, como se o exercício a deixasse quente. Que grande mentirosa. Fervia desde que ele a beijara depois do cinema. Mas, apesar de não querer desinflar o seu ego naquele momento, também não iria inflá-lo.

– Não quente o suficiente – disse ela, e passou por ele patinando sobre o piso de madeira do apartamento e entrando na sala. O apartamento parecia grande e decorado com bom gosto.

Ethan fechou a porta e se aproximou. Parou atrás dela, puxou-a e beijou seu pescoço. Ela inclinou a cabeça e os patins a impulsionaram para longe.

Ethan soltou um gemido e a puxou de volta, enfiando a perna entre as dela.

– Parece uma fantasia de adolescente. As suas pernas literalmente se abrem.

Para ele... E se abriam, mesmo sem as rodinhas.

Ethan segurou seus seios e desceu a mão pela sua barriga. Ela sentiu a respiração acelerar e se tornar ofegante, e se encostou nele, encorajando-o a continuar beijando a sua pele.

– Eu não ia fazer isso – sussurrou ele junto à sua nuca.

– Você pode parar – debochou ela, pressionando as nádegas contra a ereção de Ethan.

– Você sabe que é impossível – resmungou ele, roçando o corpo no dela, provocando-a. – Você vai suportar o sofrimento?

– Vai haver sofrimento?

– Eu sempre achei que não, mas algumas pessoas se deram ao trabalho de dizer que eu estava enganado. Portanto, acho justo avisá-la.

Divertida com o súbito zelo de Ethan, Nadia continuou a provocá-lo.

– Quem disse que sou eu que vou sofrer?

– É você que tem o site venenoso.

– Eu já estou avisada, Ethan. Não se preocupe.

Ele pegou na barra do top e começou a levantá-lo. Ela imediatamente esticou os braços acima da cabeça para ele tirá-lo. Mas, com isso, os patins fizeram com que ela se afastasse. Ethan resmungou e simplesmente empurrou-a, até que ela batesse de frente com o espaldar de uma poltrona. Nadia se inclinou sobre a cadeira para poder sentir a pressão da sua ereção entre as coxas, pegou um preservativo que escondera dentro do sutiã e entregou-o a ele.

– Uma mulher que sabe o que quer. Você é cheia de surpresas, não é? – resmungou ele.

Com uma ânsia feroz, Ethan abriu o sutiã de Nadia e esticou as alças como se fossem rédeas, para avaliar até onde ela podia se afastar e se aproximar dele.

E ela queria ser conduzida.

– Com mais força – gemeu ela, estremecendo.

Ele puxou as alças, esmagando seus seios e seus mamilos sensíveis contra o bojo de algodão, enquanto se esfregava em seus quadris e beijava seu ombro, mordiscava seu pescoço e sua nuca. A respiração de Ethan se tornara mais curta, acompanhando o ritmo dos movimentos da sua pélvis. Ela iria ter outro orgasmo, e ele ainda estava vestido... Isso não estava certo. Ela queria que ele estivesse dentro do seu corpo.

Nadia começou a se mexer cada vez mais depressa, girando os quadris e arqueando-os para pressioná-lo, para fazer com que ele perdesse o controle, tirasse a roupa e os dois fizessem sexo imediatamente. De repente, ele a ergueu do chão e carregou-a na direção do hall. Ela se debateu tanto que ele a soltou, e ela caiu sentada no chão.

– Qual é o problema? – perguntou ele, ajoelhando-se ao lado dela.

– Eu não quero ver as marcas entalhadas na sua cama. – Para tentar se levantar, ela se colocou de quatro. – Prefiro fazer isso aqui, no chão.

– Eu não dormi com tantas mulheres quanto você pensa – disse ele, furioso, tentando segurá-la pelo pulso. – E qual seria o problema? O que importa não é o agora? Eu não estou dormindo com ninguém. Eu *não* vou fazer isso com você.

– Eu não quero ver o seu quarto – resmungou ela. – Eu só quero... Só... – Ela mal conseguia falar.

– Você só quer uma rapidinha, é isso?

– Agora – disse ela francamente.

– Primeiro precisamos nos livrar desses patins.

– Tudo bem.

Ele tirou um dos patins, enquanto ela tirava o outro. Ethan jogou os patins para longe e, ao mesmo tempo, puxou-a para debaixo dele. Nadia

adorou que ele não tivesse medo de ficar em cima dela. Gostava de sentir o seu peso.

– É isso que você quer, não é? – Ele sorriu maldosamente. – Você gosta de ser dominada, querida?

– Cuidado, Ethan. Você está mais vulnerável do que pensa.

– Você acha? – perguntou ele.

Nadia passou a unha no seu pescoço. Enfiou o braço no espaço que havia entre os dois e segurou a sua ereção por cima do short e apertou. Ele se encolheu e se ergueu sobre as mãos e sobre os joelhos, mas ela sabia que ele estava tão zangado quanto excitado.

Ele a livrou do sutiã, puxou a legging até a metade de suas pernas e ficou olhando para a sua calcinha.

– Algodão com lycra. – Ela tentou não soar como se estivesse se desculpando. – É confortável para malhar.

– Claro, e também são macias e elásticas. – Ele afastou a calcinha de lado e soprou levemente sobre o seu corpo. – Muito excitantes. – Ethan colocou a calcinha de volta no lugar e pressionou a boca aberta sobre o algodão.

Nadia pensou que iria explodir ao sentir o seu hálito morno através do tecido. Era uma tortura.

– Droga, Ethan, você me deixa louca e me faz rir. – Ela bateu a cabeça no chão e se arqueou ao sentir que ele a lambia por cima da calcinha. – Você está me deixando louca.

– É justo. – Ele começou a mexer a língua e a sugá-la por cima do tecido. – Você faz o mesmo comigo.

Nadia começou a sacudir a cabeça freneticamente, mas já era tarde: trincou os dentes e começou a gritar, contraiu os músculos e teve um orgasmo.

Quando abriu os olhos, Ethan sorria, satisfeito, e a despia totalmente, antes de se despir. Ele colocou o preservativo, olhou para ela e ergueu as sobrancelhas ao ver o seu olhar faminto.

– O que faremos agora? – perguntou ele com uma cara inocente.

– Já tive dois orgasmos – disse ela simplesmente. – Eu quero você.

Ele hesitou. Ela percebeu que Ethan estava tenso porque, desta vez, apoiou o peso sobre os cotovelos e pressionou levemente a ereção contra o vértice de suas coxas.

Nadia estremeceu e ficou toda arrepiada.

– A proporção é adequada, Ethan.

Ele riu e a beijou.

– Você podia fazer um site com esse nome. Proporção Importa.

– Você acha? – Ela se contorceu, querendo que ele eliminasse os últimos centímetros de distância. – Eu tenho um nome melhor.

– Hum? – Ele não se mexeu, adiando.

– Por favor. Agora.

Mas ele não a atendeu. Inclinou-se e sugou seu mamilo, enquanto acariciava o outro para que ele não se sentisse negligenciado. Mas outra coisa estava sendo negligenciada... Nadia agarrou-o pelo cabelo e puxou-o.

– É agora, ou você morre.

– Quanta bondade...

Mas ela vencera. Nadia o viu contrair as narinas e franzir os olhos, concentrando-se, antes de lançar o corpo para a frente com força. Ela gemeu, um gemido baixo e gutural, e ele parou. Ela respirou profundamente, suspirou e sorriu.

– Bom, bom, bom. Agora, me dê mais.

– Exigente – murmurou ele. – Tão exigente...

– Você gosta – disse ela.

– Gosto.

– Então, por que parou?

– Eu gosto demais.

– Ethan...

– Me dá um tempo – protestou ele. – Se eu me mexer agora, vou acabar, e não quero. Não quero que isso seja rápido. – Ele soltou o ar, fechou os olhos e fez uma cara de agonia, de desejo e frustração, de firmeza.

– Ah... – Ela se segurou porque também não queria acabar depressa. Queria que ele se sentisse tão desesperado e excitado quanto ela.

– Isso não é engraçado. – Ethan se afastou.

– O que está fazendo? – protestou ela, desapontada.

Ethan franziu as sobrancelhas.

– Para você, tudo bem se for rápido, mas não para mim. Eu não quero que nenhum de nós fique frustrado.

Ele se ajoelhou e fez com que ela abrisse mais as pernas, antes de entrar no seu corpo, fazendo com que ela estremecesse.

– Quanta força? – perguntou ele, cauteloso.

– Com o máximo que você puder.

– Ah... – Ele soltou uma praga e se afastou novamente, ajoelhou e passou as mãos no rosto, tentando respirar.

Nadia sentou e olhou para ele, admirada ao vê-lo tão relutante.

– Você está preocupado com a sua reputação, Ethan? – Ele não sabia que já lhe proporcionara a melhor experiência sexual da sua vida? Ou ele achava que ela costumava ter orgasmos em público todos os dias?

– Não. Mas com você eu não consigo manter o meu controle.

– E geralmente você mantém?

Ele resmungou, e ela sorriu, satisfeita por ele não estar conseguindo lidar com tamanha excitação.

– Bem, eu não me preocupo com controle – declarou ela calmamente. – Só quero você dentro do meu corpo.

– O que você diz não me ajuda – respondeu ele, muito tenso.

– Você quer que eu me cale?

Ele olhou para ela por um longo tempo e, de repente, deu um sorriso malicioso, mas ainda tenso. Teria vencido alguma batalha que travara consigo mesmo?

– Sim, por que você não vem se apossar do que quer?

– Tudo bem. – Nadia engatinhou até onde ele estava e montou em cima dele.

Ethan olhou para ela, e Nadia viu um misto de fúria e de desejo em seus olhos, enquanto se movimentava para cima e para baixo, em cima dele. Ela sabia que seria bom, mas não esperara aquele tipo de paixão desenfreada. Uma mistura bem dosada de raiva, de desejo e de satisfação.

Nadia apoiou as mãos nos ombros de Ethan, soltou seu peso em cima dele e voltou a erguer o corpo.

Ethan espalmou as mãos no chão enquanto ela se movimentava, subindo e descendo, provocando uma sensação deliciosa. Os dois não diziam nada, mas ela podia ver que ele tentava controlar a respiração e não tirava os olhos de seus seios, que balançavam de acordo com o seu ritmo. Nadia acariciou os seios e lhe ofereceu um mamilo. Ele a segurou pelos quadris e sugou-o, como ela queria. Nadia riu como se estivesse embriagada pela excitação de ver a maneira como ele a desejava.

De repente, Ethan agarrou-a pelo cabelo, puxou-a e beijou-a, enfiando a língua em sua boca, e não lhe deu mais descanso entre os beijos ferozes. Ela gemia e suspirava de êxtase, enquanto ele arqueava o corpo para acompanhá-la, tornando a cavalgada ainda mais incrível.

A excitação crescia em ondas incontroláveis, lançando-a num lugar repleto de prazer, ora fazendo com que ela contivesse o fôlego, ora engasgasse, procurando alívio. E então, de repente, ela não conseguiu mais se mexer ou controlar o ritmo. Seus sentidos e sua sanidade desapareceram sob uma onda de puro êxtase. Ethan abraçou-a enquanto ela estremeceu convulsivamente em um orgasmo como nenhum outro.

Assim que a onda passou, ele inverteu a posição, colocou-se em cima dela e possuiu-a, entrando fundo no seu corpo. Nadia se agarrou a ele e ergueu o corpo para acompanhá-lo. A cada investida, ela voltava a atingir o limite. Precisava de um descanso, mas também queria mais. Ouvia-o respirar junto à sua orelha e, ao mesmo tempo, ouvia a própria voz balbuciar o nome dele seguidamente.

Eles já haviam ultrapassado os limites da civilidade e se entregado à selvageria, ao desejo instintivo. Tinham sido ofuscados pelas sensações, ultrapassado a razão, e só havia a ânsia desesperada e frenética de se saciar.

Nada era mais incrível que senti-lo mergulhar no seu corpo. Nada iria superar aquele momento. Ethan a levava cada vez mais alto, com a sua força feroz, enchendo-a de energia e de força, de pura alegria.

Quando Nadia atingiu o limite, soltou um grito. Ethan recuou e investiu pela última vez, expressando sua própria satisfação, fazendo com que o

corpo dela voltasse a tremer convulsivamente e sua mente se apagasse.

QUANDO Nadia voltou a enxergar, preferiu fechar os olhos e escondê-los sob o braço. Ethan ainda estava em cima dela, mas caíra um pouco de lado para não esmagá-la, e ela podia respirar.

Mas não conseguia. O seu coração galopava. Também sentia as batidas do coração de Ethan, enquanto os dois tentavam se recobrar. Nadia achava que nunca iria se recuperar. O seu corpo todo latejava. Estava coberta de suor. Seus lábios ardiam.

Ela estremeceu descontroladamente, sentiu que ele se enrijecia e esperou. A tensão de Ethan não diminuiu e a dela aumentou. Sem nada dizer, ele se apoiou na mão e levantou.

– Com licença, por um minuto – murmurou ele.

Nadia não respondeu nem se mexeu. Ouviu os passos dele se afastando, ergueu o braço e deu uma olhada. A sala estava vazia. Ela sentou depressa, pegou a camiseta e vestiu-a. Sua calcinha estava úmida e fria. Ela estava toda úmida e fria, como se todo o seu calor tivesse sido sugado por um aspirador gigante, no momento em que ele saíra da sala.

Sim, quem dizia que fazer sexo aliviava a tensão estava enganado. Porque as coisas tinham ficado piores. Não apenas a tensão – o pavor. O que ela estivera pensando? Nadia sentiu o pânico acelerar a pulsação que ameaçava explodir seus tímpanos.

Levantou, enfiou a calcinha dentro de uma das botas e tentou esticar a legging para poder vesti-la. Precisava sair dali o mais rápido possível. Não conseguiria se segurar se ficasse perto dele. Não admirava que aquelas mulheres quisessem avisar às outras: ele era incrível, e ela queria cada pedacinho dele.

– Você já se arrependeu?

Nadia olhou para cima e viu Ethan do outro lado da sala, com uma toalha enrolada na cintura, observando seus movimentos nervosos.

– Você sabe que foi *você* que se contorceu sob a minha mão, no meio de um parque público. – Ele se aproximou.

Nadia sentiu o coração disparar. Estava chocada com a crueza com que ele falara. Ela não aguentou olhar para ele e fitou o chão enquanto tentava se vestir.

- Foi você que colocou a mão na minha calcinha.
- Eu só queria mostrar o quanto você é vulnerável.
- Você não conseguiu resistir a me tocar.
- Porque você estava implorando por isso.

Ela tropeçou ao puxar a leggings para cima, equilibrou-se em um só pé, sem nenhuma dignidade, e desistiu.

- Sim, você correspondeu à sua reputação, Ethan. Deve estar satisfeito.
- Absolutamente não.

Desconcertada, ela lhe lançou um olhar cauteloso. Ele parecia irritado.

– Não ouse insinuar que eu me aproveitei de você – disse ele, num humor que se assemelhava ao dela.

Mas ela precisava se mostrar indiferente e sofisticada, e esconder o fato de que o seu coração ainda estava batendo mais alto que uma britadeira e ameaçava sair pela boca.

– Eu não faria isso. Você sabe que eu queria, Ethan. E gostei. – Ela deu de ombros, como se não fosse nada. – Agora, eu preciso ir embora.

– Porque já teve o que queria? – disse ele com amargura. – E depois? Você vai para casa e escreve a meu respeito?

Ela congelou e deixou de procurar o sutiã. Não pensara no maldito blog e na batalha on-line. O que acontecera significara muito mais para ela do que teria achado há duas horas.

As rugas sobre as sobrancelhas de Ethan diziam que ele estava interpretando o seu silêncio como uma admissão de culpa.

- Não escreva – disse ele.

Nadia se afastou e pegou os patins, percebendo que encontrara uma maneira de acabar com ele. De escapar completamente.

- Mas a popularidade do blog está no auge.
- Isso é importante para você?
- Sim, o meu site é muito importante para mim. Isso foi apenas uma aventura.

– Você vai descrevê-la em detalhes?

– Não.

– Então, você vai inventar algo para escrever?

Ele achava que ela iria enfeitar o que acontecera? Ele deveria estar brincando. Nadia se voltou para ele.

– Isso é uma cilada?

– Que falta de confiança, Nadia – retrucou ele friamente. – Quando você acabou de me acolher em seu corpo...

Sim, isso fora uma loucura.

– Ainda assim, eu vou escrever.

– Então, eu também vou.

Ela engoliu em seco.

– Eu vou escrever do meu ponto de vista. Honestamente. – E, sem detalhes.

Ethan encostou no braço de uma cadeira e segurou a toalha.

– Então, você vai dizer que me seduziu?

– É isso que você acha que aconteceu?

– Foi você quem fez todos os movimentos, doçura.

Não era bem assim, mas ela sabia o que ele queria dizer. Nadia dera o sinal verde.

– Só porque você me levou a isso.

– Então, você não reconhece a sua responsabilidade. Quando vai ser sincera e admitir que eu não uso as mulheres? Que eu me divirto com aquelas que estão tão dispostas a se divertir tanto quanto eu? Mulheres... como... você.

Sim, ela passara a fazer parte do grupo. E se deixara manipular como todas elas.

– Nem todas as mulheres se dão conta de que você quer apenas *diversão*. Foi por isso que elas se juntaram para alertar as outras sobre você.

– Eu não engano, Nadia. Eu não lhes ofereço nada.

– Oferece. Só não percebe. – Ele oferecia o céu, as estrelas, a lua e toda a excitação do universo. E deixava um enorme buraco negro.

– Então, inconscientemente, eu sou um cafajeste? Tenho culpa de as mulheres criarem fantasias depois de fazerem sexo?

Aquele era um erro que ela se recusava a cometer, mas, para isso, precisava sair dali imediatamente e nunca mais pensar nele, nem vê-lo. Como pudera achar que iria fazer sexo com ele e sair ilesa?

– Tudo é uma questão de expectativa. Você deixa claro, desde o começo, que serão apenas três encontros?

– Eu fiz isso com você.

– A situação é diferente. Isso foi combinado. Jamais teríamos nos encontrado normalmente.

Ethan levantou e a toalha caiu. Nadia fechou os olhos e, quando voltou a abri-los, ele vestira a cueca.

– Aposto que você não diz “Ei, vamos sair algumas vezes, nos divertir e, depois, adeus” – disse ela, furiosa.

– Eu não sei que vai acabar.

– Mas sempre acaba. – Ela apostava que ele já estaria *caçando* outra.

– Eu deixo claro que não estou querendo nada sério. – Ethan vestiu a camisa enquanto tentava justificar o injustificável. – Eu não gosto de complicações.

– Por que não, exatamente?

– Porque eu não gosto de cenas como esta. Por que as mulheres são tão complicadas?

– Todos somos complicados, Ethan. Até você.

– Eu não. Tenho necessidades muito simples.

– Apenas instintos básicos? – perguntou ela. – Você ainda não amadureceu. Não quer lidar com o que lhe causou fobia de compromissos. – Ela tentou enfiar o pé na bota, mas não conseguiu. Enfiou a mão na bota, encontrou a calcinha, pendurou-a no braço e se abaixou para calçar os patins. Ethan praguejou.

– O que você pensa estar fazendo?

– O que lhe parece?

– Você não vai para casa patinando. De jeito nenhum.

– Ótimo. – Ela soltou os patins e levantou. – Vou pegar um táxi.

– Eu vou levá-la. – Descalço como ela, ele pegou as chaves e se dirigiu para a porta. Nadia foi atrás dele.

Ele tinha um carro tão vistoso quanto o apartamento, e sabia o seu endereço. A viagem foi rápida e silenciosa.

– Nós ainda temos um encontro – disse Ethan, assim que parou o carro diante da casa dela. – Sexta-feira seria conveniente para você?

Nem em um milhão de anos. Para Nadia, aquela confusão acabara.

– Na sexta-feira, eu já tenho outro compromisso – disse ela secamente.

– Ah, tem?

– Entre nós não há nada de especial ou exclusivo, Ethan – mentiu ela. – Precisamos passar pelo tormento de ter mais um encontro?

– Ah, sim. Os gritos que você deu foram de verdadeiro *tormento*, Nadia.

Ele se tornara cético, e ela não podia culpá-lo. Mas queria acabar com aquilo. Chutá-lo seria o único jeito de fazer com que ele nunca mais quisesse vê-la, e de que ela se recuperasse daquele gigantesco erro.

Com calculada indiferença, Nadia saiu do carro e começou a andar, apertando os patins contra o peito para conter a dor no coração.

– Então, você já conseguiu o que queria? Foi apenas curiosidade? – gritou Ethan pela janela.

Ela percebeu o sarcasmo e o desprezo na voz dele, mas continuou andando e se odiando.

– Ei, Nadia, quem usou quem?

CAPÍTULO 8

ETHAN ENFIOU o pé no acelerador e os pneus cantaram. Odiava complicações, e aquela ultrapassara todas. Era uma confusão. E, por quê? Normalmente, ele não se importaria com o fim de um relacionamento. Mas aquilo não fora um fim de caso normal: fora frio, repentino e maldoso. Sim, ele gostava de fazer sexo constantemente, mas nunca fora daquele jeito tão intenso, selvagem, quente e satisfatório. Nunca ficara excitado a ponto de quase não conseguir, e ainda estava excitado. Tudo que ele queria agora era mais sexo. Com ela.

Não era o que ele pretendia que acontecesse. Antes do encontro, resolvera que iria apenas provocá-la. Afinal, aquele era o objetivo do desafio. Claro que ele a desejava, mas pensara ter um pouco mais de controle. Evidentemente, não tinha.

Ao chegar em casa, ele resolveu tomar um banho frio. Entrou no banheiro e se deparou com a banheira transbordando e inundando o chão. Sim, ele abrira a água e voltara para a sala, pretendendo trazer Nadia para dentro da banheira onde fariam sexo demoradamente, como se estivessem em um spa. Mas ela já vestira o top, parecera desesperada para ir embora e o insultara. A sua fúria fora totalmente injusta, porque ele não a tratara com desprezo. Pelo contrário.

Furioso, Ethan enxugou o chão e entrou no banho, mas continuava ruminando a última hora. Ela conseguira o que queria, e não queria mais

nada. Não se importava. Não poderia ter sido mais clara: só queria uma transa rápida, no chão.

Normalmente, isso não deveria aborrecê-lo. Não era exatamente o tipo de caso descomplicado que ele sempre preferia? Então, por que estava se sentindo magoado e atormentado?

Porque ele queria mais... Agora. Mas também queria um pouco mais de disputas e de diversão. Ele se excitara com os desafios que Nadia lhe lançara. Gostava de estar com ela quase tanto quanto gostara de fazer sexo com ela. Ethan se arrepiou, apesar de estar sob o jato de água quente. Saiu do banho, se vestiu e foi fazer um café. Ainda sentia frio e estava enjoado. O problema era esse: deveria ter apanhado uma gripe. Por isso, todo o seu corpo latejava.

NADIA SE escondeu dentro de casa. Fechou as janelas como um morcego que temesse o último raio de sol. Tinha medo do que Ethan iria postar no blog. O quanto seria sincero? O quanto *ela* seria honesta? Não se arrependia de ter feito sexo com ele, mas fora inconsequente, e jamais faria de novo – apesar do desejo que corria em suas veias.

Ela entrou no blog de Ethan pela milésima vez. Isso já se tornara compulsivo. Não havia nada... Ela tomou um banho e vestiu uma camiseta de “produção limitada” – o pedido mínimo era de 500 unidades –, que mandara fazer para o MulheresEmAlerta e que estavam encalhadas. Só vendera quatro. Mas isso já era um começo, não era?

Nadia correu até a sala para checar o blog. Como não havia nada, abriu seu e-mail. Viu que havia vários posts para o fórum, mas resolveu respondê-los mais tarde.

Abriu um e-mail de Megan, que incluía uma foto dela e de Sam velejando na costa de alguma ilha grega.

OMG, nós, e o resto do planeta, estamos conectados na guerra entre você e o tal Ethan. Muito divertida. Você precisa colocá-lo no lugar. Ele parece ser atraente, apesar... Se não fosse pelo ego, ele poderia ser uma possibilidade, certo? Quem se importa com o ego? Aproveite!

Sim, ela tentara fazer isso. E conseguira, mas as dúvidas surgiram logo depois que o calor dos vários orgasmos esfriou. Quanto a colocá-lo no lugar, era o que ela pretendia. Mas a vontade de fazer isso dera lugar à vontade de conhecê-lo melhor.

Nadia sentou no sofá e observou a fonte que ele escolhera para o banner do HomensMaisEspertos, mas aquilo, como o resto dele, nada lhe dizia. Depois de dois encontros, o que ela sabia dele? Após terem feito sexo, ela podia dizer que o conhecia melhor? Ah, sim, sabia que ele era inteligente, que tinha uma risada contagiante, e que, quando olhava para ela, Nadia se sentia a mulher mais atraente do mundo. Mas, além disso...?

Entrou no próprio blog e começou a escrever.

Encontro Diurno

Tudo bem. Eu admito que, como fiz no primeiro encontro, rompi algumas das minhas regras. Da outra vez, isso se virou contra mim. Desta, eu esperava que isso me desse uma vantagem. Mas não deu... Pelo contrário, deu totalmente errado. Portanto, sigam as regras, garotas. Elas existem por bons motivos.

Para ser justa, e eu estou tentando ser... Ethan é um bom homem, esforçado, generoso e, sim, sabe como fazer com que uma mulher se sinta bem. Ele é educado, gentil, protetor. Ah, ele sabe insinuar coisas sedutoras como ninguém.

Mas há muitas coisas que você nunca vai saber.

Ele pode se envolver fisicamente, se é isso que você quer. Mas, emocionalmente?

Desista. Eu sei tanto sobre ele quanto sabia no primeiro encontro. No meu último post, perguntei se haveria algo por baixo daquela máscara bonita e charmosa. Agora me pergunto por que ele está tão resolvido a esconder o que quer que seja.

Seria um modo de manter o seu “mistério”?

Se é isso, devo tirar o chapéu para ele, porque a curiosidade é algo que prende uma mulher. Ah, a tática de provocar e prender funciona. Mas ele não compartilha nada a respeito dele, da família, ou sobre as coisas com

que se importa. E, para a maioria das mulheres, o contato físico não é suficiente.

O que ele tem medo de mostrar? Talvez ele seja simplesmente vazio, superficial. Esse homem limita a extensão do jogo porque conhece as próprias limitações e sabe que, se você for além de três encontros, vai acabar descobrindo.

Ethan releu o texto com uma raiva que fervia tanto que ameaçava explodir. Sabia que a sua reação às palavras que ela escrevera era desproporcional porque, Nadia não inventara coisa alguma. Nem cometera nenhuma indiscrição.

Não. Fora honesta e aberta de uma maneira surpreendentemente discreta. Dera algumas alfinetas que só ele poderia entender. Não negara o que acontecera, mas também não revelara. Sabia que Nadia não iria negar nem confirmar, quando as seguidoras do blog inevitavelmente perguntassem: “Você transou com ele?” Isso seria exatamente a mesma coisa que ele faria quando lhe perguntassem.

Nadia se saíra bem, mas ele ainda odiava o que estava escrito. Principalmente o “Ethan é um bom homem”. Bom... Ugh. Que tipo de palavra era *bom*? Era uma ironia que ele sempre tivesse tentado ser bom, mas que, agora, ser bom parecesse ser algo insípido. Ethan não queria parecer um perdedor com quem ela precisasse ser gentil. Não precisava da generosidade e do julgamento não tendencioso de Nadia.

Apesar de ter assumido uma parte da responsabilidade, ela insistia em culpá-lo. O que era aquilo de dizer que não sabia mais nada a respeito dele? Não podia culpá-lo. No primeiro encontro, ela estivera ocupada demais, falando sobre si mesma – o que Ethan admitia ter planejado. No segundo, ela nada perguntara e fora embora o mais rápido que pudera. Não vira o apartamento, não perguntara sobre o seu trabalho, a sua vida. Transara com ele e dera o fora. Como Nadia o acusava de se “esconder”? O que ela queria saber exatamente? Ethan deveria fazer uma lista do que gostava? De suas lembranças mais felizes? Besteira. Se Nadia queria conhecê-lo, deveria ter passado mais tempo com ele.

Ethan tomou o café de um só gole, fez uma careta e começou a martelar o teclado.

O segundo encontro foi uma arraso?

O começo era lastimável, e Ethan parou. Não podia responder àquela pergunta sem dizer o que acontecera, e não queria fazer isso. Não era indiscreto. Arrependia-se profundamente de ter criado o blog. A ideia fora idiota e ele não sabia como se livrar. Não poderia simplesmente deletá-lo porque não queria perder Nadia, e o acordo dos três encontros era a única maneira de vê-la de novo. De atraí-la e enlouquecê-la. Portanto, ele precisava responder.

*Provocar e prender... Missão cumprida. A própria **MaisVelhaMaisSábria** admitiu: a tática funciona. Mas ela também apontou sua maior falha: só funciona por algum tempo. Reconheço que é verdade, e isso nos leva a uma questão: Por quanto tempo você quer prender? Para muitos homens, o objetivo do jogo é fisgar e soltar. E, vamos ser sinceros, muitas mulheres adoram ser caçadas e capturadas, e ficam felizes em, logo depois, repetir o mesmo jogo com outro cara. O que importa é a excitação, o barato. Tudo que importa é o que vocês estão procurando e, contanto que os dois queiram a mesma coisa, não há problema, certo? Isso é óbvio para a maioria dos homens.*

Resta às mulheres serem honestas a respeito do que querem. De acordo com a minha experiência, elas não costumam ser, e os caras levam a culpa por um coração partido, quando, na verdade, foi a mulher quem decidiu brincar com fogo. Pensem nisso, garotas.

*A srta. **MaisVelhaMaisSábria** aponta a minha superficialidade. Gostaria que você definisse superficialidade, doçura, porque eu não vou ficar falando sobre política e religião durante um encontro. Onde estaria a diversão?*

Mas nós ainda vamos ter um encontro. Vamos ver o que acontece. É evidente que está na hora de eu colocá-la em contato com o meu “lado sensível”. Mas eu não vou dar nenhuma dica. Vamos nos encontrar e, depois, eu conto como foi. Desta vez, sou eu quem escolhe o local de encontro. E não vai ser o que ela espera.

Ethan olhou para o cursor, insatisfeito, mas não conseguira encontrar nada melhor para escrever. Ainda estava furioso. Ela queria saber mais sobre ele? Deixaria que ela soubesse algumas coisas, e sabia exatamente como faria isso. Ele deu uma gargalhada maldosa ao pensar na ideia que tivera. Ela pedira por isso. O problema é que ainda iria demorar uma semana... Ele pressionou “publicar” e levantou, furioso por ter de esperar tanto tempo. Mas talvez isso lhe desse uma chance de controlar seus hormônios. Talvez também devesse arranjar um encontro para sexta-feira. Nadia dissera que aquela relação não era exclusiva. Ele iria sair e se divertir com alguém que não fosse tão problemática. Iria se encontrar com os amigos no bar, para ver se encontrava algum tipo de caça... O seu corpo pareceu se revoltar, e ele voltou a sentir o gosto amargo do café queimando sua língua. Sim, se ao pensar em sair ficava enjoado, deveria ter apanhado uma gripe.

SEGUNDA, TERÇA e quarta foram os dias mais longos da vida de Nadia. Nunca ficara com os nervos, o sono e o apetite tão abalados. Nem a amarga desilusão que tivera com Rafe a deixara naquele estado.

Passava metade da noite lendo os comentários no blog de Ethan. Eram horríveis. Agradecia pelo seu anonimato e odiava que o nome de Ethan tivesse sido exposto – apesar dos comentários o tratarem como se ele fosse “O” cara. As especulações prevaleciam e algumas postagens eram muito grosseiras. Estranhamente, não havia nenhuma postagem feminina, e ela ficava admirada porque achava que as mulheres iriam se interessar pelo desafio.

Nadia chegava a checar obsessivamente os dois blogs, no escritório, mas não aparecera mais nada escrito por Ethan. Ele não comentara os

comentários. Nem ela. Ela continuava esperando. Ele dissera que teriam o terceiro encontro, mas não a procurara. E ela ficava esperando, esperando, e pulando toda vez que o telefone tocava ou que o e-mail bipava, e se segurando para não ligar para ele. Desistira de não querer mais vê-lo, de superar aquela atração fatal. Queria pedir desculpas por ter sido grossa quando ele a deixara em casa, queria apagar o sabor amargo do final daquela tarde. Mas ela achava que ele não tinha se abalado. Tudo que Ethan queria era vencer. Para ele, ainda era um jogo.

E então o telefone tocou e Nadia viu que era ele, começou a suar e perdeu o fôlego. Sua cabeça parou de funcionar. Só não queria que, quando atendesse, a ansiedade fizesse sua voz soar esganiçada.

Claro que soou.

Nadia entrou em pânico, esperava ouvir a voz dele, mas só conseguia ouvir as batidas do próprio coração.

– É sobre o nosso próximo encontro – disse Ethan por fim.

– Você ainda quer ter mais um? – disse ela apressadamente.

Ele ficou calado. Nadia fechou os olhos, aborrecida com o seu tom de expectativa. Precisa aprender a não tentar discutir com ele.

– Você pensou que eu a deixaria se livrar tão fácil, Nadia? Um acordo é um acordo. Ou você vai voltar atrás?

– Não. Vamos ter o último *encontro* – acentuou ela, para que ele não pensasse que ela queria dizer *outra* coisa.

– Eu sei que você tem um encontro na sexta-feira. Poderia ser no sábado?

– Sim. – Ela não corrigiu a mentira, mas não pretendia mais jogar e dispensá-lo. Agora se tratava de uma questão de sobrevivência. Claro que, se ela realmente quisesse sobreviver, deveria dizer não, mas não conseguia dizer não para ele.

– À tarde – disse ele.

– Outro encontro diurno? – Nadia corou ao pensar no anterior. Sentiu o cheiro da grama ao recordar o que sentira quando ele a pressionara contra o chão.

– Mais ou menos. Mas, desta vez, não faremos exercício. Você vai precisar vestir algo mais formal. Talvez aquele vestido que usou para ir ao cinema.

Nada de exercícios, hein? O comentário casual aguçou o antagonismo de Nadia. *Ele* não iria escolher suas roupas.

– Posso vestir algo mais elegante.

– Ótimo. Vou buscá-la às 13h.

– Tudo bem. Até lá.

Ele desligou sem se despedir. Para Nádia, trabalhar o resto do dia se tornou quase impossível, porque ela queria estar em casa para poder dar vazão à sua obsessão.

Ela saiu para dar uma caminhada e, na tentativa de se esfriar por dentro, comprou um sorvete e o tomou tão depressa que ficou com dor de cabeça. Precisava se recompor. Não iria arruinar a sua reputação no trabalho por causa de um homem que só veria mais uma vez.

Censurando-se intimamente, ela voltou ao escritório e se dedicou ao trabalho, sem acessar mais os blogs. À noite, quando chegou em casa, mandou um torpedo para Megan. Teria de vestir algo mais formal? Precisava de ajuda, porque não era fácil escolher uma roupa formal para um compromisso diurno.

Use um vestido e deixe o cabelo solto. Pode pegar o que quiser no meu armário.

Na manhã de sábado, Nadia seguiu o conselho de Megan, puxou uma parte do cabelo para trás e prendeu, deixando o resto solto. Maquiou-se um pouco mais do que costumava para esconder as olheiras causadas pela insônia. Às 13h em ponto, abriu a porta e, com um misto de nervosismo, excitação e estranha timidez, olhou para ele. Nenhum dos dois disse nada. O silêncio se alongou, e Nadia entrou em pânico.

– Eu não estou bem? – perguntou ela em voz rouca.

– Está ótima. – Ethan pigarreou. – Você está linda.

Ele também estava bem-vestido, e ela se sentiu contente por estar usando os sapatos de saltos altos e o vestido cor de prata, mas estava se derretendo.

A única coisa que a salvava era o embaraço: queria se desculpar, implorar, pedir para começarem de novo. Queria muitas coisas impossíveis.

Ethan abriu a porta do carro para ela. Nadia entrou e sentou, sem olhar para ele.

– Onde estamos indo?

– Ah, você sabe que eu gosto de manter um pouco de mistério – respondeu ele.

Nadia olhou para ele, viu que estava concentrado na estrada e deixou a conversa morrer. Ele também ficou calado. Durante cerca de quarenta minutos, eles rodaram em silêncio, e a tensão crescia.

Depois de um tempo, chegaram a um pequeno povoado formado por casas belas e luxuosas, e Ethan entrou na alameda que levava a uma delas. O portão estava enfeitado com pequenos balões cor-de-rosa e, ao longo da entrada, havia uma fila de carros estacionados.

Nadia não suportava mais a tensão. Onde estariam indo?

Ela saiu do carro e seguiu Ethan até uma linda porta de entrada. Através das janelas, ela viu várias pessoas bem-vestidas.

– Isso é algum tipo de reunião familiar, não é? – perguntou ela, apavorada, subindo a escada que levava à porta. A sua necessidade de se desculpar desapareceu.

– É o batizado da minha sobrinha.

– Eu não deveria estar aqui. – Ela viu que ele se divertia e ficou furiosa. – Aqui não é lugar para você fazer seus lances manipuladores.

– Ah, veja só quem fala... A rainha da manipulação. Você me trata com desprezo para me manter aceso. Não é isso que está fazendo?

Nadia só registrou uma palavra do que ele disse e olhou para ele, admirada.

– Você ainda está aceso?

– Por quê? – perguntou ele, abraçando-a pela cintura e puxando-a, ali, na porta. – Você ainda me quer? – Ethan desceu a mão até sua nádega. Ela sentiu seu calor através do vestido, estremeceu e, de repente, sentiu vontade de chorar. Estava cansada do desespero que sentia por causa dele.

– Eu não estava brincando com você – disse ela, soando desesperada e suplicante.

– Duvido que não estivesse. – Ele pareceu despi-la com o olhar.

Ela estava suplicando. Ele também vibrava, mas de aborrecimento, e de outra coisa que ela queria acreditar que fosse desejo. Nadia olhou para ele, excitada demais para perceber e se importar com o que estava demonstrando. Só queria que ele a abraçasse com mais força.

Ela o viu conter a respiração e inclinar a cabeça, aproximando os lábios dos dela. Prendeu a respiração e sentiu o coração acelerar. Ergueu o queixo, querendo que ele a beijasse. Ethan segurou-a com força, provocando-lhe arrepios de prazer, mas, de repente, ergueu os olhos. Era tarde para Nadia perceber que a porta fora aberta.

Sem soltá-la, Ethan deu um sorriso totalmente diferente.

– Olá, mãe.

CAPÍTULO 9

– **E**THAN! É você... – Ela parecia espantada. – Você e...

Nadia se encolheu e sentiu que ele ficara tenso. De repente, ela se deu conta de que soltara todo o seu peso em cima dele e tentou se afastar, mas ele abraçou-a com mais força. Constrangida, ela umedeceu os lábios, conseguiu dar um sorriso e se virou para ver o rosto da única mulher que nunca esperara conhecer.

– Ethan? – disse outra voz, enquanto duas mulheres mais moças se postavam de cada lado da mãe de Ethan.

– Mãe, esta é Nadia. Nadia, estas são minha mãe, Victoria, e minhas duas irmãs, Jessica e Polly. – A alegria debochada com que ele falou não eliminou a surpresa que elas demonstravam.

Nadia desejava que ele a soltasse, para que ela pudesse correr e se esconder em algum buraco. Mas ele ainda a segurava com firmeza. Já deveria saber que Ethan, o Belo, deveria ter duas irmãs lindas, que pareciam cisnes, e um modelo de classe e refinamento como mãe.

– É um prazer conhecê-la. – Polly e a irmã se entreolharam. – Foi por isso que eu, e não Ethan, trouxe a mamãe.

– Ora, você não iria mesmo trazer um acompanhante – disse Ethan.

– Nós também não esperávamos que você trouxesse – retrucou Polly, levando alguns segundos para perceber a gafe que cometera e corar, dando um sorriso embaraçado. – Claro que foi ótimo que você pudesse vir, Nadia. Você *não* sabe como nós estávamos ansiosas para conhecê-la.

Nadia enfiou os dedos na camisa de Ethan e tentou empurrá-lo, mas o homem-montanha não se mexia, e ela sentia o seu peito subir e descer contra o rosto, perturbando a sua concentração.

– Ah, eu agradeço – balbuciou ela. – Sinto muito ter vindo inesperadamente. Espero que vocês me desculpem. Eu não quero atrapalhar... – Ela se enrolou nas palavras e corou ainda mais. – Posso...

– Vamos entrar. – Ethan de repente virou-a, segurou-a pelos braços e empurrou-a para a porta.

As três mulheres recuaram. Nadia passou por elas e se dirigiu para o canto mais próximo, que, pelo tamanho do grande saguão, ela achou estar muito longe. Ethan andava atrás dela.

– Eu não vou ficar aqui – sussurrou ela, voltando-se para ele.

– Agora você vai ter de ficar. – Ele sorriu, subitamente parecendo relaxado. – Assim, você vai saber mais sobre mim, a minha família, a minha história e todas as coisas irrelevantes e fascinantes que as mulheres gostam de saber. Com certeza, as minhas irmãs vão adorar lhe contar alguns casos.

Ah, então, era daquele jeito que ele pretendia revelar mais a seu respeito? Nadia sacudiu a cabeça. Ele era impossível, e ela agora estava presa ali. Claro que a sua curiosidade era imensa... E ele sabia disso.

Pela cara de surpresa da mãe e das irmãs dele, ela percebera que não era comum que ele trouxesse alguém para conhecer a família, mas não deveria valorizar esse fato... Tudo girava em torno da guerra entre os dois.

– Isso foi muita indelicadeza.

– E eu achando que você fosse a rainha das indelicadezas...

Nadia ficou furiosa.

– Foi você quem se agarrou a mim, na porta.

Ele deu um sorriso maldoso.

– O choque teria sido muito maior se eu a tivesse soltado e elas tivessem visto como eu estava excitado.

Nadia corou, assustada e derretida.

– Você realmente acha que a minha presença não é um problema?

– Contanto que você não chegue muito perto de mim no meio de tanta gente – murmurou ele.

– Daqui a pouco haverá uma pequena cerimônia, na igreja que fica na estrada. Depois, voltaremos para cá e tomaremos um lanche no jardim – disse Polly, interrompendo-os.

– Posso ajudá-las em alguma coisa? – perguntou Nadia.

Ethan riu.

– Jess e Polly organizaram tudo com precisão militar. O seu papel será apenas decorativo, assim como o meu. *Ele* está aqui? – perguntou ele à irmã.

Polly sacudiu os ombros e assentiu.

– Sozinho.

Nadia não deixou de perceber o olhar que os dois trocaram. De quem estariam falando?

– Ei, eu não posso perder a chance de lhe dar os parabéns pelo último ranking – disse Polly. – Maior número de horas contabilizadas, maior faturamento do ano, até agora. É muito...

– Não tente impressioná-la, Polly – interrompeu Ethan secamente. – Ela me vê por meio da minha fama na internet.

Polly arregalou os olhos, confusa.

– Eu não estava pensando em Nadia. Acho que você deveria contar a *ele*.

Ethan apenas resmungou. Polly suspirou e se voltou para Nadia, com um sorriso.

– Acho melhor nós irmos agora.

A igreja ficava perto e os convidados caminhavam em procissão. Nadia ia na frente, com a mão de Ethan apoiada gentilmente em suas costas – o que só fazia perturbá-la. Sabia que precisava se vingar dele, mas não poderia continuar com aquele jogo porque não conhecia as regras.

Para se manter centrada, ela se ocupou em observar a menininha que ia à sua frente, vestindo um belo vestido cor-de-rosa e saltitando alegremente.

– Esta é Isabella, a filha mais velha de Jess – disse Ethan.

Durante o batismo, enquanto os convidados rodeavam a pia, todos pareciam observar a maneira como Ethan segurava a mão dela: não por afeto, mas para impedir que ela saísse do seu lado. Na periferia do grupo, havia algumas mulheres muito bonitas e bem-vestidas, que olhavam para Ethan cobiçosamente, ainda que algumas estivessem acompanhadas. Nadia

se sentiu menor do que nunca e desconfiou que o lanche que viria a seguir seria um tormento.

E estava certa.

– Esta é Nadia.

Ethan a apresentava, sem acrescentar nada ao seu nome: namorada, amiga, rainha dos golpes baixos. E ninguém era indelicado o bastante para perguntar. Sim, ele era o mestre do mistério. Ela foi apresentada a tios, tias, primos, amigos da família e inúmeras outras pessoas que participavam da vida dele. E Nadia estava consciente demais da presença de Ethan para aprender alguma coisa.

– Eu vou pegar outra bebida para você – disse ele. – Vamos passar para limonada, certo? Você não vai querer ficar acalorada por causa do vinho.

Nadia ignorou o olhar malicioso que ele lhe lançou porque estava nervosa demais por ficar sozinha. Foi para o jardim, esperando não encontrar ninguém, seguiu pela passagem entre as rosas e segurou uma delas, tocando suas pétalas perfeitas e macias.

– Lindas, não são?

Nadia ergueu os olhos e, do outro lado de uma roseira, havia um homem mais velho, estendendo-lhe uma taça de champanhe. Ela ficou surpresa ao reconhecer a sua voz, mas não o seu rosto, sorriu e pegou a taça, tentando se lembrar.

– Sim, elas são.

– As que eu mais gosto são aquelas... *Grüss an Tepliz*. – Ele apontou para as rosas vermelhas e sorriu. – O meu nome é Matthew.

Claro, agora ela se lembrava: Matthew Rush. Ele era um famoso comentarista político. Ouvira centenas de entrevistas feitas por ele, de manhã, no rádio, enquanto seus pais se preparavam para ir trabalhar. Várias vezes fora mandada se calar durante o programa. *Matthew Rush*. Que parentesco ele teria com Ethan?

– Eu sou Nadia. – Ela sorriu e, para ser educada, bebeu um pequeno gole de champanhe. – Eu gosto destas.

Matthew concordou.

– Boa escolha. *Souvenir de la Malmaison*. Polly as plantou para Jess há alguns anos. Fez um belo trabalho.

– Sim, elas são maravilhosas. – Nadia recomeçou a andar.

– Estas têm um perfume delicioso. – Matthew tocou a roseira cheia de botões brancos. – *Madame Alfred Carrière*.

– Nadia!

Nadia se voltou e viu Ethan parado no início do caminho. De onde ela estava, podia sentir as ondas de hostilidade que dele irradiavam. Ela deu uma olhada para o homem que estava ao seu lado, mas a expressão de Matthew Rush nada dizia.

– Ethan – disse Matthew calmamente.

– Pai – disse Ethan friamente.

Nem que tentasse, Nadia conseguiria quebrar o profundo silêncio que se seguiu. Matthew Rush era *pai* de Ethan?

Por fim, Ethan se voltou para ela e falou, num tom áspero, que seu pai, acostumado a falar no rádio, jamais teria:

– Eu vou lhe mostrar o abrigo de barcos. Jess acabou de reformá-lo.

– Ótimo – concordou Nadia, dando um sorriso de despedida para Matthew e se afastando, ainda sem entender por que Ethan se tornara uma pedra de gelo.

– Eu não sabia que Matthew Rush era seu pai – disse ela, só para dizer alguma coisa.

Ethan não respondeu e continuou andando, até estarem fora de vista e longe do alcance dos outros convidados. Então, ele se virou para encará-la.

Nadia percebeu que ele estava rígido, pálido, extremamente controlado. Estava furioso. Mais furioso que no dia em que invadira o seu escritório e ameaçara processá-la. Tão furioso, que ela sentiu a adrenalina se espalhar pelo corpo, preparando-a para *lutar*. Mas ela não sabia por que ele estava tão furioso.

– Ele é muito famoso – disse ela, ainda confusa. – Eu ouvi muitos dos seus programas. – Ele também escrevera um livro e passara de entrevistador a entrevistado.

– Sim, você e ele se dariam bem. Vocês têm muito em comum. A necessidade de se sentirem importantes, de serem ouvidos por muitas pessoas. De serem reconhecidos – rosnou Ethan.

Tudo bem, ela sabia que perdera alguma coisa importante, mas ele não precisava descontar nela.

– Há uma falha na sua análise, Ethan. – Nadia não deixaria que ele continuasse a insultá-la só porque estava de mau humor. – O seu pai procura fazer fama com o seu nome. Eu sou anônima. O MulheresEmAlerta não foi feito para mim... É uma questão de fazer a diferença. Eu não me aproveito dele para fazer nome. Na verdade, foi *você* quem comentou sobre os nossos encontros, deixando que todos lessem.

Ethan olhou para ela. Nadia ficou esperando ver a fumaça saindo por suas orelhas.

– Talvez *você seja igual* ao seu pai e queira ser popular – acrescentou ela tranquilamente.

Ethan ficou vermelho de raiva.

– Eu não sou igual a ele.

– É mesmo? – A veemência de Ethan a intrigava. – Por quê? Como ele é?

– Não é óbvio? – retrucou Ethan. – Como você acha que eu me sinto ao vê-lo dando em cima da garota que veio comigo?

– *O quê?* – exclamou Nadia. E começou a rir. Muito. – Ethan, ele não estava dando em cima de mim. Nós estávamos conversando sobre as rosas.

Mas Ethan não via nada de engraçado. Ficava cada vez mais furioso.

– Eu conheço o homem há mais tempo que você. Eu já vi aquele olhar antes.

Nadia sacudiu a cabeça. A ideia era absurda.

– Você tomou champanhe demais sob o sol. Está vendo coisas. – Mas ela perdeu o bom humor quando ele não se acalmou. Ethan realmente achava que o pai estivera flertando com ela? Que ela tinha sido conivente? – É revoltante que você pense que eu...

– Não *você* – exclamou ele. – Mas, ele.

Nadia pensou um pouco. Não vira Matthew na frente, junto com a mãe de Ethan, durante o batizado. Não vira Ethan falando com ele. Ouvira o

comentário velado de Polly a respeito de quem tinha trazido a mãe, e sobre “ele” estar ali – e sozinho. Não precisava ter diploma de Psicologia para saber que os pais de Ethan tinham se separado, e não amigavelmente. Provavelmente, por problemas de adultério. Pensando bem, poderia se pensar que Matthew era doce demais. Ela só o considerara um velho.

Nadia mordeu o lábio e tentou não notar o quanto Ethan estava constrangido, na defensiva e vulnerável. Ela se comoveu e desejou saber que tipo de ferida voltara a se abrir nele.

– Ethan, o seu pai só foi gentil comigo.

– Sim, ele sempre é encantador com as mulheres.

– Você também – respondeu ela docemente.

Ele não disse nada, mas a fúria que havia em seus olhos se acalmou e deu lugar à mágoa. Ethan ficou olhando para ela e, quanto mais ele a olhava, mais a sua mágoa aumentava. Nadia não entendia por quê.

Ele abriu a boca para falar, e ela conteve a respiração e ficou esperando.

Um grito sobressaltou os dois e fez com que se afastassem.

– Ethan, será que você pode me ajudar? – Jessica correu até eles, tentando conter a criança muito vermelha, que se debatia em seus braços. – Bella está fazendo uma cena, eu preciso amamentar o bebê, Tom precisa entreter os convidados... E Polly está tentando manter a mamãe longe do papai.

– Claro, deixe-a comigo. – Ethan pegou a criança calmamente.

– Desculpe ter interrompido – disse Jess para Nadia. – O que você deve estar pensando de nós?

Nadia não sabia o que pensar.

– Ela só está agitada e... – Jess entrou em pânico quando Bella soltou mais um de seus gritos.

– Ela não é a única – disse Ethan, afastando-se com a menina. – Como você se sai com crianças? – Ele olhou para Nadia com um ar desanimado.

– Um desastre – sussurrou ela, caminhando atrás dele.

Os dois passaram pelos convidados e deram a volta na casa. Quando entraram, a agitação da menininha já se acalmava ao ouvir o tom calmo com que o tio lhe falava.

Nadia abriu a porta que Ethan lhe indicou e entrou atrás dele. Era uma sala de música. Ethan sentou-se ao piano, com Bella no colo.

– Você precisa parar de chorar para me ajudar a tocar – disse ele a Bella. – Você sabe que eu não consigo tocar sem a sua ajuda.

Ethan colocou as mãos nas teclas e Bella colocou as mãos em cima das dele. Deveria ser uma brincadeira que eles faziam sempre. Os dois sorriam. Ele começou a tocar alguns acordes dissonantes. Nadia começou a rir. A cena era realmente doce e, de repente, ela percebeu que estava começando a gostar de um homem que sabia ser um tubarão.

Bella interrompeu.

– Não, essa não. Aquela outra.

– Tem certeza?

Nadia reconheceu o tom de provocação de Ethan e viu que Bella também reconhecera. Aquilo fazia parte da brincadeira, com certeza.

Ethan recomeçou a tocar, e Nadia ficou imóvel. Apesar de estar com Bella no colo, ele tocava maravilhosamente. As notas vibravam sob seus dedos, e Bella vibrava de excitação, com as mãos em cima das dele. Um belo trecho de um concerto de Rachmaninov – ela não sabia que Ethan tocava tão bem.

– Toca outra vez? – perguntou Bella, quando a última nota ainda ressoava na sala.

Ethan soltou um gemido e se virou para Nadia.

– Venha se sentar ao nosso lado. Só podemos tocar de novo se for com você.

Nadia viu a cara da menina e se apressou a sentar.

– Você sabe tocar? – perguntou ele.

– Não tão bem. Eu só podia tocar Mozart. As minhas mãos eram muito pequenas para os grandes românticos.

– Parar em Mozart não é ruim. – Ele abraçou a menina. – Toque alguma coisa.

Ethan recuperara o bom humor e voltara a sorrir. Estava lindo e encantador.

– Eu não sou tão boa quanto você e não toco há muito tempo.

– Discordo do primeiro, mas tenho certeza do segundo.

Ela olhou para ele, indignada.

– Você sempre usa essas cantadas?

– Com você? Com certeza.

– Toca, toca, toca – interrompeu Bella, irritada.

– Sim, Nadia – disse Ethan maliciosamente. – Toque.

Ela suspirou, escondeu um sorriso e posicionou as mãos. Fazia muito tempo, mas nunca se esquecia anos e anos de prática. Depois de alguns acordes, ela começou a gostar e ria cada vez que tropeçava em uma passagem mais difícil, mas logo deslanchou e perdeu a noção do tempo, enquanto tocava a sua peça preferida. Calma, não o tipo de montanha-russa de emoções que Ethan tocara.

– Continue tocando – sussurrou Ethan em seu ouvido.

Nadia olhou de lado e viu que Bella adormecera nos braços dele. Ah, como seria bom voltar a ser criança e poder cair no sono tão facilmente. Ethan levantou do banco com cuidado, e ela continuou tocando a suave sonata, virando a cabeça de vez em quando para vê-lo colocando a sobrinha sobre o sofá, perto da lareira. Ele fez sinal para que ela continuasse a tocar, e Nadia recomeçou a tocar a peça pela terceira vez, esperando que ele dissesse que ela podia parar.

Mas ele não disse nada. Colocou as mãos em seus ombros e foi descendo-as por seus braços, até chegar às suas mãos. Nadia inclinou a cabeça e parou de tocar.

– Acho que você toca muito bem – murmurou ele, encostando o rosto ao dela.

Ela só precisava virar a cabeça para beijá-lo.

– É melhor sairmos daqui – disse Ethan, como se fosse a última coisa que quisesse fazer.

– Claro. – Ela também não queria deixar a sala de música.

Os dois saíram nas pontas dos pés e fecharam a porta. Nadia hesitou. Não queria voltar à festa. Ethan ficou parado, olhando para ela.

– Nadia...

Ela sabia que ele queria beijá-la. Também queria beijá-lo. Desta vez, sem joguinhos, só porque era gostoso. Mas algo o segurava, e ela não sabia o que

era.

– Onde está ela? – Jess apareceu no corredor.

Ethan disse a ela, e Jess ficou tão aliviada que dava para perceber o seu estresse. Ethan passou o braço sobre o ombro da irmã.

– Acalmar garotas irritadas é a minha especialidade.

Nadia não sabia se fora uma indireta para ela ou não. Mas não queria ser acalmada. Queria ser provocada.

Ethan conversou com a irmã por alguns minutos, mas, assim que Jess se afastou, a sua expressão brincalhona desapareceu e ele pareceu muito cansado. Nadia não estava admirada. Acabara de ver como ele se esforçara para ser o cara charmoso que segurava a barra das mulheres da família, mesmo quando estava no limite da paciência. Ele cuidara carinhosamente de Bella e de Jess, fazendo com que se sentissem mais calmas. Agora era ele quem parecia precisar de ajuda para se sentir melhor. Nadia desejava que ele falasse com ela. Mas, por que ele iria se abrir com a sua adversária naquela guerra idiota que travavam? Sabia que ele estava aborrecido com o erro que cometera a respeito do pai e não queria embarçá-lo ainda mais, mas ali havia alguma coisa, e ela precisava saber o que era.

– Nunca pensei que você tocasse piano tão bem – disse ela, para aliviar o clima. – Você me parece mais esportivo.

Ethan riu.

– As meninas tinham de aprender. Eu ia junto. Elas nunca se interessaram em praticar.

– E você, sim?

Ele concordou.

– Vamos sair daqui.

As pessoas estavam indo embora, e eles não seriam os primeiros nem os últimos a saírem.

– Você se superou, Jess. Novamente – disse Ethan, abraçando Jess.

– Muito obrigada – disse Nadia a Jess. – Foi o mais belo lanche que eu já vi. Tudo estava perfeito. – Ela não estava mentindo. A decoração, a comida, a elegância, eram incríveis.

Jess sorriu para ela. Polly também sorriu.

– Seria muito bom vê-la novamente, Nadia – disse Polly, despedindo-se.

Sentindo dor no coração, Nadia fingiu não ouvir e entrou no carro. Não aguentaria outros quarenta minutos de silêncio durante a volta.

– Fale-me sobre o seu trabalho. Todas aquelas horas contabilizadas... Você está na promotoria ou na defesa?

Ethan apertou o volante. Droga, ele não lhe contara nada e, agora, não queria contar. Ele não era o tipo de advogado que salvava inocentes e, se ela queria “fazer a diferença”, ficaria decepcionada. Mas ele já estava acostumado com isso, não estava? Seu pai jamais entendera a sua decisão de ser advogado corporativo e perder a oportunidade de pertencer ao Conselho Real composto por advogados que se destacavam nos tribunais, a despeito do fato de ele ganhar muito mais do que recebia antes. Mas, para seu pai, a questão era o prestígio. Para Nadia, era algo mais elevado, e ela se mostraria ainda mais cética do que seu pai.

– Eu não advogo no fórum – disse ele. – Não vou aos tribunais para apresentar argumentos diante de um juiz.

– Não? Então, o que você faz?

– Corporações. – O constrangimento que ele sentia era absurdo porque era um trabalho extremamente competitivo. – Eu sou especialista em aviação.

Ela ficou surpresa.

– Aviação?

Sim, ela não parecia bem impressionada.

– Faço grandes contratos entre empresas aéreas e grandes construtoras de aviões. Leasing, financiamento e coisas semelhantes.

– E isso é advogar?

– Eles precisam de orientação legal para os contratos, então, sim.

– Ah.

– É muito interessante. – Ele soava desesperado por aprovação? Mas amava seu trabalho. Não trabalharia tanto se não gostasse.

– Tenho certeza.

– É mais interessante que RH – disse ele, na defensiva.

– Isso não é difícil. – Ela começou a rir. – Isso quer dizer que você precisa voar em aviões particulares.

– Todos me perguntam isso. Eu esperava mais de você... Às vezes, nem sempre.

– Mas você gosta de aviões?

– Sempre gostei. Gosto de pilotar.

– Você *tem* permissão para pilotar?

– Tenho meu brevê. – E ele saltava de paraquedas. Gostava da sensação estimulante.

– Ah, isso é muito bom. Então, você realmente gosta?

– Gosto. – Ethan finalmente sorriu. – O trabalho é divertido. Mas não é o que as pessoas pensam quando você diz que é advogado.

– Quem se importa? Você tem a sorte de trabalhar no que gosta. Seus pais devem estar orgulhosos.

Ethan olhou-a de lado, mas Nadia estava sorrindo e olhando inocentemente para a estrada. Sem essa. Ela estava jogando o anzol, mas ele não iria abocanhar. Porque, não, seu pai *não* estava orgulhoso.

– Você está querendo dizer que não gosta de RH? Mas gosta de fazer as pessoas se sentirem desconfortáveis, não é? – provocou ele.

– Muito engraçado.

– Então, por que aceitou esse trabalho se ele não a satisfaz?

– Eu queria trabalhar em uma grande empresa. As empresas grandes sempre precisam de funcionários de RH.

– Por que uma empresa grande?

– Pelas razões de sempre... Dinheiro, segurança.

– Sim, mas nem sempre o que é maior é melhor.

– Você está enganado... – Ela sacudiu a cabeça. – Foi bom conhecer a sua família.

Bom. Ótimo, essa maldita palavra novamente. E ela não podia achar que tinha sido bom: voltara ao jogo. Ethan sentiu um arrepio de frio. Convidá-la para participar da sua vida fora uma loucura. O que ela iria contar no site? Iria arrasá-lo. Teria percebido a vulnerabilidade de sua família? Iria se importar? E quanto a Bella? Aqueles momentos ao piano, que antes tinham

lhe parecido tão prazerosos, agora o perturbavam. Nadia o acharia tão superficial a ponto de ter orquestrado tudo aquilo? Ela era tão desconfiada que provavelmente acharia. Ele não queria considerar aquilo como o terceiro encontro. Deveriam fazer outra coisa, mas isso significava vê-la de novo... E essa não lhe parecia uma boa ideia. Tudo deixara de ser um jogo e, com certeza, se tornara complicado.

Quando Ethan estacionou diante da casa dela, sabia que deveria abordar o assunto.

– Por favor, não escreva sobre o dia de hoje no seu blog. – Aborrecido por ter soado rouco, ele começou a falar depressa e mais asperamente. – Eu não quero tudo isso publicado. Não sobre o meu pai. E eu não preparei aquela cena com Bella para lhe provar alguma coisa. Você não poderia...?

– Você acha que eu não sei disso? – interrompeu Nadia, indignada. – Você realmente acha que eu iria contar alguma coisa?

Ethan ficou calado. A raiva de Nadia reverberava dentro do carro. A revolta. A mágoa.

– Que tipo de pessoa você acha que eu sou? Você *não* me conhece nem um pouco? Você não ouviu nada do que eu lhe disse.

Ela saiu do carro e correu para a porta.

Ethan se odiou mais ainda. Sentira náuseas quando vira o pai falando com Nadia. Já vira aquele olhar. Era como *ele* olhava para ela: como se ela fosse um petisco delicado a ser devorado. Nadia se iludira. Ou talvez ela tivesse razão, e ele estivesse tão paranoico que não via direito.

Mas, não fazia diferença, porque a revelação ainda era clara e verdadeira. Sempre dissera que era diferente do pai, mas Nadia dissera o contrário. E ele era *igual*. Era o mesmo cafajeste egoísta e insensível. Acabara de provar.

Ethan praguejou e saiu do carro.

– Nadia! – Ele segurou na maçaneta para impedi-la de abrir a porta e fugir. Mas ela não se voltou. Uma delicada fada prateada, que ele queria puxar e manter nos braços. Ansiava por sua ternura, pelo doce alívio que encontrava nela.

Ethan inclinou a cabeça e beijou-lhe o cabelo, esperando que ela não percebesse que ele o cheirava.

- Desculpe.
- Não tem importância.
- Tem sim. - Ele percebeu que ela tremia.
- Eu não o culpo por achar que eu faria isso - disse ela baixinho.

No fundo, ele deveria ter sabido que ela não faria. Nadia, com seus grandes olhos verdes e rosto doce, não estava no mundo para magoar as pessoas. E, agora, era ela quem estava magoada - por sua causa.

- Eu queria que você falasse comigo - sussurrou ela.
- E dizer o quê? - O sangue de Ethan gelou. Nada havia para dizer. - Não pense que sabe mais sobre mim só porque conheceu a minha família maluca.

- O objetivo não era esse?

Ethan rangeu os dentes. O objetivo original fora constrangê-la. Mas o tiro saíra pela culatra, e era ele quem se sentia embaraçado, torturado e raivoso.

- Como você interage com eles diz muito a seu respeito - balbuciou ela.
- Não diz, não. - Ela nada sabia, porque ele mesmo acabara de perceber algumas coisas.
- Você não é o cara desligado que quer fazer crer. É sensível e se preocupa com eles.

Era uma ironia que ela estivesse vendo algo de bom nele, justo quando ele percebera que havia muito pouco.

- Você não sabe de nada, Nadia.

Ela estivera certa. Ele escondia o que havia sob a superfície porque, por baixo, havia o mesmo tipo de indiferença que havia em seu pai. Indiferença em relação aos relacionamentos, compromissos, casamento. Sim, ele tinha entusiasmo pelo trabalho, mas não pelo peso de uma família, da responsabilidade, de fazer uma mulher feliz.

Não queria entrar num relacionamento e magoar alguém repetidamente, como seu pai fizera com sua mãe. Nadia era do tipo que valorizava relacionamentos: romântica, idealista, já fora enganada e ferida, e tinha um coração sensível. E, qualquer que fosse o seu motivo distorcido, ele a valorizava ainda mais por essas qualidades. Mas, para ela, era perigoso,

porque ele nunca seria o cara certo. Isso queria dizer que ele tinha de se afastar *imediatamente*.

Ethan respirou fundo para tentar diminuir a dor no coração. Mas isso foi um erro. O perfume de Nadia invadiu suas narinas. A proximidade dela era atordoante: sentia o calor e a vibração do seu corpo. Ela não se mexia. Inclinar a cabeça e se mantinha em silêncio. Por quê? Pelo inevitável?

Ethan se rebelou. Soltou a maçaneta e abriu a porta. Ela entrou. Não ir atrás dela foi a coisa mais difícil que ele já fizera.

Não era justo que fazer algo correto parecesse tão errado.

CAPÍTULO 10

NADIA OLHOU para o formulário eletrônico durante um longo tempo e o fechou. Três dias, e ela ainda não postara nada no site. Era uma eternidade. O seu índice de acessos iria despencar. As pessoas já começavam a comentar e a fazer perguntas que ela não queria responder.

O celular tocou. Ela viu que o número era bloqueado e que não deveria ser ele, mas o seu coração acelerou.

– Alô?

– Você não atualizou o seu blog.

Tudo bem, era ele.

– Nem você. – Nadia conseguiu responder. Ele não postara nenhum comentário, não mandara algum e-mail ou torpedo, nem telefonara para ela durante os últimos três dias. Isso era uma eternidade. A única coisa que a impedira de ficar louca fora o fato de não ter recebido flores como as outras mulheres que falavam dele no *3 Encontros e Você já Era*. Pelo visto, ele não sentira necessidade de apaziguá-la. Tinham tido os três encontros e tudo acabara.

– Um cavalheiro sempre dá precedência à dama.

– Eu ainda não estou pronta para escrever. – Nadia fechou os olhos e se deixou levar pela fantasia que alimentara durante os últimos três dias. – Existe um problema.

– Que tipo de problema?

Ela pressionou o peito para acalmar o coração e repetiu as palavras que tanto ensaiara para soar natural.

– Eu não posso afirmar que as alegações são falsas, quando a mais importante delas está correta.

– Que alegação?

– São “três encontros, e você já era”. Você está fazendo exatamente isso comigo.

Nadia percebeu que ele respirava profundamente.

– Você quer mais um encontro? Quer sair comigo novamente?

Ah, ela queria muito mais que aquilo, mas, no momento, se agarraria ao que conseguisse.

– Não vejo como refutar o que aquelas mulheres disseram. Nós só nos encontramos três vezes.

– Mas você está pretendendo refutar outras coisas? – Ele não parecia tão contente quanto ela achara que ficaria. Na verdade, ela não queria escrever mais nada sobre o assunto.

– Você sabe o que vai acontecer se nos encontrarmos de novo, Nadia.

Ela mordeu o lábio com tamanha força que chegou a doer. Ethan pigarreou.

– Você está disposta a se arriscar?

– A vida não tem graça se não houver algum risco – respondeu ela, mordendo o lábio com mais força, sentindo que estava à beira de um ataque de nervos.

– Existe risco e existe imprudência. Eu disse a mim mesmo que não deveria vê-la novamente.

– Você não precisa. – Ela conteve a respiração e a mágoa, e esperou. Uma eternidade.

– Acho que preciso – resmungou ele. – Vamos sair para jantar. Nós não tivemos um encontro tradicional, não é? O problema é que eu vou ficar fora por alguns dias. Pode ser na sexta-feira?

– Claro. – Sexta-feira estava a séculos de distância... – Onde você está?

– Na Alemanha, tentando não pensar em você.

– Está conseguindo?

– Eu estou falando com você, portanto, acho que não.

Nadia sentiu todo o corpo amolecer. Ela ouviu o barulho de estática na linha e, depois, o de vozes.

– Eu preciso desligar. – A voz dele ia e vinha. – É melhor postar alguma coisa no seu blog ou você vai perder visitantes.

– Você também.

– Não tenho tempo. Vejo você na sexta-feira.

Nadia desligou e voltou ao computador, resolvida a trabalhar.

Na manhã seguinte, ela entrou no blog de Ethan para ver se ele tinha postado algo. Nada. Mas ela reparou que alguns dos comentários mais grosseiros tinham sido retirados, e que havia uma mensagem de Ethan dizendo que ele passaria a aprovar os comentários antes de postá-los. Pelo visto, sofrera um ataque de delicadeza. Ou estaria apenas preocupado com o que seus colegas de trabalho diriam? Não, considerando que ele se expusera, ela não achava que ele ligasse para o que pensavam dele. E isso fazia com que ela se perguntasse por que ele se dera ao trabalho inicial de identificá-la como criadora do MulheresEmAlerta. O que o incomodara tanto?

Por trás da sua atitude de playboy arrogante, Ethan realmente era um homem gentil. Gostava das mulheres e as tratava bem quando estava com elas. Só não queria uma verdadeira intimidade ou um relacionamento. As cinzas do relacionamento dos pais deveriam ter alimentado a sua relutância. Seja lá o que tivesse acontecido, fizera com que ele evitasse compromissos, e era evidente que ele e o pai estavam em constante guerra. Isso significava que ela seria apenas mais uma das mulheres com quem ele tinha um caso. Mas ela acabara de conseguir um quarto encontro... A última fronteira. E, sim, no fundo, ela queria muito mais. Ele era uma pessoa por quem era fácil se apaixonar.

Os dias pareciam passar muito devagar. Nadia saiu para fazer compras. Fazer as unhas. Patinou longamente para esgotar sua energia e se cansar o suficiente para conseguir dormir. Não funcionou. Na noite de sexta-feira, ela estava pronta bem antes da hora e vibrando de ansiedade. Praticou um pouco da respiração que aprendera na yoga e esperou. Esperou mais um pouco. Tentou não olhar para o relógio a cada dez segundos, conseguiu

chegar a quinze, ficou furiosa consigo mesma e arrancou o relógio do pulso. Estava usando o maravilhoso vestido novo, que combinava com a cor do esmalte das unhas das mãos e dos pés.

Mas os minutos passavam e ninguém batia à porta. O sol de verão se pôs e Nadia ainda estava sentada na cadeira. Por fim, o celular deu um sinal. Uma mensagem de texto. Mesmo antes de ler, ela já sabia o que era. Ethan não tivera sequer a decência de lhe falar pessoalmente.

Nadia sentiu os olhos se encherem de lágrimas e ficou contente por Megan não estar ali para ver a sua humilhação. Não suportava admitir o quanto fora tola. De acordo com o texto, Ethan ficara retido no trabalho e perdera o voo. Embarcara no voo seguinte e chegaria muito tarde para o jantar.

Ela não acreditava nele. Ele só não queria jantar com ela. Nunca quisera. Ela o forçara a fazer algo que ele não queria fazer, e ele estava tentando se livrar delicadamente – como sempre.

ETHAN TENTARA esquecê-la. Tinham tido três encontros, e ele agora poderia pensar em outra coisa. Poderia procurar outra mulher atraente. Poderia trabalhar direto durante cinquenta e seis horas.

Só conseguira fazer o último.

Ele checou o celular novamente. Não havia resposta. Não queria telefonar para Nadia e falar com ela, porque ela não estaria disposta a ouvi-lo. Odiava tê-la decepcionado. Odiava que tudo tivesse se tornado complicado, mas *precisava* vê-la novamente. O seu corpo não o deixava fazer o contrário. Nem sua cabeça. Ela era tudo em que ele pensava. Tudo que ele queria. Pediria desculpas pessoalmente e a compensaria. Mas isso não iria acontecer nas próximas horas. Ele rapidamente digitou um número no celular.

– Polly, preciso de um favor. Um grande favor. Você precisa mandar o mais lindo buquê de flores para Nadia.

– Ah, Ethan – protestou ela. – Nós gostamos dela.

Ethan trincou os dentes.

– Eu também. Portanto, mande as malditas flores, está bem? E mande um cartão dizendo que eu sinto muito.

- Sente muito por quê?
- Não é da sua conta. Mande agora mesmo.
- Então, está tudo acabado?
- Estará se você não se apressar.
- Está bem.

A CAMPAINHA tocou. Nadia se olhou no espelho do hall, resmungou ao ver os seus olhos de panda e foi abrir a porta. Àquela hora da noite, só poderia ser algum vendedor de telecomunicação ou semelhante, e, portanto, ela não se importava.

Era um mensageiro que lhe entregou o maior buquê de flores que ela já vira.

Nadia pegou as flores, não disse uma palavra e fechou a porta. O cartão fora digitado num tipo antigo de fonte.

Sinto muito.

Ela jogou as flores em cima da mesa, rasgou o cartão em pedacinhos e os jogou para cima como se fossem confetes.

Como ele conseguira mandá-las àquela hora? Floristas não trabalhavam até tão tarde. Ethan deveria ter planejado tudo com antecedência. Há *dias*. Agora, ela percebia que ele a enganara totalmente. Fora ela quem sugerira outro encontro. Ele a tivera na palma da mão, como queria, e a esmagara.

Nadia voltou a olhar para as flores. Sim, eram lindas, mas ela as odiava. As flores do chute. Exatamente como as mulheres do MulheresEmAlerta tinham dito. Ela derramou mais algumas lágrimas escaldantes e fungou. Por que fora tão idiota e esperara algo diferente?

Ficara ali, sentindo pena dele, tentando descobrir por que ele evitava qualquer ligação emocional, conflitos, relacionamentos. Achando que compreendia mais, depois de ter conhecido sua família. Mas ele a tratara exatamente como a tola que ela era. Ele era um cafajeste sem um pingão de sensibilidade. E, agora, deveria estar rindo dela.

Sentindo-se furiosa, Nadia percebeu que precisava fazer alguma coisa para se sentir melhor. E isso não incluía falar com a alegre e despreocupada Megan. Não queria que ninguém soubesse como fora idiota, mas precisava desabafar com alguém. Ela acessou os dados do MulheresEmAlerta e começou a procurar. Dez minutos depois, escrevia e-mails para as outras mulheres que haviam postado no tópico. Não iria se expor na internet, e sim escrever para cada uma delas. Formaria um laço com as outras que tinham sido feridas – humilhadas – depois de terem sido conquistadas por Ethan Rush. Iria reclamar, se lamentar e ranger os dentes, mas não com alguém que conhecia.

Primeiro, ela perguntou se elas eram quem ela pensava que fossem, e se tinham mais informações para compartilhar.

Nadia olhou para as flores e teve vontade de jogá-las no lixo, mas resolveu colocá-las no quarto de Megan. Voltou e clicou em “enviar/receber” dez vezes, mas não recebeu resposta. Ela foi para o banheiro e tomou um banho quente, livrando-se do produto que colocara no cabelo, dos olhos borrados de panda e do seu perfume preferido. Vestiu uma das camisetas da MulheresEmAlerta e um shortinho. Não pretendia ir para a cama porque dormir seria impossível. Em vez disso, checkou os fóruns e se afastou do computador. Ouviria o sinal de e-mail se recebesse alguma resposta.

Só lhe restava uma coisa a fazer. Beber vinho e assistir a um filme. De horror – um festival de mortos, com uma música apavorante e assassinos cruéis. Iria ver toda a coleção de *A Hora do Pesadelo*, para colocar as coisas em perspectiva. Assistira centenas de filmes sangrentos com seu irmão e, de início, aguentara estoicamente para não parecer a *menininha medrosa* que ele esperava. Passara a gostar deles. As coisas podiam ser muito piores e apavorantes que na vida real. E ela iria comer um chilli bem apimentado, para aterrorizar suas papilas gustativas. Passaria por uma experiência sensorial extrema para superar a extrema agonia que havia dentro dela.

Fazia vinte minutos que Nadia estava assistindo o terceiro episódio quando a campainha voltou a tocar. Era muito tarde para ser um vendedor ou qualquer outro visitante. Ela ficou assustada e parou o filme, dizendo a si mesma para não ter medo de algo que Hollywood criara. Só porque já eram

quase duas horas da manhã, não queria dizer que um cara desfigurado com dedos formados por facas estaria batendo à sua porta.

Nadia entreabriu a porta e depois abriu-a completamente.

– O que está fazendo aqui? – Uma estranha mistura de emoções a invadiu: descrença, alívio, satisfação e incerteza.

– Acabo de aterrissar em Gatwick.

– Você realmente estava em um avião?

– Você não acreditou em mim? – Ele soltou a mala aos pés dela. – Eu sabia que você não iria acreditar. Foi por isso que pedi a Polly que mandasse as flores. Mas, ainda assim, você não me respondeu.

– Eu imaginei que, estando em um avião, você não iria receber a mensagem.

– Não, você não acreditou ou não confiou em mim. Ou...

– Ou, o quê? – Ela voltou à defensiva. – Você me mandou as flores de *veja você a qualquer hora*.

Ethan franziu as sobrancelhas.

– O cartão deveria dizer *sinto muito*.

– Dizia.

Ele fechou os olhos e respirou profundamente.

– Tudo bem. Eu não deveria ter vindo aqui a essa hora. É tarde, e nós dois estamos de mau humor. – Ethan pegou a mala.

– Não. – Ela se recuperou do choque e o segurou pelo braço.

– Você parece exausto. Entre e tome um café ou outra coisa. – Ela iria direto para *outra coisa*, mas ele realmente parecia exausto... Barbado, com os olhos vermelhos, roupas amassadas, pálido.

Ethan não se mexeu.

– Quando eu cancelei, você não fez outros planos?

– Claro que fiz. – Ela o puxou com toda a força. – Vi vários filmes e tomei uma tonelada de sorvete.

Ele entrou, com um brilho desconfiado nos olhos.

– Então não há ninguém no seu sofá?

– Era com isso que você estava preocupado? – Nadia soltou o braço dele.

– Era isso que você queria saber?

– Você me disse que não tínhamos algo exclusivo.
– O que você esperava que eu dissesse? – Ela fechou a porta. – Saiba que eu tenho algum orgulho.

– Eu estou ciente disso. – Ethan por fim deu um sorriso. – Qual é o filme?

– De terror.

– Eu odeio filmes de terror. Eles me fazem ficar enjoado.

– Se você quiser, eu seguro a sua mão durante as cenas mais horripilantes.

Ele sorriu de novo, mas mal se mantinha de pé. Não deveria ter vindo, mas, quando entrara no táxi, no aeroporto, dera o endereço dela. Agora, estava ali e o cansaço o derrubava justamente quando ele não queria. Mas, estranhamente, era um alívio queimar a sua última chama de energia vendo nos grandes olhos verdes de Nadia o brilho da promessa, da satisfação e do desejo.

Ethan se atirou sobre o enorme sofá que ela tinha na sala. Desejava-a, mas mal podia se mexer. Mal conseguia manter os olhos abertos.

– Eu não dormi – murmurou ele.

– Você passou o tempo todo acordado?

– Muito trabalho. – Era verdade. Tinham trabalhado loucamente para fechar o contrato. Nas poucas horas que tivera para dormir, ficara rolando na cama, pensando em Nadia. Quanto mais tentava não pensar nela, mais pensava. Por fim, resolvera vê-la de novo e depois esquecê-la. De alguma maneira.

– Você está querendo dizer que passou todo o tempo que ficou na Alemanha em bares de lap-dancing.

Ethan deu uma gargalhada que virou um gemido de cansaço.

– Desculpe, eu sou uma péssima companhia. Estou cansado demais. – Ele deveria ir para casa, mas não queria. Também não queria mais decepcioná-la, mas já estava fazendo isso.

– Cale-se – disse Nadia num tom de tédio. – Eu estou vendo o filme.

Como que para provar, ela aumentou o volume. Apesar de estar de olhos fechados, Ethan sorriu, adorando a maneira como ela estava sendo atenciosa com ele – à sua moda. Só precisava cochilar e estaria pronto para agarrá-la.

Ah, se estaria!

– Ethan?

Nadia olhou para ele, admirada. Ele colocara as pernas em cima do sofá, com os pés para fora, e se deitara, usando o seu colo como travesseiro. Era ótimo, mas também frustrante, porque ele não respondia. Como alguém podia dormir durante um filme de terror? Em menos de três minutos?

Ela passou a mão no queixo dele, adorando sentir sua barba, encostou no sofá e escorregou o corpo um pouco mais para baixo. Uma hora mais tarde, o filme acabara e Nadia ainda não sentia sono. E também não vira muito do filme. Não, ficara olhando ele dormir, observando o ritmo da sua respiração, suas longas pestanas fazendo sombra sobre o rosto. Estava feliz por ele não roncar – não que isso fosse relevante. Não esperava passar o resto de suas noites dormindo ao lado dele. Ainda assim, estava feliz. E preocupada. Porque ele iria ter um torcicolo se ficasse naquela posição por muito mais tempo.

Nadia roçou o dedo na testa dele, adorando poder tocá-lo com tamanha intimidade. Ele não se mexeu. Ela se inclinou e sussurrou em seu ouvido.

– Ethan, acorde. Você está desconfortável.

Tudo bem. *Ela* estava desconfortável. Não que ele estar deitado em cima dela doesse, mas estava quente. Ela só queria que ele acordasse e agisse, mas Ethan estava dormindo tão profundamente, que não tinha coragem de despertá-lo, até porque, quando acordasse, ele podia não querer fazer a mesma coisa que ela queria.

Nadia sintonizou a TV em um canal de música e abaixou o volume. Encostou a cabeça no sofá e tentou sincronizar o ritmo da respiração com o dele para se acalmar e tentar descansar.

– Nadia?

– Hã? – Ela suspirou, envolta num delicioso sonho.

– Nadia?

Ela despertou e percebeu que a voz era real, estava próxima e soava alegre. Sentiu o peso e o calor em seu colo.

– Isso é gostoso. – Ethan sorriu e franziu os olhos por causa da luz tremulante da TV. – O que estamos fazendo aqui?

– Você é pesado demais para que eu pudesse levá-lo para a cama.

– Você queria me levar para a cama? – Ele se virou e ficou cara a cara com o estômago de Nadia.

Ela sentiu os músculos amolecerem.

– Hã-hã.

– Eu senti saudade de você – disse ele num tom rouco, enfiando as mãos por baixo do short que ela usava.

Nadia tentou controlar o tremor, mas o seu corpo se incendiara. Ele a acariciava, e ela relaxava e entreabria os joelhos. A sua respiração se tornava ofegante, na expectativa de que ele a tocasse onde ela mais queria.

Por um instante, não havia mais nada... Só a sensação dos dedos dele em sua pele, percorrendo um caminho que já estava em fogo, à sua espera. Mas, de repente, Ethan ergueu a cabeça e olhou em volta da sala.

– O que foi? – perguntou Nadia.

– Eu estou procurando a esteira. – Ele brincou. – Você deve ter se exercitado enquanto eu dormia. O seu sangue está quente.

Quando ele levantara a cabeça, seus dedos haviam deslizado até mais alto. Nadia percebeu que aquele fora o seu objetivo e abriu as pernas um pouco mais.

– Você ficou com a cabeça no meu colo durante cinco horas. – A voz dela não soara tão sensual quanto ela queria. – Eu estou pegando fogo.

– Ah, então sou *eu* que a deixo quente? – Ele deitou a cabeça novamente.

– Você gosta que eu esteja por perto?

Ela sorriu, desta vez, sensualmente.

– Eu preferia que você estivesse acordado e eu, nua.

– Bem, eu estou acordado... Mas você não precisa estar nua.

Suas carícias se tornaram mais provocantes, e ele ergueu a outra mão, enfiou-a por baixo da sua blusa, segurou seus seios e tocou seus mamilos.

– Sem sutiã, sem calcinha – gemeu Ethan.

– Esse short é uma calcinha – argumentou ela vagamente.

– Solta – murmurou ele, satisfeito, pressionando-a com maior firmeza.

Nadia empurrou a cabeça sobre o encosto do sofá e fechou os olhos. O seu corpo estava ansioso por ele, pegajoso e quente, acolhendo os dedos que ele mexia. Ela mordeu o lábio e fechou as pernas, prendendo a mão dele,

enquanto seus músculos se contraíam em ondas de prazer. Foi rápido, intenso, e não foi suficiente.

– Não há nada mais excitante que ver você ter um orgasmo – murmurou ele, levantando. – E é tão fácil.

– Ah... Sim... – Tentando recuperar o fôlego e embaraçada, Nadia pensou que a atração que sentia por ele era uma loucura. Humilhante.

De repente, ela reparou que ele praticamente arrancava as roupas.

– O que *você* está vestindo? – perguntou ele.

Ela esqueceu a humilhação ao ouvir a pergunta abrupta e vê-lo enfiar a mão no bolso e pegar um monte de preservativos. Então, ele se preparara para vir vê-la?

Nadia se ajoelhou sobre o sofá e aproveitou o show. Sentia o corpo ainda mais quente do que antes. O homem era um monte de músculos, todos contraídos. Ele olhou novamente para a camiseta dela. Teria acabado de perceber o que estava escrito nela?

– É realmente ofensivo. Tire-a. – Ele soltou os jeans no chão. – Tire, tire, *tire*.

Mas, antes que ela pudesse responder, ele lhe deu outra ordem.

– Fique de pé sobre o sofá.

Nadia se admirou.

– Isso é só porque eu sou baixinha?

Ele resmungou e a fez ficar de pé sobre o sofá.

– Não – disse ele, enquanto a despia totalmente. – É porque eu quero beijá-la aqui. – Ele lambeu o seu mamilo e sugou-o. – E aqui. – Ele desceu a boca pela sua barriga.

– Está bem. – Estava mais do que bem. Ah, sim, sim.

Sem parar de beijá-la, ele deu uma risada baixa e sexy que a derreteu, segurou suas coxas e as afastou. Nadia afastou os pés, mas ele continuou a afastar suas coxas, até deixá-las abertas ao máximo. Havia algo de delicioso em ser dominada por ele. O seu corpo estava relaxado e maleável, enquanto o dele era forte, rígido e pronto para atacar. Mal podia esperar para ver o que ele iria fazer.

Portanto, ela ficou de pé sobre o sofá e apoiou as mãos nos ombros de Ethan. Podia olhá-lo diretamente nos olhos, e os olhos dele sorriam. Nadia sorriu também. Ele segurou suas coxas com firmeza, para apoiá-la. O que foi bom, porque, quando ele a possuiu, entrando profundamente em seu corpo, ela sentiu os joelhos cederem e precisou abraçá-lo pelo pescoço, implorando por misericórdia. Mas não havia perdão. Ele era grande e seus movimentos eram firmes e incansáveis, e extremamente deliciosos.

Nadia gemeu, adorando a completude, a fricção de seus corpos que se aproximavam e se afastavam. Ela o acompanhava, numa posição incrivelmente decadente e submissa, e se deliciava. Cada movimento a excitava mais do que o anterior, e logo ela estava sem fôlego e mal podia suportar as sensações. Ethan pressionou o corpo contra o dela, roçando o peito em seus seios supersensíveis, fazendo com que ela chegasse ao limite.

Mas o que mais a fazia vibrar era o fato de estarem cara a cara, olhos nos olhos. Incrivelmente íntimo. Ele a beijou – beijos rápidos e provocantes, entremeados com beijos intensos. Ela podia ver sua paixão, seu desejo. Era tão intenso, que Nadia precisou fechar os olhos. Não podia acreditar que todo o desejo que via nos olhos dele fosse por ela.

– Olhe para mim – resmungou Ethan. – Deixe-me ver – disse ele, mantendo o ritmo, sabendo exatamente o que estava fazendo, como ela estava chegando perto, o quanto estava excitada, o quanto ela o desejava. O quanto ele a fazia sentir, o quanto ele a fazia desejar ainda mais.

Nadia sabia que era isso que ele queria. Queria vê-la atingir o orgasmo. Ele não queria perder nada. Queria saber todos os seus desejos secretos, e saber que fora ele quem os satisfizera. E aquela ideia – aquele pensamento apavorante mas estimulante – apressou o seu orgasmo.

Porque era *ele* que estava fazendo isso com ela.

Nadia sentiu o corpo enrijecer e estremecer convulsivamente, enquanto ondas de prazer a atingiam tão poderosamente que, por um instante, ela chegou a sentir medo. Mas era bom demais para pensar em outra coisa que não fosse o quanto era incrível. Ela não sabia se gritara. Só ouvia Ethan assobiar de satisfação e ranger os dentes, enquanto se segurava e esperava que a sua tempestade de prazer se acalmasse.

Nadia tentou recuperar o fôlego, enquanto ele se movimentava com maior energia. Ela o segurou pelo cabelo, para fazer com que ele continuasse olhando para ela. Soltou um misto de risada e de gemido sensual deliciado, ao ver o rosto dele e todos os seus músculos se contraírem, as veias do seu pescoço saltarem, o olhar desesperado em seus olhos que se arregalavam e fechavam, enquanto ele se aproximava do orgasmo.

– Ah, sim – Nadia soluçou, sentindo o sangue pulsar em seus lábios, na parte mais íntima de seu corpo, enquanto a visão que tinha dele, atormentado pelo desejo que sentia por ela, levou-a de volta ao ponto mais alto do êxtase.

Os movimentos de Ethan se tornaram selvagens. O corpo dele estremeceu quando ele não conseguiu mais se conter. Ele soltou um grito rouco e primitivo ao atingir o seu momento de êxtase. Tudo que Nadia podia fazer era se abraçar a ele. Ethan abraçou-a pela cintura e pressionou a testa contra o seu ombro. Ela sentiu a sua respiração rápida e descompassada sobre a pele suada. Ela também estava ofegante, atordoada. Sentia as pernas totalmente moles, assim como seu coração.

– Você vai me soltar? – perguntou ela em voz fraca.

– Não. – Ele a ergueu, passando a mão sob uma de suas pernas, para poder carregá-la mais facilmente, e pegou uma embalagem de preservativo, que caíra no canto do sofá. – Onde é o seu quarto?

Ela lhe disse e ele a levou até lá, colocou-a na cama, escorou-se nos cotovelos e prendeu-a com seu peso.

– Ah – disse ela, tentando adquirir algum controle sobre a situação. – Você quer agir como dominador?

– Não – disse ele.

Nadia não conseguiu dizer mais nada ao ver a chama de desejo em seus olhos. Ele a beijou, fazendo com que ela perdesse a razão, enfiando a língua em sua boca e provocando-a. Sim, ele não queria dominá-la...

Quando ele acabou de beijá-la, ela contorcia incontrolavelmente os quadris, pressionando-os desesperadamente contra os dele, passando as mãos em suas costas. Ethan olhou para ela e ficou satisfeito ao vê-la estremeecer em baixo dele.

– Você não vai mais fugir de mim – sussurrou ele baixinho.

CAPÍTULO 11

A CLARIDADE entrou pela janela, e Nadia suspirou, relutantemente voltando à consciência, porque agora precisava encarar as consequências.

Ela se virou. Ele estava acordado, recostado no travesseiro, segurando um livro, muito à vontade.

– O que você está lendo? – Ela queria soar normal, mas sua voz saiu num resmungo. Ele lhe mostrou a capa do livro.

– Encontrei-o na sua estante. É muito bom.

Nadia gemeu e pegou o celular ao lado da cama. Precisava confirmar o horário de chegada de Megan e Sam. A última coisa que ela queria é que os dois os encontrassem daquele jeito. Megan tiraria conclusões apressadas, e ela já estava tendo dificuldades para não fazer o mesmo.

– O que está fazendo? – resmungou ele também.

– Atualizando o meu perfil – mentiu ela.

– Evidente... O que você está dizendo? – perguntou ele secamente.

Nadia jogou o celular de lado, satisfeita porque Megan só chegaria dali a dez horas.

– Nada.

Ethan imitou-a, jogando o livro de lado com um gesto teatral, e se voltou para ela.

– Então, Nadia, o que vamos fazer agora?

– Tomar um banho? – sugeriu ela.

Foi uma boa ideia. Quarenta minutos mais tarde, o banheiro estava tão cheio de vapor, que o exaustor falhou. O disjuntor desligava quando sobrecarregado.

– Porcaria! – Nadia afastou o cabelo do rosto e pegou o banco do banheiro, para subir nele e tentar religar o disjuntor. Ethan riu, tirou-a do caminho e ligou o disjuntor.

Ela olhou para ele, zangada.

– Não me trate como se eu fosse uma garotinha incompetente.

– Não estou. – Ele riu e a segurou. – Não projete os seus complexos em mim.

– Não estou projetando. – Ela tentou se soltar. – As pessoas olham para mim e acham que eu sou uma boneca que não pode fazer nada sozinha.

– Doçura, tenho certeza de que você pode. – Ele a acariciava. – Mas, de vez em quando, não é bom ser ajudada?

– Eu não admito ser tratada com superioridade. Eu me viro muito bem sozinha.

– Então, você não admite ter algumas limitações físicas? Mas você tem, Nadia, e isso não é ruim.

– Eu me recuso a ser limitada – argumentou ela. – Posso e faço de tudo. Os meus pais não queriam que eu me mudasse para a cidade... Nunca acreditaram que eu conseguiria um emprego em uma empresa como a Hammond. Posso não ter tamanho, mas *tenho* inteligência.

– E você prova o seu poder atacando pessoas na internet? – Ele sacudiu a cabeça, com um olhar de censura. – Por que isso lhe importa tanto?

– Você não passou a vida inteira lutando contra a suposição de que não é tão capaz quanto o resto da população, porque é baixinho.

– Sim, mas desde que a sua vida não se limite a provar a sua capacidade. Para *algumas* coisas, é preciso ter um parceiro. – Ele a abraçou, mostrando-lhe que era mais forte e o que um *parceiro* podia fazer.

– Isso não é justo – queixou-se Nadia.

– A vida não é justa. Sim, eu sou mais forte que você... Mas isso tem algumas vantagens. Vantagens que você aprecia.

Ela sabia que ele a estava provocando para transformar a sua raiva em animação. E estava funcionando... Porque ele tinha razão.

– É mesmo? – Ela deveria estar parecendo patética. Gostava que ele fosse grande e forte.

– Você fica excitada ao sentir o meu peso na cama – disse ele, beijando-lhe o pescoço. – Gosta que eu a carregue, tanto quanto eu gosto de carregá-la. Mas mesmo homens grandes como eu têm suas fragilidades. Todo mundo tem.

– Você tem? – Ela desconfiava que sim e só queria saber e compreendê-las. – Diga quais são.

– E lhe dar poder sobre mim? – Ele riu. – Jamais.

– Você não acha que eu já tenho poder sobre você? – provocou Nadia. Os dois se encararam por algum tempo.

– Por que você não tenta descobrir? – perguntou ele maliciosamente.

Sim, ele sempre voltava ao sexo. Sempre que a conversa ficava mais séria, pessoal e íntima, ele se livrava, provocando-a.

Mas, naquele instante, ela ficava feliz por deixá-lo se livrar.

Uma hora mais tarde, Ethan tomara outro banho e saía do banheiro enrolado em uma toalha para encontrá-la diante do computador. Ele puxou uma cadeira e sentou ao lado dela.

– É um equipamento impressionante. – A tela era enorme.

– Sim. – Nadia torceu o nariz. – Custou uma fábula.

Ela estava lendo os e-mails que haviam entrado na noite passada, checando os comentários postados no MulheresEmAlerta, respondendo às mensagens. Nadia era incrivelmente organizada. Havia inúmeras pastas, e Ethan se divertiu com os títulos, principalmente com *Feedback Excelente* e *Feedback Desfavorável*.

– Qual delas tem mais mensagens? – perguntou ele.

– O que você acha? – Ela riu e levantou para atender o telefone.

– Ah, olá Megan...

Ethan ignorou a conversa e leu o e-mail que ela pretendia responder.

Por favor, poderia colocar uma lista dos dez piores cafajestes no MEA? Ou, ainda melhor, fazer uma votação? Eu tenho “O” cara sobre quem desabafar... Ele merece ser o número um...

Mais uma megera. Ethan sacudiu a cabeça, resistiu à vontade de clicar em “deletar” e colocou a mensagem na pasta “sugestões”, como Nadia fizera com outras semelhantes. E começou a ler o próximo e-mail.

Quero lhe dizer o quanto aprecio o MEA. Não porque eu ache que todos os homens são canalhas, como o cara que eu namorei, mas porque este é um lugar onde alguém escuta e eu posso conhecer experiências de outras mulheres, e onde eu posso falar reservadamente com alguém sobre o que me aconteceu. Foi estupro. Durante muito tempo, eu não sabia se podia dizer que tinha sido... Se a culpa fora minha. Mas não foi. Eu não fiz nada de errado. Ele fez. Eu nunca contei isso a ninguém, mas aqui eu tenho voz, e você escuta. Isso ajuda.

Ethan viu o braço de Nadia passar por ele. Ela clicou o mouse e transferiu o e-mail para uma pasta.

– Algumas mensagens não são publicadas no fórum – disse ela calmamente. – Existem alguns tópicos confidenciais.

– Claro. – Ele se afastou da tela e percebeu que estivera prendendo a respiração. – Isso é terrível.

– Sim – disse Nadia, sentando ao lado dele.

– Como você sabe o que dizer a alguém que passou por isso?

– Não é tanto uma questão do que dizer. Que resposta haveria para isso? Nada do que você diga vai consertar o que houve. Mas eu posso dar o que ela disse: um espaço, um lugar onde ela tenha voz. Eu me ligo a vários links, e existem outras mulheres que passaram por experiências semelhantes com quem falar. Eu não sou terapeuta. Só faço a mediação. Mas, sim... – Ela se tornou sombria. – Algumas mulheres passaram por algo pior que um colecionador de virgindades.

Isso era verdade. Mas o que acontecera com Nadia também fora horrível. Se um dia Ethan cruzasse com Rafe Buxton, teria de ser contido para não fazer algo de violento contra o canalha. E provavelmente Nadia reagiria contra *ele* violentamente, porque ela estava resolvida a cuidar de si mesma e a não aceitar nenhum tipo de proteção. Principalmente por parte de um cara grande como ele. Como se isso fosse ruim. Mas ele não podia controlar a necessidade de protegê-la.

Maldição. Ethan olhou para ela e viu as olheiras sob seus olhos. Percebeu que precisava lhe dar um descanso e que também precisava descansar. Não descansar fisicamente, mas mental e emocionalmente. Não sabia mais o que pensar daquela situação.

– Acho melhor eu ir embora. – Ele esperava que ela dissesse para ele ficar.

– Tudo bem. – Nadia se concentrou na tela. – A minha amiga vai voltar esta noite, e pretendemos colocar a conversa em dia.

– Claro. – Ele tentou disfarçar a decepção e deu uma olhada para a mensagem que ela lia.

Você acha que a fraqueza é hereditária? Receio que seja. A minha mãe ficou com o meu pai durante anos, apesar de ele traí-la. Eu jurei que não seria como ela: tola a ponto de suportar a mesma coisa. Mas o meu namorado me traiu, e eu não quero que ele vá embora...

Ethan se afastou, pegou suas roupas e foi para o quarto. Não queria saber o que Nadia iria responder. Ser o filho de um homem desprezível fazia com que ele fosse desprezível?

– Ethan? – disse Nadia, da porta. Ethan se ocupou calçando os sapatos.

– O meu pai traía a minha mãe durante todo o tempo. Até que, um dia, ele a deixou por uma das suas *assistentes* e também a traiu. Todos os seus relacionamentos acabam em traição. Mas Jess se casou, e Tom jamais faria isso. Você deve dizer isso àquela mulher. Não é algo hereditário. O padrão não se repete necessariamente. – Não no caso de Jess e de Polly. Não, no seu

caso, porque ele resolvera ser diferente. Mas agora ele não sabia mais se *poderia*.

– Certo. – Ela entrou no quarto. – Quando eles se divorciaram?

Ethan levantou, voltou para a sala e pegou sua mala.

– Quando eu tinha 15 anos. Foi um alívio. – Ele gostaria que a mãe tivesse expulsado Matthew mais cedo.

– Por que...?

– Eu não quero falar sobre isso, Nadia. – O que ela queria saber? Como, durante anos, ele ouvira a mãe chorar todas as noites? Como ele, Jess e Polly tinham tentado obter a atenção do pai, mas nunca tinham conseguido competir com as belas jovens do estúdio? Como ele se empenhara para fazer com que sua mãe voltasse a sorrir?

– Eu sei disso. – Nadia o encarou. – Mas talvez você devesse.

Ele quase sorriu, mas nada disse. Ela realmente não queria ouvir a sua história triste. Não havia nada mais desanimador. Preferia fazê-la rir.

Nadia acompanhou-o até a porta.

– Adeus... Foi...

– Não diga que foi *bom*. – Ele estava mais do que confuso. – Divirta-se com a sua amiga.

– Eu vou. – Ela sorriu, mas dava para notar que ela estava engolindo suas dúvidas.

Ethan não queria ir, mas Nadia tinha amigos e uma vida ocupada. Tão ocupada que não havia lugar para ele, como de repente desejava. Ela se dedicava ao trabalho, ao blog, aos amigos... E daí? Agora ele sentia ciúmes dessas coisas? Evidentemente, precisava dormir mais.

Durante a madrugada, quando os dois finalmente tinham se saciado, ela havia se enrolado como uma bola e dormido como uma pedra. Ele acordara cedo e esperara séculos, desejando que ela acordasse. Tanto, que procurara algo para ler. Não quisera perturbá-la porque ela parecia cansada. E não queria perturbá-la agora.

Ethan se inclinou e beijou-a. A maneira como seus lábios se colaram fez com que ele se sentisse melhor. Sim, o sexo era ótimo. E isso era tudo que ele queria, certo?

Não. Não mais.

Insatisfeito, ele caminhou até sua casa, trabalhou um pouco. Telefonou para alguns amigos. Resolveu passar o sábado em casa, pela primeira vez em meses. E passou a noite diante do computador.

MEGAN SE aninhou no sofá como se fosse um gato satisfeito.

– Foram as três melhores semanas da minha vida – ronronou ela.

Nadia riu. Três semanas velejando com o namorado pelas ilhas da Grécia não podiam ser ruins, podiam?

– Fale-me sobre as suas. – A expressão de Megan se tornara realmente felina e maliciosa.

Nadia tentara mantê-la falando sobre si mesma, mas Megan não se deixaria mais enganar, porque ela não parara de olhar para o tablet que estava em seu colo, percorrendo os textos postados no blog de Ethan.

– Sabia que ele postou outra mensagem?

– Postou? – O coração de Nadia acelerou. Esperava que fossem esquecer os blogs. Ele sugerira que ela deletasse o seu. Mas, ali estava.

Admito que atrasamos o comentário sobre o encontro. E eu não vou comentar porque a realidade é muito mais complicada que esse “ele disse/ela disse”. Eu só quero passar uma mensagem para as mulheres que estão lendo. Vocês querem uma dica sobre a psique masculina?

Aqui está.

Ao contrário da necessidade feminina de compartilhar, nós não gostamos de demonstrar emoções ou de analisá-las. Homens gostam de ação. Deixem-nos agir. Deixem que sejamos homens. Deixem que façamos o que gostamos de fazer por uma mulher.

Ora, o que *aquilo* queria dizer?

– Está pronta para falar, Nadia? – perguntou Megan, curiosa.

Nadia abanou a cabeça. Já partilhara muito de si mesma nas últimas 24h. Com ele.

CAPÍTULO 12

ELE NÃO telefonou no domingo. Não mandou um torpedo, um e-mail, e não escreveu mais no blog. Ela também não. Isso não queria dizer que Nadia não pensasse nele o tempo todo, se não se controlasse. E ela trabalhara no seu site até muito, muito tarde.

Muito cedo, na manhã de segunda-feira, Megan chamou por ela.

– Nadia, tem alguém na porta, querendo vê-la.

Às 7h da manhã? Não acreditando na expressão maldosa de Megan, Nadia foi atender. E então, ela entendeu. Era Ethan, parecendo dinamite com uma roupa casual, uma combinação de relaxado e confiante.

– O que está fazendo aqui? – Ela conseguiu perguntar.

– Pensei em acompanhá-la até o trabalho.

Nadia olhou para a mountain bike ao lado dele, ainda admirada.

– Mas o seu trabalho fica mais perto daqui do que o meu.

– Eu preciso de mais exercício que você. – Ele deu uma piscadela.

– Você está falando sério?

– Totalmente.

Nadia franziu os olhos. Ele estava ali, mas não pelos motivos certos. Ela percebeu que Megan fingia procurar algo na sala para poder observar Ethan um pouco mais.

– Eu vou pegar a minha mochila.

Ela entrou em casa e encostou a porta.

– Ah, Nadia – Megan cruzara os braços e batia o pé no chão, dando um sorriso maior do que a Austrália. – Nadia, Nadia...

– Não importa o que você ouça nos próximos dez minutos, não saia, certo? – disse Nadia. Megan arregalou os olhos.

– Certo.

Nadia correu para se aprontar. Calçou os patins, passou pela porta patinando e fechou-a. Enquanto ajustava o capacete, ela percebeu que os olhos de Ethan brilhavam. Ele virara a bicicleta para o outro lado e já estava pronto para sair.

Nadia se colocou ao lado dele e... acionou a sua surpresa. Um som horripilante e estridente quase deixou Ethan surdo.

– O que é isso? – gritou ele, olhando em volta. Nadia mostrou o pequeno retângulo preto, preso em sua cintura.

– É um alarme eletrônico – gritou ela. – Basta eu puxar esse fio, e ele faz esse barulho insuportável. Portanto, eu não preciso de um guarda-costas para me levar ao trabalho, Ethan. Posso me cuidar sozinha.

– Não é por isso que eu estou aqui – gritou ele.

Ela desligou o alarme e o encarou, não acreditando.

– Tudo bem, em parte, é por isso que eu estou aqui.

– Você não precisava vir por causa disso. – Ela franziu as sobrancelhas.

Ele ficou calado por algum tempo, antes de enfrentá-la.

– Por que você insiste em classificar os homens? Por que separar o protetor do predador? Eu não posso ser as duas coisas? Tenho certeza de que você pode cuidar de si mesma, Nadia. Mas, mesmo que você fosse faixa preta em caratê e carregasse uma bazuca, eu ainda ficaria preocupado. Eu me sinto melhor estando com você no parque, de manhã, está bem? O que há de errado com isso? Olhe, eu não vou impedi-la de fazer alguma coisa... Duvido que conseguisse. Mas, porque não podemos nos divertir fazendo alguma coisa juntos? Por que você precisa provar algo a si mesma, o tempo todo? – Ele parou para praguejar. – Sinceramente, o principal motivo para eu estar aqui é que eu quero passar mais tempo com você. Isso é um crime?

– Não. – Nadia impulsionou os patins para que ele não visse o seu enorme sorriso e como ela estava cheia de si. – Tudo bem.

Mas ela não conseguiu resistir, olhou para trás e o pegou dando um lindo sorriso.

A manhã estava luminosa. Ela sempre adorara patinar. Sentia-se livre e veloz. Mas patinar ao lado de Ethan era ainda melhor. Ele tinha razão: estarem juntos deixava tudo mais divertido. E ele não estava ali para impedi-la ou por pensar que ela não podia fazer isso sozinha. Estava ali pelo prazer de estar com ela. Nadia sentiu a adrenalina e a excitação se espalharem por suas veias, acelerando o seu coração e levando a sua felicidade às alturas. Ethan estava certo. Estarem juntos, lado a lado, era fantástico.

Ethan pedalou mais depressa, impressionado com a velocidade de Nadia. E com como ela estava atraente. Usava leggings, um top, capacete e protetores nos pulsos. Aquelas roupas não deveriam deixá-lo aceso, mas ele estava.

Ele ficara longe no dia anterior e odiara cada segundo. Agora estava cedendo à permanente ânsia de estar perto dela. Só que, com ela ali perto, essa ânsia era paralisante. Ele a desejava mais do que qualquer outra coisa e a queria naquele instante. E queria mais de si mesmo... Queria *ser* mais, mas não sabia como, e odiava isso. Onde estava a sua despreocupação, a sua inconstância?

– Eu vou ter um ataque do coração – balbuciou ele, quando chegaram ao lugar onde ela trabalhava, encostando a bicicleta na parede. – Você toma banho aqui?

– Tomo – disse ela, tirando o capacete.

– Estranhos também podem tomar? – Os seus hormônios estavam no auge.

– Não. – Nadia pareceu frustrada, mas uma expressão diabólica passou pelo seu rosto, e ela se aproximou. – Você trouxe proteção?

Ethan pensou um pouco e desanimou. Como não pensara em trazer preservativos? Mas, apesar de ser o que ele mais queria, não fora procurá-la com essa intenção. Ao vê-lo tão desanimado, Nadia estranhamente parecia ter se entusiasmado.

– Tem um banheiro no saguão – disse ela.

E daí? De que adiantava, se não podiam fazer o que ele tanto queria? Mas ele foi atrás dela.

Era tão cedo que só havia um guarda na porta da recepção, e ele não pestanejou ao ver Ethan entrando no edifício junto com Nadia. Ela foi direto para o banheiro. Assim que entraram, Nadia empurrou Ethan contra a porta e a trancou.

– Você não pode andar de bicicleta nesse estado – disse ela, abrindo rapidamente o zíper da calça dele.

– Não se preocupe, está tudo bem. – Mas o seu corpo o desmentia. – Você não precisa...

Ah...

O coração de Ethan parou quando ela se abaixou e foi direto ao ponto. A não ser aquela parte do seu corpo, tudo mais desapareceu. Ele estremeceu ao sentir o calor da boca de Nadia acariciá-lo delicadamente. Depois, *não* tão delicadamente, e ela passou a também usar as mãos. Ele sentia o corpo latejar. Segurou-a pelo cabelo, bateu com a cabeça violentamente na porta, ficou com a visão nublada e se deixou levar pelas sensações. Deveria saber que ela seria tão entusiástica e apaixonada fazendo aquilo quanto era em relação a tudo. Nadia dava tudo o que tinha em cada coisa que fazia, e o seu esforço e a sua habilidade superavam o seu tamanho. Ela era um dínamo. Só de estar perto dela, Ethan despertava para a vida. E nunca se sentira tão vivo e mais concentrado em outra pessoa do que agora.

– Nadia! – exclamou ele, desesperado. – Nadia, por favor...

Mas ela o ignorou, e já era tarde. Ethan gemeu, enquanto o prazer se espalhava por suas veias. Levantou-a e esmagou-a contra o corpo. Só depois que se acalmou, ele percebeu que Nadia deveria estar com dificuldade para respirar, e relaxou um pouco os braços. Queria abraçá-la e absorver um pouco do seu gosto pela vida.

Ethan sentia o coração bater dentro do peito como se tivesse ficado muito grande para ser contido. Falar se tornara impossível. Não era apenas por causa do sexo. E isso era algo que o deixava perplexo, que o apavorava.

Depois de algum tempo, Nadia se afastou e empurrou o cabelo que caía sobre o rosto. Ele olhou para ela e mal conseguiu fechar as calças.

- Eu preciso me arrumar – disse ela, dando uma olhada sugestiva para a porta, onde ele ainda estava encostado.
- Eu quero vê-la mais tarde – falou Ethan em voz trêmula.
- Megan vai passar a noite na casa de Sam – concluiu Nadia.
- Ótimo.

DEZ MINUTOS mais tarde, depois de tomar um banho, Nadia foi para a sua mesa e ligou para Megan, pedindo que ela ficasse na casa de Sam até receber um sinal de que poderia voltar.

Na quinta-feira, ela ainda não dera nenhum sinal para Megan. Ethan a levava para casa todas as noites e a agarrava assim que fechavam a porta. Uma vez, tinham conseguido chegar até o quarto. Outra vez, tinham se atirado no sofá. Depois, ele a imprensara contra a porta. E, em seguida, eles comiam alguma coisa e viam um filme. Tinha concordado em assistir filmes de ação. Raramente viam o filme todo, sem fazer uma interrupção para voltarem a fazer sexo. Entre os filmes, a comida e o sexo louco e desenfreado, eles trabalhavam. Ethan, no laptop. Nadia, no computador. Até que ele a chamava para *dormir*.

- Você trabalha demais. – Ele parou atrás da cadeira de Nadia e a abraçou, impedindo que ela continuasse a digitar. – Assim, você não vai aguentar. – Ele deveria ter sentido que ela enrijecera o corpo, porque riu e logo se corrigiu. – Tudo bem, eu sei que você *aguenta*, mas isso não é saudável para ninguém. A maioria das pessoas não tem dois trabalhos em tempo integral.

- Eu sei – concordou ela apenas porque sabia que Ethan a achava capaz. – Mas eu quero.

- Será que é necessário? Você não pode se livrar da Hammond e ficar apenas com o fórum?

- Não sei como. E eu *quero* trabalhar na Hammond. Quero mostrar a eles que sou um sucesso.

- Nadia, você faria sucesso em qualquer coisa... E quem a conhece *sabe* disso.

Ah, aquela atitude de apoio merecia ser premiada. Nadia girou a cadeira e deu um sorriso malicioso.

– Vamos para a cama.

Mas os dias se passavam e ela se recusava a ver além dos momentos que tinha com Ethan. Os dias de trabalho voavam porque ela mergulhava nas tarefas para não pensar. E, quando não estava trabalhando, estava com ele. Sabia que não precisava ter medo de que ele tivesse outra, como acontecera com Rafe: Ethan não teria tempo. E sabia que ele era leal: percebera isso ao vê-lo interagindo com a família. Portanto, ela não conversava com Ethan a respeito do que estavam fazendo. Não queria ouvir uma resposta evasiva. Não queria vê-lo evitar uma conversa pessoal. Nadia sabia que estava com um problema. Para ele, tudo era físico e se limitava ao sexo incrível. Mas, por mais que fizessem sexo, ela sentia uma insatisfação que só aumentava. E o problema de “gostar” dele também estava piorando e chegando perigosamente perto de se tornar aquela palavra com “A”.

Como consequência, a ansiedade de Nadia atingira o limite e o vazio em seu peito se aprofundara. Pior: a sua sensação de êxtase já não durava tanto, e ela voltava a procurá-lo. Queria mais, muito mais.

Na sexta-feira, os nervos de Nadia estavam em frangalhos por causa do cansaço, e a incerteza emocional minava o pouco controle que lhe restara. Ela bebeu duas xícaras de café com açúcar para conseguir trabalhar, mas estava louca para que o sábado chegasse.

E, então, ela foi chamada para uma reunião com seu chefe e o chefe *dele*. Assim que reparou que seu chefe evitava olhar para ela, Nadia congelou. Algo estava errado.

– Nós fizemos uma inspeção nos registros das últimas duas semanas – disse o chefe do seu chefe. – Os registros do computador.

Nadia sentiu um gosto amargo na boca e engoliu em seco.

– Sabemos que você andou acessando sites não relacionados com o trabalho, Nadia. Redes sociais e fóruns.

– Foram apenas algumas vezes, e muito rapidamente. – Só quando Ethan telefonara e ela tentara se livrar dos encontros. Só quando precisara ver se ele respondera. Muitos “só”... – Eu estou sendo advertida? – perguntou ela, esperando pelo melhor, com o rosto tão quente que daria para fritar um ovo.

– Nadia, esses fóruns tinham um conteúdo de natureza explícita.

Eles tinham lido. Não admirava que seu chefe não a encarasse. Todos aqueles comentários terríveis que os amigos de Ethan tinham feito. Nadia sabia o que isso queria dizer: conduta extremamente imprópria. Demissão imediata.

– Vocês estão me despedindo? – A voz dela soou fraca, como se ela não acreditasse.

Mas, no fundo, ela acreditava. Sabia que era isso, mas não podia deixar que acontecesse. Não podia perder sua reputação, tudo que trabalhara tanto para conquistar. O *emprego* na *grande* empresa, na *cidade* grande. Tudo que sua família achava que *ela* não seria capaz de conseguir.

– Sinto muito, Nadia. Você sabe que não temos escolha.

Ela sabia. Fora ela quem redigira a maldita norma.

– Como pôde ser tão descuidada, Nadia – perguntou seu chefe, assim que eles saíram da sala. – *Você* sabe que a tolerância é zero, principalmente com coisas dessa natureza...

– Eu sei. – Ela secou o suor das mãos na saia. – A culpa é toda minha.

Mas não era. A culpa era *dele*. De Ethan e sua guerra na web, de seus amigos grosseiros.

Uma hora mais tarde, ela deixou o edifício carregando uma caixa com seus pertences e pegou um táxi. Durara menos de seis meses. Se não arrumasse outro emprego, não teria dinheiro para pagar o aluguel. Megan logo iria se mudar. Ela e Sam estavam seriamente apaixonados e felizes.

E o que *ela* estava fazendo? Transando com um idiota que não se importava com nada além de se divertir. Os dois não estavam *juntos*, não havia nada sério, e ela certamente não estava feliz. Sua carreira terminara e, portanto, também o seu caso.

Nadia mandou uma mensagem para Ethan.

Não precisa me encontrar no trabalho. Saí mais cedo.

Segundos depois, o celular tocava.

– Você está bem? Por que saiu mais cedo? – perguntou Ethan, assim que ela atendeu.

– A decisão não foi minha – rosnou ela. – Acabo de ser despedida.

– *O quê?*

– Conduta imprópria. Por acessar material inapropriado na internet. O seu blog.

– Onde você está?

– Em casa. E não quero ver você.

Mas ele já desligara.

Vinte minutos depois, Ethan batia à porta e pedia para que ela o deixasse entrar. Nadia abriu a porta, ele passou e deu uma olhada para a caixa que ela trouxera.

– Nadia... – disse ele carinhosamente, tentando confortá-la.

Na verdade, ela precisava de conforto. A sua raiva diminuía assim que o tinha visto. Ela queria um abraço, que ele dissesse que tudo ficaria bem. Que Ethan se importasse. Mas tinha medo de que ele não fosse assim.

– Eu não quero ver você agora. – Ela estava exaltada, tremendo, mortificada por querer o apoio de Ethan, sabendo que não iria ter.

– Você está me culpando?

– A quem mais eu iria culpar? – Ah, eu não sei. – Para surpresa de Nadia, ele estava *sorrindo*. – Que tal a si mesma?

Os olhos dela se encheram de lágrimas, e ela se virou para escondê-las.

– Nadia...

Ele segurou-a pelos ombros, mas ela se afastou.

– Eu *odeio* você.

– Você não *me* odeia. – Ela podia perceber que ele ainda estava sorrindo.

– Você odeia o quanto me deseja.

Ela engasgou. E daí? Era só o *seu* desejo por *ele* que valia? Era exatamente o que Nadia temia.

– Você é o macho mais arrogante que eu já conheci. – Ainda que ele tivesse razão.

– Nadia... – Ele se aproximou, com um olhar ardente que daria para derreter a Antártida. Ela ficou firme.

– Você acha que fazer sexo vai melhorar as coisas? Você acha que isso conserta tudo? Uma transa rápida, e você vai embora? Esse é o seu comportamento, não é? – Era assim que ele via tudo e tentava consertar as coisas.

Sim, ela o queria, mas não queria apenas sexo. A incerteza e o estresse da semana tinham se misturado e faziam com que tudo que ela visualizasse se desmanchasse como gelatina.

– Não. – Ele suspirou. – Eu só não acho que isso seja o desastre que você imagina.

– Não o desastre que...? – O queixo dela caiu. – É uma catástrofe. Você arruinou totalmente a minha vida. Espero que esteja satisfeito.

– Seja honesta, Nadia – disse Ethan secamente. – Você não gostava daquele trabalho. Estava lá para provar que podia arrumar emprego em uma grande empresa... Porque foi tola o bastante para achar que ninguém acreditava que você fosse capaz. – Ele parecia ter ficado muito sério. – O fato é que o seu coração não estava lá. Você se ressentia, mas dava o seu melhor porque não é capaz de dar menos, e havia várias coisas que preferiria estar fazendo e que não faz porque é covarde. Você tem medo de fracassar. Foi por isso que nunca se expôs no MulheresEmAlerta. Você é covarde.

Ela não acreditava que ele não percebesse o quanto era destrutivo. Ele não admitia a própria responsabilidade naquela confusão e o quanto ela era séria. Nadia queria que ele sentisse o que ela sentia. Queria que lamentasse e mostrasse que se interessava por ela, não apenas sexualmente. Mas ele não fazia isso. Ela *precisava* que ele a protegesse de si mesma, por ser tão ingênua quanto as pessoas achavam, por esperar algo mais do relacionamento dos dois.

– É *você* quem me chama de covarde? Você... O cara que *nunca* se arrisca? Você só navega em águas tranquilas. Evita conflitos, mantendo seus relacionamentos estritamente sexuais, sem nunca ir mais fundo. – Nadia respirou profundamente e foi em frente. – Você não namora ninguém por tempo suficiente para conhecê-la. Não investe em nada. Não confia em ninguém e não *fala* com ninguém. E pula fora para encontrar outra, achando que foi fácil para a última namorada. Eu me importo com o

número de acessos do meu site, mas isso não é nada quando comparado ao que você pede dos seus seguidores na vida real. Você manda flores de despedida, e aquelas mulheres continuam meio apaixonadas por você e se perguntando o que há de errado com elas.

– Não há nada de errado com elas – exclamou Ethan. – Mas eu lhe disse que não gosto de cenas e de complicações.

– Nem de compromissos – disse ela. – Então, você foge antes que ele surja e se esconde atrás do charme. Você *não quer* se envolver. Você é tão insensível quanto seu pai.

– Eu não sou – bradou Ethan. – Eu não engano...

– Mas você magoa as pessoas – interrompeu ela, exaltada. – Magoou. – E estava magoando agora.

– Você acha que eu não sei disso? – Ele elevou a voz ainda mais. – Você acha que eu não percebi algumas coisas durante a última semana? Por favor, me dê algum crédito, Nadia.

– Por quê? Quando você nem admite que eu esteja em uma confusão e que, em parte, você é responsável por ela? Quando o que você me oferece é uma transa rápida, como se fosse um band-aid que cura tudo? Sim, eu cometi um erro, mas você também cometeu. E continua cometendo.

Ele ergueu as mãos, na defensiva.

– O que você quer de mim? Eu estou aqui, não estou? Estive aqui a semana inteira. Isso não diz nada?

– Por que você ficou aqui, Ethan? – balbuciou ela, engolindo as lágrimas.
– Para quê?

– O que *você* esteve ganhando? – debochou ele. – Você não se cansou do que eu estava lhe oferecendo.

– Eu fui estúpida o bastante para fazer o que você queria. Para mandar a cautela para o inferno...

– Você é maníaca por cautela – disse ele mais alto que ela. – É muito fácil você acreditar no pior a meu respeito, não é? Porque você é extremamente desconfiada, mas a pessoa em quem você menos confia é em você mesma.

– Ah, é? E você? Em quem você confia? Você diz que os homens não gostam de fazer confidências, uma desculpa ridícula, e o pouco que revela

não é suficiente. E daí, se o seu pai é um canalha? Por que não aceitar isso e superar? É você quem precisa desabafar.

– Do mesmo jeito que você? Como se você já tivesse superado o cara que se aproveitou de você... Sim, Nadia, você é tão saudável e equilibrada, que resolveu que nunca vai precisar de ninguém. Você nem admite pedir a alguém que ligue um disjuntor para você.

Ao ouvi-lo dizer isso, Nadia despejou o que tinha de pior a lhe dizer.

– Pelo menos, eu me *importo* com as coisas e as pessoas que fazem parte da minha vida. Eu não quero ser como você. Eu não quero andar por aí sem sentir nada além de uma satisfação vazia, de vez em quando. – Ela perdera tudo por causa de algo que, para ele, era *nada*.

Ethan ficou imóvel, olhando para ela com olhos que tinham passado de castanhos a negros.

– Então, o que nós temos é uma satisfação vazia?

– No máximo – retrucou ela, sofrendo pelo exagero e por ter negado seus mais profundos sentimentos. – Tudo que eu quero é que você saia da minha vida e fique longe dela.

CAPÍTULO 13

O objetivo deste blog era tornar os caras mais espertos. Claro que quem precisava ficar mais esperto era eu. Podem celebrar, garotas: o Sr. 3 Encontros e Vc já Era teve o que merecia. Ela acabou comigo. E é uma desgraça.

ETHAN FICOU tanto tempo olhando para a tela que seus olhos começaram a doer. O resto dele também doía. A sua vida nunca fora tão ruim, e ele não sabia como melhorá-la. Navegara em águas desconhecidas com Nadia: desde o momento em que a conheceu, ela o surpreendera. Tinha sido tão desagradável e irritante quanto maravilhoso. Tornara-se ainda mais maravilhoso. E desagradável.

Ela não entendera a mensagem que ele deixara no blog, a respeito de deixar que suas ações falassem: ela entendera tudo errado, e ele não poderia culpá-la, porque não tivera coragem de explicá-las nem para si mesmo. Nunca sentira aquilo por ninguém, e estava caminhando no escuro. Mas ele tentara, querendo fazer mais e ir mais além com ela do que fora com qualquer outra mulher. Passara cada momento que pudera com ela – isso não era se importar? O que mais ela queria? Para ele, aquele não era um caso, era muito mais do que sexo.

Mas não, aparentemente, para ela. Para Nadia, aquilo não passara de uma satisfação vazia. Ela dissera que se importava com as coisas de uma maneira

tão apaixonada, que o sangue dele fervera. Então, por que não se importava com *ele*? Ele seria tão desagradável? Seria impossível de se amar?

Sim, no fundo, era isso que ele mais temia. Que ela o tivesse conhecido melhor nos últimos dias, e que ele não fosse suficiente, como ela dissera no blog. Que ele não tivesse nada além do charme superficial que se apagara.

Desde a adolescência, ele dera duro para ter certeza de que ninguém mais iria deixá-lo, sendo um filho e irmão encantador e divertido. Sendo gentil com as mulheres. Mulheres que ele deixava antes que elas o deixassem.

Com Nadia, nada seguira o padrão. Eles tinham se envolvido num jogo idiota, que incentivara o antagonismo e a atração e que passara a ser o que havia de mais importante em sua vida. Mas velhos hábitos são difíceis de eliminar e, quando ele se vira confrontado com a palidez de Nadia, com as lágrimas em seus olhos verdes, o seu instinto fora fazer tudo para que ela voltasse a sorrir. Talvez tivesse sido provocante demais? Talvez devesse apenas tê-la abraçado acolhedoramente? Mas, quando ela o rejeitara, ele ficara injuriado e reagira agressivamente. Dissera coisas sem refletir, cruamente, e ela fizera o mesmo. Não poderia ter sido mais clara.

Pela primeira vez, Ethan fora chutado por uma mulher. E isso doía muito mais do que ele pensara, porque ele achava que tinha lhe dado muito mais do que dera a qualquer outra.

Ele estivera tentando se entregar... em seu próprio tempo. Mas parecia ter sido tão pouco, que ela não percebera.

Ethan releu as palavras que digitara e que pareciam ser inúteis, além de debochar dele. Não havia sentido em escrever alguma coisa. Nadia jamais acreditaria *nele*.

Uma, duas, centenas de vezes, ele apertou a tecla “delete”.

NADIA SE enroscou na cadeira, abraçou os joelhos e olhou para a tela e para os comentários que Ethan postara para provocá-la a apenas uma semana atrás. Não havia nada de novo e não fazia sentido procurar. A efervescência estava se apagando porque não houvera envolvimento emocional. Pelo menos, por parte dele. À medida que os dias passavam, ela concluía que estivera certa ao duvidar. Agora, sabia que não era do tipo que tinha casos.

Não conseguia “usar” ninguém daquele jeito e acabava sendo usada. Como acontecera com Rafe. Não podia confiar no *próprio* julgamento.

Ela ouviu o sinal de entrada de e-mail e olhou para a tela. Eram algumas mensagens para o MulheresEmAlerta, que ela leu. E de repente, ela levantou e olhou mais de perto. Enfiados entre os comentários usuais, havia dois e-mails que fizeram a adrenalina correr pelo seu sangue.

CaffeineQueen e, algumas mensagens abaixo, *MinnieM*, duas das mulheres que tinham postado no tópico original. Finalmente, elas tinham respondido ao e-mail que ela mandara na noite em que pensara que Ethan lhe dera o fora. Nadia hesitou, conteve a respiração e abriu o primeiro.

Imensa decepção. Era apenas a repetição do que fora postado anteriormente, sem nenhum detalhe ou comentário. Nadia abriu o segundo. A mesma coisa. O que esperava? Algum tipo de solidariedade? Ela ficou parada, olhando distraída para os detalhes do topo – a hora em que fora enviado, o nome e o endereço...

Espera um minuto...

Nadia voltou ao e-mail da *CaffeineQueen*. Sentiu um arrepio gelado lhe descer pelas costas. Checou *MinnieM*. Checou tudo novamente para o caso de ter se enganado.

Mas, não.

Os dois e-mails tinham nomes diferentes, mas o mesmo endereço. Duas identidades on-line, com o mesmo endereço de e-mail. *Uma* mulher.

Nadia se arrepiou e sentiu vontade de chorar, enquanto compreendia o que aquilo implicava. Tão simples. Tão terrível. Ela fora muito tola.

Ela pensou no primeiro encontro que tivera com Ethan, quando ele sugerira que o seu site estava aberto a abusos e difamações. Ele estivera certo e ela, errada. Totalmente errada. E, desde então, ela só fizera brigar com ele. Culpá-lo. Magoá-lo. E, por quê? Porque ficara ressentida por ele não ter sentido por ela o que ela sentira imediatamente por ele?

O problema era dela. Não dele. Ethan não merecia a sua fúria, assim como não deveria ter merecido a fúria da outra mulher. Ela precisava dizer isso a ele.

E tinha de ser imediatamente.

COM ALGUNS cliques, Ethan deletou o blog. Odiava que ela tivesse perdido o emprego. Nunca pretendia magoá-la desse jeito. Sim, queria lhe ensinar uma lição, mas não uma que afetasse toda a sua vida. E, em vez de ele lhe ensinar, ela o fizera questionar a própria vida, e ele não estava gostando das respostas que obtinha. Só queria tê-la de volta. Nadia se alojara em seu coração e não sairia mais dali. Ele nunca precisara reconquistar uma mulher, e nem quisera.

Ethan percebeu que flores não iriam resolver. Ele precisava se tornar o tipo de homem que Nadia queria. Um homem com profundidade, um homem que não temia riscos – o risco de assumir um compromisso. Um homem que não temia se abrir e se expor.

Pois bem, ele iria se arriscar... Colocaria o pescoço no cepo da guilhotina para reconquistá-la.

Ele bateu à porta. Não era tão tarde. Conhecendo Nadia, sabia que ela estaria acordada. Uma mulher atendeu, mas não a que ele queria.

– Você é Megan.

Ela não parecia surpresa, mas não sorriu.

– Ela não está aqui.

O coração de Ethan quase parou.

– Onde ela está?

– Foi procurá-lo.

– Ah. – Ele se enrijeceu para não cair. – Na minha casa?

Ele mal viu Megan concordar, e já corria para deter o táxi que começava a se afastar.

Nadia caminhava pela calçada diante da casa dele. Ethan não sabia se ela já teria batido à sua porta, mas ela parecia querer fugir, e ele a segurou pela mão com firmeza. Mas não era necessário. Ela soltou a mão e caminhou ao lado dele.

Só depois de entrarem e de ele se colocar entre ela e a porta, Ethan disse alguma coisa. Ele estivera tentando controlar a ansiedade porque ela parecia perturbada.

– Você está bem?

– Sinto muito incomodá-lo – disse ela sem entonação. – Você tem um minuto?

– O que aconteceu? – Ele precisava saber. Ela não parecia estar ali para voltar com ele. Parecia que o seu mundo havia desmoronado: estava pálida, amedrontada.

– Eu verifiquei algumas coisas. Deveria ter verificado antes – disse ela.

– Que coisas? – Ele se segurou para não abraçá-la. Desta vez, precisava *ouvir* e depois *falar*.

– Eu mandei um e-mail para as mulheres que postaram no seu tópico.

Ethan olhou para o chão ao ouvir isso. Não era o que ele esperava.

– Foi quando eu achei que você tinha me dado o fora e fiquei furiosa – disse ela depressa.

– Elas responderam? – perguntou ele contidamente.

– *Ela* respondeu – gaguejou Nadia. – Era só uma mulher. Ela fez outro login. Eu chequei e descobri que também fez o outro. Acho que ela armou tudo isso.

Ethan sentia o coração doer ao vê-la tão arrasada. Se olhasse para ela, logo iria abraçá-la e estragar as coisas.

– Você estava certo – disse ela tão baixo que ele mal ouviu.

Ethan enfiou as mãos nos bolsos, sentindo mais por ela do que por si mesmo.

– Quantas mais estarão inventando coisas? – perguntou Nadia, não parecendo esperar por uma resposta e manifestando a sua tristeza. – Eu realmente acreditei.

– Eu sei.

– Sinto muito, Ethan, eu já eliminei o tópico. Vou deletar o site... Só preciso avisar algumas das seguidoras.

Ela estava arrasada.

Há algumas semanas, ele rira e dissera que o site estava sendo manipulado. Agora, não sentia nenhuma vontade de rir.

– Eu não quero que você acabe com o site. – Ela realmente era idealista, não era? Sempre pensando o melhor das pessoas, que não que fossem “homens como ele”. Nadia acreditava poder fazer a diferença. E podia.

Realmente podia. Mas ser idealista também queria dizer que ela poderia ser destruída, como estava agora. – Não destrua o site.

– Eu preciso. Ele se tornou inútil.

– Não, não se tornou. Você não pode desperdiçar tanto esforço. Eu vi alguns dos e-mails, e havia muitos outros. Você ajuda as pessoas. Só porque uma mulher se aproveitou do site não quer dizer que você deve abandonar todas elas. Assim como o fato de um cara ter se aproveitado de você não significa que você deve descartar todo o resto. – Ele realmente não queria ser descartado por ela.

– Mas foi você que ela feriu. *Você.*

– E isso faz com que seja pior? – sussurrou ele.

– Faz.

O coração de Ethan bateu mais forte, e ele sentiu os olhos arderem, mas estava determinado a ser honesto e a se abrir com ela.

– Nadia, o que está naquele tópico é verdade.

– Não, não é.

– *É sim.* Acho que foi por isso que ele me incomodou tanto. Eu não sei se realmente saí com aquela mulher, mas o que ela disse é verdade. Eu era superficial. Arrogante. Eu... – Ele deu uma risada amarga. – E o que você disse era ainda mais verdadeiro. Eu pensei que estava tudo bem. A minha vida era organizada e confortável. E vazia. Eu adoro o meu trabalho, mas me esquivava de relacionamentos porque eles exigiam esforço. Eu não queria ser como meu pai e deixar uma mulher de lado por estar sempre trabalhando, ou traindo-a. Eu dizia que estava tudo bem porque só saía com uma de cada vez. Sempre gentil, nunca brigando. Mas, na verdade, eu era como ele. Sabia como aproveitar, sem ter coragem ou vontade de me comprometer. Eu *usei* as mulheres. Fui inconstante demais para achar que estávamos nos divertindo e que ninguém sairia magoado.

Ethan não conseguia olhá-la nos olhos e ver a condenação que merecia.

– Mas, você quer saber a triste verdade, Nadia? Quer saber por que eu não passava dos três encontros? Porque eu não queria sofrer. O meu pai foi embora e eu ainda não sei por quê. Por que ele não nos queria? Por que tudo que eu fazia nunca era suficiente para conseguir o seu amor ou a sua

atenção? Eu sei que não deveria fazer diferença, que foi ele quem perdeu, mas eu ainda sinto a perda. E não queria passar pela mesma coisa de novo. Não queria deixar que alguém tivesse esse poder sobre mim – balbuciou ele. – E então, eu conheci você e percebi que estava errado. Você me fez querer coisas que eu nunca tinha desejado.

Nadia se aproximou, querendo desesperadamente tocá-lo, mas estava com medo porque ele ainda estava na defensiva.

– Ethan...

– Por favor, não se aproxime. Se eu tocar em você, não vou lhe dizer tudo que preciso. Eu sinto muito. Sinto mesmo.

– Ethan, você não é como seu pai. – Ela tentou controlar a emoção. – Você é um filho, um irmão e um tio maravilhoso. Você é leal, confiável, está presente quando precisam de você. Você tem a capacidade de levar alegria à vida de todos, de fazer com que eles se sintam melhor. E isso não é ser superficial. Desculpe por eu ter dito isso, porque você não é. Você se importa.

Ele olhava para o chão.

– Mas nunca me importei com ninguém como me importo com você. – A voz dele se tornou quase inaudível. – Nunca desejei uma mulher da maneira que desejo você.

A respiração de Nadia rateou e ela ficou toda arrepiada. Não conseguia se mexer.

– Você é a pessoa mais apaixonada que eu já conheci. E eu não estou falando em sexo. – Ele relaxou os braços, ergueu a cabeça e olhou para ela. – Quando você resolve fazer alguma coisa, dá tudo de si. Sim, você cometeu um erro, mas, e daí? Você também consegue fazer coisas fantásticas. Eu adoro o entusiasmo que você tem por *tudo* que faz. Eu queria ser assim. – Ethan tirou as mãos dos bolsos e foi até ela. – Mas, às vezes, parece que você não precisa de ninguém, de nada. Você está determinada a batalhar e a conseguir o que quer sozinha.

Era isso que ele pensava? Ele estava muito enganado.

– Mas você *precisa* das pessoas. – Ele a segurou pelos braços. – Você *quer* ser valorizada. Você quer ser amada, e deve ser... Por você mesma.

Nadia não tentou conter as lágrimas que escorriam pelo rosto.

– Você é valorizada, Nadia. Você é amada. – A voz dele se tornou um sopro. – *Eu amo você.*

– Não ama. – Não podia. Não era possível.

Ethan expressou desânimo e lhe apertou os braços.

– Por favor, acredite em mim. Em nós. Em você mesma. Você sabe que tem coragem, Nadia. Por favor, creia em mim.

– Mas eu tenho sido uma megera. Eu tenho sido tão terrível que você não pode gostar de mim.

O desespero de Ethan diminuiu.

– Eu também tenho sido um idiota. – Ele sorriu. – Sim, houve momentos em que eu não *gostei* de você, mas eu a amo e sempre vou amar.

Um imenso nó na garganta de Nadia não a deixava falar. Nem pensar. Sentia-se atônita, maravilhada, aliviada e docemente comovida.

– O MulheresEmAlerta resultou em muita coisa boa. Inclua alguns mecanismos de controle, Nadia. Aprimore-o, não o destrua. E me deixe ajudá-la. Não porque eu ache que você não pode fazer isso sozinha, mas porque eu me importo. Deixe que eu fique ao seu lado, encorajando-a.

Nadia sorriu.

– Você não quer se envolver no MulheresEmAlerta.

– Quero sim, porque ele é importante para você, e eu sei como ele pode ser. – Ethan suspirou. – Não importa o que as pessoas pensam de mim... – Ele hesitou. – Tudo que importa é o que você pensa.

O calor invadiu o coração de Nadia, enchendo-o de cor, de luz e, sim, de *coragem*. Coragem de ir atrás do que realmente desejava.

– Ethan, eu penso que você é o máximo. – Ela se esticou como se, estando mais perto, ele fosse acreditar mais facilmente. – Você é o sol, o ar... É tudo para mim. Eu amo você.

– Sério? – Ele sorriu, mas ainda não acreditava.

– Não deveria ser tão difícil de acreditar. – Ela acariciou o peito dele. – Deixe-me provar.

Ethan segurou na mão dela.

– Eu não quero que você ache que se trata apenas de sexo. Quer dizer, sempre é o máximo com você, mas nós temos mais do que...

– Eu sei disso. Por favor, Ethan, me leve para a cama e faça *amor* comigo.

– Eu pensei que você não queria...

O quarto dele. Nadia se lembrou que se recusara a ir para o quarto dele, da outra vez que estivera ali.

– As outras mulheres fazem parte do seu passado. Eu posso não gostar, mas aceito, assim como você aceita o MulheresEmAlerta.

– Você sabe que agora eu só estou interessado em uma mulher – disse ele, muito sério. – E não houve tantas assim. – Os olhos dele brilharam. – Na semana passada, eu comprei uma cama nova. Pensei que deveria começar do zero.

– Então, eu vou ser a primeira na sua cama?

– E a última.

Ele a ergueu do chão e a levou para o quarto. Despiram-se rapidamente, mas, quando deitaram, instintivamente foram mais devagar e simplesmente fizeram amor, cara a cara, abraçados. O momento de completude foi sublime. Nadia pressionou as pernas, prendendo-o dentro dela. Ethan beijou-a intensamente. Os dois se completavam o máximo que era possível.

– Eu amo você – sussurrou ele.

Ela disse o mesmo várias vezes, até atingir o êxtase e entrar no paraíso, levando-o com ela. Mais tarde, ela se abraçou a ele e passou a mão pelo seu peito, sentindo-se livre para acariciá-lo como quisesse. Estava tão feliz, tão apaixonada.

– Vamos sair e ter um encontro. – Nadia ergueu a cabeça, sentindo-se reanimada. – Podíamos ir dançar. Eu adoraria dançar com você.

– Não. Nunca mais eu vou ter um encontro com você. Nunca mais. Nenhum de nós está na fase de encontros, certo? – disse ele. – Nós temos um *relacionamento*.

– Um o quê?

– Você ouviu. – Ele riu, apesar de não ser com a habitual segurança. – Você é a mulher com quem eu quero estar. A única. Não importa o que seja preciso, até... – Ele respirou fundo. – Compromisso.

Ela escondeu o riso de incredulidade e de felicidade, tapando a boca. Não havia como duvidar da sua sinceridade. Ethan puxou a mão dela e a beijou.

– Desde o momento em que nos vimos, nós dois sabíamos que iríamos acabar na cama – disse ele em voz rouca. – É assim que vai ser pelo resto das nossas vidas.

– Ficar na cama?

– E você *me* acusa de só querer uma coisa? – Ele pressionou os quadris sobre as coxas de Nadia, provando que também queria isso tanto quanto ela.

Nadia abraçou-o, maravilhada por poder se sentir tão feliz. Sua felicidade irradiava, não podia ser contida. Ele lhe dera a confiança, a certeza de que ela tanto desejava, não apenas através de ações, mas também com palavras. Fazia dias que as atitudes de Ethan lhe diziam o que ela fora covarde demais para acreditar. Ele a apoiara, desejara-a, desafiara-a e ajudara-a, fizera com que ela risse e a enlouquecera. Ela o amava muito mais do que achara ser possível. Com ele, o seu coração parecia ter se tornado imenso. Por fim, ela podia acreditar. Ele era forte, solidário, sexy, e *dela*.

– Eu não vou decepcioná-la, Nadia – prometeu Ethan.

– Eu sei. – Ela pegou no rosto dele. – Eu também não vou decepcioná-lo. Vai ser divertido.

Ethan sorriu, com o belo rosto cheio de emoção.

– Vai ser para sempre.

MulheresSejamEspertas!

*O meu nome é Nadia Keenan, conhecida no **Mulheres-EmAlerta** como **MaisVelhaMaisSábia**. Sei que há algumas semanas estamos fazendo a contagem regressiva para o nosso novo look, e fico feliz em mostrá-lo hoje a vocês!*

A primeira coisa que vocês devem ter notado foi a mudança de nome. O meu ID dizia que eu era sábia, mas, na verdade, eu não era. Tenho tanto a aprender... Todas temos, certo? Mas podemos conseguir isso juntas...

Portanto, sejam bem-vindas ao lançamento do **MulheresSejamEspertas**. Espero que vocês gostem do novo formato. Eu acho bonito e fácil de navegar. Incorporamos várias das sugestões de vocês e adicionamos novas ideias. Há mais algumas células a serem preenchidas quando se faz o registro, mas achamos que valem o trabalho. Lembrem-se de que a privacidade de vocês é muito importante para nós. Não compartilhamos seus dados pessoais com ninguém.

Entre as novidades, apresentamos a nossa loja on-line, onde vocês podem comprar lindas camisetas e também um eficiente alarme pessoal tão pequeno que pode ser escondido até em bolsas de noite ou, ainda melhor, na própria roupa. E, se vocês gostam de beber em festas, não esqueçam de comprar a tampa ajustável e com canudo, que impede que coloquem alguma coisa em seus copos. Nossos itens de segurança pessoal não expressam paranoia, mas o fato de estar preparada. Precisamos fazer escolhas mais inteligentes e seguras. E vamos formar uma irmandade de apoio. O Sr. 3 Encontros e Vc Já Era tinha razão: as mulheres adoram conversar. Precisamos falar a respeito do bom e do ruim.

Também há uma nova seção onde vocês poderão sugerir os locais mais adequados para encontros, e uma seção destinada às histórias de sucesso... Uma delas já foi publicada. Vocês já devem conhecê-los... Durante algum tempo, os dois travaram uma guerra de blogs.

Namorar, dançar, sair para jantar e conhecer pessoas deve ser divertido. Mas, às vezes, não funciona. Algumas vezes acontecem coisas lamentáveis. Portanto, vamos ouvir, dar dicas umas às outras, e aprender... Para podermos ir em frente e, talvez, cometermos menos erros...

E, como vocês pediram, haverá um fórum permanente gerenciado pelo Sr. 3 Encontros – o homem do lado escuro. Eu sei como as opiniões dele são bem recebidas por vocês!

Enquanto isso, ele e eu estamos indo para o encontro 128. Sim, eu sei que se passaram apenas três meses desde o nosso terrível primeiro encontro, mas há dias em que temos dois encontros. Aliás, Ethan insiste

que nós não estamos nos encontrando, e sim que estamos tendo um relacionamento. Ele me deu um diamante para tentar provar isso.

Mas, estamos nos encontrando, porque, como posso gerenciar um site de apoio a encontros, se eu não tiver encontros?

Ah, tudo bem... Só para acalmá-lo, eu resolvi confessar, abertamente e on-line, que pretendo ter encontros com ele pelo resto da vida...

Isso mostra que mesmo a mulher mais magoada pelos homens e o homem que mais receia se comprometer podem superar seus problemas quando encontram a pessoa certa...

Portanto, vão à luta, namorem e façam sexo seguro. O destino fará com que vocês encontrem o homem perfeito quando menos estiverem esperando. Mas, lembrem-se de que sempre estaremos aqui para ajudar, ouvir e acompanhá-las. Juntas, seremos mulheres mais espertas!

Com amor,

Nadia

 *Jessica*

PRÓXIMO
LANÇAMENTO

EM NOME DA AMBIÇÃO

Nicola Marsh

Ruby encostou-se atrás de um pilar e observou-o. Ele não se moveu, não sorriu, não aceitou um drinque ou canapés. A única vez que pareceu se animar foi quando os Meyer, um casal idoso rico, que tinha sido amigo da mãe dela, abordou-o. Jax endireitou os ombros, deu um sorriso e estendeu a mão. Apenas para que o casal o ignorasse, murmurasse algumas palavras que tiraram o sorriso do rosto dele, e partisse.

O homem queria arruinar os negócios de sua família, e Ruby deveria odiá-lo, mas quando ele retomou seu ar distante e adotou uma expressão neutra, como se nada tivesse acontecido, uma pequena parte sua sentiu pena dele.

Caso lembrasse corretamente, o filho dos Meyer perdera aproximadamente oitocentos mil dólares graças a Denver Maroney, então, não era surpreendente que eles esnobassem o filho de Denver.

Aquelas pessoas sempre protegiam os seus, e o pai de Jax fizera o impensável: usando amizades duradouras para roubar, enganar e destruir.

O que a intrigava era por que Jax Maroney estava se submetendo àquilo. Ele podia parecer imperturbável e distante, não se importando com o que outros pensassem a seu respeito, mas ser deliberadamente banido por causa dos pecados do pai?

Aquilo devia causar um impacto nele, a menos que o homem fosse feito de pedra. Considerando a expressão desdenhosa com a qual ele estudava a multidão, isso era bem provável.

Seu coração disparou. Como se ele estivesse procurando por ela. Homens como ele não desistiam facilmente. Poderosos, dominadores, nunca aceitavam um não como resposta.

Se Maroney Mine tivesse interesse na Seaborn, que Deus a ajudasse.

Mais cedo, Ruby brevemente considerara uma opção para salvar a Seaborn. Jax Maroney deixara uma coisa clara na outra noite: estava interessado na empresa de mineração delas, não na mais antiga loja de joias em Melbourne.

Ele não se importava com o fato de a Seaborn fornecer tiaras para os desfiles de Miss Austrália pelas últimas duas décadas.

Não se importava que atrizes australianas usassem joias da Seaborn sobre o tapete vermelho em Hollywood.

Jax Maroney importava-se com o dinheiro... e com nada mais. Ela não sabia se o estresse nos últimos dias a abalara ou se apenas queria se distrair, mas acabou sua segunda taça de vinho e andou em direção a ele.

Jax olhou para cima, com um brilho de prazer iluminando o rosto dele sendo rapidamente mascarado por uma expressão distante, que ele devia praticar no espelho, todas as manhãs.

– À espreita de sua próxima vítima?

Ele arregalou os olhos.

– Perdão?

Ruby gesticulou para a multidão.

– A maioria dos joalheiros de Melbourne está aqui. Procurando alguém mais para fazer proposta de negócios?

– Suponho que você não veio aqui para aceitar minha proposta, então?

– Você supõe certo.

Proposta... provavelmente um documento de cinquenta páginas designado a enganar.

– Você tem fobia de público?

Ele meneou a cabeça.

– Por quê?

– Está sempre nos cantos, evitando multidões.

– São as pessoas que me evitam – admitiu ele, em tom amargo.

Talvez, a suposição anterior dela estivesse certa, então? Ser evitado por causa do seu sobrenome o perturbava.

– Você parece não querer estar aqui. Talvez, isso espante as pessoas.

Ele deu de ombros.

– Eu não me importo com o que as pessoas pensam. Estou aqui a negócios.

– Negócios estranhos, aposto – sussurrou ela.

Ele fez uma careta.

– Você não tem com quem conversar?

– Você não tem? – devolveu Ruby, envergonhada de sua pergunta, considerando que ele acabara de admitir estar sendo evitado pela multidão.

Os olhos escuros a percorreram da cabeça aos pés, visualmente despindo o seu vestido preto sem alças, estampado com rosas vermelhas, de seu corpo. A pele de Ruby arrepiou-se; ela nunca se sentira tão exposta.

– Eu estou onde quero estar.

Com o calor inundando seu corpo, Ruby quase desejou que pudesse acreditar nele.

Como se percebendo sua reação, Jax afastou-se da parede e deu um passo à frente, invadindo seu espaço pessoal. Os lábios se curvaram num sorriso sexy.

– Nada a dizer? Isso é uma novidade.

Reprimindo a vontade irracional de puxar-lhe a cabeça para um beijo, ela o encarou.

– Você não me conhece.

Ele inclinou-se, e um aroma másculo e cítrico penetrou os sentidos de Ruby.

– Talvez eu queira conhecê-la.

E leia também em *Ousadia & Sedução*, edição 263 de **Harlequin Jessica**,
Coração marcado, de Helen Brooks.

Jessica

PRÓXIMOS
LANÇAMENTOS

263 – OUSADIA & SEDUÇÃO

Em nome da ambição – Nicola Marsh



Ruby Seaborn só vê uma saída para salvar a empresa da família: casar-se com o magnata Jax Maroney. O acordo era proveitoso para ambos, principalmente depois de incluírem certos benefícios conjugais...

Coração marcado – Helen Brooks

Os ferimentos que destruíram o casamento de Melody James já cicatrizaram, mas seu coração está em pedaços. Contudo, Zeke irá lutar por ela, pois tudo o que ele mais deseja nesse Natal é ter a esposa novamente em sua cama!

Últimos lançamentos:

261 – HOMENS INDOMADOS

Um lugar em seu mundo – Michelle Smart



Hannah Chapman criara uma barreira ao redor do seu coração. Porém, ao reencontrar Francesco Calvetti, decide que chegou a hora de se libertar, e aproveitar tudo o que este siciliano sedutor pode oferecer.

Batalha de desejos – Tara Pammi

Para Nikos Demakis, a chave para chegar ao topo tem nome e sobrenome: Lexi Nelson. Ele fará de tudo para conseguir o que deseja. E esse jogo de poder logo se transforma em uma guerra de paixão...

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

Y36p

Yates, Maisey

Promessas & paixões [recurso eletrônico] / Maisey Yates, Natalie Anderson;
tradução Ana Death Duarte, Maria Vianna. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Harlequin, 2015.
recurso digital

Tradução de: A game of vows; Dating and others dangers

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-398-2025-2 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Anderson, Natalie. II. Duarte, Ana
Death. III. Vianna, Maria. IV. Título.

15-26664

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

PUBLICADO MEDIANTE ACORDO COM HARLEQUIN BOOKS S.A.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão,
no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou
mortas é mera coincidência.

Título original: A GAME OF VOWS

Copyright © 2012 by Maisen Yates

Originalmente publicado em 2012 por Mills & Boon Modern Romance

Título original: DATING AND OTHER DANGERS

Copyright © 2011 by Natalie Anderson

Originalmente publicado em 2011 por Mills & Boon Modern Heat

Arte-final de capa:
Isabelle Paiva

Produção do arquivo ePub: Ranna Studio

Editora HR Ltda.
Rua Nova Jerusalém, 345
Bonsucesso, Rio de Janeiro, RJ – 21042-235

Contato:
virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

PROMESSAS & PAIXÕES

Texto de capa

Querida leitora

Rosto

Sumário

Jogo de promessas

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Epílogo

Perigo de paixões

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13

Próximos lançamentos

Créditos